



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

DIEGO MAURICIO BARBOSA

**IMPLICAÇÕES DO USO DE ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE
PROBLEMAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA: LÍNGUA PORTUGUESA –
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM CONTEXTO DE CONFERÊNCIA**

Área de Concentração: Processos de
Retextualização

Linha de Pesquisa: Estudos da Interpretação

Orientador: Prof^o Dr^o Markus J. Weininger

FLORIANÓPOLIS

2020

Diego Mauricio Barbosa

IMPLICAÇÕES DO USO DE ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA: LÍNGUA PORTUGUESA – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM CONTEXTO DE CONFERÊNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Estudos da Tradução.

Área de Concentração: Processos de Retextualização

Linha de Pesquisa: Estudos da Interpretação

Orientadora: Prof^o Dr^o Markus J. Weininger

FLORIANÓPOLIS

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Barbosa, Diego Mauricio
IMPLICAÇÕES DO USO DE ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE SOLUÇÃO
DE PROBLEMAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA: LÍNGUA
PORTUGUESA – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM CONTEXTO DE
CONFERÊNCIA / Diego Mauricio Barbosa ; orientador, Markus
Johannes Weininger, 2020.
247 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Estudos da Interpretação. 3.
Interpretação de Conferência. 4. Estratégias linguísticas de
solução de problemas. 5. Língua Brasileira de Sinais. I.
Weininger, Markus Johannes. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da
Tradução. III. Título.

Diego Maurício Barbosa

Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Werner L. Heidermann, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Profª. Anabel Galán-Mañas, Dra.
Universidade Autònoma de Barcelona

Profª. Teresa Dias Carneiro, Dra.
Pontifícia Universidade Católica – Rio

Prof. Guilherme Lourenço, Dr.
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. José Luiz Vila Real Gonçalves, Dr.
Universidade Federal de Ouro Preto

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Markus J. Weininger, Dr.
Orientador(a)

Florianópolis, 2020.

Diego Mauricio Barbosa

IMPLICAÇÕES DO USO DE ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA: LÍNGUA PORTUGUESA – LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM CONTEXTO DE CONFERÊNCIA

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutor, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 09 de setembro de 2020.

Prof.a. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Programa

Banca examinadora:

Prof. Dr. Markus J. Weininger
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Teresa Dias Carneiro
Pontifícia Universidade Católica – Rio

Prof. Dr. Werner L. Heidermann
Presidente da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Guilherme Lourenço
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Anabel Galán-Mañas –
Universidade Autónoma de Barcelona

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves
Universidade Federal de Ouro Preto

AGRADECIMENTOS

À Deus, mantenho o meu eterno agradecimento por ter me sustentado até aqui, por me lembrar constantemente que estas comigo e que “seguro estou nos braços daquEle que nunca me deixou”.

Aos meus, minha amada família, meus pais por terem me ensinado a ir atrás dos meus objetivos e conquistá-los, meus irmãos, que as nossas escolhas tenham nos separado fisicamente, sinto o apoio, incentivo e celebração pelas minhas conquistas. A minha esposa, Thaís, pelo amor, pelo suporte, pelo ombro amigo nos momentos mais difíceis e, principalmente, o incentivo constante para eu terminar a tese. Ao meu filho amado, te amo meu branquelo, você é me inspiração a continuar e querer lutar sempre por algo melhor. Por mais que não estejamos juntos, o meu querer e amor por você nos cercam constantemente. Amo muito todos vocês.

Ao amigo que Deus preparou e essa jornada me deu, Abymael Pereira, obrigado pelo companheirismo e o auxílio em diversos momentos.

Aos meus amigos, que sofreram, lamentaram, angustiara-se, torceram e tenho certeza que vibram por mais essa etapa sendo concluída. Não quero errar com vocês, por isso, não os mencionarei por nomes. Mas, saibam que foram muito importantes em todo esse processo. Obrigado!

À Comunidade Surda, obrigado por me acolher, por compartilhar comigo tantas vivências, tantos conhecimentos e a motivação principal para eu pesquisar e identificar fatores que poderão contribuir para a formação dos Intérpretes de Libras e, assim, poder oferecer um trabalho de qualidade a vocês.

Ao Professor Doutor Markus J. Weininger, por ter me apresentado os Estudos da Interpretação e as aulas que me motivaram no mestrado e continuaram me motivando no doutorado. Além disso, ter aceitado esse desafio juntamente comigo e, mesmo com todos os contratempos, ajudou-me a lapidar esse objeto de pesquisa e enxergar todo o potencial que tem essa temática. Obrigado!

À Professora Doutora Rachel Sutton-Spence, pela importante contribuição na qualificação da tese, por ter dito o que eu precisava naquele momento e, assim, ajudar-me a retomar o que eu precisava. Obrigado.

À Professora Doutora Silvana Aguiar dos Santos, minha amiga. Obrigado mais uma vez pela amizade, pelo apoio, pelo suporte, pelo diálogo, pelo “chimas” e por ter palavras de sabedoria quando mais precisei. E, além de ter contribuído na qualificação da tese, tem muita contribuição com a minha trajetória profissional.

Aos Professores e Doutores Jemina Napier e Daniel Gile, pelos diálogos sobre a tese, pelos materiais enviados, pela paciência nas explicações e por me ajudarem quando precisei. Espero que o relacionamento estabelecido durante esses anos gere inúmeros frutos.

Aos Professores e Doutores Anabel Galán-Mañas (Universidade Autónoma de Barcelona), Guilherme Lourenço (UFMG), José Luiz Gonçalves (UFOP) e Teresa Carneiro (PUC-Rio), o nosso muito obrigado por aceitarem participar da banca de defesa, temos certeza que o diálogo estabelecido contribuirá muito para o enriquecimento do trabalho.

A Universidade Federal de Goiás (UFG) e aos Professores do Departamento de Libras e Tradução (DELT) da Faculdade de Letras (FL) que me deram todo suporte necessário para que eu pudesse me dedicar aos estudos e, assim, chegar até aqui e concluir o trabalho.

Aos amigos e colegas de trabalho, Dhenny Aguiar, pelo apoio e validação durante a fase final da tese, Paulo Manes, pelas traduções e revisões, Letícia Alcântara, pela revisão da tese, Rhanna Asevedo, pelas filmagens e fotografia do 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação e Patrícia Costa pelo incentivo em momento oportuno. Obrigado!

Aos sujeitos que participaram desta pesquisa, muitíssimo obrigado. Tenham certeza que vocês foram fundamentais para avanços nos Estudos da Interpretação no Brasil.

Aos Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais, que atuaram na defesa, o nosso muito obrigado!

A todos os professores, colegas do doutorado, amigos colegas de profissão, observo e aprendo muito com todos vocês, obrigado por contribuírem com a construção de conhecimento, tenho muito carinho por todos.

Agradeço, mais uma vez, aos que constantemente me questionavam sobre a finalização dessa etapa. Terminei, obrigado!

Enfim, querer agradecer a todos que participaram dessa minha jornada e não esquecer ninguém é desafiador. Mas, para não cometer essa injustiça, queria deixar o meu abraço carinhoso em todos e o meu muito obrigado aos que estiverem envolvidos comigo e com esta pesquisa, direta ou indiretamente.

A interpretação simultânea é um processo constante e ininterrupto de tomada de decisões, que são influenciadas por inúmeros problemas e dificuldades durante a tarefa e que podem ser solucionadas por meio das estratégias linguísticas de solução de problemas. Isso tudo é norteado pelo objetivo de entregar informações significativas e fazer a comunicação entre pessoas que falam línguas diferentes acontecer. (BARBOSA, 2020)

Para aqueles que amo.

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar uma pesquisa exploratória com vistas a discutir o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas durante o processo de interpretação do português do Brasil para a língua brasileira de sinais (Libras) e suas implicações. Para tanto, o percurso metodológico traçado foi: (i) analisar o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de conferência de português para a Libras por meio de um estudo piloto; e (ii) identificar, analisar e debater o uso e as implicações das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de conferência no referido par linguístico por meio da investigação de filmagens de interpretações, deste par linguístico, e o uso de entrevistas retrospectivas com os profissionais que realizaram a tarefa. A análise dos vídeos das interpretações e das entrevistas totalizou cerca de cinco horas de filmagens. O embasamento teórico desta pesquisa é a teoria funcionalista, em que trazemos a discussão de Hans Vermeer (1989) com a *Skopostheorie* e Christiane Nord (2016) com sua proposta de análise extra e intratextual para a tradução, e Gile (2009) que propõe e discute o Modelo de processo de Interpretação “Interpretação – Decisões – Recursos – Restrições”. Destacamos ainda os trabalhos de Cokely (1986), Riccardi (1998), Jones (1998), Napier (2001), Leeson (2005), Bartłomiejczyk (2008) e Gile (2009), os quais discutem as estratégias linguísticas de solução de problemas, tais como: omissão, adição, substituição, parafraseamento, expansão e antecipação. A análise dos dados nos mostra que as estratégias linguísticas de solução de problemas são frequentemente empregadas durante o processo e nos permite concluir que: (a) há dificuldades e problemas constantes durante a interpretação com as quais os intérpretes de português-Libras lidam com o auxílio das estratégias linguísticas de solução de problemas; (b) o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas pode resolver uma dificuldade ou problema pontual, mas também desencadear outros; (c) o *feedback* negativo dos receptores impacta diretamente o produto final, pressionando o profissional a recorrer à estratégia de reformulação; (d) o ideal é que as estratégias linguísticas de solução de problemas sejam utilizadas de maneira consciente, exigindo assim, mais conhecimento sobre elas por parte dos profissionais.

Palavras-chave: Estudos da Interpretação. Interpretação Simultânea. Interpretação de Conferência. Língua Brasileira de Sinais. Estratégias linguísticas de solução de problemas.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to present an exploratory research in order to discuss the use of linguistic problem-solving strategies during the process of interpretation from Brazilian Portuguese into Brazilian sign language (Libras, from the official acronym in Portuguese) and its implications. For that purpose, the methodological approach of this study can be described as the following: (i) to analyze the use of linguistic problem-solving strategies in the conference interpretation from Brazilian Portuguese into Libras by means of a pilot study; and (ii) to identify, analyze and discuss the use and implications of linguistic problem-solving strategies in conference interpretation in the aforementioned language pair by means of investigation of video recordings of interpretations of this language pair and the use of retrospective interviews with professionals who carried out the task. The analysis of the videos of the interpretations and interviews consisted of approximately five hours of recordings. As theoretical framework of this dissertation, we used the functionalist theory, in which we provide Hans Vermeer's (1989) discussion on *Skopostheorie*, Christiane Nord (2016) with her proposal for an extra and intratextual analysis for translation, and Daniel Gile (2009), who proposes and discusses the "Interpretation – Decisions – Resources – Restrictions" model for the interpretation process. We also highlight works such as those of Cokely (1986), Riccardi (1998), Jones (1998), Napier (2001), Leeson (2005), Bartłomiejczyk (2008) and Gile (2009), who discusses linguistic problem-solving strategies, such as: omission, addition, substitution, paraphrasing, expansion, and anticipation. The analysis of the data shows us that linguistic problem-solving strategies are often used during the process and allows us to conclude that: (a) there are constant difficulties and problems during interpretation with which Brazilian Portuguese-Language interpreters manage to use linguistic problem-solving strategies; (b) the use of linguistic problem-solving strategies can solve a punctual difficulty or problem, but it can also unleash others; (c) negative feedback from the audience impacts directly the final product, putting pressure on the professional to use the reformulation strategy; (d) ideally, linguistic problem-solving strategies should be used in a conscious manner and thus demand more knowledge about them from the professionals.

Keywords: Interpretation Studies. Simultaneous interpretation. Conference interpretation. Brazilian Sign Language. Linguistic problem-solving strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de processo de Interpretação “Interpretação – Decisões – Recursos – Restrições”, proposto por Gile (2009).....	62
Figura 2 – Etapas da metodologia aplicada a esta pesquisa	92
Figura 3 – Foto do software Elan com as trilhas	95

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 – Coleta dos dados no 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação	101
Infográfico 2 – Entrevista retrospectiva	103
Infográfico 3 – Entrevista retrospectiva (modalidade a distância)	104

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 – Processo de Interpretação simultânea em línguas de sinais.....	39
Esquema 2 – Processo de tradução em línguas de sinais	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Taxonomia dos equívocos segundo Cokely (1986).....	25
Quadro 2 – Conceitos e suas definições da Teoria Funcionalista	48
Quadro 3 – Quadro síntese das “Leis de Seleção de Táticas para a Interpretação Simultânea”	65
Quadro 4 – Categorias de afastamento na tradução apresentadas por Barik (1975).....	67
Quadro 5 – Taxonomia dos Equívocos proposto por Cokely (1986).....	68
Quadro 6 – Taxonomia da estratégia de expansão proposto por Lawrence (1994)	70
Quadro 7 – Estratégias segundo Jones (1998).....	73
Quadro 8 – Proposta de “Taxonomia das Omissões”, apresentada por Napier (2001).....	74
Quadro 9 – Estratégias apresentadas por Leeson (2005).....	77
Quadro 10 – Definição das omissões de baixo e alto risco	77
Quadro 11 – Quadro das estratégias de interpretação proposto por Gile (2009)	78
Quadro 12 – Quadro síntese das estratégias linguísticas de solução de problemas para a interpretação no par linguístico Português e Libras	82
Quadro 13 – Exemplificação do quadro de amostragem dos dados do estudo piloto	94
Quadro 14 – Programação do 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação.....	99
Quadro 15 – Exemplificação do quadro da amostragem dos dados do 1º ConEI.....	105
Quadro 16 – Quadro síntese dos trechos em que foram utilizadas as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Português para Libras denominada “expansão” ..	108
Quadro 17 – Quadro síntese dos trechos em que foram utilizadas as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Português para Libras denominada “omissão”	111
Quadro 18 – Quadro síntese dos trechos em que foram utilizadas as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Português para Libras denominada “adição”	114
Quadro 19 – Trecho A do evento interpretativo 1 para discussão.....	116
Quadro 20 – Trecho B do evento interpretativo 1 para discussão.....	120
Quadro 21 – Trecho C do evento interpretativo 1 para discussão.....	125
Quadro 22 – Trecho D do evento interpretativo 1 para discussão.....	130
Quadro 23 – Trecho E do evento interpretativo 1 para discussão	133
Quadro 24 – Trecho F do evento interpretativo 1 para discussão	138
Quadro 25 – Trecho A do evento interpretativo 2 para discussão.....	146
Quadro 26 – Trecho B do evento interpretativo 2 para discussão.....	154

Quadro 27 – Trecho C do evento interpretativo 2 para discussão.....	161
Quadro 28 – Trecho D do evento interpretativo 2 para discussão.....	169
Quadro 29 – Trecho A do evento interpretativo 3 para discussão.....	173
Quadro 30 – Trecho B do evento interpretativo 3 para discussão.....	183
Quadro 31 – Trecho C do evento interpretativo 3 para discussão.....	187
Quadro 32 – Trecho D do evento interpretativo 3 para discussão.....	192
Quadro 33 – Trecho E do evento interpretativo 3 para discussão.....	197

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Categoria de demandas linguísticas na interpretação de língua americana de sinais proposto por Dean e Pollard (2001)	16
Tabela 2 – Estratégias linguísticas de solução de problemas e os gatilhos	203

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA	30
1.2	OBJETIVOS E ESTRUTURA DO TRABALHO	33
2.	PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CONCEITOS CENTRAIS DA TESE	36
2.1	TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO: CONVERGÊNCIAS E DISTANCIAMENTOS	36
2.2	<i>COPING STRATEGIES</i> : ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO, ESTRATÉGIA LINGÜÍSTICA DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS OU TÁTICAS?.....	41
2.3	PROBLEMAS OU DIFICULDADES NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA?	44
3.	A TEORIA FUNCIONALISTA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO.....	47
3.1	PRINCÍPIOS BÁSICOS DO FUNCIONALISMO NA ÁREA DE TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO ...	48
3.2	INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA POR UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA.....	55
4.	MODELO DE PROCESSO NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA.....	59
5.	ESTUDOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS.....	64
5.1	ESTUDOS DA INTERPRETAÇÃO E AS ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS.....	67
6.1	MÉTODOS APLICADOS NA PESQUISA.....	88
6.2	TIPO E ABORDAGEM DE PESQUISA	91
6.3	CONTEXTO DA PESQUISA	92
6.3.1	O estudo piloto.....	93
6.4	O SOFTWARE ESCOLHIDO PARA A ANÁLISE DOS DADOS DO ESTUDO PILOTO.....	94
6.5	DIFICULDADES PARA A APRESENTAÇÃO DOS DADOS	96
6.6	GERAÇÃO E COLETA DE DADOS	97
6.6.1	A coleta dos dados	101
6.6.2	Perfil dos sujeitos de pesquisa e seleção do corpus	102
6.6.3	Pré-análise das interpretações e as entrevistas retrospectivas.....	102
6.7	ORGANIZAÇÃO E CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	105
6.8	AVALIAÇÃO DA ANÁLISE DOS DADOS	106
7	ANÁLISE DOS DADOS DO ESTUDO PILOTO	108
7.1	ESTRATÉGIA LINGÜÍSTICA DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS: EXPANSÃO	108

7.2	ESTRATÉGIA LINGUÍSTICA DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS: OMISSÃO	110
7.3	ESTRATÉGIA DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS LINGUÍSTICOS: ADIÇÃO	114
8	ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS DAS INTERPRETAÇÕES DO CONEI	116
8.1	ANÁLISE E DISCUSSÕES DO EVENTO INTERPRETATIVO 1	116
8.2	ANÁLISE E DISCUSSÕES DO EVENTO INTERPRETATIVO 2	146
8.3	ANÁLISE E DISCUSSÕES DO EVENTO INTERPRETATIVO 3	173
9.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	206
	REFERÊNCIAS	211
	APÊNDICES	217
	Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	218
	Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Sonia Marta de Oliveira.....	222
	Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Jonathan Sousa de Oliveira.....	225
	Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Abymael Pereira.....	228
	Apêndice E – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Guilherme Lourenço.....	232
	Apêndice F – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Silvana Aguiar dos Santos	236
	ANEXOS	239
	Anexo A – Parecer consubstanciado do CEP	240

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, realizada no âmbito dos Estudos da Interpretação, é uma análise das implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas (ELSP)¹ na interpretação simultânea (IS) da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto de conferência.

Durante o processo de interpretação simultânea, o intérprete profissional depara-se com diferentes demandas, tais como: densidade lexical da língua de partida²; busca por equivalência de sentido entre as línguas envolvidas; falta de competência linguística e referencial (por exemplo, conhecimento de termos técnicos de uma determinada área) das línguas envolvidas; entre outras.

Nesse sentido, os autores Dean e Pollard (2001) aplicam a teoria da “demanda e controle” na interpretação simultânea da Língua Americana de Sinais (ASL) e Inglês com o intuito de identificar o motivo da evasão dos profissionais da área. Os autores, Dean e Pollard (2001, p. 2, tradução nossa³), definem os termos de demanda⁴ e controle como:

O termo demanda refere-se aos requisitos de um trabalho, que podem incluir aspectos do ambiente, a tarefa real sendo executada e outros fatores que “atuam sobre” o indivíduo. O termo controle refere-se ao grau em que o indivíduo tem o poder de “agir sobre” as demandas apresentadas pelo trabalho, talvez tomando decisões, usando habilidades ou recursos para auxiliar na tarefa, ou alterando o ambiente, ou outros aspectos demandados pelo trabalho. As demandas do trabalho não são necessariamente “ruins”, nem levam inevitavelmente ao estresse. O impacto das demandas ocupacionais à luz dos recursos de controle disponíveis ao indivíduo é a chave para prever o estresse no trabalho ou a satisfação no trabalho.

Como podemos observar, as demandas incluem, também, problemas ou dificuldades que surgem durante a tarefa e precisam da atenção e resolução do profissional.

¹ No capítulo 2 faremos a discussão dos principais conceitos tratados nesta tese.

² Em nosso trabalho usaremos as terminologias texto de partida e texto de chegada para nos referirmos ao texto fonte e ao texto alvo respectivamente, uma vez que “fonte” implica em algo puro, original e “alvo” algo a ser alcançado, estabelecendo uma hierarquia entre os dois, a qual é evitada pelo funcionalismo. Nos estudos de Nord ([1988] 2016) e Vermeer ([1989] 2012) o texto de Partida é apenas uma das fontes de informação para o tradutor e o texto de chegada é mais importante no processo de translação do que o texto de partida.

³ No original: The term demand refers to the requirements of a job, which may include aspects of the environment, the actual task being performed, and other factors that “act upon” the individual. The term control refers to the degree to which the individual has the power to “act upon” the demands presented by the job, perhaps by making decisions, bringing skills or resources to bear on the task, or altering the environment or other aspects of the task demand. Job demands themselves are not necessarily “bad” nor do they inevitably lead to stress. The impact of occupational demands in light of the control resources available to the individual is the key to predicting job stress or job satisfaction.

Dean e Pollard (2001) não esgotam a discussão sobre as demandas, uma vez que olharam para elas de uma forma geral como causa dos problemas de saúde dos intérpretes, sem identificar de qual contexto estavam falando, mapeando algumas nas categorias: linguística, ambiental, interpessoal e intrapessoal. Os autores alertam para a necessidade de ensinar aos intérpretes a lidarem com elas por meio de experiência em contextos reais de interpretação. Segundo Dean e Pollard (2001, p. 12, tradução nossa⁵),

Estudiosos da educação recomendam cada vez mais que o treinamento nas profissões práticas envolva a experiência direta de serviço o mais cedo possível. A aprendizagem baseada em problemas enfatiza a exposição antecipada dos alunos a desafios práticos com consumidores reais e, por meio dessa abordagem contextual, funda a aquisição de conhecimento, propriamente dita, com a evolução da prática profissional e habilidades de julgamento, que são modeladas e nutridas por professores ou mentores experientes.

Diante as palavras dos estudiosos, o nosso olhar para esta pesquisa será especificamente sobre as demandas linguísticas, apresentando, inicialmente, que na interpretação simultânea existem demandas que podem ser consideradas problemas e que surgem durante o processo e precisam de atenção e de resposta. Dessa forma, o intérprete poderá recorrer a alguma estratégia linguística de solução de problema. Nossa preocupação é a forma da sua utilização, reativamente ou proativamente, o que poderá desencadear outros problemas ou dificuldades, tais como: equívoco na informação⁶ interpretada, omissões de informações principais do texto de partida e falta de coerência na interpretação.

Sobre a categoria linguísticas, no estudo de Dean e Pollard (2001) são apresentadas as demandas, conforme tabela 1:

Tabela 1 - Categoria de demandas linguísticas na interpretação de língua americana de sinais proposto por Dean e Pollard (2001)

Tipos de Demanda	Fontes
Linguística	Modalidade de comunicação dos clientes Fluência linguística dos clientes Velocidade de comunicação dos clientes Volume da voz; espaço de sinalização Habilidades de recepção do intérprete Habilidades de expressão do intérprete Uso de vocabulário técnico

Fonte: Dean e Pollard (2001, traduzido por BARBOSA, 2014, p. 35)

⁵ No original: Education scholars increasingly recommend that training in the practice professions involve hands-on service experience as early as possible. Problem-based learning emphasizes early student exposure to practice challenges with real consumers and, through this contextual approach, merges the acquisition of knowledge per se with evolution of professional practice and judgment skills, which are modeled and nurtured by seasoned teachers or mentors.

⁶ Em nosso trabalho usaremos o termo “informação” para o conjunto de dados e/ou conhecimentos que carregue significação para o receptor.

Para exemplificar e visualizar que as demandas linguísticas podem ser gatilhos para erros na interpretação, destacamos duas fontes que as podem gerar: (a) habilidade de recepção do intérprete – podemos imaginar que, durante a interpretação simultânea de Libras para Português, a pessoa que esteja produzindo o discurso use a soletração manual do conceito que tratará durante a sua fala, porém, a habilidade do intérprete para a recepção e leitura da soletração manual não é tão eficiente, fazendo com que ele perca essa informação, que poderá fazer falta para a compreensão do discurso; (b) o uso de vocabulário técnico – geralmente os intérpretes não são formados nas várias áreas de conhecimento técnico em que atuam, assim, quanto mais técnico for o discurso, mais complexo será para o profissional realizar uma interpretação satisfatória. A presença de vocabulário técnico desconhecido ao intérprete no texto de partida, pode gerar omissões de informações relevantes, equívocos e incoerência na interpretação.

De forma geral, o ambiente de trabalho do intérprete pode ser imprevisível, essas e outras demandas podem surgir a qualquer momento e ainda se relacionando entre elas ao mesmo tempo, tornando o processo ainda mais complexo. Porém, uma boa preparação para a tarefa de interpretação, conhecer o assunto que será tratado, ter informações sobre quem estará envolvido no evento, podem colaborar, diminuindo os efeitos negativos das demandas sobre o processo. Em muitos momentos, para um bom andamento da tarefa, faz-se necessário o uso de estratégias linguísticas de solução de problemas com o objetivo de oferecer uma interpretação eficaz.

Podemos considerar que a interpretação simultânea é um processo contínuo de tomadas de decisões que podem impactar tanto positivamente como negativamente o objetivo final da tarefa, que é a entrega do texto para os seus receptores. No sentido da tradução⁷, Levý (1967, traduzido por ALTHOFF; VIDAL, 2012, p. 72) diz que,

do ponto de vista teleológico, a tradução é um PROCESSO DE COMUNICAÇÃO: seu objetivo é transmitir a informação do original ao leitor estrangeiro. Do ponto de vista do trabalho do tradutor, a qualquer momento desse trabalho (isto é, do ponto de vista pragmático), traduzir é um PROCESSO DE DECISÃO: uma série de um certo número de situações consecutivas – movimentos, como em um jogo – que impõe ao tradutor a necessidade de escolher dentre um certo número (muitas vezes perfeitamente definível) de alternativas.

⁷ No capítulo 2 faremos a distinção entre tradução e interpretação. A priori, podemos considerar a definição de Pöchhacker (2004, p. 10): “Dentro da estrutura conceitual da Tradução, a interpretação pode ser distinguida de outros tipos de atividade translacional mais sucintamente por sua relação imediata: em princípio, a interpretação é realizada ‘aqui e agora’ para o benefício de pessoas que querem se comunicar através das barreiras da linguagem e cultura”.

Dessa forma, destacamos que, diferente do tradutor, que trabalha com textos escritos ou registro, tem condições operacionais distintas às do intérprete e pode retomar o que foi feito e corrigir se for necessário, o processo para o intérprete não permite facilmente corrigir uma tomada da decisão errada e, mesmo se for corrigida em fração de segundos, o desenvolvimento da tarefa pode ser sobrecarregado e ocasionar outros equívocos que, muitas vezes, nem são percebidos pelo profissional que está direcionando a sua atenção a diferentes lugares (cognitivos) ao mesmo tempo, como apresentado no modelo dos esforços de Gile (1999)⁸.

Os receptores, por sua vez, carregam consigo o senso comum de que o intérprete entregará a informação intacta, tal qual tenha saído do texto de partida. Acreditam que o ideal é a tradução literal ou tradução palavra por palavra⁹, por ser a ideia mais difundida sobre o que é tradução/interpretação, desconhecendo os processos complexos descritos em Gile (1999) que a tarefa envolve, levando em consideração apenas a sua expectativa de receptor do texto de chegada e a ânsia em receber tudo o que está sendo dito na outra língua.

Entretanto, essa visão da tradução/interpretação mais antiga prioriza o aspecto da imparcialidade e invisibilidade do profissional, sendo simplista e desconsiderando relevantes aspectos culturais, socioculturais, linguísticos, pragmáticos e cognitivos da tradução/interpretação, os quais consideramos fundamentais para o exercício da profissão e, ainda, a responsabilidade do tradutor/intérprete de contribuir ativamente para o texto de chegada fazer sentido aos seus receptores. Nesse sentido, Pereira (2008, p. 147) destaca, em seu artigo, as especificidades da interpretação simultânea que envolve a língua de sinais e traça a evolução dos modelos de serviço desses profissionais, em que um dos modelos apresentados é o “telefone”, que reflete o senso comum que destacamos acima.

De almas boas e caridosas, os intérpretes começaram a querer um tratamento mais profissional e acharam-se na obrigação de serem invisíveis, neutros e distantes. A metáfora utilizada, na época, era de que o intérprete teria que ser como um telefone, apenas “passando” a informação de um lado para o outro, sem se envolver e sem manifestar sua subjetividade, acrescento eu.

A característica mecânica do profissional apresentada nesse modelo foi criticada pela teoria funcionalista. Teoria essa que foi aplicada à tradução no início, na escola de Leipzig

⁸ No capítulo 4 apresentaremos o trabalho de Gile (1999) e o modelo dos esforços.

⁹ Aubert (1998, p. 106) define o conceito de tradução literal como sinônimo de tradução palavra-por-palavra e em que, comparando-se os segmentos textuais fonte e meta, se observa: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as “mesmas” categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ter tidas por sendo sinônimos interlinguísticos.

nos anos 60 e 70 com estudiosos como Albrecht Neubert (1965) e Otto Kade (1968), e foi continuada, posteriormente, por Katharina Reiss (1981), Christiane Nord (1988), Hans Vermeer (1989), entre outros. Salientamos que a proposta mais difundida por essa escola é a *Skopostheorie* de Reiss e Vermeer, que é explicitada em “*Grundlegung einer Allgemeinen Translationstheorie*” (1984) ou em seu artigo “*Skopos and Commission in Translational Action*” (1989).

Dessa forma, Vermeer (1989) apresenta e discute que a vertente da *Skopostheorie* faz parte da “teoria de ação tradutória”, iniciando o seu artigo por meio das implicações da sua teoria para a ação tradutória.

A palavra *skopos*, então, é um termo técnico para o objetivo e o propósito de uma tradução [...]. Além disso, uma ação leva a um resultado, uma nova situação ou evento e, possivelmente, a um “novo” objeto. A ação tradutória leva a um “texto de chegada” (não necessariamente verbal); tradução leva a um *translatum* (isto é, o texto traduzido resultante) como uma variedade particular do texto de chegada. Os objetivos de qualquer ação tradutória e o modo com que ela deve ser realizada, são negociados com o cliente que comissionou a ação. Uma precisa especificação de objetivo e modo é essencial para o tradutor. Isso, é claro, é analogamente verdade para a tradução propriamente dita: *skopos* e modo de realização devem ser adequadamente definidos se o tradutor do texto quiser completar sua tarefa com sucesso. (VERMEER, 1989, p. 221, tradução nossa¹⁰)

Entendemos que a *skopostheorie* é baseada no objetivo da tradução que envolve o propósito do texto de chegada e todo o processo até a recepção desse texto, desvinculando-se de uma perspectiva tradicional que baseava a tarefa em aspectos linguísticos, mais especificamente, na necessidade da identificação de equivalentes semânticos entre as línguas, para uma visão mais pragmática da tradução, envolvendo elementos que são inerentes à língua, mas que não estão intrínsecos à forma das palavras, como a cultura, por exemplo. Nesse sentido, Nord (2010, p. 127, tradução nossa¹¹) argumenta que:

¹⁰ No original: The word *skopos*, then, is a technical term for the aim or purpose of a translation (discussed in more detail below). Further: an action leads to a result, a new situation or event, and possibly to a “new” object. Translational action leads to a “target text” (not necessarily a verbal one); translation leads to a *translatum* (i.e. the resulting translated text), as a particular variety of target text. The aim of any translational action, and the mode in which it is to be realized, are negotiated with the client who commissions the action. A precise specification of aim and mode is essential for the translator. —This is of course analogously true of translation proper: *skopos* and mode of realization must be adequately defined if the text-translator is to fulfil his task successfully.

¹¹ No original: *Skopostheorie* (and functionalism in general) was the answer to a language-oriented and equivalence-based concept of translation that was prevailing not only in Germany during the 1960s and 1970s. It drew the attention of Translation Studies to texts as communicative occurrences whose form is determined by the situation in which they occur and by the persons who use them as well as by cultural norms and conventions. It is therefore not concerned with language structures but with the conditions of communicative (inter)action and the needs and expectations of receivers, giving due consideration to the culture-specific forms of verbal and

A *Skopostheorie* (e o funcionalismo em geral) foi a resposta a um conceito de tradução orientado para a língua e baseado na equivalência, que prevalecia não apenas na Alemanha nos anos 60 e 70. Chamou a atenção dos Estudos da Tradução para textos como ocorrências comunicativas, cuja forma é determinada pela situação em que ocorrem e pelas pessoas que as utilizam, bem como pelas normas e convenções culturais. Não se preocupa, portanto, com as estruturas da linguagem, mas com as condições de ação (inter)comunicativa e com as necessidades e expectativas dos receptores, dando a devida consideração às formas específicas da cultura do comportamento verbal e não-verbal envolvidas na tradução. A *Skopostheorie* afirma estabelecer uma estrutura teórica e metodológica coerente para a justificação das decisões do tradutor em qualquer tipo ou forma de tarefa de tradução. O aspecto ético de sua aplicação é coberto pelo conceito de lealdade. Portanto, o funcionalismo preenche as exigências da prática profissional em relação a tradutores responsáveis e competentes, estabelecendo as bases para uma nova e mais positiva imagem da profissão de tradutor.

Em consonância, Christiane Nord apresenta o trabalho seminal para a perspectiva funcionalista “*Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*”, em 1988, e que foi traduzido para Inglês, Espanhol e, em 2016, ganhou a sua tradução para o Português, intitulado “Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática”. Esse último trabalho, contou com a participação da própria autora, Christiane Nord, para a atualização da obra, além do seu enriquecimento. Dessa forma, usaremos em nossa tese a mais recente atualização do trabalho da autora, de 2016, que já está em Português.

De cunho didático, Nord busca preencher a lacuna da aplicação teórica da tradução na prática de estudantes de tradução e des profissionais. Segundo a autora, o modelo de análise textual tem o objetivo de auxiliar esse público em específico a identificar e entender os elementos que permeiam o texto para que consiga realizar a tarefa. Nord (2016, p. 16) observa que

tal modelo deve habilitar tradutores a entender a função dos elementos ou características observadas no conteúdo e na estrutura do texto fonte. Com base nesse conceito funcional ele pode, então, escolher as estratégias de tradução adequadas para a finalidade da tradução em que está trabalhando.

Desse modo, ela apresenta o modelo de análise do texto de partida abarcando fatores extratextuais (emissor, intenção, público, meio, lugar, tempo, motivo e função textual) e intratextuais (assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características suprasegmentais), que devem ser identificados e analisados pelos

nonverbal behaviour involved in translation. Skopostheorie claims to establish a coherent theoretical and methodological framework for the justification of the translator’s decisions in any type or form of translation task. The ethical aspect of its application is covered by the concept of loyalty. Therefore, functionalism fulfils the demands of professional practice with regard to responsible, competent translators, establishing the groundwork for a new and more positive image of the translating profession.

tradutores, para as tomadas de decisões serem respaldadas por justificativas plausíveis. Nord (2016, p. 15), explica que a

análise textual orientada para a tradução não deve apenas garantir a plena compreensão e interpretação correta do texto, tampouco explicar somente suas estruturas linguísticas e textuais e sua relação com o sistema e as normas da língua fonte (LF). Deve também fornecer uma base confiável para qualquer decisão tomada pelo tradutor em um processo de tradução em particular. Com essa intenção, tem que ser integrada em um conceito global de tradução, que serve como uma referência permanente para o tradutor.

Assim, corroboramos com a ideia de que o modelo de análise textual de Nord (2016) contribui significativamente não apenas para o desenvolvimento dos projetos de tradução ou interpretação, auxiliando na preparação, no entendimento do conteúdo dos textos envolvidos e na execução da tarefa de traduzir/interpretar, mas também para a análise das demandas linguísticas.

Entretanto, quando pensamos na interpretação simultânea e na sua característica “imediate” e, principalmente, na sua “incorrigibilidade”, destacamos, a priori, três fatores que podem ser agravantes para o profissional:

- (a) a fala espontânea na língua de partida: por mais que a preparação seja realizada contendo todas as informações de quem solicitou o serviço, durante a interpretação simultânea, geralmente, o orador está baseado em alguns textos, entretanto, a espontaneidade da fala pode direcionar o discurso para um caminho não previsto;
- (b) o limite de capacidade cognitiva inerente à tarefa: na interpretação simultânea, o profissional trabalha com diferentes esforços ao mesmo tempo, conforme Gile (1999): recepção e análise do discurso da língua de partida; memorização das informações para que sejam utilizadas e retomadas durante a interpretação; produção do discurso na língua de chegada; coordenação desses três esforços anteriores para que o processo não falhe. Desse modo, a característica imediata da tarefa pode fazer com que, em algum momento, o processo falhe, até mesmo pelo mau gerenciamento dos esforços, por exemplo.
- (c) o *feedback* dos receptores do texto de chegada: diferente da tradução, o intérprete de línguas orais ou línguas sinalizadas tem contato direto com os receptores do texto de chegada e, dentre esses dois, o intérprete que trabalha com línguas sinalizadas, na maioria das vezes, tem o contato mais direto ainda, pois, em geral, realiza a tarefa face-a-face com os receptores. Desse modo, o retorno (*feedback*) negativo imediato desses receptores pode gerar insegurança do intérprete no

“percurso” que está seguindo, fazendo com que ele trace uma nova e desconhecida rota (que não foi prevista no projeto de interpretação).

Podemos inferir que, para a interpretação simultânea, o modelo de análise textual é algo um pouco mais complexo, exigindo uma discussão mais aprofundada. Apesar disso, a teoria funcionalista abarca o que acreditamos ser muito produtivo, tanto para a tradução como, principalmente, para a interpretação simultânea, objeto deste estudo, que é o respeito aos propósitos dos textos de partida e chegada, buscando levá-los aos respectivos receptores de modo que façam sentido. Consequentemente, o alicerce de nosso trabalho será essa teoria.

Mas a dúvida é: durante o processo, com o surgimento de diferentes demandas, principalmente as de caráter linguístico, quais recursos disponíveis o intérprete profissional tem para lidar com elas?

A priori, destacamos alguns estudos¹² que tratam sobre o que denominamos de estratégias linguísticas de solução de problemas, tanto para a tradução, como para a interpretação simultânea de línguas orais e línguas de sinais, que consideramos importantes serem discutidas aqui. Destacamos que, mesmo que esses estudos tenham uma perspectiva tradicional, foram ou são relevantes nos Estudos da Tradução (ET) e nos Estudos da Interpretação (EI). Fato esse que nos inibe à ignorância desses primeiros estudos, visto que trataram e serviram de base para os estudos posteriores, incluindo os que observaram pelo prisma da interpretação simultânea.

Introduzindo, temos um dos primeiros estudiosos que investigou o processo da interpretação simultânea das línguas orais, Barik (1975). Por mais que o seu trabalho seja contrário ao que acreditamos, pois faz uma análise contrastiva entre as línguas investigadas, Inglês e o Francês, buscando equivalentes lexicais de uma língua na outra, ele aponta alguns fenômenos linguísticos, tais como: omissões, adições e substituições, os quais considera como erro. Além disso, uma das conclusões importantes levantadas por Barik (1975), é que, para a interpretação ser mais eficaz trazendo menos dificuldade ou desempenho inadequado durante a tarefa, os profissionais devem ter a habilidade de segmentar a mensagem em “pontos apropriados”. O autor destaca essa habilidade como parte importante do processo para que não ocorra equívocos no processamento e na produção das informações recebidas.

¹² No capítulo 4, intitulado “Estratégias para a Interpretação Simultânea”, discutiremos com mais afinco as estratégias linguísticas para a interpretação simultânea.

Barik (1975, p. 272, tradução nossa¹³) ressalta que o distanciamento entre o texto de partida e o texto de chegada é fruto das escolhas que o intérprete faz, ocasionando erros.

Na interpretação simultânea, a versão do intérprete ou tradutor (T) pode se afastar da versão original ou da versão do falante (S) de três maneiras gerais: o T pode omitir algum material da versão original, acrescentar algum material ou substituir material que, se tiver variação considerável da versão original, pode constituir um "erro" de tradução.

A partir dessa definição, observamos que a perspectiva dele ainda é enraizada ao tradicional, que não classificava esses fenômenos (omissões, adições e substituições) como possíveis ferramentas para a tarefa de traduzir e interpretar. Apesar disso, o trabalho de Barik (1975) continua sendo importante e apontando questões interessantes para os EI, principalmente para época, em que existia trabalhos mais voltados para a análise do produto final em detrimento aos do processo.

Nesse sentido, o autor faz a definição das omissões, adições e substituições, que, para ele podem gerar erros, caso as informações substituídas sejam divergentes do texto de partida.

Quanto às omissões, Barik (1975, p. 275, tradução nossa¹⁴), as define como se referindo

a itens presentes na versão original, que são deixados de fora da tradução pelo T (excluindo repetições contextualmente irrelevantes, inícios falsos, preenchedores de espaço, como “você sabe”, etc., e excluindo material que não é encontrado na tradução devido ao seu envolvimento em uma substituição ou erro de tradução, que consiste necessariamente na “omissão” de um item e a “adição” de outro em seu lugar).

A perspectiva de Barik se mantém na discussão do que havia ou não na interpretação do texto de partida, e não se a mensagem foi interpretada ou, ainda, se a utilização da omissão corroboraria com o trabalho do profissional, tornando a interpretação mais eficaz. Ao tomarmos essa definição para a nossa tese, ressaltamos que seguiremos a linha de que elas podem contribuir para o processo, caso sejam utilizadas de forma consciente pelo intérprete.

¹³ No original: In simultaneous interpretation, the interpreter's or translator's (T's) version may depart from the original or speaker's (S's) version in three general ways: the T may omit some material from the original version, add some material, or substitute material which, if it is at considerable variance with the original version, may constitute an "error" of translation.

¹⁴ No original: Omissions, referring to items present in the original version, which are left out of the translation by the T (exclusive of contextually irrelevant repetitions, false starts, fillers such as “you know”; etc., and excluding also material not to be found in the translation due to its involvement in a substitution or error of translation, which necessarily consists of the “omission” of one item and the “addition” of another in its place). Nesse trabalho, Barik nomeia o intérprete como tradutor, conforme era característica da época. Desse modo, para mantermos essa marca temporal, manteremos essa convenção em nossas traduções.

No tocante às adições, Barik (1975, p. 276, tradução nossa¹⁵), define-as como “ítems não encontrados no original, que são adicionados ao texto pelo tradutor (excluindo repetições, falsos inícios etc., por parte do tradutor e do novo material introduzidos em conjunto com uma substituição ou erro da tradução)”. O autor apresenta as adições como uma informação que surge na interpretação e que não existe na língua de partida, sugerindo que as adições podem gerar erro na informação interpretada, caso sejam adições equivocadas.

Porém, por mais que geralmente causam estranhamento para aqueles que têm acesso às duas línguas, entendemos que, sabendo utilizar, as adições devem ser vistas como uma estratégia necessária, realizadas com o único objetivo de tornar a mensagem mais clara para os receptores, dizendo o não dito na língua de chegada, pois, sem essa informação, pode ser que não a mensagem, ou parte dela, não seja compreendida.

As substituições são definidas por Barik (1975, p. 277, tradução nossa¹⁶), como “o material substituído pelo tradutor por algo dito pelo orador e envolvendo um segmento de fala que vai desde um único item lexical até uma unidade completa de frase”. O autor não categoriza as substituições como ferramenta que contribui para o trabalho do profissional, mas as denomina de erro “leve” ou mais “grave”, dependendo do “grau” da substituição.

Nesse sentido, discordamos do autor quanto à classificação das substituições como geradoras de erros. Pela nossa perspectiva, elas podem ser utilizadas estrategicamente, por exemplo, quando o intérprete depara-se com conceitos que ainda não estão circulando no meio dos receptores do texto de chegada; um conceito novo, que ainda não tenha uma representação na língua de chegada; constituindo-se uma das estratégias para solucionar esse problema, em que o profissional usaria uma paráfrase com mais de uma palavra ou sinais para representar esse conceito, ou seja, o intérprete substituiria a informação que recebeu da língua de partida por uma informação com mais material, mas de mesmo conteúdo, na língua de chegada.

Se observarmos os apontamentos de Barik (1975) sobre as substituições, inferimos que as substituições leves são aquelas que não diferem os elementos da língua de partida para a língua de chegada, causando um pequeno desvio do que está sendo dito, sendo aceitável para o autor. Contudo, as “substituições graves” se referem àquelas substituições que, além de

¹⁵ No original: referring to items not to be found in the original, which are added to the text by the T (exclusive of repetitions, false starts, etc., on T's part, and of new material introduced in conjunction with a substitution or error of translation)

¹⁶ No original: referring to material substituted by the T for something said by the S and involving a speech segment ranging from a single lexical item to a complete sentence unit.

causar estranheza, apontam para um caminho contrário às informações do texto de partida. Nesse sentido, concordamos com o autor que as substituições de elementos da língua de partida diferentes em significado na língua de chegada podem ser classificadas como erro.

O estudo de Barik (1975), ao apresentar as definições sobre as omissões, adições e substituições, fenômenos esses que ocorrem na interpretação, contribui para a nossa discussão, não no sentido tradicional da perspectiva do autor, mas por uma perspectiva estratégica, a qual acreditamos ser possível, se os profissionais souberem gerenciá-las.

Posteriormente, o estudo de Cokely (1986) analisa o trabalho de quatro intérpretes profissionais, do par linguístico Língua de Sinais Americana – Inglês, atuando em uma conferência nacional nos EUA. O objetivo foi, principalmente, desmistificar que o menor *lag time* entre a mensagem produzida na língua de partida e a mensagem interpretada para a língua de chegada melhoraria o desempenho do profissional. Mesmo o tempo de atraso durante a interpretação simultânea sendo um conceito negativo e que exige um esforço maior da memória, os dados apresentados mostraram uma relação direta entre menor tempo e a quantidade maior de erros cometidos pelos profissionais.

Com base nos dados, Cokely (1986) faz uma comparação dos intérpretes com menor tempo de defasagem e os intérpretes com maior tempo de defasagem em relação à língua de partida. A partir da comparação, o autor identifica os equívocos que são gerados, na maioria das vezes, em consequência do curto espaço de tempo da língua de partida para a língua de chegada, apresentando a “taxonomia dos equívocos”, conforme quadro 1 (COKELY, 1986, tradução de BARBOSA, 2014, p. 55).

Quadro 1 – Taxonomia dos equívocos segundo Cokely (1986)

Fenômenos	Tipos			
Omissão	Morfológico	Lexical	Coesivo	
Acréscimo	Não manual	Lexical	Coesivo	
Substituição	Expansiva	Restritiva	Coesiva	Não relacionada
Intrusão	Lexical	Sintática		
Anomalia	Na mensagem na LA	Na enunciação da LA	Na interpretação	

Fonte: Adaptado de Cokely (1986, tradução de BARBOSA, 2014, p. 55)

O autor apresenta dados interessantes, evidenciando que, quanto maior o tempo de defasagem do intérprete em relação à língua de partida, melhor serão as suas escolhas lexicais, pois o tempo para o processamento das informações aumenta, dando-lhe tempo necessário para escolher uma produção mais adequada na língua de chegada.

A discussão de Cokely (1986) foi um passo importante para os EI, principalmente no que diz respeito ao tempo de defasagem, desmistificando o que aprendemos e somos cobrados

a fazer o tempo todo pelos participantes do evento interpretativo, que é ficarmos “colados” na mensagem da língua de partida. Esse mito é trazido de uma perspectiva tradicional que acredita que, se o tempo de defasagem for grande em relação à língua de partida, as informações serão perdidas ou ainda, que o intérprete não está produzindo o que está sendo dito.

A pesquisa de Napier (2001), realizadas na Austrália, 15 anos após a de Cokely, identificou diferentes tipos de omissões que ocorrem na interpretação do Inglês para a Língua de Sinais Australiana durante uma palestra no nível universitário. Para isso, de modo experimental, ela filmou e analisou as interpretações e fez entrevista retrospectiva com os profissionais, questionando-os sobre o motivo das omissões identificadas por ela. Durante suas análises, foram identificados cinco tipos de omissões: conscientes, conscientes intencionais, conscientes involuntárias, conscientes receptivas e inconscientes.

Napier (2001) aponta questões interessantes, e acreditamos que a principal é o fato da maioria das omissões serem utilizadas de forma consciente pelos intérpretes, por mais que, durante as entrevistas, eles não soubessem explicar de forma teórica o que tinha acontecido, eles auxiliaram na reflexão dos motivos que levaram às omissões e, dessa maneira, verificou-se o grau de consciência dos profissionais quando as utilizaram. Além disso, um dos destaques desse trabalho é a mudança do olhar sobre as omissões, passando do erro (como vimos e apontado por alguns autores) ao status de estratégia, como afirmado pela autora.

Contudo, defendemos que tanto as omissões como as outras estratégias não podem ser utilizadas deliberadamente, reativamente, de qualquer forma e em qualquer momento, pois isso pode acarretar em erro na informação entregue aos receptores. Assim, corroboramos com a necessidade de formação para aprender a lidar com esses fenômenos linguísticos, com o intuito de serem utilizadas como estratégia e de forma proativa durante a tarefa.

Nesse mesmo sentido, Napier (2004) complementa o seu estudo inicial sobre omissões, revisitando os dados da sua pesquisa de doutorado, com o objetivo de verificar a incidência das omissões em relação a termos de maior densidade lexical, ou seja, quanto maior a especialidade do discurso, mais dificuldade os intérpretes têm e, com isso, a possibilidade das omissões ocorrerem será maior. Entretanto, a autora confirmou a consciência dos profissionais sobre o uso das omissões de forma proativa.

Os estudos de Napier (2001; 2004) trazem uma visão contemporânea sobre omissões, sugerindo que as conscientes podem ser utilizadas como estratégia. Contudo, o caminho para chegar à consciência da utilização das omissões como estratégia, e não como um escape ao se

deparar com um problema, ainda é longo. O uso deliberado das omissões não é o indicado, realizando-as de maneira reativa. Em outras palavras, a reação dos profissionais não deveria ser em determinadas situações a de omitir o problema, mas sim solucionar. Nesse sentido, consideremos que o intérprete está atuando em um contexto jurídico e que possui pouca expertise nessa área. Quando escuta os termos técnicos da área que ele ignora seus significados, omite-os, para tentar manter o fluxo da interpretação ou, mais grave ainda, para fingir uma expertise que não tem. Porém, ficam as lacunas na interpretação e nem sempre os receptores do texto de chegada têm acesso às duas línguas, como é o caso dos surdos, que acabam confiando no que estão recebendo, por acreditar que o profissional está fazendo o seu trabalho corretamente¹⁷.

O estudo de Leeson (2005) tinha o objetivo discutir as principais estratégias linguísticas de solução de problemas que os intérpretes de língua de sinais poderiam utilizar: omissão, adição, substituição e paráfrase. A autora destaca que nem sempre essas estratégias são aplicáveis e podem acarretar erros posteriores. Infelizmente, ela não analisou nenhuma interpretação concreta aplicando esses critérios, sugerindo inclusive que isso fosse feito em pesquisas futuras, para identificar as estratégias utilizadas por intérpretes profissionais de sucesso. Conforme Leeson (2005, p. 66, tradução nossa¹⁸),

O esforço de lidar com dados complexos pode, às vezes, demandar mais energia de processamento do que de fato está disponível. Em tais casos, a qualidade da interpretação pode ser afetada. Embora saibamos que esses fatores impedem a interpretação de modo geral, ainda há muito a ser aprendido sobre como os intérpretes que trabalham com uma língua de sinais gerenciam essa situação. Mais pesquisas são necessárias para identificar as estratégias utilizadas pelos intérpretes para minimizar a sobrecarga de processamento, mantendo a qualidade de seu desempenho. Identificar as estratégias que os intérpretes de sucesso usam é um passo importante em nossa compreensão de maximizar o desempenho de forma consistente.

Vemos o nosso trabalho legitimado e contextualizado no desenvolvimento dos EI, considerando as palavras de Leeson (2005), principalmente, para a interpretação envolvendo a

¹⁷ Existem situações ainda mais específicas, por exemplo, em que determinados receptores surdos do texto de chegada em língua de sinais fazem leitura labial do texto de partida em Português e criticam retextualizações não literais, ou seja, onde elementos do texto de partida foram “omitidos”, levando a um outro tipo de *feedback* crítico que apontaria para uma discussão mais teórica sobre o objetivo do ato tradutório de reproduzir ideias e não palavras.

¹⁸ No original: The effort of dealing with complex data can at times demand more processing energy than is in fact available. In such instances, interpreting quality may be affected. While we know that these factors impede interpreting generally, much remains to be learned about how interpreters who work with a signed language manage this situation. Further research is needed to identify the strategies used by interpreters to minimize processing overload, while maintaining the quality of their performance. Identifying the strategies that successful interpreters use is an important step in our understanding of maximizing performance on a consistent basis.

língua de sinais. A necessidade de mapear as estratégias, utilizadas por intérpretes profissionais, vem do anseio em apresentar as ferramentas para o trabalho do profissional, agrupando essas informações para que a formação de estudantes e de profissionais da interpretação seja pautada tanto na teoria, quanto na prática.

Lawrence (2007) propõe um estudo sobre as formas de expansão na sinalização da Língua de Sinais Americana – ASL, com o objetivo de oferecer uma possibilidade de aprimoramento para pessoas ouvintes que estão aprendendo a ASL como sua segunda língua. A partir de observações que foram realizadas por mais de 25 anos como intérprete e como formador de intérpretes de ASL, Lawrence (2007) identificou sete recursos dentro da estratégia de expansão: contraste, lapidação, reiteração, utilização do espaço 3D, exemplificação, estrutura de apoio e descrição.

De acordo com o pesquisador, a expansão é um recurso da língua que pode contribuir para que o aprendiz de língua de sinais produza um discurso mais natural e fluente, como para os intérpretes entregar um produto mais próximo da língua de sinais, com mais visualidade, que é a característica dessas línguas.

Assim, a expansão torna-se, necessariamente, um elemento constituinte da interpretação para a Libras. Por outro lado, esse recurso linguístico utiliza mais tempo pra a aplicação e mais controle do processo por parte do intérprete, porque, ao passo que ele opta por realizar uma expansão do discurso que recebe da língua de partida, ele precisa depreender um tempo específico para isso e o fluxo das informações que estão chegando pode não diminuir no exato momento em que ele está realizando a expansão. Desse modo, se ele não gerenciar bem o tempo em relação ao fluxo de informação que chega, a atenção e o acesso à memória das informações e a produção contínua de dados, poderão ocorrer omissões de informações relevantes que poderão passar despercebidas por parte dele, pois sua atenção estava voltada para a expansão.

Outra estratégia que é considerada controversa na literatura é discutida por Bartłomiejczyk (2008), que apresenta a antecipação utilizada pelos intérpretes de Polônês e Inglês. Segundo a autora, a antecipação ocorre quando a produção do intérprete na língua de chegada é antecipada ao discurso produzido na língua de partida. Entretanto, ela afirma que a utilidade dessa estratégia é discutível, pois, se por um lado tem-se a ideia de que ela pode ser definida como uma inferência por parte do intérprete do que será subsequente no discurso, podendo ocasionar equívocos, por outro lado, pode ser considerada um comportamento estratégico, economizando tempo e diminuindo a sobrecarga do processamento cognitivo.

No nosso ponto de vista, quando se toma a decisão de utilizar essa estratégia, assume-se um risco que poderá gerar equívocos. Nesse sentido, podemos atribuir aspectos positivos e negativos a esse respeito. O ponto positivo seria a contribuição para o gerenciamento do tempo disponível durante o processo, por exemplo, quando o intérprete direciona os seus esforços para a explicitação de alguma informação que ele julga necessária deixar mais clara na língua de chegada. Assim, o espaço de tempo em relação à língua de partida irá aumentar e, posteriormente a essa etapa, a utilização da antecipação de algumas informações ajudaria a recuperar o tempo gasto com a explicitação. Já o ponto negativo pode ser que, por mais que o intérprete infira as informações que virão, essas deduções podem estar erradas ou o processamento dessa informação ser equivocado e prejudicar o entendimento dos receptores do texto de chegada.

Como podemos observar, as estratégias utilizadas durante o processo de interpretação despertam a atenção dos Estudos da Tradução e Interpretação ETI como objetos de pesquisa e vem sendo estudadas por mais de 40 anos. No entanto, não identificamos trabalhos que abordem as implicações do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea, tão pouco na interpretação entre a Língua Portuguesa (LP) e a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Dessa forma, o que acarreta a utilização dessas estratégias linguísticas de solução de problemas frente à uma demanda concreta? O resultado será sempre satisfatório?

Essas perguntas nortearam as nossas reflexões e serão respondidas no decorrer de nosso trabalho, uma vez que a proposta deste estudo nasce, principalmente, da nossa experiência como intérprete profissional em entender o que ocorre quando nos deparamos com demandas que fogem ao nosso controle e acabam atrapalhando o processo, desencadeando problemas ou dificuldades interpretativas.

Nesse sentido, acreditamos que as análises apresentadas podem contribuir para as discussões da área dos Estudos da Tradução e Interpretação da Língua de Sinais (ETILS) sobre esse objeto de pesquisa, entendendo como o intérprete pode utilizá-las para maximizar a sua atuação e, sobretudo, para que a qualidade na interpretação seja mantida. Ainda, contribuir teoricamente e praticamente na formação de intérpretes e de intérpretes profissionais, estabelecendo propostas de como usar positivamente as estratégias linguísticas de solução de problemas, tornando-as ferramentas de trabalho e não “pedras no caminho”.

1.1 Justificativa

A qualidade na interpretação simultânea é um assunto de interesse não apenas social, mas acadêmico (PÖCHHACKER, 2001). Entretanto, esse objeto de pesquisa contempla vários fenômenos que podem contribuir para a realização de interpretações com qualidade.

Os estudos sobre essa temática ganharam grande espaço nas discussões acadêmicas, com pesquisas em artigos e até livros, como o *The Critical Link 5: Quality in Interpreting – a shared responsibility*, de 2009, que foi fruto de um congresso internacional homônimo. Os organizadores e autores do artigo introdutório do livro, Ozolins e Hale (2009, p. 3, tradução nossa¹⁹), afirmam que:

[...] o treinamento pré-serviço é uma escolha em vez de uma exigência; existe pouco incentivo para a educação formal; aqueles que usam serviços de interpretação muito raramente compreendem as complexidades do processo ou do papel do intérprete; e as condições de trabalho e níveis de remuneração geralmente não são comensurados com as habilidades de alto nível e o vasto conhecimento necessário para a interpretação de qualidade. Todos esses problemas limitam a qualidade da interpretação. Pesquisas (Berk-Seligson, 1990; Davidson, 2000; Hale, 2004; Angelelli, 2004) mostram que a qualidade da prática de interpretação comunitária precisa melhorar para oferecer serviços equitáveis para aqueles que necessitam de serviços de interpretação. As razões disso são muitas. Ainda que exista um núcleo de intérpretes praticantes qualificados, competentes, também existem aqueles que não têm o conhecimento e nem as habilidades necessárias para fornecer serviços de qualidade. Já foi argumentado (veja Hale, 2005) que para a prática melhorar, e para o status da profissão ser elevado ao nível de outras profissões, pesquisas formais com base no treinamento universitário pré-serviço e o desenvolvimento profissional em serviço deveriam ser obrigatórios e adequadamente recompensados.

Nessa afirmação, por mais que o congresso e o livro sejam direcionados à interpretação comunitária (jurídico, médico e educacional), vemos que existem muitos fatores externos que interferem na qualidade da interpretação, sendo sustentados pelos capítulos que compõem as seções.

Na primeira seção, com o título “Uma responsabilidade compartilhada – a dimensão política” (2009, p. 4), a discussão fica por conta dos autores Len Roberts-Smith (problemas na

¹⁹ No original: [...] pre-service training is a choice rather than a requirement; there is little incentive for formal education; those who use interpreting services very rarely understand the complexities of the process or the role of the interpreter; and working conditions and remuneration levels are generally not commensurate with the high level skills and vast knowledge necessary for quality interpreting. All of these issues impinge on quality in interpreting. Research (Berk-Seligson, 1990; Davidson, 2000; Hale, 2004; Angelelli, 2004) has demonstrated that the quality of community interpreting practice needs to improve in order to offer equitable services to those who require interpreting services. The reasons for this are many. Although there is a core of qualified, competent practicing interpreters, there are also those who lack the necessary knowledge and skills to provide quality services. It has been argued (see Hale, 2005) that for the practice to improve, and for the status of the profession to be raised to the level of other professions, formal research based pre-service university training and in-service professional development should be mandatory and adequately rewarded.

interpretação jurídica), Eva Ng (adequação e aceitabilidade na tradução e interpretação do Inglês para o Chinês), Stephanie Jo Kent (interpretação multilíngue no Parlamento Europeu) e Pamella W. Garrett (políticas para a interpretação no contexto da saúde e a demanda real).

Na segunda seção, “Investigações e inovações em qualidade de interpretação” (2009, p. 6), os capítulos são trabalhos dos autores Michael S. Cooke (problemas de comunicação nas comunidades indígenas australianas), Jemina Napier, David Spencer e Joe Sabolcec (acesso dos surdos como júri em processos judiciais), Franz Pöchhacker e Waltraud Kolb (interpretação em audiências de hospitais psiquiátricos na Áustria), Erika Gonzáles e Lurdes Auzmendi (dificuldades encontradas na interpretação de tribunal de casos separatistas bascos), Juan Miguel Ortega Herráez, Maria Isabel Abril Martí e Anne Martin (graus de profissionalização e compreensão do papel entre intérpretes na Espanha). Os estudos dessa seção focam e discutem, principalmente, os pontos positivos do sucesso das parcerias dos intérpretes, instituições e clientes.

Na terceira e última seção, os capítulos são compostos por temas referentes à “Pedagogia, ética e responsabilidade na interpretação” (2009, p. 7), em que a discussão é norteada pelos autores: Jieun Lee (discute a avaliação do desempenho dos intérpretes em formação na Austrália), Raffaella Merlini e Roberta Favaron (uso de primeira e terceira pessoa no contexto da saúde), Helen Tebble (contribuição dos estudos do discurso para a interpretação), Ilse Blignault, Maria Stephanou e Cassandra Barrett (satisfação dos intérpretes da área da saúde) e Joseph Kaufert, Patricia Kaufert e Lisa LaBine (participação de intérpretes em pesquisas biomédicas envolvendo população multilíngue).

Esses estudos nos permitem refletir que a qualidade na interpretação perpassa diferentes contextos e pode ser observada de diferentes perspectivas, sendo um objeto multidisciplinar de investigação. A questão norteadora é a necessidade de identificar fatores que podem contribuir para uma melhor qualidade da interpretação ou analisar as questões que a prejudicam de alguma forma, buscando evitá-las ou descobrir como resolvê-las.

Além dos estudos sobre a qualidade na interpretação serem relacionados ao contexto comunitário (educacional, médico e legal), esse tema foi abordado no contexto de conferência por trabalhos, que discutiram o estabelecimento de critérios de avaliação da qualidade, mostrando que a principal dificuldade é mensurá-la, por ser entendida como subjetiva.

Kurz (2001) explora a visão dos usuários da interpretação a respeito da expectativa que eles possuem sobre a qualidade do serviço. A autora analisa pesquisas que falam sobre essa perspectiva e finaliza afirmando que o público alvo (usuários) é o termômetro para medir

a qualidade, evidenciando quando a interpretação está “legível” para eles. Entretanto, Pöchhacker (2001) ressalta que, na maioria das vezes, os usuários têm uma visão tradicional sobre a interpretação e têm a expectativa de receber uma mensagem precisa, clara e fiel.

Grbíć (2008) foca seu artigo na construção social sobre a qualidade e seus efeitos na interpretação. Nesse sentido, ela afirma que a maioria dos estudos sobre a qualidade na interpretação foi pautada em uma pressuposição ideal do serviço para parametrizar os critérios de avaliação.

Zwischenberger (2010) apresenta um artigo com o objetivo de comparar a visão dos membros da Associação Internacional de Intérpretes de Conferência (AIIC) e a dos membros da Associação Alemã dos Intérpretes de Conferência (VKD) sobre a atribuição de critérios de qualidade da interpretação. A autora identificou, com base em entrevistas, que os dois grupos dão preferência a critérios relacionados ao conteúdo das informações interpretadas.

Entretanto, como vimos anteriormente, ainda não encontramos um trabalho que faça a triangulação dessas perspectivas, de um lado usuários que querem uma mensagem tal qual está sendo produzida na fonte, e do outro, profissionais que se preocupam em fazer com que o conteúdo da mensagem chegue de forma completa e acessível aos receptores do texto de chegada, por meio do uso de mecanismos que estão a sua disposição. Ainda faltam pesquisas que analisem melhor as estratégias necessárias e o seu resultado ou impacto para a interpretação.

Nesse sentido, o nosso trabalho, busca entender quais fatores auxiliam o intérprete a desenvolver o seu trabalho, identificando e discutindo quais ferramentas estão disponíveis para que possa maximizar a entrega das informações aos receptores. Dessa forma, precisamos entender o que são as estratégias linguísticas de solução de problemas e como utilizá-las sem que desencadeiem problemas. Saber como administrar esse processo sem perdas é um fator importante, principalmente, para a formação de profissionais e dos estudantes de interpretação.

Mas, afinal, o que seriam as estratégias linguísticas de solução de problemas? Napier (2001, p. 60, tradução nossa) aponta que esse conceito é um

“guarda-chuva”, ou seja, aquele que pode abranger uma infinidade de facetas discricionárias de acordo com a interpretação individual. Pouco foi escrito sobre esse termo explícito, e rótulos alternativos incluíram aqueles como, táticas de enfrentamento (Gile, 1995) “estratégias para a gestão do evento de comunicação” (Roy, 1996, p. 63), mecanismos de enfrentamento (Moser-Mercer, Kunzli & Korac, 1998) e resolução criativa de problemas (Mackenzie, 1998). Gran (1998), na verdade, escreveu sobre táticas com a interface entre estratégias e criatividade.

Estratégias alternativas de enfrentamento podem ser usadas em diferentes estágios do processo de interpretação. Ao descrever as diferentes etapas, é possível fornecer um contexto no qual colocar estratégias de enfrentamento linguístico, e a consideração do estilo de tradução e omissões como potenciais estratégias linguísticas de solução de problemas.

Conforme aponta Napier (2001), as estratégias linguísticas de solução de problema abrangem uma infinidade de possibilidades, podendo ser nomeadas de acordo com a interpretação individual. Nesse sentido, entendemos o conceito como sendo daquelas técnicas e possibilidades que permitem ao profissional entregar a mensagem obtida de um texto de partida para um texto de chegada, de forma clara, coerente e eficiente para a compreensão do receptor.

1.2 Objetivos e estrutura do trabalho

O objetivo geral deste trabalho é analisar quais as implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea do par linguístico Português-Libras.

Assim, nossos objetivos específicos são: (1) mapear os estudos sobre estratégias linguísticas de solução de problemas; (2) entender as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea; (3) verificar a aplicabilidade das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea de Libras-Português; (4) analisar a utilização das estratégias linguísticas de solução de problemas em exemplos da interpretação simultânea de conferência de Português para Libras; e, (5) discutir a utilidade das estratégias linguísticas de solução de problemas nos exemplos analisados.

Visualizando o problema, esta tese defende que é necessária a discussão das ELSP, fazendo-se importante para a área, pois: (a) busca apresentar o que são as estratégias linguísticas de solução de problemas para a interpretação simultânea; (b) analisa a dinâmica do uso dessas estratégias; (c) quais as consequências de utilizá-las de forma reativa e proativa no confronto com as demandas; (d) contribuição para a discussão sobre o processo de interpretação de Libras-Português dos Estudos da Interpretação da Língua de Sinais no Brasil; (e) fomentar a discussão teórico-prática na formação dos intérpretes de Libras-Português profissionais, novatos e dos estudantes; (f) alertar sobre a utilização das estratégias de solução de problemas na interpretação simultânea de Libras-Português; e, (g) indicar a melhor forma de uso das ELSP durante o processo de interpretação simultânea de Libras-Português;

Cabe ressaltar que, por mais que o nosso trabalho trate sobre as estratégias linguísticas de solução de problemas, não analisaremos os níveis linguísticos das informações entregues aos receptores. O foco do nosso estudo é analisar a utilização dessas estratégias e a consequência desse uso, tanto as que forem utilizadas com sucesso, como as que tiverem desdobramentos negativos, como os desvios na informação, equívocos e os erros. Assim, durante a interpretação podem surgir diferentes problemas ou dificuldades e elas podem ser de diferentes planos: (a) plano linguístico, uma terminologia que não existe; (b) plano cultural, que exige conhecimento prévio que os receptores da língua de chegada não tem; (c) dificuldade na recepção da língua de partida (ouvir ou ver) sem nenhuma interferência, etc. Contudo, esses diferentes problemas ou dificuldades exigem uma decisão estratégica no nível linguístico, por exemplo, uma paráfrase de uma terminologia específica quando ela não existe na língua de chegada, e isso é identificado no produto entregue aos receptores.

Nesse sentido, a estrutura do nosso trabalho está organizada em nove capítulos: Introdução; Perspectivas teóricas e conceitos centrais da tese; A teoria funcionalista e suas contribuições para os Estudos da Tradução; Modelo de processo na interpretação simultânea; Estudos sobre as estratégias linguísticas de solução de problemas para a interpretação simultânea; Metodologia; Análise dos dados do estudo piloto; Análise e discussões dos dados das interpretações do ConEI e Considerações Finais.

Na Introdução, situamos de forma breve a delimitação do objeto de pesquisa, o problema de pesquisa, as perguntas que o norteiam e, ainda, em suas subseções, a justificativa e os objetivos. No capítulo 2, discutimos os principais conceitos tratados nesta tese, com o objetivo de que o leitor se situe e observe o objeto de pesquisa por meio da perspectiva que embasa o nosso trabalho.

No capítulo seguinte, intitulado “A teoria funcionalista e suas contribuições para os Estudos da Tradução”, apresentamos com mais detalhes essa teoria, os principais conceitos e sua aplicação à interpretação simultânea, relacionando a interpretação simultânea de língua de sinais.

No capítulo 4, apresentamos alguns modelos de processos na interpretação simultânea com o objetivo de entender como funciona essa tarefa e, ainda, discutir em qual momento se encaixa a estratégia linguística de solução de problemas.

O quinto capítulo traz um apanhado geral dos tipos de estratégia presentes na literatura, apresentando convergências e distanciamentos, bem como a contribuição dessas

pesquisas para o campo. Dessa forma, criamos o contexto para apresentarmos nossas discussões, relacionando a interpretação de Língua Portuguesa e Libras.

O capítulo subsequente apresenta nosso itinerário metodológico, discutindo o tipo de pesquisa, a abordagem, o recorte do contexto de interpretação, o perfil dos participantes, a descrição do *software* utilizado na análise e os critérios escolhidos.

No capítulo 7, apresentamos os resultados obtidos com o estudo piloto – o 6º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Trazemos a transcrição das falas e interpretações juntamente com a nossa análise sobre as estratégias de solução de problemas utilizadas pelos profissionais durante o evento.

No oitavo capítulo continuamos com a apresentação de nossas análises a partir de dados obtidos durante o I Congresso sobre Estudos da Interpretação – ConEI, realizado pela Universidade de Brasília – UnB e Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás – FL/UFG. Dividimos nossas observações em três eventos interpretativos, buscando identificar a(s) estratégia(s) empregada(s) pelo profissional na interpretação do par linguístico Português-Libras. Salientamos que, em todas as análises, será disponibilizada a transcrição em Língua Portuguesa do texto de partida e a tradução do texto de chegada para a Língua Portuguesa, bem como será apresentado um link, por meio da tecnologia QR-code, para o vídeo em Libras.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais acerca dos dados obtidos e, ainda, a possível contribuição desta pesquisa para a área.

Vale ressaltar que a maior parte das citações da tese em língua estrangeira foram traduzidas por nós para o Português, com o objetivo de enriquecer a discussão dos ETILS com pesquisas que são referências na área e que raramente circulam em Língua Portuguesa.

2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CONCEITOS CENTRAIS DA TESE

O intuito deste capítulo é a apresentação das definições de conceitos da área dos Estudos da Interpretação (EI) que utilizaremos no decorrer da tese para que o leitor observe o nosso objeto de pesquisa pelo mesmo lugar de onde falamos. Para tanto, buscamos abordar aqui conceitos que estão entrelaçados ao nosso objeto e que podem gerar dúvidas de como estamos tratando-os em nosso trabalho.

Para iniciarmos, trazemos a reflexão sobre o que é tradução e interpretação. Posteriormente, tratamos dos conceitos que são a base do funcionalismo para a tradução. Discutimos também o nosso objeto de estudo, as estratégias linguísticas de solução de problemas, e a nossa opção por essa nomenclatura e, ainda, a definição de dificuldades e problemas na interpretação.

2.1 Tradução e interpretação: convergências e distanciamentos

A distinção entre as tarefas de traduzir e interpretar é debatida na área dos Estudos da Tradução há um longo tempo, contudo, os conceitos geram dúvidas e incertezas de que são ou não a mesma tarefa, tanto que vemos, por exemplo, em pesquisas acadêmicas o conceito de “tradução simultânea” referindo-se à interpretação. Esse debate pode ser pautado pelo senso comum de que por mais que tenham processos diferentes (e isso só é sabido pelos receptores que têm um pouco de conhecimento sobre o assunto), levam ao mesmo fim, ou seja, um determinado texto em sua língua de partida sendo entregue em outra língua, a de chegada.

Vemos como necessária essa definição, bem como suas distinções a partir das características, principalmente porque, ao longo do nosso trabalho, usaremos referenciais da grande área Estudos da Tradução, englobando os Estudos da Interpretação e, mais especificamente, os Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais. Em particular, trataremos da interpretação simultânea entre a Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais.

Para iniciarmos a discussão, trazemos um trecho da definição do dicionário dos Estudos da Tradução, de Shuttleworth e Cowie (2014, p. 84, tradução nossa²⁰), sobre a interpretação, destacando uma das principais características da atividade:

²⁰ No original: “while translators often have relatively unlimited opportunity to make alterations and improvements before submitting a final version, interpreters are required to create a finished product in “real

enquanto os tradutores geralmente têm oportunidades relativamente ilimitadas para fazer alterações e melhorias antes de enviar uma versão final, os intérpretes são obrigados a criar um produto acabado em “tempo real”, sem a possibilidade de voltar atrás e fazer revisões; em outras palavras, a interpretação, diferentemente da tradução escrita, é não-corrígível e não-verificável.

A partir dessa definição, podemos destacar dois fatores que perpassam as atividades e podem ser pontos de divergência entre as tarefas de traduzir e interpretar: (a) para os tradutores, o tempo e o registro são diferenciados, sendo que um dos textos, na língua de partida ou língua de chegada, será registrado. Nas línguas de sinais, esse pode ser por meio de um sistema de escrita (por exemplo: *SignWriting*) ou vídeo-gravado, tendo tempo para preparação (leituras, consultas a materiais especializados, profissionais da área etc.), tomada de decisões, realização da tarefa, revisão da tarefa e correção, caso necessário; (b) para os intérpretes, o princípio da incorrigibilidade norteia a tarefa, não dispondo de tempo para corrigir as decisões tomadas durante o processo.

Heidermann e Weininger (2019) buscam definir a interpretação mediante o conceito de tradução. Segundo os autores, a interpretação pode ser compreendida como um processar, uma adaptação e uma reconstrução de uma narrativa que seja, cognitivamente, aceitável e acessível a todas as partes envolvidas. Para eles, a interpretação entre línguas orais ou oral e visoespacial, como a das línguas de sinais, é definitiva, sem possibilidade de edição, aprimoramento, revisão ou correção, pois seu autor está impossibilitado de consultar dicionários, textos paralelos ou outros recursos auxiliares, uma vez que tem como objeto de trabalho uma produção oral ou escrita de partida e como saída apenas a produção oral/sinalizada. Já no tocante à tradução, encontramos a língua de partida e/ou língua de chegada no sistema escrita, o que permite ao tradutor visitar seu trabalho, aprimorando-o antes que esse chegue ao seu público.

Gile (2009), ao tratar do assunto, destaca as etapas: (i) analisar e processar a informação recebida da língua de partida; (ii) armazenar e disponibilizar a informação na memória; e, (iii) escolher a melhor forma de produzir o discurso na língua de chegada.

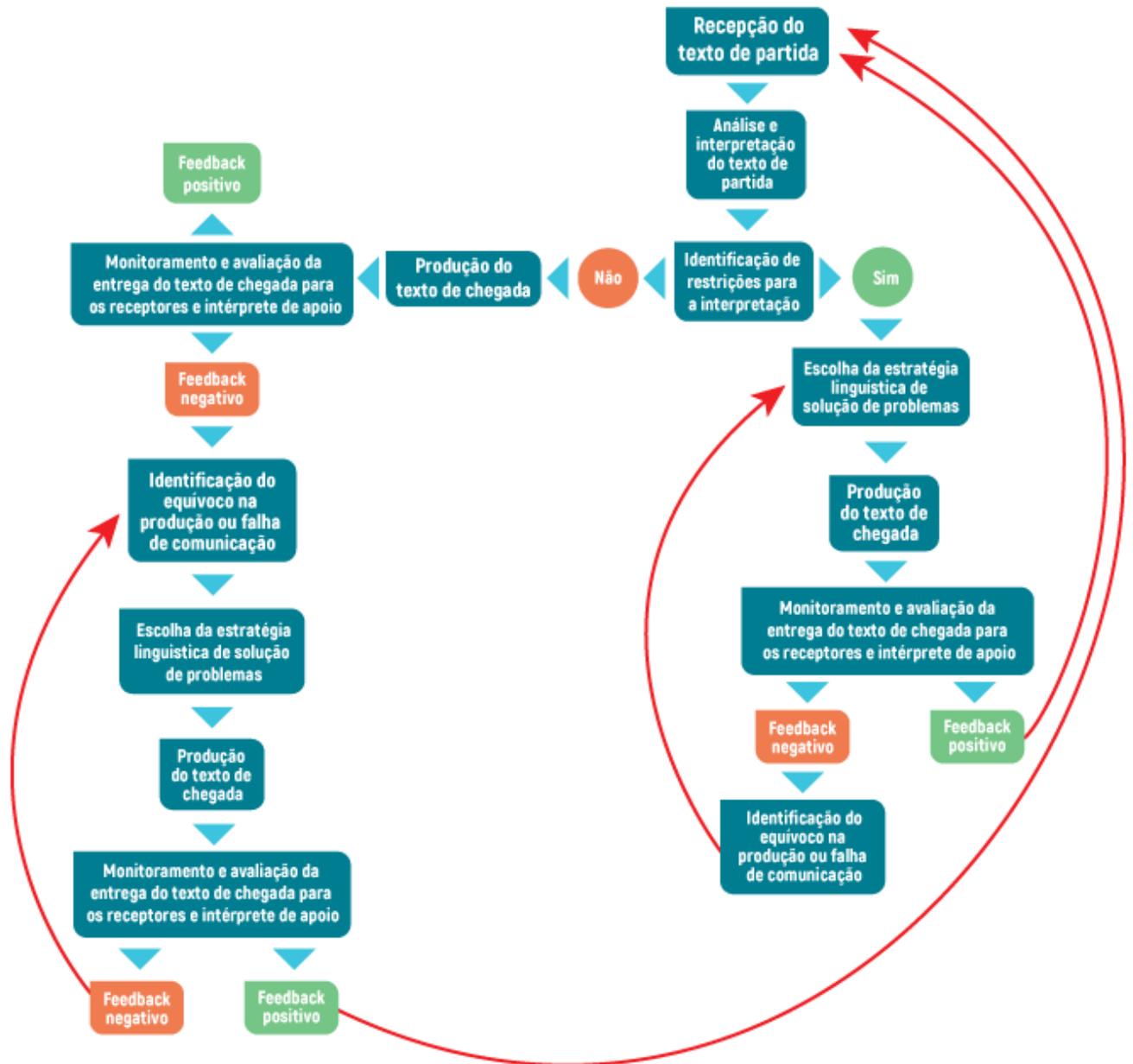
O dicionário dos Estudos da Tradução de Shuttleworth e Cowie (2014, p. 84, tradução nossa²¹) traz em sua definição uma ressalva sobre a divergência das atividades que podemos relacionar diretamente com a nossa pesquisa. Segundo os autores,

os intérpretes são “atores” que estão constantemente tomando decisões em frações de segundos e assumindo riscos comunicativos; consequentemente, eles normalmente experimentam níveis mais altos de estresse enquanto estão “no trabalho” do que a maioria dos tradutores.

Vemos que o tempo não é aliado dos intérpretes, devendo eles saber gerenciá-lo durante todo o processo, do início (recepção e análise do texto de partida) ao final (entrega do texto de chegada). Contudo, no decorrer da tarefa, existem fatores que influenciam o processo, obrigando os intérpretes a tomar decisões e se expor ao risco de uma decisão “infeliz” para o momento. Nos esquemas 1 e 2 apresentamos o fluxo da interpretação para Libras e as etapas da tradução para a Libras para que possamos visualizar, de maneira mais clara, o que os profissionais fazem até entregar o produto final.

²¹ No original: “interpreters are “performers” who are constantly making split-second decisions and taking communicative risks; consequently they typically experience higher stress levels while “on the job” than most translators”.

Esquema 1 – Processo de Interpretação simultânea em línguas de sinais



Fonte: Elaboração própria

Esquema 2 – Processo de tradução em línguas de sinais



Fonte: Elaboração própria

Por meio dos esquemas apresentados, observamos que as atividades são diferenciadas nos seguintes aspectos: (a) a tradução segue um padrão de etapas subsequentes que inclui a revisão, que permite a eliminação de problemas e o aperfeiçoamento do texto traduzido. O profissional identifica o equívoco, retoma o que foi traduzido, corrige e pode seguir o trabalho. Esse processo pode ser refeito até a finalização do trabalho para a entrega de um produto final; (b) o fluxo da recepção da informação da língua de partida e a entrega da

interpretação na língua de chegada é simultâneo, como tentamos destacar nas setas em vermelho (ESQUEMA 1), e, se o profissional percebe um equívoco ou ele recebe um *feedback* negativo dos receptores e tenta ou sente a necessidade de corrigir, as informações que estão chegando na língua de partida podem ser perdidas.

Nesse sentido, as tomadas de decisões devem ser com a segurança de que não acarretarão maiores problemas, por mais que o tempo seja escasso durante o processo. A análise para a tomada de decisão deve ter um fundamento plausível e a certeza de que desviar a atenção para sanar um problema/dificuldade e, posteriormente, retomar o processo, não prejudicará o produto final.

2.2 *Coping strategies*: estratégia de enfrentamento, estratégia linguística de solução de problemas ou táticas?

No percurso de nossa pesquisa, encontramos alguns termos para se referir ao ato de resolver dificuldades e problemas durante a interpretação simultânea e, nessa seção, apresentamos, discutimos e defendemos os conceitos escolhidos e utilizados em nosso trabalho.

No tocante ao conceito de estratégia, Napier (2001; 2002) apresenta diversos trabalhos em que traz esse conceito atrelado, principalmente, às omissões encontradas durante a interpretação de um texto de partida para o texto de chegada. Ela define essa estratégia como sendo a omissão, que é utilizada conscientemente pelos profissionais para enfrentar uma demanda linguística que surge durante o evento interpretativo. Para a autora, essas estratégias podem ser reativas ou proativas.

Entretanto, ao falar em estratégia, é importante ressaltar que esse é um conceito utilizado por diversas áreas de conhecimento. Segundo Pasquale, Neto e Gomes (2012, p. 107), estratégias consistem em ações que uma organização deve realizar para atingir seus objetivos, enquanto Oliveira (2004, p. 424) define estratégia como um caminho, uma maneira ou uma ação formulada e adequada para alcançar, preferencialmente, objetivos e desafios estabelecidos. Ainda, Porter (1996, p. 68, tradução nossa²²) considera estratégia como “a criação de uma posição única e valiosa, envolvendo um conjunto diferente de atividades”.

²² No original: “Strategy is the creation of a unique and valuable position, involving a different set of activities.” (PORTER, 1996, p. 68).

Considerando o contexto desta pesquisa, o conceito de Oliveira (2004) apresenta-se alinhado ao trabalho desenvolvido pelo intérprete de línguas de sinais, uma vez que o profissional, conforme aponta Napier (2001; 2002), utiliza-se de estratégias para alcançar objetivos e desafios estabelecidos, pois ao fazer uso consciente de omissões, acréscimos, substituições, faz considerando o texto de chegada e a entrega de objetivos estabelecidos.

Sobre o termo estratégias, Gile (2015, p. 25, tradução nossa²³), relata que os

psicólogos adotaram um dos termos, ‘estratégias’, embora não com o mesmo significado explicado acima, então por que não aceitar esse uso? É útil fazer uma distinção entre os dois tipos de ação na interpretação simultânea baseada em tomada de decisões? Minha afirmação é que sim, quando se olha para o comportamento de interpretação, porque os determinantes das estratégias e táticas não são os mesmos, com implicações no estudo de desempenho, treinamento, avaliação, etc. Por exemplo, as estratégias podem geralmente e na maioria das vezes ser ensinadas como conhecimento declarativo. Elas são adquiridas mais rapidamente do que as táticas e dependem menos da experiência (no sentido da psicologia cognitiva) do que das táticas, que dependem muito mais das habilidades cognitivas, incluindo habilidades linguísticas, e são implementadas, em geral, sob uma pressão cognitiva muito mais alta.

Além dessa afirmação, o autor argumenta que o termo “tática” é baseado e utilizado na área militar, cuja aplicação é “local”, de acordo com a necessidade. Contudo, acreditamos que trazer um termo utilizado em situações de confronto não nos parece oportuno, visto que o trabalho do intérprete não é contra o(s) locutor(es) do discurso da língua de partida ou contra o(s) receptor(es) da língua de chegada. Durante a atividade, o profissional coloca-se como aliado deles, com o objetivo de maximizar o seu desempenho.

Apesar de Gile (2015, p. 25, tradução nossa²⁴) argumentar a favor da utilização do conceito “tática”, também apresenta outros termos utilizados na literatura.

Obviamente, falar de ‘tática’ versus ‘estratégia’ não é a única opção. Outras distinções terminológicas podem ser feitas, por exemplo, ‘estratégias on-line’ versus ‘estratégias off-line’, ‘estratégias locais’ versus ‘estratégias regionais’, etc. Minha

²³ No original: “Psychologists have adopted one of the terms, ‘strategies’, though not quite with the same meaning as explained above, so why not accept this usage? Is it useful to make a distinction between the two types of decision-based action in IS? My contention is that it is when looking at interpreting behavior, because the determinants of strategies and tactics are not the same, with implications as regards the study of performance, training, assessment etc. For instance, strategies can generally and mostly be taught as declarative knowledge, are acquired faster than tactics, and depend less on expertise (in the cognitive psychology sense) than tactics, which depend much more on cognitive skills, including language skills, and are implemented under generally much higher cognitive pressure.” (GILE, 2015, p. 25).

²⁴ No original: “Of course, speaking of ‘tactics’ vs. ‘strategies’ is not the only option. Other terminological distinctions could be made, for instance ‘online strategies’ vs. ‘offline strategies’, ‘local strategies’ vs. ‘regional strategies’, etc. My own preference goes to one-word terms which already exist, hence ‘tactics’ and ‘strategies’.” (GILE, 2015, p. 25).

preferência pessoal é por palavras únicas que já existem, por isso ‘táticas’ e ‘estratégias’.

Nesse trecho, encontramos outras formas para designar o fenômeno da tomada de decisão diante de uma dificuldade ou problema. As “estratégias on-line” e “estratégias locais” são para designar essa ação durante o processo de interpretação. Já as “estratégias off-line” e “estratégias regionais” referem-se às atividades que podem ser realizadas antes da tarefa, servindo como apoio e preparação para a realização da interpretação: estudo de materiais sobre o evento interpretativo, extração terminológica, compilação de glossário etc. Sendo que essas estratégias ‘off-line’ não serão discutidas no presente trabalho.

Concordamos que devemos utilizar terminologias já existentes, entretanto, aprofundando as discussões sobre elas. Considerando que nosso trabalho tem como objeto de estudo as estratégias que colaborem com as resoluções de dificuldades ou de problemas durante a atuação do profissional, podendo ser apreendidas e praticadas com formação e na experiência durante as interpretações, o conhecimento declarativo, conforme Gile (2015). Porém, concordamos com a afirmação do autor sobre a aplicação dessas estratégias dever ser consciente ou proativa. Acreditamos que, se não for estabelecida uma tática para a aplicação da estratégia, a tomada de decisão acarrete problemas mais graves ao processo. Nesse sentido, aplicamos em nossa pesquisa o termo “estratégia”.

Outro dos problemas terminológicos que se apresentaram de maneira persistente em nosso percurso, foi a tradução do conceito “coping strategies” para o Português. Esse termo foi encontrado em uma das discussões mais completas sobre o assunto, gerando “impasse” em uma possível tradução:

The coping strategies is an ‘umbrella’ concept, that is, one that can encompass a plethora of discretionary facets according to individual interpretation. Little has been written on this explicit term, and alternative labels have included those such as, coping tactics (Gile, 1999). “strategies for the management of the communication event” (Roy 1996, p.63), coping mechanisms Moser-Mercer, Kunzli & Korac, 1998) and creative problem-solving (Mackenzie, 1998). Gran (1998), in fact, wrote about tactics as the interface between strategies and creativity. Alternative coping strategies can be used at different stages of the interpreting process. In describing the different stages, it is possible to provide a context within which to place linguistic coping strategies, and the consideration of translation style and omissions as potential linguistic coping strategies. (NAPIER, 2001, p. 60)

Ainda que o conceito seja de fácil compreensão e assimilação, encontramos um problema de ordem linguística ao tratar do assunto em Português: como traduzir a expressão “coping strategies” de maneira adequada? O problema, como pode ser observado, já ocorre na

palavra “coping”, que não possui equivalente “adequada” em Português, sendo comumente traduzida como “lidar”.

A palavra “lidar” possui vários sentidos em Português, podendo substituir “to cope” nos mais variados contextos. No entanto, quando tratamos de “coping strategies”, não podemos simplesmente utilizar o óbvio, “estratégia de lidar” ou “estratégias de lidagem”, uma vez que essas expressões parecem deslocadas em Língua Portuguesa. Assim, como solucionar o impasse?

Observamos que uma das opções vocabular seria “enfrentar”, como em “estratégias de enfrentamento” [de problemas]. No entanto, apesar de ser mais usada na área empresarial e de marketing, a palavra “enfrentar” nos parece carregada de uma conotação negativa, combativa, até mesmo bélica. Por isso, optamos por não a empregar nesse caso. Com base na definição de Napier (2001), e levando em conta a dificuldade do problema abordado, optamos por uma livre adaptação da expressão que trouxesse consigo o sentido mais próximo do original. Assim, nossa opção foi substituir “coping strategies” por “estratégias (linguísticas) de solução de problemas”. Essa opção mantém o mesmo grau de abertura e consegue enquadrar todos os tipos de desafios de interpretação englobados no termo de Napier. Essa precisão conceitual é mais importante do que a eventual desvantagem de ser um composto nominal de três elementos em Português, ainda que em Inglês sejam apenas dois.

2.3 Problemas ou dificuldades na interpretação simultânea?

Quando pensamos em problemas durante o processo de interpretação, logo imaginamos “quais podem ser?”, uma vez que o trabalho é realizado por um profissional e, a priori, ele possui todos os aparatos necessários para lidar com quaisquer tipos de problemas, possibilitando a ele identificá-los e resolvê-los. Entretanto, a existência desses problemas pode fazer com que o objetivo principal da interpretação não seja alcançado, prejudicando a entrega da informação para os receptores do texto de chegada.

Ponderemos a seguinte situação: durante uma tarefa, o intérprete recebe da língua de partida a frase: “quais os problemas subjacentes aos protocolos das tarefas da empresa?” e, nesse exato momento, ele não consegue identificar uma estrutura correspondente na língua de chegada para o termo “subjacente”, nem sua relação com “protocolos”, omitindo essa informação e deixando nesse momento uma lacuna. Devemos nos perguntar: nessa situação, o que aconteceu foi um problema durante a interpretação? Ou uma dificuldade do profissional?

Nord (2018, p. 59, grifos do autor, tradução nossa²⁵) faz a distinção entre essas suas situações ao considerar que.

os *problemas* de tradução são [...] objetivos ou pelo menos intersubjetivos; eles não devem ser equiparados às *dificuldades* de tradução, que são as dificuldades subjetivas que um único tradutor ou aluno encontra em um processo de tradução devido a um deficiente linguístico, cultural ou de competência translacional, ou porque não possui a documentação apropriada. Problemas de tradução sempre permanecerão problemas, mesmo quando um tradutor tiver aprendido a lidar com eles de maneira rápida e eficaz.

Entendemos, em nossa pesquisa, que as dificuldades enfrentadas durante a interpretação são subjetivas, inerentes a um profissional específico ou um momento de trabalho, e podem ser diversas – falta de proficiência, de preparo, de experiência, de desconhecimento de terminologia ou de restrição de audição devido a um resfriado etc. –. Ainda, ele pode ter essa dificuldade no contexto específico de um trabalho e em outro não. Consideramos que os problemas de tradução são situações objetivas que qualquer profissional pode vir a ter – como inexistência de terminologia na língua de chegada, necessidade de explicitar informações implícitas, ou limitações locais como ruídos ou baixa visibilidade etc. – e que “podem ser categorizados como pragmáticos, culturais, linguísticos ou específicos” (NORD, 2018, p. 59).

Contudo, a definição da autora aponta para a tradução, em que o profissional tem tempo e meios para resolver sua dificuldade com antecedência, para que não atrapalhe o andamento da tarefa. Na interpretação, quando uma dificuldade relacionada à competência linguística ocorre, quais procedimentos podem ser tomados para não atrapalhar o andamento das atividades? A quais recursos o intérprete pode recorrer para resolver a questão? Quanto tempo ele dispõe para isso?

No contexto real de interpretação, o profissional tem alguns segundos para percorrer todo o processo até entregar o produto final e milésimos de segundos para tomar uma decisão entre fazer um parafraseamento de uma informação que não possui um correspondente na língua de chegada ou interpretar tal qual está recebendo a informação – o que pode implicar no não entendimento da mensagem pelos receptores do texto de chegada. Visualizando esse

²⁵ No original: “Note that translation *problems* are here considered to be objective or at least intersubjective; they are not to be equalled with translation *difficulties*, which are the subjective difficulties that a particular translator or trainee encounters in a translation process because of deficient linguistic, cultural or translational competence, or because they do not have appropriate documentation. Translation problems will always remain problems, even when a translator has learnt how to deal with them rapidly and effectively.” (NORD, 2018, p. 59)

contexto, concebemos que os profissionais precisam ser munidos de estratégias linguísticas de solução de problemas para conseguir contornar as situações sem prejuízo.

3. A TEORIA FUNCIONALISTA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DA TRADUÇÃO

As tarefas de traduzir e interpretar, muitas vezes, são visualizadas por estudiosos e, até mesmo, pelo público leigo, como uma única atividade ou atividades muito semelhantes. Essa ideia pode ser explicada pelo fato de ambas tarefas resultarem na entrega de um determinado texto (oral/sinalizado ou escrito) para os receptores em sua língua.

Os Estudos da Tradução, buscando uma melhor compreensão de suas atividades, começaram a trabalhar sob perspectivas teorias próprias, como a teoria funcionalista, que embasa o nosso trabalho, e que é um conjunto de princípios que foram desenvolvidos nos últimos 60 anos por discípulos da escola de Leipzig²⁶, como Albrecht Neubert (1965), intérprete de Inglês-Alemão, e Otto Kade (1968), criador do conceito de “translatologia”, para abranger tanto o conceito de tradução quanto o de interpretação, e foi continuada, posteriormente, por Katharina Reiss (1981), Christiane Nord (1988) e Hans Vermeer (1989), que vislumbraram, nessa perspectiva²⁷, o norte para as tarefas de traduzir e interpretar.

De fato, existem convergências em algumas etapas das tarefas (cf. ESQUEMAS 1 e 2, p. 28 e 29) e, desse modo, uma teoria que pode ser aplicada à tradução, conseqüentemente, poderá ser aplicada à interpretação. A questão é que nem todas essas etapas são iguais e, principalmente, o gerenciamento e a dinâmica de como elas ocorrem durante o processo são diferentes.

Um dos princípios da teoria funcionalista e da proposta da *Skopostheorie* de Reiss e Vermeer (1984; 1989), que é considerada o ponto crucial da teoria funcionalista é a mudança do foco principal para o texto de chegada e não mais voltado ao texto de partida que passa a ser apenas uma das ofertas de informação que o tradutor usa ao criar o produto. Sendo que, inicialmente ela foi pensada para a tradução, mas, de acordo com os autores, pode ser aplicada também à interpretação. A teoria do propósito (*Skopostheorie*) traz a ideia de que é

²⁶ No Brasil, temos o volume “Escola Tradutológica de Leipzig” organizado pelos professores Markus J. Weininger, Mauricio Mendonça Cardozo e Werner Heidermann, que trazem essa discussão e promoção dessa perspectiva aqui no país.

²⁷ Katharina Reiss (1981), Christiane Nord (1988) e Hans Vermeer (1989) trazem em seus estudos a compreendem que o desenvolvimento da área de Estudos da Tradução ocorre ao redor da evolução do conceito de equivalência subjacente. Nesse sentido, temos o trabalho de Weininger (2009) que faz uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução e sobre a posição do texto de partida que passa a ser apenas uma das ofertas de informação que o tradutor usa enquanto o texto de chegada se torna prioritário. Isso, entre outras coisas, leva à visibilidade do tradutor/intérprete.

importante que o tradutor atenda ao propósito do texto de partida e à funcionalidade dele para os receptores, que o recebem como texto de chegada.

3.1 Princípios básicos do funcionalismo na área de tradução/interpretação

Nessa subseção apresentamos os conceitos fundamentais da teoria funcionalista, que embasa o nosso trabalho e nos auxiliará na observação dos fenômenos intrínsecos da interpretação simultânea.

Christiane Nord foi uma das estudiosas que contribuiu para a aplicação da teoria funcionalista para a tradução na área de ensino de tradução e interpretação, tendo como trabalho de referência a sua proposta de modelo de análise textual, cuja primeira edição foi publicada em 1988 e republicada no Brasil em 2016. Em um de seus trabalhos mais recentes (NORD, 2018, p. 27), apresenta definições que são discutidas por Vermeer para esclarecer sobre o objetivo, o propósito, a função e a intenção, que são conceitos básicos da Teoria Funcionalista (QUADRO 2).

Quadro 2 – Conceitos e suas definições da Teoria Funcionalista

Conceito	Definição
Objetivo (<i>Ziel</i>)	é definido como o resultado final que um agente pretende alcançar por meio de uma ação (VERMEER, 1986a, p. 239). Por exemplo, uma pessoa pode aprender chinês para ler Li T'ai-po no original (VERMEER, 1989a, p. 93).
Propósito (<i>Zweck</i>)	é definido como um estágio provisório no processo de alcançar um objetivo. Objetivo e propósito são, portanto, conceitos relacionados. Por exemplo, alguém sai para comprar uma gramática basca (Propósito 1) para aprender a língua (Propósito 2), a fim de ser capaz de traduzir contos bascos (Propósito 3), com o objetivo de tornar a literatura basca conhecida por outras comunidades linguísticas (objetivo) (VERMEER, 1989a, p.94).
Função	refere-se ao que um texto significa ou pretende significar do ponto de vista do receptor, enquanto o objetivo é o propósito para o qual ele é necessário ou supostamente necessário (VERMEER, 1989a, p. 95).
Intenção	é concebida como um “plano de ação orientado para objetivos” (VERMEER [1978] 1983, p. 41) por parte tanto do remetente quanto do receptor, apontando para um modo apropriado de produzir ou compreender o texto (VERMEER 1986a, p. 414). O termo intenção também é igualado à função da ação (REISS; VERMEER [1984] 2013, p. 87).

Fonte: Nord (2018, p. 27)

Contudo, a respeito desses conceitos apresentados no quadro 2, a autora ainda sente que existe uma confusão quanto ao de “intenção” e de “função”. Dessa forma, apresenta uma distinção mais clara sobre eles.

“Intenção” é definida do ponto de vista do remetente, que deseja alcançar um determinado propósito com o texto. No entanto, as melhores intenções não garantem um resultado perfeito, particularmente nos casos em que as situações do remetente e do destinatário diferem consideravelmente. De acordo com o modelo de interação textual, os receptores usam o texto com uma certa função, dependendo de suas próprias expectativas, necessidades, conhecimentos prévios e condições situacionais. Em uma situação ideal, a intenção do remetente encontrará seu objetivo, caso em que intenção e função seriam análogas ou mesmo idênticas. Essa distinção é particularmente útil na tradução, em que o remetente e o destinatário, por definição, pertencem a diferentes contextos culturais e situacionais. Por causa dessa separação entre emissor e receptor, a intenção e a função podem ter que ser analisadas a partir de dois ângulos diferentes. (NORD, 2012, p. 27, tradução nossa²⁸)

Nesses conceitos, que são base para a teoria funcionalista, podemos entender que, de alguma forma, o texto de partida e o texto de chegada devem ter uma relação translitológica e, com isso, os envolvidos. Essa relação deve ocorrer tanto na produção na língua de partida, como com os receptores que receberão na língua de chegada. Assim, Nord (2006, p. 29) defende a ideia de que o tradutor ou intérprete deve manter um compromisso de lealdade com os envolvidos, e os textos devem ter uma relação de “intertextualidade”.

Nord (2018, p. 28, tradução nossa²⁹), citando Vermeer (1989, p. 20), acrescenta que:

Cada texto é produzido para um determinado propósito e deve servir a esse propósito. A regra do *Skopos*, então, lê-se: traduzir/interpretar/falar/escrever de uma maneira que permita que seu texto/tradução funcione na situação em que é usado e com as pessoas que querem usá-lo e precisamente da maneira que querem que ele funcione.

Dessa forma, os tradutores ou intérpretes devem adaptar o nível do texto “a qualquer custo” para que os receptores do texto de chegada o recebam? Essa é uma ideia que é mal compreendida em relação a uma tradução ou uma interpretação funcional, já que uma das

²⁸ No original: “‘Intention’ is defined from the viewpoint of the sender, who wants to achieve a certain purpose with the text. Yet the best of intentions do not guarantee a perfect result, particularly in cases in which the situations of the sender and the receiver differ considerably. In accordance with the model of text-bound interaction, the receivers use the text with a certain function, depending on their own expectations, needs, previous knowledge, and situational conditions. In an ideal situation, the sender’s intention will find its aim, in which case intention and function would be analogous or even identical. This distinction is particularly useful in translation, where the sender and receiver by definition belong to different cultural and situational settings. Because of this separation of sender and receiver, intention and function may have to be analysed from two different angles.” (NORD, 2012, p. 27).

²⁹ No original: Each text is produced for a given purpose and should serve this purpose. The *Skopos* rule thus reads as follows: translate/interpret/speak/write in a way that enables your text/translation to function in the situation in which it is used and with the people who want to use it and precisely in the way they want it to function.” (NORD, 2018, p. 28).

regras básicas da *Skopostheorie* é fazer com que o texto funcione para os receptores do texto de chegada, ou seja, que o texto seja recebido por eles com êxito, de acordo com objetivo, o propósito e a intenção definidos para essa tradução ou interpretação. Contudo, nem sempre o nível de conhecimento dos receptores é compatível com o texto que estão recebendo.

Assim, eles não o receberão “efetivamente”. Nesse sentido, nem sempre o profissional estará trabalhando para receptores ideais, podendo faltar conhecimentos prévios para que a tradução ou interpretação seja de fato compreendida. Obviamente, isso pode ocorrer também sem haver tradução/interpretação. Ou seja, um texto pode, pelos mesmos motivos, não ser compreendido por uma (parte da) audiência da língua e cultura de partida. Nesse caso, faltaram conhecimentos prévios etc. e (parte d)os receptores não estava preparada para receber esse texto. Porém, pressupõe-se que a audiência do texto de chegada seja adequada para o receber e que a tarefa dos profissionais de translação é escolher estratégias que permitam a recepção do texto de chegada pelo menos por uma parte significativa da audiência, apesar da distância linguística, cultural e da falta de certos conhecimentos prévios.

O tradutor ou intérprete define o *skopos* do texto com base em alguns critérios que não são determinados, simplesmente, pelo perfil individual de cada sujeito que compõe os receptores do texto de chegada. De acordo com Nord (2018, p. 29, tradução nossa³⁰), o princípio ou os critérios são pré-definidos pelo “iniciador”, que é quem solicita o trabalho em conjunto com o tradutor, que é o especialista.

Agora, a questão é quem decide qual é o princípio. No entanto, a resposta é bastante óbvia. Como mencionamos, a tradução é normalmente feita “por atribuição”. Um cliente precisa de um texto para uma finalidade específica e pede ao tradutor uma tradução, agindo assim como o iniciador do processo de tradução. Em um caso ideal, o cliente daria tantos detalhes quanto possível sobre o propósito, explicando os destinatários, o tempo, o lugar, a ocasião e o meio da comunicação pretendida e a função que o texto pretende ter. Esta informação constituiria uma encomenda³¹ de tradução. (*Übersetzungsauftrag*).

Esse é um “dilema” que coloca os intérpretes de língua de sinais em xeque em quase todos os seus trabalhos, uma vez que, geralmente, eles realizam a tarefa face-a-face com os receptores e, se o “*feedback*” do produto final que estão recebendo for negativo, o profissional

³⁰ No original: “Now, the question is who decides what the principle is. Yet the answer is fairly obvious. As we have mentioned, translation is normally done ‘by assignment’. A client needs a text for a particular purpose and calls upon the translator for a translation, thus acting as the initiator of the translation process. In an ideal case, the client would give as many details as possible about the purpose, explaining the addressees, time, place, occasion, and medium of the intended communication and the function the text is intended to have. This information would constitute an explicit translation brief (*Übersetzungsauftrag*).” (NORD, 2018, p. 29).

³¹ Em nosso trabalho, optamos para a tradução de *Übersetzungsauftrag* por “encomenda de tradução”. Ao encomendar uma tradução, o iniciador já dá algumas pistas sobre o seu propósito.

se vê “obrigado” a retomar o que havia dito de uma outra maneira, muitas vezes alterando o texto para um nível compreensível até, de fato, entenderem-no. Porém, isso demanda esforços e, mais do que isso, pode gerar perda de informações no tempo em que o intérprete está “preso” ao trecho que ficou ilegível para os receptores. Nord (2018, p. 28, tradução nossa³²) acrescenta que

Isso significa que o receptor, ou melhor, o destinatário, é o principal fator que determina o *skopos* do texto-alvo. O que isso *não* significa, no entanto, é que isso exclui estritamente as traduções filológicas, literais ou até mesmo palavra por palavra. Existem muitos casos em que o literalismo relativo é precisamente o que o receptor (ou o cliente ou o usuário) precisa: por exemplo, na tradução de uma certidão de casamento ou carteira de motorista, textos jurídicos estrangeiros para fins comparativos ou citações diretas em relatórios de jornais.

Podemos destacar com essa afirmação que os critérios para a execução da tarefa devem ser definidos com antecedência, justamente para identificar os pontos de dificuldade que provavelmente o profissional terá. Dessa forma, o modelo de análise textual (NORD, 2016) pode contribuir com esse objetivo, com o gerenciamento dos problemas, das dificuldades e no auxílio para a tomada de decisão.

Podemos entender, ainda, que esses fatores são como critérios que servem para o tradutor ou intérprete basear a sua atividade, sendo que o que tem maior peso é o receptor, como afirma citação anterior de Nord (2018, p. 28).

Concluimos que a base dessa teoria é firmada pelo *skopos* (propósito) do texto de partida para os receptores do texto de chegada. Ou ainda, a funcionalidade desse texto para os seus receptores. Mas, como podemos medir o conhecimento dos receptores do texto de chegada para que o texto faça sentido para eles? Não podemos prever na totalidade como eles receberão o texto, mesmo que se conhecesse os receptores em termos gerais. Essa teoria trabalha com a hipótese de executarmos a atividade para receptores ideais, que detêm o conhecimento necessário para que recebam o texto e ele faça sentido. Concordamos, nesse caso, que o produtor do texto de partida e o receptor do texto de chegada buscam a troca de informações de um tópico em comum.

Contudo, precisamos destacar que, para os intérpretes de língua de sinais, o processo torna-se mais complexo, uma vez que na maioria dos eventos a atividade da interpretação é

³² No original: “This means that the receiver, or rather the addressee, is the main factor determining the target-text *Skopos*. What it does *not* mean, however, is that this strictly excludes philological, or literal, or even word-for-word translations. There are many cases in which relative literalism is precisely what the receiver (or the client or the user) needs: for example, in the translation of a marriage certificate or driver’s licence, foreign legal texts for comparative purposes, or direct quotations in newspaper reports.” (NORD, 2018, p. 28).

efetivada face-a-face com os receptores do texto de chegada. Dessa forma, o *feedback* imediato faz com que o profissional direcione as informações para que os destinatários de fato as recebam, levando ao limite a capacidade cognitiva total disponível³³, em relação aos esforços cognitivos que compõem o processo de interpretação, obrigando-o a buscar estratégias linguísticas de solução de problemas até conseguir sanar a questão e ainda lidar, ao mesmo tempo, com o fluxo contínuo da tarefa em andamento.

Essas decisões estão nas mãos do intérprete, que deve ter critérios bem definidos para que o objetivo da interpretação não seja perdido, conforme Vermeer (1989, p. 222, tradução nossa³⁴) destaca:

O tradutor é “o” especialista em ação tradutória. Ele é responsável pela performance da tarefa encomendada, pelo *translatum* final. Até onde o *skopos* devidamente especificado é definido a partir do ponto de vista do tradutor, o texto fonte é um constituinte da encomenda, e como tal a base para todos os fatores hierarquicamente ordenados que em última análise determina o *translatum*.

Em relação à encomenda da tradução ou interpretação, a *Skopostheorie* afirma que o profissional deve identificar ou receber do cliente, que solicitou o trabalho, qual o seu propósito (*skopos*), ou ainda, demandar que disponibilizem (solicitantes) uma “encomenda da tradução” ou interpretação (Nord, 2018, p. 29).

Mais um questionamento que surge para os intérpretes de língua de sinais. Quem é o nosso cliente? Com quem devem ser leais³⁵? Com o contratante, alguém que está pagando pelo trabalho ou com o(s) surdo(s), que geralmente é conhecido e que espera uma informação que faça sentido, que funcione. Não que o contratante (aquele que solicitou o trabalho e o está pagando) não queira que o serviço seja bem desempenhado. Mas, geralmente, ele não entende o processo, as línguas envolvidas, a vontade do receptor e, ao final da tarefa, o profissional necessita “prestar contas” para os receptores, pois são eles que vão dizer se a comunicação foi realizada com sucesso ou não. Dessa forma, a nossa lealdade está muito mais ligada aos receptores do que ao cliente, aquele que solicita/paga pelo trabalho. Esse cliente não deixa de ser importante, já que vem dele o resumo explícito que respalda toda a tarefa, para que as informações façam sentido ao(s) receptor(es).

³³ ver o Modelo dos Esforços de GILE (2015).

³⁴ No original: “The translator is “the” expert in translational action. He is responsible for the performance of the commissioned task, for the final *translation*. Insofar as the duly specified *skopos* is defined from the translator’s point of view, the source text is a constituent of the commission, and as such the basis for all the hierarchically ordered relevant factors which ultimately determine the *translatum*.” (VERMMER, 1989, p. 222).

³⁵ Uma das maiores contribuições de Nord é o conceito de tríplice lealdade. Para a autora, lealdade refere-se a uma relação equilibrada entre pessoas (iniciador/tradutor/receptor), substituindo a relação hierárquica de fidelidade entre textos (original/tradução).

Nord aponta o que deve ser feito e não como será feito, cabendo essa decisão ao profissional, que é o especialista. Na tradução, a possibilidade de mapear, estudar e seguir as questões que são importantes para o desenvolvimento da atividade são maiores que na interpretação, em que, geralmente, ponderarão muito mais os elementos envolvidos diretamente na atividade do que critérios pré-estabelecidos (encomenda de tradução), já que a intensidade e o dinamismo da atividade influenciam diretamente nas tomadas de decisão do profissional, cabendo a ele o gerenciamento para que não sobrecarregue o processo e haja falhas.

Ainda assim, para o funcionalismo, o texto de partida e texto de chegada não devem ser pensados de maneira separada, pois a relação entre os textos ganha um status maior. Nesse sentido, Vermeer (1989, p. 223, tradução nossa³⁶) argumenta sobre a “coerência intertextual”.

Até onde um tradutor julgar que a forma e a função do texto-fonte são basicamente adequadas por si em relação ao *skopos* pré-determinado na cultura-alvo, nós podemos falar de um grau de “coerência intertextual” entre texto-fonte e texto-alvo. Essa noção, portanto, refere-se a uma relação entre *translatum* e texto-fonte, definido em termos do *skopos*. Por exemplo, um *skopos* legítimo pode ser uma imitação exata da sintaxe do texto-fonte, talvez para fornecer informações sobre essa sintaxe a leitores da cultura-alvo.

Mas, o que nos instiga é: como saber se o texto de chegada fez sentido para os receptores? Receptor ou receptores? Ou ainda, como o texto de chegada ‘funcionou’ para eles?

Para o texto funcionar para os receptores da nossa interpretação e, por realizarmos a nossa tarefa face-a-face, geralmente, lidamos com variáveis entre os próprios receptores que fogem do nosso controle: (1) o nível de fluência linguística na língua de sinais; (2) o nível de fluência no Português, caso terminologias estejam sendo utilizadas e o intérprete recorra ao empréstimo linguístico; (3) o nível de conhecimento cultural em ambas as línguas; (3) o nível de conhecimento prévio sobre a área de conhecimento do texto; e, (4) bagagem de conhecimento etc. Esses são fatores que impactam a nossa atividade, já que não temos como trabalhar com “o receptor ideal”.

³⁶ No original: “To the extent that a translator judges the form and function of a source text to be basically adequate per se as regards the pretermimed *skopos* in the target culture, we can speak of a degree of “intertextual coherence” between target and source text. This notion thus refers to a relation between *translatum* and source text, defined in terms of the *skopos*. For instance, one legitimate *skopos* might be an exact imitation of the source text syntax, perhaps to provide target culture readers with information about this syntax.” (VERMMER, 1989, p. 223).

Ainda seguindo essa linha de raciocínio, que a coerência no texto de chegada e entre os textos de partida e chegada deve ser mantida, Pöchhacker (1995, p. 34, tradução nossa³⁷) argumenta que:

O propósito a ser cumprido pela tradução e interpretação é amplamente restringido pelos destinatários da cultura-alvo. Em essência, a teoria sustenta que o texto alvo deve, antes de mais nada, estar em conformidade com o padrão de coerência *intratextual*, isto é, deve “fazer sentido” dentro de sua cultura e situação comunicacional. Somente em segundo lugar deve haver coerência *intertextual*, ou seja, alguma relação de fidelidade ou lealdade (NORD, 1991a) ao texto original. Nessa concepção funcionalista, o padrão pelo qual os Ts e Is profissionais devem ser julgados não é o grau de *equivalência* com o original, mas a medida em que o texto-alvo funciona como pretendido dentro de seu contexto sociocultural.

Entendemos que, para o funcionalismo, existe a possibilidade de o intérprete desvincular-se mais do texto de partida ou não. Existem contextos em que a necessidade dos receptores do texto de chegada é, por exemplo, justamente entender a sintaxe da língua de partida, nesse caso, o profissional reproduzirá as informações que está recebendo substituindo por equivalentes linguísticos da língua de chegada. Ou seja, para essa teoria, a determinação do *skopos* é de suma importância para a escolha de estratégias de interpretação e que as decisões translatórias sejam tomadas a partir disso e que o profissional tenha justificativas claras para as suas escolhas e decisões.

Nesse sentido, a análise do processo de interpretação à luz da teoria funcionalista contribuirá para que alunos de interpretação entendam que, de alguma forma, eles “devem” processar as informações para que elas cheguem de fato aos receptores. A consciência de que existem estratégias linguísticas de solução de problemas e que são utilizadas durante o processo é/será um passo importante a ser dado para perceberem que, dependendo do *skopos*, de alguma forma devem desvincular-se do texto de partida, mas que isso não significa algo errado ou que as informações não estão sendo interpretadas. Essa consciência só será construída quando eles começarem a olhar para si mesmo no ato da interpretação, observando o que fazem, como fazem, quais decisões foram tomadas, enfrentando-se. Dessa forma, o método que utilizamos no nosso trabalho tornará essa reflexão mais consciente sobre as

³⁷ No original: “The purpose to be fulfilled by translation and interpreting is largely constrained by the target-culture recipients. In essence, the theory holds that the target text must first and foremost conform to the standard of *intratextual* coherence, i.e. it must “make sense” within its communicative situation and culture. Only in the second place must there be *intertextual* coherence, i.e. some relation of fidelity or loyalty (Nord 1991a) to the source text. In this functionalist conception the standard by which professional T&I is to be judged is not the degree of *equivalence* with the original but the extent to which the target text functions as intended within its socio-cultural context.” (PÖCHHACKER, 1995, p. 34).

decisões possíveis. A entrevista retrospectiva permitirá perceber e avaliar suas ações durante a tarefa.

Ainda, sobre a *Skopostheorie* e a sua não arbitrariedade da língua de chegada sobre a tarefa, Vermeer (1989, p. 231, tradução nossa³⁸) argumenta que:

A *Skopostheorie*, portanto, de maneira nenhuma alega que um texto traduzido deveria, *ipso facto*, se conformar ao comportamento ou expectativas da cultura-alvo, que uma tradução deva sempre se “adaptar” à cultura-alvo. Essa é apenas uma possibilidade: a teoria acomoda igualmente bem o tipo oposto de tradução, deliberadamente marcada, com a intenção de expressar características da cultura-fonte por meio da cultura-alvo. Tudo entre esses dois extremos é, portanto, possível, incluindo casos híbridos. Saber qual é o objetivo de uma tradução, estar consciente da ação – esse é o objetivo da teoria *skopos*. A teoria vai contra a crença de que não existe objetivo (em qualquer sentido), que a tradução é uma atividade sem propósito.

O *skopos* (propósito) da tradução ou interpretação pode, portanto, ser concebido por diferentes perspectivas, como afirma Vermeer (1989, p. 224, tradução nossa³⁹):

A noção de *skopos* pode, na verdade, ser aplicada de três formas, e, portanto, três sentidos: ela pode se referir ao: a. O processo tradutório e, portanto, o objetivo desse processo; b. O resultado da tradução e, portanto, a função do *translatum*; c. O modo de tradução e, portanto, a intenção desse modo. Adicionalmente, o *skopos* pode, é claro, ter *sub-skopoi*.

Desse modo, o *skopos* pode ser aplicado durante o processo de tradução/ interpretação desde a sua concepção até a chegada do texto traduzido/interpretado para os receptores do texto-alvo. O autor também indica que, dentro do propósito maior, podem ser identificados *sub-skopoi*, que indicam que o mesmo texto pode ter diferentes propósitos, porém, mantendo a ideia do propósito geral do texto de partida.

3.2 Interpretação simultânea por uma perspectiva funcionalista

³⁸ No original: “The skopos theory thus in no way claims that a translated text should *ipso facto* conform to the target culture behaviour or expectations, that a translation must always “adapt” to the target culture. This is just one possibility: the theory equally well accommodates the opposite type of translation, deliberately marked, with the intention of expressing source-culture features by target-culture means. Everything between these two extremes is likewise possible, including hybrid cases. To know what the point of a translation is, to be conscious of the action—that is the goal of the skopos theory. The theory campaigns against the belief that there is no aim (in any sense whatever), that translation is a purposeless activity.” (VERMMER, 1989, p. 231).

³⁹ No original: “The notion of skopos can in fact be applied in three ways, and thus have three senses: it may refer to (1) the translation process, and hence the goal of this process; (2) the translation result, and hence the function of the *translatum*; (3) the translation mode, and hence the intention of this mode.” (VERMMER, 1989, p. 224).

Buscamos entrelaçar o funcionalismo (que foi constituído, a priori, para a tradução) com a interpretação simultânea envolvendo a Língua Brasileira de Sinais, já que não identificamos nenhum estudo com esse viés. Porém, mais especificamente sobre a interpretação simultânea nas línguas orais e a teoria funcionalista, temos o trabalho de Pöchhacker (1995), que foi realizado com o intuito de discutir questões teóricas e metodológicas sobre a aplicabilidade dos conceitos básicos do funcionalismo à interpretação simultânea profissional em contexto de conferência internacional. Para isso, o autor analisou a atividade desenvolvida em três dias de evento, em que aconteciam interpretações entre o alemão e o inglês, que somaram mais de 14 horas de duração.

A discussão foi sobre a aplicação do *skopos*, da relação intertextual e da cultura da língua, a partir da perspectiva da *Skopostheorie*, na interpretação simultânea de conferência internacional. Doravante as análises feitas pelo autor, ele concluiu, destacando quatro questões importantes: (1) a possibilidade das contribuições entre as teorias dos estudos da tradução para os estudos da interpretação, já que, inicialmente, a *Skopostheorie* foi aplicada na tradução; (2) os conceitos da teoria funcionalista são aplicáveis à interpretação de conferência; (3) os princípios teóricos gerais da tradução e interpretação podem ser bons pontos de partida para um aprofundamento teórico das áreas; e, (4) os pesquisadores de interpretação podem ir além de pesquisas sobre processos e analisar a interpretação em contexto real, analisando o produto final dentro de um contexto e uma cultura específicos.

O estudo de Pöchhacker (1995) inicia uma relação bastante promissora entre a teoria funcionalista e os Estudos da Interpretação, trazendo evidências da aplicabilidade dessa teoria na interpretação simultânea e apresentando a possibilidade de ser essa uma base teórica para a tarefa.

Em relação ao nosso estudo, a pesquisa apresentada por Pöchhacker (1995) traz uma discussão interessante sobre o *skopos*, que para a tradução é mais bem definido do que para a interpretação. Para a tradução, o *skopos* pode ser acordado e ajustado entre o tradutor e o solicitante da tradução, com tempo para revisar esse propósito ou até mesmo alterá-lo, se for necessário. Ou seja, ele é pré-determinado à entrega do produto final e, enquanto não estiver claro ou assertivo, a entrega da tradução pode ser postergada.

Sendo que, para a interpretação, o *skopos* principal pode ser único, contudo, o *sub-skopoi* será uma variante dentro do processo, sendo alterado diversas vezes, sempre que o emissor da informação da língua de partida sentir necessidade de fazer com que o propósito geral da comunicação seja alcançado.

Sobre a interpretação simultânea de conferência, Pöchhacker (1995) concentra a discussão afirmando que ela pode ser considerada um hipertexto que incorpora outros tipos de textos. Por exemplo, em um congresso podem ter as conferências principais (palestras), mesas redondas, as comunicações orais, as apresentações de pôsteres e as oficinas que apresentam individualmente um *skopos* e, dessa forma, não podem ser tratadas de maneira igualitária pela equipe de intérpretes.

Seguindo essa linha de pensamento, Nord (2018) faz algumas considerações sobre o trabalho de Pöchhacker (1995), argumentando que, dentro de cada parte de uma conferência, os receptores da interpretação têm uma expectativa maior sobre o profissional. Segundo Nord (2018, p. 98, tradução nossa⁴⁰),

As pessoas que ouvem a interpretação dependem tanto da percepção auditiva do intérprete, de sua expressão verbal, prosódia, articulação, qualidade da voz e assim por diante, *quanto* da percepção visual dos gestos do falante original, da expressão facial, postura e quaisquer elementos gráficos que o orador possa usar.

Dessa forma, entendemos que, na interpretação simultânea de conferência, existem elementos verbais e “paraverbais”, que seriam esses elementos não-verbais que são produzidos juntamente com as informações verbais na língua de partida, e que o intérprete precisa avaliar se fazem ou não parte do discurso para serem interpretados também, ou se eles por si só são decifráveis para os receptores, como no caso do palestrante apontar para um gráfico.

No caso das línguas de sinais, os elementos paraverbais, geralmente, recebem destaque e não podem ser ignorados, visto que as informações produzidas pelos palestrantes devem ser percebidas na sua totalidade pelo profissional, uma vez que não está em uma posição protegida, como os intérpretes de línguas orais, que estão nas cabines e ficam de frente para os palestrantes. O intérprete de língua de sinais, geralmente, está ao lado do palestrante e, assim, precisa gerenciar essas informações que são produzidas para além do verbal, contando com suas habilidades de percepção visual ou ainda com a ajuda do intérprete de apoio.

Para a tradução ou interpretação de Libras, mais especificamente, Weininger (2014) destaca a importância que os elementos prosódicos podem exercer, estrategicamente, para a direção Libras-Português.

⁴⁰ No original: “The people listening to the interpretation will rely on both the auditory perception of the interpreter’s verbal expression, prosody, articulation, voice quality, and so on, *and* the visual perception of the original speaker’s gestures, facial expression, posture, and any graphic elements that the speaker may use.” (NORD, 2018, p. 98).

Ainda existem elementos que são pertinentes à interpretação simultânea da língua de sinais, que serão analisados e discutidos no *corpus* da nossa pesquisa à luz dos conceitos da *Skopostheorie*. Entretanto, não queremos aqui fomentar a ideia de que as particularidades da língua de sinais fazem com que as discussões teóricas sejam exclusivas a elas, mas, queremos corroborar com a ideia de que a interpretação envolvendo línguas visuais são particulares e terão fenômenos específicos a elas, como existem na interpretação em determinados pares de línguas, como o Inglês-Alemão.

4. MODELO DE PROCESSO NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA

O processo da interpretação simultânea é complexo e exige o gerenciamento de diferentes demandas que coocorrem em um fluxo contínuo para que a tarefa seja realizada. No nosso estudo, pretendemos “entender os meios para justificar o fim”. Dessa forma, discutimos, neste capítulo, o modelo de processo de interpretação simultânea proposto por Gile (2009), que acreditamos que seja aplicável a nossa proposta. Porém, para contextualizar o autor e de onde parte o modelo proposto por ele, apresentamos seus estudos, que a antecederam e que marcaram a área dos Estudos da Interpretação, justamente pela sua inteligibilidade.

Inicialmente, Gile (1992) discute os componentes teóricos que fazem parte do treinamento de tradutores e intérpretes. Nesse trabalho, o autor apresenta os benefícios desses componentes para a formação dos futuros profissionais e, ainda, introduz a discussão do “Modelo dos Esforços” para a Interpretação, que é focado na formação de intérpretes. O autor discute o modelo aplicado à interpretação consecutiva, já que, usualmente, é a primeira etapa para o aprendizado da interpretação.

Gile (1992) ainda define quais são os esforços para esse tipo de interpretação, em duas etapas. Na primeira, (L) é a operação de ouvir e analisar as informações da língua de origem; (M) é a operação de memória de curto prazo para ouvir a informação e a escrita nas notas; (N) operação de tomada de notas. Essas operações são chamadas de requisitos de capacidade e podem ser compartilhadas entre elas, não sendo distribuídas na mesma medida. São representadas pelo autor pela fórmula: $\text{Requisitos totais} = L_r + M_r + N_r$

Na segunda etapa, o intérprete reconstrói a informação (C), lê as notas (LN) e produz a fala da língua de chegada (P).

Nesse trabalho, identificamos que o objetivo inicial do “Modelo dos Esforços” vem justamente como forma de ajudar os intérpretes a identificarem as dificuldades durante o processo e a ajudá-los no gerenciamento. Gile (1992, p. 191, tradução nossa⁴¹), falando sobre os estudantes de interpretação, afirma que:

⁴¹ No original: “In simultaneous interpreting, they also find it difficult to cope with a number of well-known problems. The Effort Models are designed to help them understand these difficulties and select appropriate strategies and tactics. They are based on the concept of Processing Capacity and on the idea that some mental operations in interpreting require much Processing Capacity. When needs exceed availability, these operations are difficult to perform.” (GILE, 1992, p. 191).

Na interpretação simultânea, eles também acham difícil lidar com vários problemas bem conhecidos. Os Modelos de Esforço são projetados para ajudá-los a compreender essas dificuldades e selecionar estratégias e táticas apropriadas. Eles são baseados no conceito de Capacidade de Processamento e na ideia de que algumas operações mentais de interpretação requerem muita Capacidade de Processamento. Quando as necessidades excedem a disponibilidade, essas operações são difíceis de executar.

O objetivo inicial do modelo nos permite justificar a utilização dele em nossa pesquisa com o mesmo intuito, de entender as etapas do processo de interpretação para compreendermos as escolhas de estratégias.

Posteriormente, Gile (1995) publicou um livro com o intuito de discutir e embasar a formação dos tradutores e intérpretes, que tem como base as etapas dos processos, com o objetivo de ajudar o estudante a identificar as dificuldades e a escolher as melhores estratégias e táticas. Discutindo e tendo como base o Modelo dos Esforços, o autor discorre sobre a tarefa, evidenciando o que ocorre durante o procedimento e as tomadas de decisões que podem sobrecarregar o processo.

O trabalho de Gile (1999), que teve como título “Testing the Effort Models’ tightrope hypothesis in simultaneous interpreting - A contribution”, foi constituído com base em um experimento para comprovar o Modelo dos Esforços que, na época, havia recebido críticas por outros autores por ser muito vago e genérico, constatando obviedades, mas não explicando os processos mentais da interpretação simultânea. Assim, Gile (1999), para comprovar a teoria, fez uma experiência envolvendo 10 profissionais que atuavam com o par linguístico Inglês-Francês, em que eles realizaram a interpretação de uma entrevista de 1’ e 40” (um minuto e quarenta segundos) duas vezes seguidas.

Na análise das interpretações, feita por Gile, foram identificadas falhas (erros e omissões) tanto na primeira interpretação quanto na segunda. Dessa forma, o autor comprovou a sua teoria com dois argumentos principais: (I) o problema não está no nível de dificuldade do texto a ser interpretado, e sim na limitação da capacidade cognitiva disponível do profissional, que trabalha com ela sempre perto do máximo; e, (II) existe uma crença (senso comum) de que, se o intérprete conhece o texto, o trabalho é executado sem erros ou omissões. Porém, o experimento contraria essa opinião, pois na segunda interpretação do mesmo texto, deveriam ocorrer muito menos erros e omissão, o que não foi observado. Nesse sentido, comprovou que o intérprete sempre trabalha no limite da capacidade cognitiva, em uma corda bamba e que, a qualquer momento, ele pode “escorregar” ou “cair”, mesmo que ele treine e conheça o trajeto.

Ainda nesse estudo, Gile (1999) descreve no “Modelo dos Esforços”: (A) a audição e a análise envolvem todas as ações que são voltadas para o recebimento e para a análise completa do texto na língua fonte; (M) a memória é a ação de reter e disponibilizar informações na memória de curto prazo do texto da LF; (P) a produção que é todas as ações, até a concretização da produção do texto na LA; (C) a coordenação de todos os esforços simultaneamente de forma equilibrada para que o processo não falhe. Em estudo mais recente, Gile (2015) destacou a especificidade da interpretação que envolve língua de sinais, alterando o esforço de audição e de análise para esforço de recepção (ver os sinais ou ouvir as palavras) e análise.

Ainda sobre as especificidades da interpretação simultânea de língua de sinais, Gile orientou o trabalho final para o doutoramento de Sophie Pointurier-Pournin em 2014, em que ela identificou dois esforços: (IIS) a interação imediata com os receptores surdos, que é a ação de administrar o *feedback* recebido, em que, em alguns casos, o intérprete deve responder aos receptores para que a mensagem seja mais eficaz; e (AGE) Esforço de autogestão no espaço, que corresponde à gestão do posicionamento do intérprete em relação ao palestrante e/ou materiais de apoio, para que ele e o público alvo tenham visibilidade sobre todos os elementos do conteúdo de partida.

Por mais que tenhamos percorrido alguns anos entre os trabalhos publicados pelo autor, focaremos a nossa atenção no estudo de Gile (2009) que discute e apresenta um modelo do processo de tradução⁴² e interpretação para estudantes, professores e profissionais da área, com o intuito de aplicar e exemplificar a teoria na prática. Segundo Gile (2009, p. 74, tradução nossa⁴³):

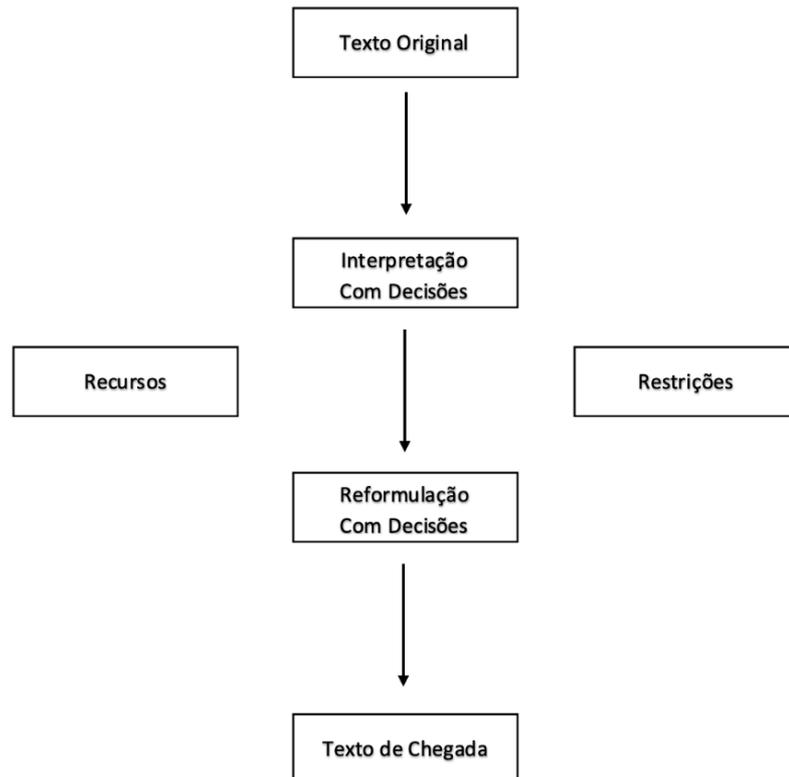
Em cada fase da compreensão, o segmento relevante do texto de partida é interpretado com os recursos existentes e, assim, são tomadas decisões. Na fase de reformulação, ocorrem as tomadas de decisões sobre a escolha das palavras e estruturas linguísticas a serem utilizadas, mas também sobre a seleção das informações a serem mantidas, modificadas, adicionadas por meio de explicações, novamente, de acordo com os recursos e as limitações, incluindo as especificações do cliente, o conhecimento que parece razoável imputar aos leitores ou aos ouvintes da Tradução etc.

⁴² Gile (2009) defini Tradução, com letra maiúscula, como sendo hiperônimo para “tradutor e intérprete” e texto para “texto e fala”.

⁴³ No original: “Lors de chaque phase de compréhension, le segment de Texte de départ concerné est interprété avec les ressources existantes et des décisions sont prises. Lors de la phase de reformulation, des décisions interviennent dans le choix des mots et des structures linguistiques à employer, mais aussi dans la sélection des informations que l’on gardera, que l’on modifiera, que l’on ajoutera par explication, là aussi en fonction des ressources et des contraintes, y compris le cahier des charges du client, les connaissances qu’il semble raisonnable d’attribuer aux lecteurs ou auditeurs de la Traduction, etc.” (GILE, 2009, p. 74).

O modelo proposto é chamado de IDRR⁴⁴, que significa “Interpretação – Decisões – Recursos – Restrições”, que é apresentado pelo autor em formato de esquema, conforme figura 1:

Figura 1 – Modelo de processo de Interpretação “Interpretação – Decisões – Recursos – Restrições”, proposto por Gile (2009)



Fonte: Gile (2009, p. 249)

Gile (2009) destaca quatro características importantes do modelo IDRR: (1) é um modelo descritivo, podendo abarcar reflexões de diferentes vertentes teóricas sobre a Tradução; (2) é um modelo para o processo da Tradução e não para o produto final, dessa forma, não contempla a linguística descritiva, por exemplo; (3) o conceito da interpretação, que nesse caso está sendo usado no sentido de entendimento da informação recebida da língua de partida, ocupa um dos lugares centrais do modelo por ser a parte da compreensão e que, segundo o autor, o processo de compreensão da fala contempla um conjunto complexo de operações cognitivas, mas não destaca quais são; e, (4) as decisões do tradutor ocupam o outro lugar de destaque no modelo e estão ligadas diretamente ao processo de compreensão,

⁴⁴ No original: Intérpretation – Décisions – Ressources – Contraintes.

uma vez que é a partir das decisões dele que surge a escolha das unidades de Tradução⁴⁵, o nível de análise dessas unidades, adequação com os recursos disponíveis, normas aplicáveis à Tradução e à identificação das restrições existentes para ela. Na reformulação, a tomada de decisão é muito presente, pois o Tradutor opta pelo léxico e a estrutura para compor o texto de chegada, decidindo estrategicamente por uma adição ou omissão, por exemplo.

No esquema (FIG 1), vemos os “recursos” para a Tradução, que o autor entende como: (I) – Recurso linguístico; (II) – Conhecimento declarativo; (III) – Habilidades sociais, comunicativas, linguísticas e cognitivas; (IV) – Habilidades técnicas; (V) – Recursos externos (dicionários, glossários, base de dados etc.) e (VI) – Competências administrativas, organizacionais e comerciais que estão disponíveis para o tradutor durante o processo.

De acordo com Gile (2009), as “restrições” no Modelo IDRR são os limites que o Tradutor tem em cada um desses recursos que estão disponíveis, ou seja, os limites nos recursos linguísticos. Por exemplo, quando o Tradutor não encontra em seu repertório linguístico da língua de chegada um “equivalente” para uma determinada terminologia que recebeu da língua de partida.

Esse modelo de processo de Tradução apresentado por Gile (2009) contribui para a reflexão do nosso estudo no sentido de que podemos ver quais são os passos que o Tradutor percorre durante a tarefa e também pela sua inteligibilidade em ser aplicado. Podemos identificar que as estratégias linguísticas de solução de problemas são acionadas durante os passos 2 (interpretação com restrições) e 3 (reformulação com decisões).

Nesse sentido, o fluxo de processo do modelo de Gile (2009) mostra-nos em qual das etapas a análise das restrições dos textos da língua de partida e chegada são realizadas e, principalmente, quando a tomada de decisão é aplicada. A questão importante a ser destacada é a etapa de monitoramento da aplicação da estratégia linguística de solução de problemas, uma vez que a escolha pode ser equivocada e resultar em problemas mais sérios, como o desvio das informações da língua de partida.

⁴⁵ Gile (2009) define que as unidades de Tradução podem ser palavras, frases, proposições, grupos de frases e textos. A discussão mais aprofundada pode ser encontrada em Gile (1995 e 2005).

5. ESTUDOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS

Neste capítulo apresentamos as discussões sobre as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea, apresentando-os cronologicamente, discutindo e buscando o ponto convergente com o nosso trabalho.

Importa ressaltar nem todos os trabalhos apresentados aqui têm uma perspectiva contemporânea sobre as tarefas de traduzir e interpretar, podendo ter uma visão teórica ultrapassada, como um conceito de fidelidade palavra por palavra, ainda presente em muitos dos estudos mais antigos que analisam esses objetos. Entretanto, buscaremos extrair desses trabalhos o que pode auxiliar em nossa pesquisa, sem, contudo, deixar de discutir o que julgamos ultrapassado ou não aplicável à interpretação de línguas de sinais.

Evidenciaremos com esses trabalhos que as discussões sobre as estratégias linguísticas de solução de problemas vêm se desdobrando ao longo de mais de cinco décadas nos Estudos da Tradução e Interpretação (ETI). Além disso, por mais que sejam visões ultrapassadas, contribuíram para a área de alguma forma e não poderíamos deixar de citá-los em nossa pesquisa.

Outra questão importante é que não esgotaremos todos as discussões de estudos sobre um dos objetos (estratégias): todos os estudos que analisam omissão de informação na interpretação simultânea, tendo em vista que nosso intuito é apresentar e discutir as diferentes estratégias que já foram debatidas na literatura dos Estudos da Tradução e Interpretação (ETI).

Para iniciarmos, retomamos o que foi evidenciado até o momento, que o profissional lida com problemas durante a interpretação (que podem ser específicos de pares linguísticos, no nosso caso, Português-Libras) e dificuldades que são particulares dos próprios profissionais. Nesse sentido, é inevitável que o intérprete tenha e saiba utilizar as estratégias linguísticas de solução de problemas.

Riccardi (2005, p. 755, tradução nossa) afirma que

As estratégias aplicadas para alcançar o objetivo comunicativo intrínseco à interpretação simultânea são úteis a este respeito, pois, ao mesmo tempo que mostram a relação entre o discurso original e o texto interpretado, podem indicar quais as soluções de interpretação aplicadas pelo intérprete, levando em consideração a configuração comunicativa em que foram realizadas.

Dessa forma, a autora sugere que as estratégias podem apontar o procedimento utilizado pelo intérprete para solucionar problemas ou dificuldades. Assim, Riccardi (2005) nos aponta a metodologia que utilizamos em nossa pesquisa para identificar a ocorrência das estratégias. Com uma análise contrastiva (Português e Libras) identificamos as estratégias utilizadas pelos sujeitos e com o auxílio da entrevista retrospectiva feita com os próprios profissionais encontraremos esclarecimento sobre os motivos, os procedimentos que eles utilizaram para solucionar os problemas ou dificuldades enfrentadas e o grau de consciência sobre o uso dessas estratégias.

Sobre a necessidade e utilização das estratégias linguísticas de solução de problemas, temos uma discussão importante de Gile (2009, p. 211, tradução nossa⁴⁶), que as chama de táticas de interpretação e respalda sua utilização e o que o profissional deve ter como objetivo principal. Segundo o Gile (2009, p. 2011):

Os intérpretes não escolhem táticas aleatoriamente. Eles parecem seguir ‘leis’ (o termo é usado aqui para nomear tendências encontradas em seu comportamento, não no mesmo sentido de regras prescritivas), às vezes conscientemente, mas, frequentemente inconscientemente.

Assim, o autor apresenta as “leis de seleção de táticas para a interpretação simultânea” que compilamos no quadro a seguir.

Quadro 3 – Quadro síntese das “Leis de Seleção de Táticas para a Interpretação Simultânea”

Lei	Nome	Definição
1	Maximizar a recuperação de informações	Intérpretes geralmente consideram que é seu trabalho tentar reformular <i>toda</i> a Mensagem do orador em sua língua-alvo. Táticas que levando à recuperação máxima de informações, como a reconstrução a partir do contexto, usando a ajuda do colega de cabine e documentos de consulta são preferidas em vez de substituir termos com superordinários, o que carrega um risco maior de perda imediata de informações no discurso na língua-alvo; isso, por sua vez, é favorecido em lugar da omissão. Como afirmado anteriormente várias vezes, a ausência de informações no discurso da língua-alvo não necessariamente implica que as informações são perdidas para a audiência. O intérprete pode decidir tomar a responsabilidade de decidir se as informações já são conhecidas ou se podem ser redundantes, tendo sido apresentadas em outra parte do discurso ou em uma imagem na tela. Também observe que informações não são sempre o centro da comunicação em interações interpretadas simultaneamente, um exemplo notável sendo programas de TV.
2	Minimizar a interferência na	Devido à pressão de tempo, a maneira como um segmento é processado afeta a disponibilidade da capacidade de processamento para outros segmentos. Por esse

⁴⁶ Para maiores informações e ver original essa tabela contém informações que foram traduzidas e adaptadas de Gile (2009, p. 211).

	recuperação de informações.	motivo, maximizar a recuperação de informações em um segmento pode ter um efeito negativo sobre o processamento e transmissão de outras informações para a audiência. A segunda lei para a seleção de táticas se baseia nessa consciência por parte dos intérpretes de buscar recuperar o máximo possível de informações em cada segmento sem colocar em risco a recuperação de outros segmentos.
3	Maximizando o impacto da comunicação do discurso	Um ato de comunicação, incluindo a interpretação, tem um objetivo (ou vários) e o intérprete tenta servi-lo de acordo com certos princípios de lealdade. Em discursos especializados na interpretação de conferências, maximizar o impacto da comunicação é frequentemente equivalente a maximizar a recuperação de informações. Quando interpretando entrevistas para programas de TV, o impacto de comunicação às vezes depende mais da atmosfera e continuidade do fluxo de comunicação bem como da sincronicidade (espera-se que o intérprete não fique para trás e deixe o entrevistador e os telespectadores esperando) do que em informações – incidentalmente, a sincronicidade da interpretação simultânea parece ficar bem alto para audiências em conferências gerais também, pelo menos julgando por um estudo realizado por Moser (1997). Isso coloca no topo da lista de prioridades táticas que economizem tempo, talvez sacrificando a recuperação de informações.
4	Mínimo Esforço	Essa quarta lei não se relaciona especificamente com táticas de interpretação – parece prevalecer em todas as áreas da atividade humana (ZIPF, 1949), incluindo línguas (MILLER, 1962). Essa lei tende a reforçar a Lei 2 sobre a minimização de interferências, já que favorece táticas que requerem menos tempo e capacidade de processamento; mas suas razões são diferentes e ela parece levar a táticas envolvendo menos esforço mesmo quando a capacidade de processamento está disponível. Por causa da intensidade da interpretação em termos de gastos nervosos, pode-se argumentar que ela protege o intérprete da exaustão, e, portanto, que em alguns contextos ela pode ser justificada. No entanto, na modalidade simultânea, intérpretes tomam turnos na cabine e descansam entre eles, de modo que não precisam realmente economizar energia quando estão ativos. Essa lei pode, portanto, ser considerada um intruso que não é bem-vindo, o que pode gerar perda de informações e perda de impacto sem boas razões.
5	Autoproteção	É um fato da vida que intérpretes frequentemente não conseguem entender ou reformular segmentos de um discurso de maneira que <i>eles</i> consideram satisfatório. Pensando sobre as possíveis reações de seus ouvintes sobre o que consideram um desempenho ruim ou medíocre, eles podem ficar tentados a dar precedência a táticas que não demonstram ou destacam esses problemas. Por exemplo, eles podem evitar informar a audiência sobre um problema, não com o legítimo objetivo de maximizar o impacto do discurso (Lei 3), mas com o propósito de proteger a si mesmos, às vezes indo contra as Leis 1 e 3. É difícil estabelecer na área que qualquer tática individual foi selecionada na cabine para o propósito de autoproteção mas, com o tempo, intérpretes de fato detectam a presença de uma tendência de autoproteção em alguns colegas.

Adaptado de Gile (2009, p. 211, tradução nossa)

Destacaremos na seção seguinte autores dos Estudos da Interpretação (EI) que discutem os fenômenos que acontecem durante a tarefa (que tratamos de estratégias

linguísticas de solução de problemas) por diferentes perspectivas, ora mais tradicionais, onde faremos os devidos destaques dos pontos fortes e/ou as lacunas que não se relacionam com a nossa perspectiva. Sendo que, ao final desse capítulo faremos um apanhado geral das estratégias linguísticas de solução de problemas e os respectivos autores dos EI e, que além da importância e por ser onde o nosso trabalho se inscreve, embasará a análise dos nossos dados.

5.1 Estudos da Interpretação e as estratégias linguísticas de solução de problemas

Os Estudos da Interpretação (EI) têm uma posição clara em relação às estratégias linguísticas de solução de problemas tendo-as como objeto de pesquisa há décadas. Nesta subseção, apresentaremos autores que tratam dessa temática, mesmo que seja por uma perspectiva tradicional, ou seja, autores que defendem a impossibilidade de alteração de qualquer natureza na informação do texto de partida. Porém, são trabalhos que cunharam os primeiros estudos e desdobraram as discussões que temos atualmente. O intuito de mapearmos trabalhos dos ETI, além de tudo, é de valorizarmos as pesquisas que iniciaram essas discussões.

Vale destacar que os trabalhos citados nesta seção são de diferentes datas e perspectivas, desse modo, optamos por mantermos as citações o mais próximas do texto original para deixar essas questões delineadas. Dessa forma, utilizamos as terminologias dos respectivos autores, como “texto fonte” e “texto alvo” ou “língua fonte” e “língua alvo”.

Para iniciarmos, temos o trabalho de Barik (1975), que foi um dos primeiros estudiosos a investigar o processo de interpretação simultânea entre o Inglês e o Francês, discutindo omissões, adições, substituições e erros que acontecem na interpretação simultânea e que, segundo Barik (1975, p. 272, tradução nossa), é “um fator crítico na interpretação” sendo “a habilidade do intérprete para segmentar a mensagem recebida em locais linguisticamente apropriadas. Não fazer isso pode levar a uma série de dificuldades e desempenho inadequado”. Assim, o autor sugere que essa habilidade pode evitar problemas e, até mesmo, os erros, além de contribuir para o gerenciamento entre o recebimento e análise do texto de partida, armazenar e disponibilizar na memória as informações extraídas dele e a produção do texto de chegada para os devidos receptores. No quadro 4, apresentamos as definições do autor.

Quadro 4 – Categorias de afastamento na tradução apresentadas por Barik (1975)

Estratégias	Definição
-------------	-----------

Omissão	Itens presentes na versão original, que são deixados de fora da tradução feita pelo tradutor (exclusivo de repetições contextualmente irrelevantes, falso início, enchimentos, tais como “você sabe” etc., e excluindo também material que não pode ser encontrado na tradução devido ao seu envolvimento em uma substituição ou erro de tradução, o que, necessariamente, consiste na “omissão” de um item e a “adição” de outro em seu lugar).
Adição	Itens não devem ser encontradas no original, que são adicionados ao texto pelo tradutor (exclusivo de repetições, falsos começos etc., por parte de tradutor, e de novo material introduzido em conjunto com uma substituição ou erro de tradução).
Substituição e Erro	Material substituído pelo tradutor para algo dito pelo orador e envolvendo um segmento de discurso que vai desde um único item lexical para uma unidade de frase completa.

Fonte: Barik (1975, tradução nossa)

A pesquisa apresentada pelo autor, sem dúvidas, é importante para a área dos EI, investigando elementos que surgem durante o processo. Entretanto, nota-se que o autor classifica esses fenômenos (omissão, adição, substituição e erro) como “categorias de afastamento da tradução”, evidenciando um pensamento tradicional da época. Contudo, podemos extrair algumas informações relevantes para o nosso estudo, uma vez que as definições apresentadas pelo autor podem ser observamos de uma outra perspectiva. Nesse sentido, entendemos que as ocorrências durante a tarefa não necessariamente geram um afastamento da língua de partida em relação à língua de chegada, mas essas estratégias de solução de problemas são utilizadas pela necessidade criada pelo contexto da interpretação, a cultura e as línguas envolvidas, os receptores presentes etc. Dessa forma, podemos destacar a necessidade do desenvolvimento de uma consciência estratégica, do que são as estratégias, como aplicá-las e o que pode acarretar, é extremamente importante para a realização da atividade.

Em 1986, temos o trabalho de Dennis Cokely, que analisou dez interpretações entre o Inglês e a Língua de Sinais Americana no contexto de conferência. O autor identificou alguns fenômenos que ele nomeou de equívocos e, assim, propôs uma taxonomia (QUADRO 5).

Quadro 5 – Taxonomia dos Equívocos proposto por Cokely (1986)

Equívoco	Definição
Omissão	Esta categoria refere-se a casos em que a informação lexical transportada da língua de partida tem sido deixada de fora da interpretação na língua de chegada. Embora não haja expectativa de uma correspondência de um-para-um entre a língua de partida e a língua de chegada, há claramente uma expectativa de que a informação produzida na mensagem da língua de partida será transmitida na interpretação da língua de chegada.
Adição	Esta categoria refere-se à informação que aparece na mensagem de língua de chegada, mas

	não aparece na mensagem na língua de partida.
Substituições	Esta categoria abrange os casos em que a informação contida na mensagem da língua de partida foi substituída na mensagem da língua de chegada por informações em desacordo com a intenção da mensagem na língua de partida.
Intrusões	Casos em que a estrutura da língua de chegada é ignorada e o intérprete opta pela estrutura da língua de partida, nesse caso são consideradas intrusões (da língua de partida na língua de chegada).
Anomalias	Esta categoria refere-se a casos em que a mensagem da língua de chegada não tem sentido ou é confusa e que não podem ser razoavelmente compreendidas ou explicadas por outros tipos equívocos.

Fonte: Cokely (1986, tradução nossa)

No trabalho apresentado por Cokely (1986), podemos identificar a mesma perspectiva tradicional trazida na pesquisa de Barik (1975), tratando essas estratégias (QUADRO 4 e 5) como fenômenos “estranhos”, que surgem na língua de chegada, comparando-os com algo que deu errado e não como uma ferramenta a ser utilizada.

O intuito de Cokely era compreender se o tempo de atraso (*lag time*) da mensagem da língua de partida em relação à língua de chegada tinha alguma influência na quantidade de “equívocos” identificados nas interpretações, concluindo o pesquisador que quanto menor o tempo de atraso (1 a 4 segundos), mais equívocos são produzidos. Segundo o autor, essa relação deve-se pelo menor tempo para processar as informações disponíveis para os intérpretes, enquanto quanto mais tempo de atraso (1 a 6 segundos), mais informações disponíveis e melhores serão as escolhas do profissional.

Interessante destacar que pesquisas dos Estudos da Interpretação de Língua de Sinais são produzidas há mais de 30 anos, discutindo assuntos pertinentes à área e contribuindo significativamente para as discussões acadêmicas sobre o fazer interpretativo. Entretanto, ainda não se tem um diálogo mais estreito entre os estudos da interpretação das línguas de sinais com o da interpretação das línguas orais, o que pode ocasionar frustração quando tais pesquisas poderiam contribuir com o profissional em seu contexto de atuação.

Alguns anos mais tarde, quase 10, temos uma pesquisa extremamente relevante e que também destaca a necessidade do desenvolvimento da competência de uso das estratégias linguísticas de solução de problemas, que é o trabalho de Lawrence (1994). A pesquisa apresenta a expansão do discurso produzido em Língua de Sinais Americana como um recurso linguístico que é utilizado para deixar a informação em língua de sinais mais clara.

Dessa forma, podemos afirmar que a utilização dessa estratégia é essencial para um desempenho satisfatório durante a tarefa.

A pesquisa teve por objetivo discutir a aquisição da estratégia de expansão tanto por aprendizes que estão adquirindo a língua de sinais como segunda língua, como por intérpretes de língua de sinais. Com base nessa discussão, a autora apresenta as categorias de expansão descritas no quadro 6.

Quadro 6 – Taxonomia da estratégia de expansão proposto por Lawrence (1994)

Categorias da expansão	Definição
Expansão de contraste	É utilizado para apresentar o ponto positivo e o ponto negativo sobre uma ideia.
Expansão de lapidação	É utilizado sinais sinônimos ou frases sinônimas para apresentar um único conceito, deixando em aberto para os receptores do texto de chegada escolher qual a melhor opção.
Expansão de reiteração	É utilizado a repetição de um sinal ou uma frase com o objetivo de dar ênfase aquele seguimento.
Expansão de uso do espaço 3D	É utilizado como recurso da língua de sinais com o objetivo de transmitir detalhes ou a descrição do que está sendo produzido na língua de partida.
Expansão de exemplificação	É utilizado para esclarecer um conceito mais amplo, por exemplo: ele utilizou uma arma (faca, revolver etc.).
Expansão de estrutura de apoio	É utilizada para introduzir o assunto do discurso que ainda será produzido na língua de partida, com o objetivo de que a mensagem esteja clara quando for interpretada.
Expansão de descrição	É utilizada para descrever a ação que está implícita na língua de partida, por exemplo: “ele esteve presente na construção do prédio”, interpretado como, “ele veio todos os dias, acompanhou a construção do prédio”.

Fonte: Lawrence (1994, tradução nossa)

A discussão apresentada por Lawrence (1994) destaca algo importante para a formação dos intérpretes de língua de sinais, pois mostra uma característica que faz parte das línguas de sinais, por se tratar de línguas que priorizam questões visuais para se expressarem. Nesse sentido, a expansão deve fazer parte do repertório do profissional no momento da tarefa e, além disso, deve-se saber trabalhar com o acúmulo de informações da língua de partida, enquanto as informações já recebidas estão sendo expandidas.

Podemos relacionar a estratégia de expansão com a estratégia de adição de informação (QUADRO 5). Nos dois casos são informações que não foram produzidas na língua de partida, porém o intérprete optou por adicioná-la, uma vez que decidiu deixar o discurso para

os receptores mais claro, ou mais do que isso, utilizou um recurso da língua de sinais. Porém, destacamos que a utilização dessa estratégia dependerá do controle do fluxo de informação da língua de partida que chega ao profissional e o tempo disponível para a expansão. Por exemplo: se o intérprete estiver com o *lag time* em relação à língua de partida muito estendido, o tempo que ele terá para a expansão é curto e, caso ele opte por utilizá-la, poderá perder informações que estão armazenadas na memória, esperando para serem produzidas ou as que ainda chegarão.

A pesquisa de Kohn e Kalina (1996), dois anos mais tarde, apresenta uma perspectiva estratégica da interpretação, discutindo principalmente o conceito de ‘modelagem mental’ baseado no discurso que serve para a descrição da operação durante a tarefa, incluindo as estratégias. Para essa reflexão, eles analisam o processo de interpretação juntamente com dados introspectivos. A partir dessas análises, comentam a utilização das estratégias, porém, infelizmente nesse artigo eles não apresentam uma definição dos conceitos básicos nem dos tipos das estratégias.

Alessandra Riccardi (1998), apresentou um trabalho sobre as estratégias na interpretação e a criatividade. Para isso, ela fez uma discussão inicial sobre a criatividade humana, destacando como podemos ser criativos em nossas atividades. Contudo, ela acrescenta que em primeiro momento a interpretação simultânea pode ser pouco criativa, já que a tarefa pode ser entendida como a transmissão de pensamentos e ideias de uma pessoa em outra língua. Entretanto, a autora argumenta que a interpretação é uma tarefa que deve ser desempenhada com muita criatividade já que ela é um processo de tomada constante de decisões. Sobre isso, Riccardi (1998, p. 172, tradução nossa)⁴⁷ explica que,

A partir de um conjunto limitado de sinais ou elementos que se desdobram continuamente, sem interrupção ou pensamento por mais do que alguns segundos, o intérprete tem que chegar à conclusão correta ou ser capaz de antecipar a mensagem de tal modo que ele possa organizar sua produção linguística corretamente. Ao fazê-lo, o intérprete não está simplesmente repetindo algo que já foi dito por outra pessoa, mas também se engajando em um processo criativo ou produtivo.

Para discutir as estratégias em seu trabalho, Riccardi (1998) faz uma comparação com estudantes de interpretação e intérpretes profissionais do Alemão para o Italiano. A autora cita dois tipos de estratégias, as que são baseadas em conhecimento e as que são baseadas em

⁴⁷ No original: From a limited set of cues or elements continuously unfolding, with no interruption or thinking longer than a few seconds, the interpreter has to come to a correct conclusion or be able to anticipate the message in such a way that he can organize his language output correctly. In doing so, s/he is not simply repeating something said by somebody else, but also engaging in creative or productive process.

habilidades. Quanto maior a experiência, mais estratégias baseadas em habilidades estão no repertório dos intérpretes profissionais. Dessa forma, a autora destaca que uma das principais diferenças entre esses grupos é que os intérpretes profissionais desenvolvem estratégias a partir das experiências (estratégias baseadas em habilidades) e as tornam automatizadas para diminuir a sobrecarga cognitiva, sabendo, ainda, evitar a perda de informações, contrapondo os estudantes, que ainda não tem um repertório de estratégias (baseadas em conhecimento) e acabam perdendo informações quando precisam aplicar alguma estratégia para manter o fluxo da produção de informações.

Sobre a criatividade na interpretação, Riccardi (1998, p. 176, tradução nossa)⁴⁸ destaca que

os intérpretes, em seu papel de especialistas, são mais capazes de integrar as partes em unidades relevantes. Eles possuem uma visão geral do texto corrente e conseguem integrar melhor elementos linguísticos a elementos não-linguísticos. Ao fazer isso, eles são capazes de reestruturar a ordem das palavras da frase do texto-fonte em uma ordem de palavras adequada à língua-alvo. Os iniciantes tendem a manter a mesma ordem de palavras em ambas as línguas. Existem níveis diferentes de interpretação; quanto mais a estrutura do texto-fonte se assemelhar à estrutura da língua-alvo, menos criativa ela é. Uma interpretação criativa pode ser definida como uma interpretação que não é influenciada pela estrutura da língua-fonte.

No ano de 1998 tivemos a publicação de um trabalho importante de Roderick Jones sobre a interpretação de conferência, que veio com o objetivo descrever as técnicas utilizadas por profissionais, nesse contexto. Entretanto, o autor alerta que não se encontra no livro como são adquiridas essas técnicas, assim ele descreve a obra como sendo modesta no sentido de um profissional descrever essas técnicas de forma não teórica, não sendo escrito para ser um manual de ensino, como o autor ressalta. Ao mesmo tempo ambiciosa por ser concebida para contribuir em uma lacuna nos Estudos da Interpretação, descreve as técnicas utilizadas na interpretação de conferência.

Assim, com base nas discussões apresentadas por Jones (1998) compilamos as seguintes estratégias:

⁴⁸ No original: Interpreters as experts are able better to integrate parts into meaningful units. They have an overview of the developing text and can better integrate linguistic with extra-linguistic elements. In so doing, they are able to restructure the word-order of the sentence of the source-text in a suitable word-order of the target-language. Novices tend to keep the same word-order in both languages. There are different levels of interpreting; the more the target-text structure resembles the source-language structure, the less it is creative. A creative interpreting performance may be defined as one which is not influenced by the source-language structure.

Quadro 7 – Estratégias segundo Jones (1998)

Estratégia	Definição
Reformulação	Ocorre quando o intérprete encontra um conceito que não existe na língua de chegada, podendo ser de ordem cultural, técnica ou linguística (sintaxe) e precisa reformular a informação para que faça sentido aos receptores.
Técnica do Salame	Ocorre quando o intérprete encontra sentenças longas e complexas. Assim, o intérprete deve “cortá-la” em pedaços menores (daí vem o nome dessa estratégia) para conseguir produzi-la. A relação entre as partes menores deve ser feita apropriadamente na língua de chegada.
Simplificação	Ocorre quando o intérprete encontra um texto altamente técnico e opta por simplificar as informações para que os receptores entendam o que está sendo dito.
Generalização	Ocorre quando o intérprete precisa gerenciar melhor o seu tempo quando encontra um fluxo grande de informações ou um(a) palestrante que fala rápido, ele opta por generalizar.
Omissões (sob pressão) e falas rápidas	Ocorre quando o intérprete encontra informações técnicas e/ou palestrantes que falam rápido e não conseguem resolver com a simplificação e nem a generalização, sendo pressionado a omitir algumas informações. Sendo que as informações essenciais devem ser mantidas, devendo optar por omitir informações que são ilustrativas e digressões.
Resumo e Recapitulação	Ocorre quando o intérprete sente a necessidade de “recapitular” o que o palestrante já mencionou no decorrer do discurso fazendo um “resumo” desse ponto em questão. Essa estratégia não indica que a informação principal será substituída por um resumo, mas, que se somando a ela com o objetivo de recapitular uma informação já apresentada.
Explicação	Ocorre quando o intérprete encontra uma informação ou situação específica (como referências culturais) que deve ser explicado para os receptores. Lembrando que é uma estratégia que demanda tempo e se não houver tempo para isso, ele não deve forçar essa explicação em detrimento de outras informações que está recebendo.
Antecipação	Ocorre quando o intérprete consegue inferir qual o caminho que a informação que está recebendo vai percorrer e antecipa a entrega dela para os receptores. Essa estratégia pode contribuir para que ele consiga trabalhar em informações subsequentes.

Fonte: Jones (1998)

O quadro 7, mostra as principais técnicas de interpretação simultânea em conferência apresentadas por Jones (1998). Contudo, a “técnica do salame”, ou segmentação, segundo Lee (2007), podemos categorizar como um método para facilitar o processamento da informação e a produção na outra língua. Sendo que as outras estratégias (simplificação, generalização, omissão, resumo e recapitulação, explicação e antecipação) são ferramentas (estratégias) para que a informação chegue aos receptores (objetivo), ou seja, mesmo que elas apresentem

“problemas” ou “dificuldades” para o intérprete, uma delas servirá para resolver essa questão e não interromper o processo até que chegue ao destino.

Já a estratégia de simplificação apresenta-se controversa, pois a interpretação de conferência tem característica técnica e em geral existe um “distanciamento” do palestrante do seu público, distância cultural ou de conteúdo que nem sempre trabalhamos, as palestras podem conter informações prévias ao evento necessárias para entender o que ele está dizendo ou querendo dizer. Além disso, podemos cair em uma armadilha simplificando o discurso do palestrante e causando incômodo aos participantes do evento, já que não sabemos com certeza qual o conhecimento prévio que eles possuem. Contudo, Jones (1998, p. 98, tradução nossa)⁴⁹, defende essa postura argumentando que “o dever primordial do intérprete não é tanto ser fiel às palavras do orador, aconteça o que acontecer, mas maximizar a comunicação”.

Alguns anos mais tarde, temos a tese de doutorado de Jemina Napier (2001), que propôs um estudo experimental com dez intérpretes profissionais, em que esses sujeitos interpretavam uma palestra universitária do Inglês para a Língua de Sinais Australiana - Auslan. Durante a tarefa, tudo foi filmado e a pesquisadora continha a transcrição da palestra, em que fazia anotações sobre as omissões de informações que ocorreram na interpretação. Logo após a tarefa, a pesquisadora entrevistou os sujeitos, quando, juntos, analisaram as filmagens da interpretação para entender o motivo das omissões e saber se foram conscientes ou inconscientes durante o seu uso.

Com esses dados, Napier (2001) pôde concluir que as omissões foram utilizadas estrategicamente pelos sujeitos (mesmo as involuntárias), e todas foram feitas com o intuito de lidar com diferentes demandas durante a interpretação, sendo as principais: velocidade da entrega da língua de partida; densidade textual; familiaridade com o texto e com os receptores do texto de chegada. A partir dessa conclusão, a autora propõe uma “taxonomia das omissões”, conforme quadro 8.

Quadro 8 – Proposta de “Taxonomia das Omissões”, apresentada por Napier (2001)

Categoria das Omissões	Justificativa
Omissões Conscientes	Ocorre quando o intérprete tem consciência da decisão e omite informações relevantes, para tornar a mensagem mais eficaz. Os intérpretes usam seus conhecimentos linguísticos e culturais para decidir qual a informação da língua de partida faz sentido na língua de chegada, quais informações são culturalmente

⁴⁹ No original: But I would argue that an interpreter’s first duty is not so much to be faithful to the speaker’s words come what may, but to maximize communication.

	relevantes, e o que pode ser redundante.
Omissões Conscientes/Intencionais	Ocorre quando o intérprete faz uma omissão que leva à perda de uma informação relevante. Os intérpretes têm consciência desta omissão e as fazem intencionalmente, ocorre quando eles não entendem determinada unidade linguística (palavra ou frase) ou não conseguem pensar em um equivalente adequado na língua alvo.
Omissões Conscientes/Involuntárias	Levam à perda de informação relevante. Os intérpretes são conscientes da omissão e a tornam intencional, pois ouvem uma unidade linguística e decidem por “armazenar” e esperar mais informações contextuais ou profundidade dos significados antes de interpretá-la. Por causa da quantidade de entrada da língua de partida e o tempo de atraso, no entanto, os intérpretes esquecem estas unidades armazenadas, omitindo-as.
Omissões Conscientes/Receptivas	Levam a uma perda de informação relevante e ocorrem quando os intérpretes não podem ouvir e identificar quais são as unidades linguísticas, por causa da baixa qualidade do som.
Omissões Inconscientes	Levam a uma perda de informação relevante porque os intérpretes não têm consciência desta omissão e não se lembram de ter ouvido as unidades linguísticas omitidas.

Fonte: Napier (2001, traduzido por Barbosa 2014, p. 59)

A discussão apresentada pela autora evidencia que as omissões de informações na interpretação ocorrem durante a tarefa e que os profissionais pesquisados em seu estudo mostraram consciência do acontecimento, sendo que a ‘omissão consciente’ foi utilizada de forma estratégica. Sobre esse ponto, corroboramos que, além de ser estratégico, o uso dessa estratégia deve ser consciente para que não haja perda de informações e não prejudique o ato comunicativo. Entretanto, nem sempre isso é possível, como destacado por Barbosa (2014, p. 105):

pudemos evidenciar que as omissões não são uma mera escolha do intérprete entre omitir uma informação ou não, mas a existência de demandas que influenciam o processo interpretativo, ao passo que, na maioria das vezes, mesmo com a ciência das omissões por culpa das demandas que surgem durante o evento interpretativo, a única escolha do intérprete é omitir intencionalmente com o objetivo de tentar manter o fluxo da interpretação.

A discussão sobre as omissões é respaldada por pesquisas que certificam o seu uso como estratégico, como o trabalho de Leeson (2005), que apresenta e discute as estratégias linguísticas de solução de problemas para a interpretação de língua de sinais com base no “modelo dos esforços” de Gile (1999). A autora destaca ainda o estudo de Cokely (1986), que propôs a omissão, substituição e a adição, porém, observa esses fenômenos como equívocos.

Cokely (1986) traz uma discussão pautada pela perspectiva mais tradicional sobre a interpretação, em que o profissional não pode interferir no texto de partida. Porém, no texto de Leeson (2005), a autora pondera que nem sempre que as estratégias ocorrem, elas são “equivocos”, podendo ser utilizadas estrategicamente para melhorar a qualidade do trabalho entregue aos receptores.

Leeson (2005) ainda argumenta que as decisões tomadas pelos profissionais durante o processo são motivadas pelos desafios enfrentados em relação às línguas e ao contexto em que a interpretação acontece. O contexto de interpretação é um fator importante a ser considerado durante a atuação, uma vez que existem contextos em que o intérprete tem uma relação face-a-face, permitindo, por exemplo, uma interrupção por parte do intérprete para esclarecer a dúvida gerada na recepção de uma informação ou um contexto em que há um maior distanciamento, não sendo permitida a interrupção ou mesmo o contato direto com o receptor. Nesse sentido Leeson (2005, p. 51, tradução nossa) afirma que:

Intérpretes têm que tomar decisões. Como profissionais, tomamos decisões sobre a intenção do orador ou sinalizador, o efeito desejado de seus comentários, a pragmática de um evento, a sinceridade do orador e o grau de definição de seus enunciados, entre outras coisas (por exemplo, BAKER 1992; GILE 1995; ROBINSON; 1997 etc.). Algumas de nossas decisões são influenciadas pelo que é dito ou sinalizado, outras por inferências feitas, e outras decisões são formuladas em resposta ao contexto em que a interpretação ocorre, enquadrada em parte pelos falantes individuais e sinalizadores com os quais nos encontramos trabalhando (WADENSJÖ; 1998; METZGER; 1999).

A pesquisadora se refere à tomada de decisões e utiliza autores que pesquisam sobre a interpretação de conferência (GILE, 1995; ROBINSON, 1997), para falar sobre questões que são relacionadas às informações e ao discurso (intenção do orador ou sinalizador, efeito desejado, pragmática do evento etc.). Ao mesmo tempo, utiliza Estudos da Interpretação comunitária (WADENSJÖ, 1998; METZGER, 1999) para abordar questões individuais dos participantes do evento interpretativo que também o influenciam nas tomadas de decisão.

Leeson (2005) afirma que as escolhas estratégicas dos profissionais devem ser utilizadas com o intuito de resolver problemas causados pelas decisões anteriores no decorrer do trabalho. Entretanto, parece uma abordagem restrita demais que as estratégias sejam utilizadas apenas nesses momentos, como recurso reativo, após a existência de um prejuízo para a interpretação, uma vez que existem problemas e/ou dificuldades que surgem continuamente e precisam ser resolvidos antes de chegarem a prejudicar o andamento do trabalho.

Com esse argumento, Leeson (2005) prioriza a discussão sobre as estratégias sintetizadas no quadro 9:

Quadro 9 – Estratégias apresentadas por Leeson (2005)

Estratégia	Definição
Omissão	é utilizada pelos intérpretes de forma conscientemente, principalmente quando o texto na língua fonte apresenta redundâncias.
Adição	é utilizada pelos intérpretes quando eles identificam que a informação na língua-fonte não está clara, desta forma ele opta por adicionar uma informação (sem desviar da mensagem da língua de partida) com o objetivo de entregar um texto mais claro para os receptores do texto de chegada.
Substituição	é utilizada pelos intérpretes quando, por exemplo, o fluxo de informação que estão recebendo aumenta decidindo por um termo ou frase que seja mais precisa, com o intuito de recuperar o tempo de atraso (<i>lag time</i>) de maior conforto. Essa estratégia é a combinação da omissão com a substituição.
Parafraseamento	é utilizada pelos intérpretes quando a informação recebida na língua-fonte não é reconhecida ou o intérprete não encontra este conceito na língua-alvo.

Fonte: Leeson (2005)

A discussão da autora sobre as estratégias de enfrentamento nos faz afirmar a importância do desenvolvimento de uma competência de uso dessas estratégias pelo profissional. A autonomia do profissional para adicionar, substituir, omitir, parafrasear etc., não pode ser feita de qualquer forma, sem nenhum preparo, sem planejamento e, muito menos, sem consciência das consequências da ação. Assim, a tomada de decisão para a escolha e utilização dessas estratégias deve ser realizada de forma consciente e proativa, tendo em mente a resolução do problema/ dificuldade e tentando prever que essa decisão poderá acarretar em outras dificuldades.

Outro autor que corrobora com a utilização das omissões é Anthony Pym (2008), apresentando os conceitos de omissão de baixo e alto risco. Contudo, o autor não deixa claro os critérios utilizados para definir sua categorização das omissões. Nesse sentido, Barbosa (2014) propõe um diálogo entre: (1) Sandra Gish (1986), que discute a intenção e os detalhes de um texto; (2) Roberts (1992), que fala sobre as competências do intérprete; e (3) Pym (2008), que apresenta as omissões de baixo e alto risco, conforme quadro 10.

Quadro 10 – Definição das omissões de baixo e alto risco

Tipo de omissão (PYM 2008)	Definição (PYM 2008)	Nível da informação (ROBERTS 1992)	Elementos textuais (GISH 1986)
Baixo risco	Início incerto da fala, hesitações e repetições dispensáveis.	Informações secundárias	Vocabulário escolhido para apresentar a informação.

Alto risco	Perda de informações que podem prejudicar o entendimento do discurso.	Informações primárias	Intenção, os objetivos e as unidades utilizadas pelo autor.
------------	---	-----------------------	---

Fontes: Pym (2008), Roberts (1992) e Gish (1986)

A discussão apresentada no quadro 10 é importante, uma vez que sabemos que as omissões de informações ocorrem e que os profissionais devem ter consciência do que pode ser omitido durante o processo. Dessa forma, entendemos que as omissões “permitidas” são aquelas de baixo risco, que não influenciam no entendimento do discurso, não acarretando uma perda de informações relevantes para os receptores do texto de chegada.

No mesmo ano, mas discutindo uma estratégia que é considerada controversa nos Estudos da Tradução, Bartłomiejczyk (2008) apresenta os estudos sobre a antecipação na interpretação entre Polonês e Inglês. Essa estratégia é utilizada quando uma informação da língua de partida é antecipada na interpretação por inferência do profissional, ou seja, o intérprete infere que uma informação será entregue pelo orador na língua de partida e a produz antecipadamente.

Pela discussão apresentada pela pesquisadora, essa é uma estratégia que pode contribuir para a recuperação e otimização do tempo gasto em outros esforços (GILE, 2009). Entretanto, é uma estratégia arriscada, uma vez que o profissional pode se equivocar⁵⁰ e errar na inferência feita e, assim, desviar a informação da língua de partida.

Em 2009 temos uma das obras que marcaram os Estudos da Interpretação e principalmente a sua didática. Nesse ano, foi reeditado o livro de Daniel Gile, que embasa até os dias atuais a formação de intérpretes em todo o mundo, abordando questões teóricas e práticas para explicar a tarefa da interpretação. O autor discute as seguintes estratégias:

Quadro 11 – Quadro das estratégias de interpretação proposto por Gile (2009)

Estratégia	Definição
Substituição	Quando intérpretes se encontram momentaneamente incapazes de compreender um segmento de fala ou reformulá-lo na língua-alvo, uma possível solução é reformular a mensagem de maneira menos precisa ao usar um termo superordinário no caso de uma única palavra, ou construir um segmento mais geral no caso de uma cláusula completa ou uma frase. Essa tática, que requer pouco tempo, leva a perdas de informação no discurso na língua-alvo. Isso não significa necessariamente que a informação é perdida; ela pode ser repetida em uma frase no discurso, ou já ser conhecida da audiência.

⁵⁰ Baseados nas leituras dessa pesquisa, entendemos como equívoco na interpretação os casos em que a mensagem entregue aos receptores, dentro daquele bloco de informação, não faz sentido, é confusa e causa a incompreensibilidade. Alguns casos, podem gerar o desvio na informação, ou ainda, é claramente um equívoco do intérprete.

Explicação e Parafraseamento	Intérpretes podem entender um termo, mas não ter um equivalente disponível ou apropriado na língua-alvo, caso em que podem explicar em vez de traduzir. Em uma conferência sobre os primeiros dias da microcomputação, nos anos 1980, o termo <i>tableur</i> (planilha) foi interpretado como “aquele programa que define campos e colunas e permite calcular”. Essa tática pode ser eficiente para fins de informação, mas tem dois problemas: um é a quantidade de tempo e capacidade de processamento que ela exige, e a outra é o fato de que pode chamar a atenção da audiência para o fato de que o intérprete não conhece o termo adequado na língua-alvo, possivelmente reduzindo sua credibilidade e o impacto do discurso.
Reproduzir sons ouvidos no discurso da língua-alvo	Ao encontrar um nome ou termo técnico que não conhece ou reconhece, o intérprete pode tentar reproduzir o som como ouvido. Essa não é uma tática “inteligente” já que não pede operações cognitivas complexas, mas pode ser eficiente: se souber o nome ou termo, a audiência pode ‘ouvi-lo’ como ele deveria ter sido pronunciado sem sequer perceber que o intérprete tem um problema. A aproximação também pode ser detectada e percebida como uma distorção da informação, o que pode desacreditar o intérprete, especialmente se o nome ou termo for bem conhecido pela audiência.
Naturalização instantânea	Quando intérpretes não conhecem o termo apropriado na língua-alvo, eles podem naturalizar o termo na língua-fonte, adaptando-o para as regras morfológicas ou fonológicas da língua-alvo. Essa tática pode se provar eficiente quando os léxicos da língua-alvo e da língua-fonte são morfológicamente semelhante, como é o caso da terminologia médica em inglês e francês e quando existe muitos empréstimos de termos entre as línguas naquela área específica, por exemplo em tecnologia da informação, onde o inglês empresta termos para a maioria dos países não anglófonos.
Transcodificação	Transcodificar consiste em traduzir um termo ou segmento de fala da língua-fonte na língua-alvo palavra por palavra. Para problemas lexicais, essa tática pode ser muito eficiente nos mesmos casos que ‘naturalização instantânea’. Assim como a naturalização, isso também pode levar a termos já existentes na língua-alvo; em várias áreas, muitos termos foram criados por meio da transcodificação por especialistas, assim como muitos termos foram criados por naturalização fonética. Mesmo quando a transcodificação não leva a um termo já existente na língua-alvo, isso pode facilitar a compreensão para a audiência por causa das indicações semânticas que o termo recém-criado carrega.
Recomendar outra fonte de informações para a audiência	Em conferências especializadas, grande parte da informação é dada não apenas por meio das palavras faladas e da linguagem corporal do orador, mas também em papéis que são dados para a audiência ou em uma tela, por meio de slides, transparências ou apresentações PowerPoint. Quando encontrando dificuldades de compreensão ou reformulação, intérpretes podem recomendar que a audiência consulte “os números/nomes/equação etc. na tela/no seu papel,” etc. Essa tática é conveniente e traz pouca perda e pouco custo de tempo e capacidade de processamento.
Omitir o conteúdo de um segmento de fala	Intérpretes podem perder informações sem sequer perceber porque não tiveram capacidade de processamento suficiente disponível para os Esforços de Ouvir e Análise quando o segmento de fala estava sendo emitido. Eles também podem omitir informações porque elas desaparecem da memória de curto prazo. A tática de omissão discutida aqui se refere ao caso onde um intérprete decide deliberadamente não produzir as informações presentes no discurso-fonte em seu discurso-alvo. Isso pode acontecer quando uma peça de informação parece ter pouco valor e outras informações com mais valor requerem a atenção do intérprete e podem ser perdidas se a parte não-importante for produzida, por exemplo quando o intérprete detecta um alto risco de saturação. Em entrevistas de TV interpretadas, onde a sincronicidade é essencial, omitir a última parte de uma afirmação pode ser a melhor escolha se o

	intérprete estiver um pouco atrasado em relação ao orador, especialmente quando essa diferença leva a alguma sobreposição entre a última parte da produção do intérprete e o começo da próxima frase de outro orador.
Reformulação paralela	Quando condições de trabalho são particularmente ruins e intérpretes sentem que é imperativo continuar falando apesar de sua incapacidade de compreender e reformular o discurso-fonte, eles podem inventar um segmento de fala que é compatível com o resto da declaração do orador. Essa tática é extrema, para ser usada excepcionalmente e com a maior cautela, em casos onde o conteúdo do discurso-fonte é menos importante que a continuidade de fala para benefício dos ouvintes (o que pode ocorrer em programas de TV). Eu acredito que essa tática não deva ser ensinada ao mesmo tempo que outras táticas. Provavelmente é melhor deixá-la para o fim do treinamento, quando ela é introduzida de maneira muito cuidadosa, com exemplos específicos e forte ênfase em considerações éticas.

Fonte: Gile (2009, p. 206, tradução nossa)⁵¹

Xiangdong Li (2013) apresentou uma pesquisa riquíssima sobre o uso das estratégias por estudantes de interpretação consecutiva. A autora se propôs a analisar a tarefa realizada por 41 estagiários de interpretação e 3 professores, coletando, retrospectivamente, a observação dos sujeitos sobre as estratégias recorridas durante a interpretação. Destacamos que esse artigo que analisa uma modalidade da interpretação diferente da nossa, porém, ressaltamos a importância de se ensinar as estratégias na formação, já que Li (2013) identificou 16 estratégias sendo utilizadas pelos sujeitos do estudo, todas ensinadas nas disciplinas pelos professores.

A autora destaca a importância do ensino das estratégias na formação dos intérpretes, para que eles saibam utilizar de maneira intencional, podendo gerar até a automatização para reduzir a carga cognitiva e a saturação da capacidade de processamento, assim, facilitando o processo da interpretação.

Nossa discussão, apresentada até o momento, visa o ensino das estratégias na formação de profissionais, com o intuito de contribuir para o processo e a entrega mais eficaz da informação para os receptores.

No ano seguinte, temos uma parceria muito aguardada pelos Estudos da Interpretação que foi a tese de doutorado de Pointurier-Pournin (2014), orientada por Daniel Gile. O objetivo do trabalho foi compreender e analisar o processo de interpretação envolvendo a Língua de Sinais Francesa. Para isso, ela cruzou dados de um estudo empírico da interpretação da Língua Francesa e a Língua de Sinais Francesa, identificando um fenômeno que ela denominou de “cengarização”, que ocorre quando o intérprete cria uma imagem visual

⁵¹ Para maiores informações, ver original GILE (2009).

de uma informação que está implícita no discurso da língua de partida, trazendo essa informação visual para a língua de sinais.

Esse recurso diferencia a interpretação na direção de Libras-Português, uma vez que é utilizado no processo de referenciação de objetos/pessoas no discurso. Já na interpretação de Português para a Libras, a construção deve ser completa, não só referenciando, mas estabelecendo toda a ação que envolve esses objetos/pessoas no discurso. Para deixar a discussão mais clara, trazemos um exemplo identificado em Bleyer e Barbosa (2017, p. 228), que introduzem a discussão na interpretação de Português para Libras.

Exemplo 1, em língua portuguesa: “então ele tem que ser chamado à responsabilidade. Se o ensino for feito de uma forma adequada, ele terá um ambiente que vai facilitar, terá um professor que estará funcionando como um facilitador”. Interpretação para a Libras: “a responsabilidade não deve ser minha (professor) deve ser dele (aluno) [a competência tradutória – (interpretação da frase anterior)] eu (professor) não estarei dando autonomia para ele (aluno). Eu (professor) não posso entregar tudo pronto, ele (aluno) precisa ter essa responsabilidade também”.

Como podemos ver, na interpretação para a Libras, além de fazer referência às pessoas que são citadas durante o discurso, as palavras que estão entre parênteses são as construções visuais desses sujeitos. Podemos dizer que a “cenarização” é apresentada como recurso da língua de sinais e, assim, deve ser utilizada durante a sinalização. Dessa forma, em nosso trabalho, ela não se enquadra como um recurso para a resolução de dificuldades ou problemas durante a interpretação e sim como um dos recursos normais nesse par de línguas a serem administrados pelos intérpretes.

Ainda em 2015, temos mais um trabalho muito interessante de Xiangdong Li, que tem como objetivo argumentar a favor do ensino das estratégias na formação dos intérpretes. Para tanto, define e apresenta as perspectivas sobre as estratégias, justificando a necessidade delas serem integradas à formação desses profissionais.

Nesse mesmo sentido, corroboramos com a ideia proposta no artigo de Li (2015), uma vez que acreditamos que sem o conhecimento do que é uma estratégia, como aplicá-la e como gerenciá-la durante o fluxo da tarefa, o produto não será entregue com êxito.

Em estudo mais recente de Ewa Gumul (2017) sobre a explicitação na interpretação simultânea, a autora afirma que até anos atrás essa estratégia era vista como inaplicável durante a interpretação, já que o profissional está pressionado pelo tempo e por todo o fluxo da tarefa. Dessa forma, o objetivo do livro é de analisar a explicitação observando o comportamento estratégico, o impacto da direcionalidade linguística, a relação do estilo de

interpretação com o uso de explicitações em alunos de interpretação em estágio de formação avançada. Sendo que a explicitação é definida pela autora como tornar uma informação que está implícita na língua de partida, explícita na língua de chegada.

Como mencionado no início deste capítulo, o objetivo aqui não foi de esgotar as discussões sobre os trabalhos que falam de estratégias. Apenas apresentamos alguns estudos relevantes, com o objetivo de definir quais são as estratégias que são aplicáveis à interpretação de Libras-Português e que respaldam a análise dos nossos dados. Contudo, temos ciência de que outros trabalhos existentes mereciam um olhar mais atencioso.

A partir das discussões desse capítulo, propomos o quadro abaixo, com a síntese das estratégias linguísticas de solução de problemas que acreditamos que podem ser utilizadas, com o intuito de tornar a interpretação mais eficaz e que servirá de embasamento para a análise dos nossos dados. Lembrando, ainda, que os autores mencionados no quadro são a base para propormos a definição da estratégia, mesmo que eles sejam de uma perspectiva tradicional (como mencionado e discutido o que entendemos como tradicional), temos que ressaltar que não seguimos essa mesma linha. Conforme a orientação na teoria funcionalista da tradução e interpretação, o nosso trabalho tem uma visão de maior autonomia do profissional em manusear a informação antes de entregá-la aos receptores, utilizando as estratégias como ferramentas para maximizar as informações entregues.

Quadro 12 – Quadro síntese das estratégias linguísticas de solução de problemas para a interpretação no par linguístico Português e Libras

Estratégia	Autor(es) usados	Definição usada neste trabalho
Omissão	Baseado em Napier (2001), Leeson (2005) e Pym (2008)	é utilizada pelos intérpretes de forma consciente, visando a gestão do tempo durante o processo. O ideal é quando são omissões de baixo risco, ou seja, informações secundárias e que não apresentem perda de informações que são relevantes para a compreensão do texto. Contudo, omissões de alto risco (informações que são importantes para a compreensão do texto na língua de chegada) acontecem e o profissional deve saber gerenciá-las para que a compreensão dos receptores não seja prejudicada.
Adição	Baseado em Cokely (1992) e Leeson (2005)	é utilizada pelos intérpretes quando eles identificam que a informação na língua de partida não está clara, desta forma ele opta por adicionar uma informação (sem desviar da mensagem da língua de partida) com o objetivo de entregar um texto mais compreensível para os receptores.
Explicitação e Implícitação	Gumul (2017)	Informações implícitas contidas no texto de partida se tornam explícitas no texto de chegada ou ao contrário, informações

		explícitas contidas no texto de partida e identificáveis no texto de chegada implicitamente.
Substituição	Baseado em Cokely (1992) e Leeson (2005)	é utilizada por intérpretes quando, por exemplo, o fluxo de informação que estão recebendo aumenta repentinamente e decidem substituir um termo ou frase que seja mais precisa (mais direta), com o intuito de recuperar o tempo de atraso (<i>lag time</i>) e ter segurança em continuar o fluxo de interpretação. Essa estratégia pode ser utilizada como processo anafórico, com a mesma premissa de compensar o tempo gasto na produção de informações anteriores para a língua de sinais. Por exemplo, pode ser acionada mesmo quando a informação na língua de partida estiver completa. Dessa forma, o intérprete poderá utilizar o apontamento para um espaço onde aquela informação já foi produzida. Essa estratégia é a combinação da substituição com a omissão de baixo risco.
Redução	Cokely (1986) e Lawrence (2007)	É utilizada por intérpretes quando recebem uma informação da língua de partida e opta por reduzi-la, entregando uma informação com menos detalhes na língua de chegada. Geralmente acontece quando o espaço de tempo entre a recepção e a entrega é grande e existe a pressão de novas informações que estão chegando.
Expansão	Baseado em Lawrence (1994)	é a utilização da expansão do discurso da língua de partida através de elementos da língua de sinais como, por exemplo, o uso de descritores imagéticos (classificadores). Essa estratégia é utilizada para tornar a informação mais clara para os receptores.
Parafraseamento	Baseado em Leeson (2005) e Gile (2009)	é utilizada pelos intérpretes quando a informação recebida na língua de chegada não é reconhecida ou o intérprete não encontra este conceito na língua de chegada. Por exemplo, quando a palavra ou frase em português é entendida pelo intérprete, mas não há ou ele não acha equivalentes para representa-lo(s) em língua de sinais. Nesse caso ele utiliza vários sinais para que a informação chegue aos receptores.
Antecipação	Baseado em Jones (1998) e Bartłomiejczyk (2008)	é utilizada quando uma informação da língua de partida é antecipada na interpretação por inferência do profissional. Lembrando que essa estratégia é arriscada, uma vez que o intérprete pode fazer uma inferência equivocada sobre o caminho que a informação do texto de partida seguirá.
Empréstimo	Baseado em Jones (1998) e Gile (2009)	é utilizada quando o intérprete não encontra um equivalente de sentido para a informação da língua de partida e reproduz a mesma informação na língua de chegada, por exemplo a datilologia ou soletração manual da palavra em português. Para a interpretação de português a Libras é uma estratégia pouco eficaz se não for acompanhada de uma estratégia de parafraseamento, já que nem sempre os receptores têm acesso ao português ou são bilíngues. Complementamos essa estratégia com o empréstimo de outras línguas de sinais que geralmente são utilizados seguidos de soletração manual para desambiguar o significado.

Fonte: Elaboração própria

O quadro 15 sintetiza as estratégias linguísticas de solução de problemas, servindo como base para a análise e discussão dos nossos dados nos capítulos 7 e 8. Porém, vale destacar que, como mencionamos no início do capítulo, não tínhamos a intenção e nem o tempo necessário para esgotar a discussão com todos os trabalhos de cada uma das estratégias, afinal são mais de 50 anos de pesquisas sobre esses objetos de pesquisa.

Posto isso e considerando a teoria funcionalista, é importante alguns apontamentos: (i) há uma dicotomia entre o olhar que o receptor da interpretação tem sobre o processo de interpretação (COKELY, 1986), em que se identifica as “mudanças” do texto de partida em relação ao texto de chegada e se nomeia essa diferença como se fossem equívocos ou erros cometidos pelo profissional, um olhar que busca compreender as “mudanças” empregadas pelos intérpretes como estratégias válidas de interpretação (LEESON, 2005), exceto os casos em que houve uma falha de processamento da informação de partida.

Nesse sentido, encontramos uma polêmica sobre o objeto de pesquisa e o impasse dos intérpretes, pois eles têm consciência de que as tomadas de decisão referente ao uso das estratégias aplicadas durante o processo são para potencializar ao máximo o seu desempenho e as informações que são entregues aos receptores. Contudo, os receptores, por sua vez, geralmente desconfiam se os profissionais estão entregando exatamente o que está sendo produzido na outra língua. E essa desconfiança, muitas vezes, não leva em consideração a necessidade das manipulações estratégicas que são utilizadas pelo intérprete durante a tarefa. Existem várias pesquisas sobre a percepção da interpretação pelo público alvo na área de interpretação de conferência de línguas orais, por exemplo, Kopczynski (1994) ou Kurz (2001). Entretanto, faltam análises específicas da perspectiva dos receptores sobre as estratégias de solução de problemas na área da interpretação de línguas de sinais que discutam essa temática.

Ressaltamos que não discordamos do posicionamento dos receptores, uma vez que eles têm que constituir uma confiança em profissionais que, muitas vezes, não conhecem, para, por exemplo: (1) interpretar o conteúdo de uma matéria na faculdade e ser aprovado no final do semestre ou não; (2) interpretar as informações do seu próprio julgamento na justiça e ser condenado ou absolvido; (3) receber informações de como se prevenir contra uma pandemia (o caso do Coronavírus, em 2020); (4) receber informações para tomar a medicação correta para o tratamento de uma doença crônica; (5) receber o conteúdo de uma palestra da sua área para poder se especializar; (6) interpretar a sua entrevista de emprego; (7)

acompanhá-lo em uma reunião política; (8) entender a doutrina de uma religião para começar a segui-la ou não; (9) estreitar e fortalecer os laços com a religião que segue etc.

Por outro lado, temos os intérpretes profissionais, que utilizam as estratégias linguísticas de solução de problemas como uma forma de maximizar (GILE, 2009) as informações na língua de chegada, tornando-as mais compreensíveis e coerentes para os seus receptores (VERMEER, 1989), corroborando com a nossa proposta de entrelaçar as estratégias com a teoria dos *skopos*. Contudo, queremos destacar que utilizar as estratégias linguística de solução de problemas de forma reativa a alguma demanda (BARBOSA, 2014), pode trazer uma visão negativa sobre elas, do ponto de vista do receptor, e perpetuar a ideia de que o profissional não pode manusear a informação antes de entregar ao público. Assim, concordamos que nesses casos podemos categorizá-las como equívoco, prejudicando não intencionalmente (uma vez que, a priori, o profissional não quer errar) a informação que chega ao público.

Nesse sentido, Pointurier-Pournin e Gile (2019, p. 295, tradução de SANTOS, OLIVEIRA; MAFRA, 2019, p. 295) afirmam que:

A frequência elevada dessa tática entre os ILS é uma ilustração impressionante da importância da função do discurso traduzido nas escolhas do tradutor ou intérprete e vem apoiar a teoria do *skopos* (REISS; VERMEER, 1984/1991), que postula justamente a importância primordial da função de cada tradução (seu “*skopos*”) como determinante da maneira como o tradutor comporá seu texto.

A discussão em questão é a utilização de táticas (estratégias) para a entrega de informações que façam sentido para os receptores. Assim, temos mais um indício da possibilidade de relação que estamos propondo em nossa tese, embasando a utilização das estratégias linguísticas de solução de problemas (chamadas por Gile de táticas) com a teoria dos *skopos*. Embora a teoria funcionalista e o modelo de processo de interpretação de Gile (2009) não dialoguem diretamente, buscamos respaldar o nosso trabalho nessas perspectivas porque entendemos que a teoria funcionalista é baseada na função (*skopos e subskopos*). Entretanto, para alcançar o objetivo determinado para a tarefa (*skopos*), é necessário que compreendamos as etapas do processo (GILE, 2009), sendo que, durante ele, a necessidade de tomar decisões e recorrer às estratégias são evidentes e isso é necessário para tornar o processo mais eficaz para a entrega do produto aos receptores.

Sobre a relação do Modelo IDRR e a Teoria Funcionalista, Gile (2009, p. 251, tradução nossa⁵²) argumenta que:

Ao considerar a Tradução como ação humana, uma visão que é incorporada as etapas do IDRR e foi desenvolvida em termos teóricos por funcionalistas alemães (como “Translatorisches Handeln” ou ‘Ação translacional’ nas palavras de Holz-Mäntäri 1984), uma questão central é se tal ação tem uma ‘direção’ que poderia influenciar quaisquer escolhas que os tradutores façam ao traduzir. De acordo com os teóricos do skopos (ver Reiss & Vermeer 1984/1991, Nord 1997), a função da Tradução, que é distinta e pode ser muito diferente da função do Texto original (ver Capítulo 2), determina a ação do tradutor em grande medida. A teoria *Skopos* está, portanto, preocupada com o determinante das decisões do tradutor. É uma das duas teorias mais populares em ambientes de formação para Tradutores e está especialmente presente em países de língua alemã. É uma visão essencialmente teórica da Tradução com implicações prescritivas sobre a adequação das estratégias de Tradução orientadas para o objetivo. Em termos de IDRR, a teoria dos *skopos* olha principalmente para os componentes de decisão da tradução na fase de reformulação e diz pouco sobre recursos e restrições ou sobre a parte da interpretação na fase de compreensão da ação do tradutor.

Conforme expresso, o autor faz a relação do seu modelo com a Teoria dos *Skopos*, destacando não só a importância dessa teoria no processo de formação dos estudantes, como também fala sobre sua característica de adequação das estratégias em relação ao *skopos* da tradução. A questão levantada pelo pesquisador é que essa teoria não traz evidências sobre os recursos e as restrições durante o processo. Porém, o trabalho de Pöchhacker (1995), que teve o objetivo principal de aplicar a Teoria Funcionalista à interpretação de conferência, conclui que “os conceitos da moderna teoria funcionalista da tradução são ricos o suficiente para permitir uma discussão estimulada quando aplicados a uma concepção holística da prática da interpretação de conferências” (PÖCHHACKER, 1995, p. 50, tradução nossa⁵³)

Acreditamos que relacionar essas teorias, Modelo IDRR de Gile (2009) e Teoria dos *Skopos* de Reiss e Vermeer (1984; 1985), respalda-nos para olhar não só o objetivo ou

⁵² No original: “When considering Translation as human action, a view which is incorporated into the IDRC platform and has been developed in theoretical terms by German functionalists (as “Translatorisches Handeln” or ‘Translatorial action’ in the words of Holz-Mäntäri 1984), a central question is whether such action has a ‘direction’ which could influence whatever choices Translators have when Translating. According to skopos theorists (see Reiss & Vermeer 1984/1991, Nord 1997), the function of the Translation, which is distinct and can be very different from the function of the original Text (see Chapter 2), determines the Translator’s action to a large extent. Skopos theory is therefore concerned with one determinant of the Translator’s decisions. It is one of the two most popular theories in the Translator training environment and is especially present in German-speaking countries. It is an essentially theoretical view of Translation with prescriptive implications about the adequacy of target-oriented Translation strategies. In terms of IDRC, skopos theory looks mostly at the decision components of Translation in the reformulation phase and says little about resources and constraints or about the interpretation part in the comprehension phase of the Translator’s action.” (GILE, 2009, p. 251).

⁵³ No original: “the concepts of modern functionalist translation theory are rich enough to allow for stimulated discussion when applied to a holistic conception of the practice of conference interpreting.” (PÖCHHACKER, 1995, p. 50).

propósito de uma interpretação e a entrega do produto aos receptores, mas para entender os problemas e dificuldades (restrições) encontrados no percurso e, além disso, quais as estratégias linguísticas (recursos) para solucionar esses problemas encontrados estão disponíveis para a execução da tarefa (recursos).

6. METODOLOGIA

A natureza dos Estudos da Tradução (ET) sempre conteve a interdisciplinaridade intrínseca em suas raízes e o seu relacionamento e interações com as outras áreas são inevitáveis. Nesse sentido, os diálogos com diferentes áreas e perspectivas sobre o fazer tradutório e interpretativo, principalmente no que diz respeito aos métodos que são utilizados para explorar os seus fenômenos, são constantemente testados. Quando pensamos no método das pesquisas em ET, vemos uma pluralidade de técnicas e opiniões diversificadas, exigindo um olhar diferente para cada objeto analisado, como afirma Pagano (2001, p. 8):

Seus objetos, perspectivas e estilos diversos apontam também para a multiplicidade de formas de se falar sobre a tradução, tendo-se em vista que todo objeto de estudo propõe métodos para a sua análise, assim como toda metodologia revela novos aspectos sobre o objeto enfocado.

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos o método que atende as nossas necessidades de pesquisa, bem como em que local nosso trabalho se insere; qual o contexto da nossa pesquisa; qual o perfil dos sujeitos; como se deu a geração dos dados; qual corpus selecionado; como ocorreu o tratamento dos dados; e, qual o software utilizado para a análise e quais os critérios para a análise dos dados.

6.1 Métodos aplicados na pesquisa

O campo dos Estudos da Tradução, desde o seu estabelecimento na década de 70, mostrou-se uma área interdisciplinar em constante diálogo com outras áreas do conhecimento. Tymoczko (2005) fez um apanhado das principais metodologias dos ET que ela enxergava como prováveis tendências metodológicas dos próximos anos para a área: estudos de corpus de tradução, estudos descritivos, estudos históricos, análise de protocolos verbais (*Think-aloud Protocols* – TAPs), de tecnologia e da globalização, e, por fim, da ciência cognitiva e da neurofisiologia.

No nosso estudo recorreremos a dois métodos – a análise de filmagens de interpretações de Português para Libras em contexto de conferência e os TAPs. Primeiramente, a análise das filmagens foi realizada com o intuito de identificar o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas durante a tarefa. Entretanto, percebemos que apenas a análise dessas filmagens não responderia questões que nos inquietam, como: Qual foi a

dificuldade/problema identificado? Por que usou essa estratégia linguística de solução de problemas? Essa estratégia foi reativa ou proativa? Resolveu ou acarretou outros problemas?

Dessa forma, para conseguirmos evidências e respondermos essas outras questões, buscamos olhar não só para o produto final, mas para o processo também. Entretanto, qual método utilizar para saber o que se passa durante o processo? O método de pesquisa que nos permite analisar os fenômenos que ocorrem durante a tarefa são os protocolos verbais (*Think-aloud Protocols* – TAPs). Os TAPs contribuem para a obtenção de informações dos processos mentais do sujeito durante a tarefa, conforme Rodrigues (2013, p. 71) relata:

Os TAPs, conhecidos em português como Protocolos Verbais, Protocolos Introspectivos, Relatos Introspectivos, Protocolos de Pensamento em Voz Alta ou, simplesmente, Protocolos em Voz Alta, são uma técnica/ferramenta de coleta de dados que consiste no relato dos sujeitos acerca da tarefa que estão realizando ou que já realizaram. Nesse sentido, o sujeito relata verbal e descritivamente seus pensamentos, impressões, intenções, decisões, sentimentos e procedimentos, por exemplo, durante a realização de uma determinada atividade (protocolos simultâneos/concomitantes) ou após concluí-la (protocolos retrospectivos).

Entretanto, existem alguns fatores que dificultam a aplicação desse método em nossa pesquisa:

1 – O fator tempo: geralmente os TAPs são aplicados na tradução em que o sujeito que participa do estudo pode pausar para relatar e/ou descreve verbalmente o que está acontecendo, quais as dificuldades e quais as decisões que estão sendo tomadas no decorrer da realização da tarefa, sendo então um momento de introspecção. Contribuindo para o esclarecimento do que está ocorrendo, deixando as impressões do pesquisador sobre o fenômeno e trazendo as evidências e comprovações do que realmente aconteceu, como afirma Gonçalves (2001, p. 14)

Essas manifestações metacognitivas possibilitam a apreensão de algumas importantes características dos processos investigados, as quais, certamente, não seriam percebidas através, apenas, da interação da subjetividade do pesquisador com os produtos finais daqueles processos. Assim, os protocolos verbais permitem maior aproximação e confiabilidade em relação ao entendimento dos processos do que as abordagens que se valem somente da análise de produtos (textos, traduções etc.).

Porém, para a interpretação simultânea, a aplicação desse método enfrenta o fator tempo como complicador, pois, por um lado é impossível comentar a interpretação simultânea no momento em que ocorre e, se o procedimento não for realizado logo após a tarefa, corremos o risco de as informações não estarem mais na memória, perdendo a motivação e justificativa para as decisões. Entretanto, essa possibilidade existe, mas o processo passa a ser de retrospectão, com o objetivo de resgatar na memória o que foi feito para ser relatado.

Nessa perspectiva, assumimos o risco de perder informações importantes, caso a memória do sujeito de pesquisa falhe e não responda aos nossos questionamentos.

2 – Aplicação em estudos experimentais: geralmente os TAPs são utilizados em estudos experimentais, dessa forma, existe a possibilidade de prever e controlar variáveis durante a aplicação da pesquisa, evitando que isso interfira no resultado. Contudo, o nosso estudo será aplicado em contexto real de interpretação, justamente para identificarmos demandas que exijam atenção do profissional e que, de alguma forma, podem interferir na tarefa.

3 – Autojustificação: para a aplicação dos TAPs, acreditamos na necessidade de preparar o sujeito para se envolver na pesquisa. Um risco que corremos é de que, ao perguntarmos sobre o processo, posteriormente apontando nas filmagens de sua interpretação que houve “ruídos”, ocorra a necessidade do participante se respaldar em inúmeras justificativas que busquem mostrar que a ação tomada é a correta. Esse “envolvimento” do sujeito é uma das críticas a esse método de pesquisa, conforme afirma Gonçalves (2001, p. 20):

Em função do caráter psicológico dos métodos de introspecção, abre-se o precedente para uma severa crítica em relação a sua validade e confiabilidade, já que se apoiam demasiadamente na subjetividade dos sujeitos. Isto porque o objeto de estudo deixa de ser analisado exclusivamente por uma entidade externa a esse objeto, o pesquisador, e passa por uma pré-análise dos sujeitos. Para alguns críticos dos métodos de introspecção, a interferência da subjetividade dos sujeitos “contaminaria” a validade dos dados, já que não é possível conhecer grande parte dos parâmetros que direcionaram os processos de pré-análise.

Entretanto, como analisar o processo sem ter acesso à “caixa preta” do intérprete? Quem mais poderia falar sobre o que aconteceu, se não o próprio profissional? Dessa forma, a necessidade de prepará-lo é fundamental, primeiramente, mostrando que onde ele está (a entrevista), é um ambiente seguro para expor as dificuldades e/ou problemas que enfrentou, os erros ou acertos que cometeu e a sua avaliação sobre o sucesso, ou não, do resultado entregue. Podemos dizer que a tranquilidade durante a entrevista e a participação dos sujeitos de pesquisa, pode ser gerado, em um primeiro momento, pela conversa ser conduzida por um colega de profissão, que entende o que se passa e que tem a confiança que a pesquisa é para contribuir com as reflexões dos Estudos da Interpretação, a prática dos profissionais e a formação de novos intérpretes. Nesse sentido, Rodrigues (2015, p. 65) defende que:

Os protocolos retrospectivos possibilitam a obtenção de aspectos processuais da interpretação, ampliando as possibilidades de análises e reflexões, ao fornecerem dados consistentes sobre, por exemplo, as dificuldades dos intérpretes durante a

interpretação. Portanto, com os protocolos retrospectivos podemos acessar as reflexões subjetivas acerca da atividade de interpretação e, assim, tecermos inferências acerca das escolhas, das tomadas de decisão e dos processos de solução de problemas vivenciados durante a interpretação. Esses protocolos nos fornecem dados adicionais sobre o processamento cognitivo, mostrando-se como um produtivo método de coleta de dados processuais.

No contexto de nossa pesquisa, devido aos fatores acima expostos, o correto é não chamar esse instrumento de TAPs, e sim de entrevistas retrospectivas, que foram aplicadas após a interpretação no “I Congresso sobre Estudos da Interpretação”, sendo considerada a questão de logística para obtenção das filmagens, a pré-análise das interpretações, o local para as entrevistas, a disponibilidade de tempo dos sujeitos etc. Assim, seguiremos os passos: (1) filmagem das interpretações de Português para a Libras em contexto de conferência; (2) obtenção das filmagens com a equipe responsável; (3) pré-análise das interpretações feita pelo pesquisador para identificação das estratégias linguísticas de solução de problemas; e, (4) análise em conjunto (intérprete e pesquisador) das interpretações para serem identificados problema/dificuldade, qual a solução encontrada e qual a avaliação do resultado.

6.2 Tipo e abordagem de pesquisa

O objetivo do nosso estudo é de entender o uso e analisar as implicações das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea do Português para a Libras. Dessa forma, para conseguirmos contemplar esse objetivo nos propomos uma pesquisa exploratória.

A pesquisa exploratória visa identificar e compreender um fenômeno que ainda foi pouco explorado em estudos acadêmicos. A partir de uma abordagem qualitativa, detalhamos o processo interpretativo nos pontos em que houve o problema/dificuldade e a solução que foi encontrada.

Para tanto, dividimos a pesquisa em duas etapas principais: (1) projeto piloto: análise de vídeos gravados em contexto de conferência com interpretações da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais; e, (2) filmagem de interpretações de Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais em contexto de conferência, Pré-análise para identificação das estratégias utilizadas e entrevistas retrospectivas com os profissionais para entender a utilização. Para visualizarmos as etapas de nossa metodologia, seguiremos os seguintes descritos na figura:

Figura 2 – Etapas da metodologia aplicada a esta pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor

Procuramos detalhar as etapas que procedemos durante a presente pesquisa, de forma a subsidiar nossas interpretações, bem como garantir que os resultados previstos possam ser qualificados e detalhados, tornando-os produtos mensuráveis e que possam gerar discussões e contribuições para a área de Estudos da Interpretação.

6.3 Contexto da pesquisa

A pesquisa que apresentamos tem por objetivo investigar o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas e suas implicações no contexto de conferência. Nacionalmente, esse contexto ainda é pouco explorado nos Estudos da Interpretação de Língua de Sinais (SANTOS, 2013), porém, é uma área de atuação em constante expansão, exigindo a presença de profissionais qualificados. Nesse sentido, a necessidade de investigação do que é exigido do profissional atuando nesse contexto, principalmente para a formação de profissionais, é evidente.

Em primeiro lugar, gostaríamos de dialogar sobre o conceito “conferência”, que nos remete a um contexto específico de atuação, como congresso, seminário, simpósio com pessoas palestrando e algumas dezenas de pessoas assistindo, contudo, ele envolve outras situações, conforme definição de Gile (2006, p. 9).

Apesar do nome interpretação de conferência sugerir, intérpretes de conferência não trabalham só em conferências, mas também em outros contextos, incluindo reuniões de comitês e grupos de trabalho nas organizações internacionais, visitas de personalidades, reuniões de conselhos de administração de grandes empresas, médicos, informações tecnológicas, seminários de formação científica e técnica, econômicos e outros, programas de TV, processo de julgamento, e até mesmo processos judiciais. Em outras palavras, sua atividade se sobrepõe em parte com a interpretação de ligação [ou frase por frase], interpretação judicial e interpretação midiática.

A interpretação de conferência ainda envolve contextos em que umas das características mais marcante é a formalidade e, dessa forma, as expectativas dos envolvidos sobre a interpretação é maior, mas, não mais importante que em outros contextos de atuação, como o comunitário. Algo interessante a ser observado na interpretação de língua de sinais em contexto de conferência é a visibilidade pessoal dos intérpretes de língua de sinais. A tarefa nesse contexto, em que, hipoteticamente a formalidade é estabelecida como registro, é executada no trabalho face-a-face com os receptores do texto de chegada, além de, talvez, conhecê-los, por se tratar de uma comunidade relativamente pequena, fazendo com que as reações e intervenções dos receptores, como *feedback* sobre a interpretação, questionamentos sobre o léxico utilizado, sobre o conteúdo das informações, perguntas direcionadas ao intérprete, questões de diversas origens que possam gerar a não compreensão das informações interpretadas etc., ocorram e exijam atenção adicional do profissional e, muitas vezes, uma estratégia em tempo real no sentido de uma solução para essa questão.

6.3.1 O estudo piloto

Como já mencionado, a primeira etapa do nosso trabalho foi a busca por filmagens que continham a interpretação de Português para a Libras do “6º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa”, promovido a cada dois anos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e que ocorre desde 2008. O evento conta com um grande número de participantes, pesquisadores e nomes renomados da área dos Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais, trazendo mais demandas

para os profissionais que realizam a interpretação no evento, já que quase a totalidade do público do congresso é de pessoas bilíngues.

Atualmente a língua oficial do evento é a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a maioria dos participantes apresentam seus trabalhos em Libras e, dessa forma, a interpretação mais recorrente é da Libras para a Língua Portuguesa. Porém, ainda existem algumas palestras que são realizadas em Língua Portuguesa e exigem interpretação para a Libras. O recorte da nossa pesquisa foi na direção Português para a Libras, pois acreditamos que é a mais exigida e que os resultados que encontraremos serão aplicáveis a diferentes contextos de interpretação, auxiliando na formação desses profissionais.

A busca por registros audiovisuais desse evento foi motivada por: (a) o evento é filmado por uma equipe profissional e disponibilizado on-line, motivo pelo qual não teríamos a preocupação com questões de logística do material para as filmagens, a edição dos vídeos e questões relacionadas ao conselho de ética; (b) os profissionais que atuam nesse evento trabalham profissionalmente há mais de 10 anos; e, (c) os profissionais têm o ensino superior completo e experiência de atuação em diferentes contextos, inclusive no de conferência. Vale destacar que fizemos questão de entrar em contato com os profissionais para explicar o objetivo do estudo, apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e solicitar a assinatura do participante (conf. Apêndices).

Na apresentação dos dados da análise do estudo piloto, mostraremos as situações e exemplos do problema e/ou dificuldade que o sujeito enfrentou conforme o quadro 13.

Quadro 13 – Exemplificação do quadro de amostragem dos dados do estudo piloto

Estratégia utilizada	Trecho da fala em português	Trecho da interpretação com a estratégia em destaque	QR CODE para acesso ao trecho

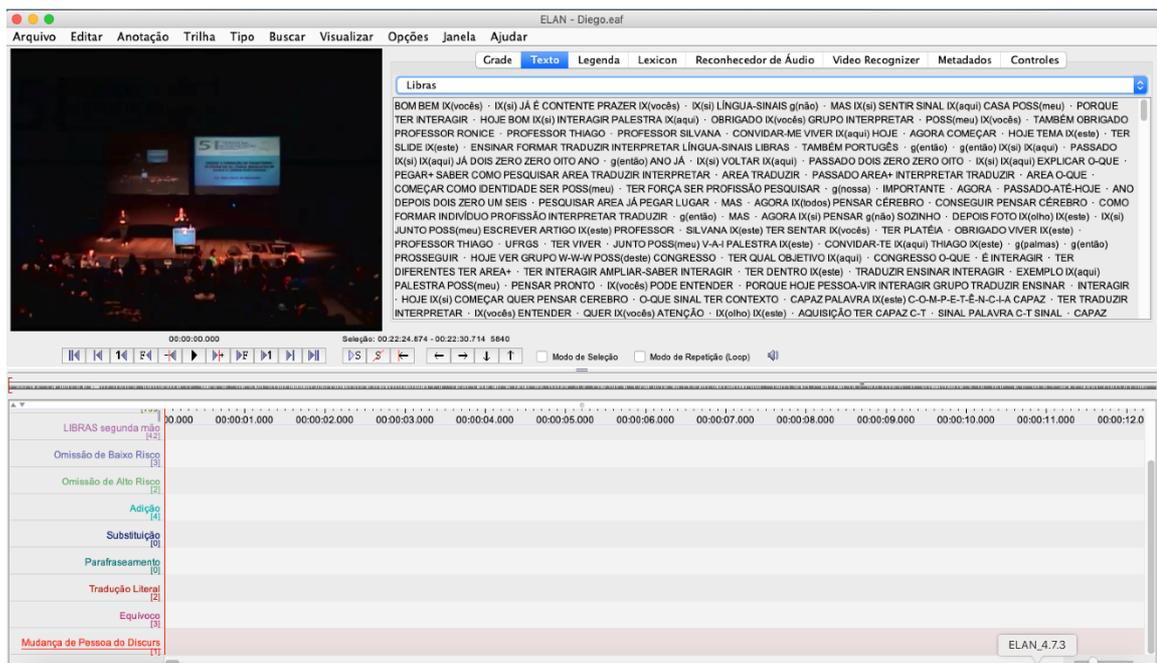
Fonte: Elaboração própria

Esses quadros serão separados e apresentados por estratégia linguística de solução de problemas e posterior discussão sobre os dados.

6.4 O software escolhido para a análise dos dados do estudo piloto

Atualmente o *software EUDICO Linguistic Annotator (ELAN)*, é a ferramenta mais utilizada nos estudos com as línguas de sinais, uma vez que permite a análise simultânea entre a língua de sinais e a língua oral, possibilitando inserir o vídeo que será analisado e incluir as chamadas “trilhas”, que são pré-determinadas e nomeadas. Nessas trilhas, marcamos o vídeo no momento em que o fenômeno a ser analisado ocorre e podemos dissertar sobre ele. No nosso caso, utilizamos o *software* na primeira etapa para identificar os momentos do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas. Na segunda etapa da pesquisa, queremos: (a) identificar os momentos de uso das estratégias linguísticas de solução de problemas; (b) marcar os momentos de uso com a dificuldade/problema encontrado; (c) relacionar a dificuldade/problema, a solução enfrentada.

Figura 3 – Foto do software Elan com as trilhas



Fonte: Arquivo próprio

Além da criação das “trilhas” para transcrição dos dados, o *software* permite aumentar ou diminuir a velocidade do vídeo, sendo um dos recursos mais utilizados na nossa análise, uma vez que, na Libras, existem recursos linguísticos que são minuciosos, além de rápidos, tais como: direção do olhar, expressões faciais e corporais etc. Esses recursos necessitam de muita atenção para que sejam percebidos, visto que são produzidos simultaneamente. Para o nosso trabalho, foram criadas trilhas baseadas nas estratégias linguísticas de solução de

problemas (discutidas no capítulo 5): omissão, adição, explicitação e implicação, substituição ou redução, expansão, parafraseamento, antecipação, cenarização e empréstimo.

6.5 Dificuldades para a apresentação dos dados

As estratégias linguísticas de solução de problemas são ferramentas para o profissional e devem estar à disposição sempre que ele se depara com alguma dificuldade ou problema durante o processo de tradução. A escolha e a aplicação da melhor estratégia para resolver a questão que se apresentou é realizada em frações de segundos. Entretanto, ela pode não ser a melhor escolha e a demanda “pressão do tempo” geralmente interfere na escolha.

Ao analisarmos os vídeos das interpretações do par linguístico Português-Libras, optamos por apresentar os dados em uma tabela contendo: (1) a identificação da estratégia linguística de solução de problemas utilizada no trecho; (2) o trecho da fala em Português; e, (3) o trecho interpretado em Português, destacando em negrito o momento em que ocorreu a estratégia. Entretanto, observamos que, para o leitor do nosso trabalho, será difícil acompanhar o raciocínio se não visualizar os dados na língua em que foi produzido, no nosso caso, a Libras.

Dessa forma, surgiram os problemas: Como expor os dados? Como podemos representar graficamente uma língua que é espaço-visual⁵⁴? Temos conhecimento da existência de algumas propostas de escrita das línguas de sinais que ainda não foram oficializadas e que não contemplam a expectativa de visualização dos dados em sua completude. Essa dificuldade na apresentação dos dados que estão em língua de sinais é compartilhada por outros autores, como afirma Roush (2018, p. 41, tradução nossa).

Até o momento, não existe sistema de escrita vastamente usado para ASL como existe para inglês e nenhuma pesquisa padrão aborda a transcrição ou anotação de dados de língua de sinais em formato de vídeo. Em vez disso, a decisão local do pesquisador de língua de sinais sobre qual método de transcrição e/ou anotação adotar tem a probabilidade de ser informado pelos objetivos do projeto de tradução, as normas e atuais práticas do ambiente de pesquisa imediato, bem como o campo de pesquisa mais vasto, o nível de análise, a disponibilidade de ferramentas de software, as capacidades do pesquisador, os recursos disponíveis para o pesquisador e a realidade do escopo do projeto de pesquisa.

Dessa forma, optamos por disponibilizar a gravação do congresso na plataforma de compartilhamento de vídeos youtube.com, para facilitar o acesso e manipulação dos dados. A

⁵⁴ Para maiores informações ver Quadros (2004).

escolha dessa plataforma também se deu às questões técnicas como a possibilidade de que esses vídeos não permanecessem disponíveis ao público ou que permanecesse, mas com acesso restrito, realizado apenas por meio de link específico.

Outra questão importante é que, mesmo que os vídeos do evento estejam disponíveis na internet, fizemos questão de explicar para os intérpretes analisados qual o objetivo do estudo e as questões que o envolvem, solicitando que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (conf. apêndices). Além disso, o endereço dos vídeos, com recorte temporal para o momento em que foram identificadas as estratégias utilizadas pelo participante intérprete, foram convertidos em formato *QR CODE*, que são códigos de barra bidimensionais e que podem ser lidos por quaisquer aparelhos de celular que contenham câmera e o/ou aplicativo de leitura desse tipo de código, para tornar mais clara a exposição dos nossos dados.

Devemos lembrar que essa é a primeira etapa da nossa pesquisa e que serve para identificarmos as estratégias linguística de solução de problemas e iniciar a nossa discussão. Os relatos retrospectivos não serão realizados sobre esses dados, mas posteriormente, conforme etapas 2 e 3 do esquema 2.

6.6 Geração e coleta de dados

O período em que nossa pesquisa foi realizada não contribuía para a coleta de novos dados de interpretação em contexto de conferência e que pudéssemos realizar os TAPs. Dessa forma, optamos por organizar um evento em que pudéssemos obter os dados para o nosso estudo. Para tanto, buscamos uma lacuna na área dos Estudos da Interpretação (EI), nacionalmente falando, unindo uma necessidade latente da área com a nossa área de pesquisa e a geração de novos dados para o trabalho.

Os EI buscam espaço acadêmico para a discussão aprofundada entre a teoria e a prática, bem como entender melhor a tarefa de interpretação e as etapas e processos relacionados a ela. Entretanto, os EI, no tocante às línguas de sinais, estão em um caminho diverso daquele trilhado pelos EI das línguas orais, mas acreditamos que um diálogo entre os dois e seus resultados seja importante para contribuir para o fortalecimento da área.

Essa falta de comunicação entre essas subáreas é evidente nos grandes eventos, em que são raros os momentos de diálogo direto entre elas. Ainda, os EI das línguas de sinais, geralmente, são alocados a parte, em grupos de trabalhos específicos e que não permitem a

interação com EI de outras línguas, fazendo com que nossas pesquisas circulem apenas entre os interessados na interpretação das línguas de sinais e não entre a grande área dos Estudos da Interpretação.

Consideremos o ENTRAD, que reúne o “XIII Encontro Nacional de Tradutores e o VII Encontro Internacional de Tradutores” e que no ano de 2019 ocorreu entre os dias 07 a 11 de outubro, sendo organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução – ABRAPT em parceria com a Universidade Federal da Paraíba. Os eventos em questão reuniram centenas de participantes que discutiram sobre tópicos relacionados aos Estudos da Tradução, que foram distribuídos entre palestras principais e simpósios temáticos, sendo um deles destinado especificamente para os EI de uma forma mais ampla. O simpósio em questão foi intitulado “Os Estudos da Interpretação e suas múltiplas possibilidades” e organizado por nomes reconhecidos da área dos EI. Contudo, no primeiro momento não aceitavam trabalhos sobre as línguas de sinais com a justificativa de terem simpósios temáticos específicos.

Mas, como intérprete e pesquisador desse campo e, acreditando que essas subáreas têm mais em comum do que divergências, o coerente seria conquistar um espaço para essa aproximação. Com isso em mente e, após um contato direto com os organizadores do simpósio, expusemos nosso anseio em dialogar com outros pesquisadores dos EI e o desejo em submeter nosso trabalho para o simpósio, obtivemos a aceitação e abertura para a participação. Pela nossa apresentação, pudemos ter um retorno sobre nossa pesquisa que, de certa forma, era comum a todos que estavam ali – a tarefa da interpretação – porém, com algumas especificidades por acontecer com um par de línguas diferente dos demais.

Nesse entremeio, acontecia a organização do “1º Congresso sobre os Estudos da Interpretação”, com parceria entre a Universidade Federal de Goiás (UFG), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade de Brasília (UnB) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que teve por objetivo proporcionar a aproximação entre os estudos da interpretação das línguas de sinais e os estudos da interpretação de línguas orais, como diz na 1ª Circular do evento (ConEI; 2019, [s.p.]):

O I Congresso sobre Estudos da Interpretação objetiva proporcionar um espaço de interação e discussão para pesquisadores, formadores, profissionais e estudantes da área, principalmente no que tange a objetos de estudos que ainda não foram contemplados nos trabalhos científicos. Esse diálogo contribuirá para a aproximação entre os estudos da interpretação das línguas de sinais e das línguas orais que conquistaram um espaço acadêmico, mas avançam para lados opostos. Nesse

sentido, buscamos estreitar as relações dessas áreas com o intuito maior de fortalecer a área dos Estudos da Interpretação no Brasil. (grifos do original)

Podemos verificar o diálogo direto entre os Estudos da Interpretação de línguas de sinais e de línguas orais, na própria programação, que foi o cerne para a organização do evento e o convite aos pesquisadores, de ambas subáreas, contemplando o principal objetivo do evento: a contribuição delas para fomentar discussões que podem contribuir para novas perspectivas sobre um mesmo problema de pesquisa.

Quadro 14 – Programação do 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação

6. PROGRAMAÇÃO – 27/08	
08:00h	Credenciamento
09:00h	Mesa de abertura
09:30h	Palestra de Abertura: <i>Imigração e interpretação em contextos públicos.</i> Profª. Dra. Sabine Gorovitz (UnB)
10:30h	Intervalo
11:00h	Mesa redonda: <i>Um panorama sobre interpretação de conferência: da prática à pesquisa.</i> Profª. Ms. Raffaella de Filippis Quental (PUC-Rio) Prof. Dr. Guilherme Lourenço (UFMG)
12:30h	Intervalo para almoço
14:00h	Comunicações orais: - Marsel Nascimento Gonçalves de Souza (Elos Intérpretes e Tradutores) - <i>Um século de inovação tecnológica na interpretação.</i> - Fernando de Carvalho Parente Junior (UFC) - <i>Interpretação simultânea e capacidade cognitiva: o que um teste de memória de trabalho pode dizer sobre a qualidade da sua interpretação?</i> - Markus J. Weininger (UFSC) & Diego Mauricio Barbosa (UFG) - <i>A qualidade da interpretação simultânea da Língua Brasileira de Sinais – Português na perspectiva dos usuários surdos.</i> - Dhenny Kétully Santos Silva Aguiar (UnB) & Helena Santiago Vigata (UnB) - <i>A Língua de Sinais e a interpretação simultânea: um estudo sobre a atuação do profissional intérprete em ambiente multilíngue.</i> - Fabiane Elias Pagy (UnB) - <i>Competências Linguísticas na Tradução e Interpretação Libras/Português: aspectos, características e relevância.</i> - Solange Silva dos Santos (UFS) & Geraldo Ferreira Filho (UFS) - <i>Abordagens discursivas sobre os processos de tradução e interpretação: dificuldades e estratégias.</i>
16:00h	Intervalo
16:30h	Mesa redonda: <i>A emergência da interpretação comunitária na contemporaneidade: desafios e possibilidades</i> Profª. Ms. Mylene Queiroz-Franklin (Interpre2b/Glendon School of Translation) Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues (UFSC) Prof. Dr. Cristiano Mazzei (Universidade de Massachusetts Amherst)

18:00h	Mesa redonda: <i>O lugar dos estudos da interpretação nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução.</i> Profª. Dra. Germana Henriques Pereira (UnB) Profª. Dra. Silvana Aguiar Dos Santos (UFSC)
7. PROGRAMAÇÃO – 28/08	
09:00h	Palestra: <i>Multilinguismo e seus efeitos na interpretação de línguas orais.</i> Profª. Dra. Helena Santiago Vigata (UnB)
09:40h	Intervalo
10:00h	Mesa redonda: <i>Desafios e perspectivas na formação de intérpretes.</i> Profª. Dra. Teresa Dias Carneiro (UFRJ) Prof. Ms. Christiano Sanches (PUC-Rio)
11:30h	Mesa redonda: <i>O papel das associações na profissionalização dos intérpretes.</i> AIIC - Associação Internacional de Intérpretes de Conferência APIC - Associação Profissional de Intérpretes de Conferência Febrapils - Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
12:30h	Intervalo para almoço
14:00h	Comunicações orais: - Jaqueline Neves Nordin - <i>Introdução à Interpretação Forense no Brasil.</i> - Thaisy Bentes de Souza (UFRR) & Carina da Silva Mota (UFOPA) - <i>Glossários visuais e a atuação de tradutores e intérpretes de língua de sinais.</i> - Ana Paula Jung (UFSC) & Neiva de Aquino Albres (UFSC) - <i>Os tradutores intérpretes de língua de sinais e sua atuação histórica na trajetória dos movimentos surdos brasileiros.</i> - Hanna Beer (UFSC) - <i>Os limites dos serviços de interpretação Libras-Português na garantia de direitos às comunidades surdas.</i> - Larissa Dantas de Lima (UFAM) - <i>Uma janela para o futuro: curso de formação de tradutores -intérpretes de Libras do Amazonas.</i> - Celina Nair Xavier Neta (UFSC) - <i>A interpretação como (re) criação de libras no contexto teatral.</i> - Marcelo Wagner de Lima e Souza (UFMG) & Luciene de Macedo Gomes Viana (UFMG) - <i>Bastidores da tradução: estratégias para realização de uma tradução-voz.</i> - Osilene Maria de Sá e Silva Cruz (INES), Suzane da Costa Ferreira (INES), Maiely Marcia Alves Dias (INES) & Alana André de Mendonça (INES) - <i>Análise discursiva e comparativa do discurso de Michele Bolsonaro em Libras e em Língua Portuguesa escrita na perspectiva Sistêmico-Funcional.</i>
16:00h	Intervalo & Pôsteres - Juliana Fraga Santos (UNIASSELVI) & Mirley Najara Batista Santos (ESTACIO/FASE) - <i>As possibilidades de formação dos tradutores e intérpretes de Libras Sergipanos após o Decreto 5.626/05.</i> - Caroline Rhodis Azevedo (IFAM) & José Carlos Ferreira Souza (IFAM) - <i>Interpretação de Libras em debates políticos: questões práticas específicas.</i>
16:30h	Palestra de encerramento: Profª Adriana Pagano (UFMG)

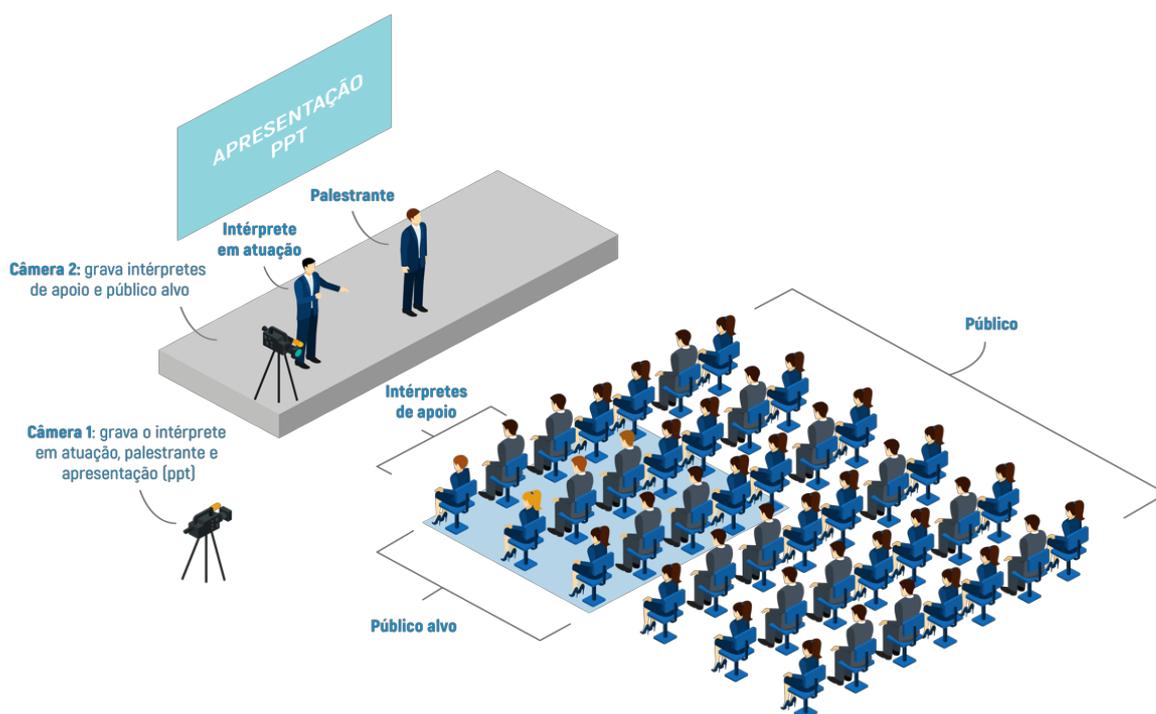
Fonte: ConEI (disponível em: <https://congressodeinterpretacao.com.br/>. Acesso em 16 mai. 2020)

Acreditamos que esse evento foi um marco para a área, para a aproximação e, principalmente, para o fortalecimento dos Estudos da Interpretação no Brasil, conforme podemos verificar no quadro 14, que apresenta a programação do evento e as discussões programadas no seu decorrer.

6.6.1 A coleta dos dados

O “1º Congresso sobre os Estudos da Interpretação” ofereceu-nos a oportunidade de coletar os dados, de forma que usufruíssemos de uma estrutura de equipamentos para filmagem, que foram dispostos conforme infográfico 1:

Infográfico 1 – Coleta dos dados no 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação



Fonte: Elaboração própria

O infográfico 1 nos ajuda a entender como estava distribuído todo o público do evento e como estavam dispostos o intérprete atuante e os intérpretes de apoio. A câmera 1 filmava o intérprete em atuação, o palestrante e a apresentação e a câmera 2, intérpretes de apoio e os receptores da interpretação, de forma que podemos ter acesso a diferentes pontos de vistas sobre o material coletado, o que nos permite analisar tanto o texto de partida quanto o texto de

chegada e a recepção e interpretação desse pelo intérprete, a ajuda ou ausência de colaboração dos intérpretes de apoio e também a recepção do texto de chegada junto aos receptores.

6.6.2 Perfil dos sujeitos de pesquisa e seleção do corpus

Os profissionais que atuaram no “1º Congresso sobre Estudos da Interpretação” (ConEI) tinham como perfil: (1) trabalham profissionalmente há mais de 10 anos; (2) ensino superior completo; e, (3) experiência de atuação no ensino superior e contextos de conferência. Assim, contemplavam os critérios que levantamos para a participação dos sujeitos em nossa pesquisa.

Para não gerar uma sobrecarga maior nos intérpretes antes e durante a atuação, não conversamos com eles sobre a pesquisa. Contudo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNCIE A, B, C, D, E e F) foi apresentado, lido e assinado pelos intérpretes que atuaram no evento após a finalização das interpretações.

Os dados obtidos correspondiam à necessidade do nosso estudo, entretanto, somavam aproximadamente 10 horas de filmagem de interpretação. No tocante à seleção do corpus, nem todo o material de que dispúnhamos correspondiam aos critérios da seleção: (1) interpretação de no mínimo 20 minutos direito; (2) interpretações na direção Português para a Libras; e, (3) filmagens completas, sem cortes ou ruídos que pudessem atrapalhar as análises. Assim, conseguimos selecionar 4 eventos interpretativos, sendo 2 do mesmo intérprete.

6.6.3 Pré-análise das interpretações e as entrevistas retrospectivas

A pré-análise dos dados do ConEI ocorreu o mais rápido possível, visando evitar perdas de informações ao realizar a entrevista retrospectiva com os sujeitos. Para isso, alocamos os vídeos na plataforma youtube.com e buscamos identificar as estratégias linguísticas de solução de problemas com base no quadro proposto no capítulo 5.

A decisão de hospedar os vídeos das interpretações no youtube.com e fazermos a análise por meio da plataforma foi norteadas pelo fato de não ser possível realizar as entrevistas retrospectivas pessoalmente, uma vez que a maioria dos intérpretes não moravam no local do evento, Brasília-DF, e se organizaram cada um no seu tempo disponível para atuar durante o evento, retornando para as suas cidades o mais breve. Dessa forma, tínhamos que disponibilizar as interpretações para que as entrevistas retrospectivas ocorressem. Foi enviado

um link para que o participante acessasse e manipulasse o vídeo correspondente a sua interpretação, tal qual procederíamos em uma entrevista retrospectiva presencial, conforme infográfico 2.

Infográfico 2 – Entrevista retrospectiva



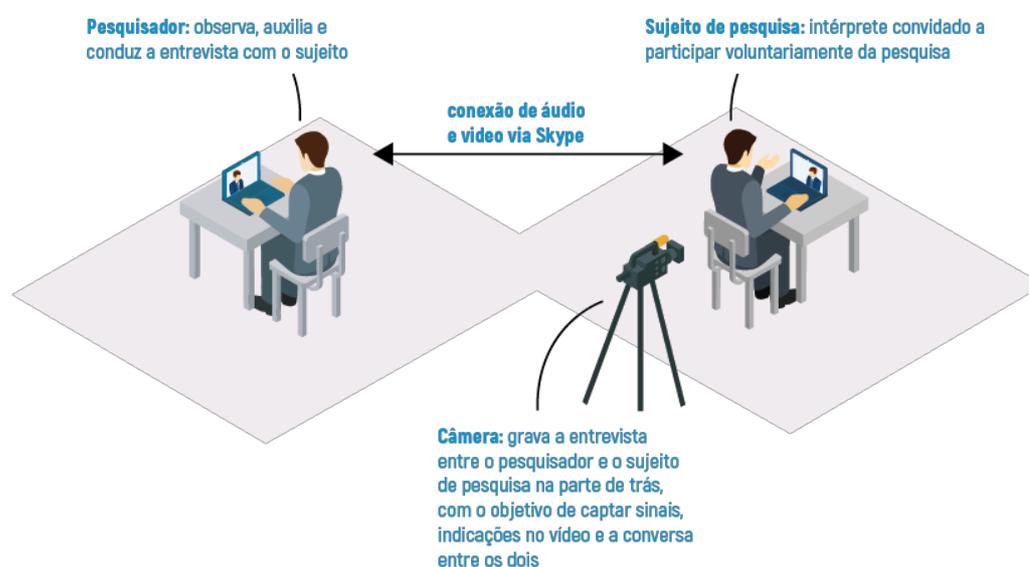
Fonte: Elaboração própria

As entrevistas foram conduzidas pelo aplicativo Skype, uma plataforma que permite a realização de reunião na internet, por meio de conexões por voz e vídeo. Seguimos as etapas: (1) abrimos as chamadas de reunião/entrevista pelo Skype; (2) o pesquisador fez uma breve introdução, mostrando o objetivo da entrevista, como ela seria conduzida, demonstrando que o participante tinha liberdade para comentar; (3) disponibilizamos o link do vídeo no youtube.com com a interpretação para o intérprete acessar; (4) ele compartilhava a tela do computador com o pesquisador e gravava sua entrevista, com recurso próprio do Skype; e, (5) fazia o controle total do vídeo, pausando, adiantando, voltando e fazendo os comentários sobre os momentos da utilização das estratégias que conseguiu identificar.

No infográfico 3, é possível visualizar o procedimento adotado para a realização das entrevistas retrospectivas com os participantes. O pesquisador disponibiliza o link de acesso,

enquanto o participante assiste e comenta sobre sua performance, de forma a relatar as estratégias utilizadas. A câmera posicionada atrás do participante é importante para registrar a entrevista, além dos comentários, bem como a interação entre o pesquisador, participante, vídeo e autoanálise. Dessa forma, não há perda de possíveis sinais interativos, seja na conversa com o pesquisador, seja na autoanálise e retrospecção do participante.

Infográfico 3 – Entrevista retrospectiva (modalidade a distância)



Fonte: Elaboração própria

Com os dados da entrevista, identificamos problemas e/ou dificuldade encontrados pelo profissional e, em alguns casos, as soluções encontradas por ele. Contudo, conforme dados presentes no capítulo 8 desta pesquisa, não foram em todos os casos em que tivemos a argumentação, a justificativa ou a observação providas pelos sujeitos. Essa diferença entre a quantidade de estratégias relatadas pelos participantes nos trechos da análise retrospectiva e as apontadas pelo estudo foi possível porque, enquanto pesquisador, tivemos mais tempo, posterior à entrevista, para uma análise minuciosa, em que identificamos mais detalhes, mais estratégias e até a utilização de diferentes estratégias ao mesmo tempo, diferente do sujeito de pesquisa, que estava ali não para uma análise tão detalhada, mas para recuperar na memória os momentos específicos de problemas ou dificuldades durante a interpretação e as estratégias linguísticas de solução de problemas que foram utilizadas.

6.7 Organização e critérios de análise dos dados

A análise dos dados do estudo piloto e apresentação para a banca de qualificação nos mostrou que o quadro de apresentação ainda gerava dúvidas ou inquietações para o leitor desta tese. Dessa forma, procedemos algumas alterações na forma de tratamento e apresentação dos dados colhidos e analisados no 1º ConEI, conforme quadro 15.

Quadro 15 – Exemplificação do quadro da amostragem dos dados do 1º ConEI

EVENTO INTERPRETATIVO X: https://www.youtube.com					
(1) N°	(2) Estratégia utilizada	(3) Trecho da fala em Português	(4) Tempo no vídeo	(5) <i>QR-Code</i>	(6) Comentários do Pesquisador

Fonte: Elaboração própria

No quadro 15, temos como título o número do evento interpretativo e o link direto para o vídeo. Em seguida, apresentamos as informações em colunas: (1) o número do trecho em que a estratégia linguística de solução de problemas foi identificada; (2) as estratégias que foram utilizadas no trecho. Vale destacar que, na maioria dos trechos, foi utilizada mais de uma estratégia linguística de solução de problemas e, dessa forma, não conseguiremos separar os quadros por estratégias como fizemos na análise do projeto piloto (veja no capítulo 8). Assim, a divisão realizada entre os quadros dos dados do ConEI foi com o intuito de dar um conforto maior para o nosso leitor, para que ele consiga acompanhar a discussão posterior aos quadros, sem necessidade de retorno a informações antecedentes; (3) O trecho da fala transcrito em Português. Nessa coluna poderão identificar algumas partes em destaque e alguns números entre parênteses que correspondem ao momento em que a estratégia foi utilizada e que estão ligadas (os números) à coluna dos comentários do pesquisador; (4) *QR-Code* que, ao ser acessado, encaminha diretamente para o trecho em que houve a utilização da estratégia linguística de solução de problema; e, (5) a coluna dos comentários do pesquisador, que servem como um descritor do que aconteceu durante aquele trecho. Aqui, há uma

correspondência entre a marcação numérica e os possíveis números que aparecem na coluna 3.

Ainda sobre a organização dos dados, fizemos o cruzamento entre as análises das interpretações do 1º ConEI e as entrevistas retrospectivas, separamos em quadros e discutimos. Além disso, com base na análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), propusemos um quadro de gatilhos para o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas com sugestão de estratégias que podem ser acionadas. Sobre a análise temática, os autores dizem que é utilizada “para identificar, analisar e comunicar padrões (temas) dentro de dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 9).

Dessa forma, compreendemos ser significativo esse cruzamento, uma vez que ambas as etapas são importantes para as discussões promovidas nesta pesquisa, de forma a consolidar não apenas os procedimentos metodológicos seguidos no decorrer dela, mas os dados e impressões que possamos apresentar e que podem servir para subsidiar futuras pesquisas.

6.8 Avaliação da análise dos dados

Durante a análise dos dados, passamos por outro entrave, a subjetividade da avaliação do pesquisador sobre o *corpus* da pesquisa. Como poderíamos resolver essa questão? Que, mesmo seguindo os critérios para a análise (QUADRO 15), poderíamos ser questionados por nossos leitores. Decidimos tomar como base o estudo de Gile (1999), que utilizou como validação para sua pesquisa a análise dos seus dados por outros profissionais intérpretes. Gile (1999, p. 159, tradução nossa)⁵⁵, detalha sobre o mesmo problema e a solução encontrada.

Discursos-alvo foram transcritos e transcrições foram examinadas em busca de erros e omissões. Esse método não é à prova de falhas, tanto por causa da alta variabilidade entre avaliadores e sua percepção sobre o que é ou não é um erro ou omissão em uma transcrição e porque o que pode ser identificado como erro ou

⁵⁵ No original: “Target speeches were transcribed, and transcripts were scanned for errors and omissions. This method is not without pitfalls, both because of high inter-rater variability in the perception of what is and what is not an error or omission and because what may be identified as an error or omission in a transcript may be an acceptable rendition in an oral presentation of the speech (as demonstrated in Gile 1999). To avoid these pitfalls, only instances of what appeared to me as flagrant errors or omissions were included in the analysis, and at least two further opinions from other conference interpreters were requested to confirm that the e/o’s I identified were also considered e/o’s by them. There were no dissenting opinions.” (GILE 1999, p.159).

omissão em uma transcrição pode ser uma produção aceitável em uma apresentação oral do discurso (como demonstrado em Gile 1999). Para evitar esses problemas, apenas instâncias do que me pareciam erros ou omissões flagrantes foram incluídas na análise e pelo menos duas opiniões adicionais de outros intérpretes de conferência foram requisitadas para confirmar que os e/o's identificados também foram considerados e/o's por eles. Não houve opiniões discordantes.

Contudo, não poderíamos escolher qualquer profissional. Para a apresentação e avaliação dos dados analisados, selecionamos uma profissional que seguia os seguintes critérios: (1) formação superior e em tradução e interpretação de Libras-Português; (2) experiência acadêmica como pesquisador; (3) mais de 15 anos de experiência profissional; (4) experiência profissional no ensino superior; e, (5) experiência profissional em contexto de conferência.

De acordo com os critérios elencados acima, conseguimos selecionar uma profissional que preencheu a todos eles. Apresentamos as análises, a identificação das estratégias linguísticas de solução de problemas, os trechos da palestra transcritos, com os nossos comentários e, ainda, o link em *QR CODE* dos trechos dos vídeos analisados para que ela pudesse validar todo o processo. E, com o tempo necessário para essa avaliação, não houveram divergências quanto as análises, sendo todas validadas.

7 ANÁLISE DOS DADOS DO ESTUDO PILOTO

Os dados apresentados nesta subseção são referentes à 1ª etapa, conforme apontado no fluxograma 1, em que analisamos as interpretações de Português para a Libras ocorridas no 6º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2018. Buscamos identificar o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas e, com o uso do *software Elan* transcrevemos toda a palestra e a interpretação, comparando a fala (palestra) com a escrita da transcrição e a retradução da interpretação.

Para a apresentação dos dados, organizamos uma tabela que contemple as informações: (a) qual estratégia linguística de solução de problemas utilizada; (b) trecho transcrito em que ocorreu o uso da estratégia; (c) tradução da interpretação (Libras-Português escrito); e (d) *QR-CODE* contendo o acesso ao trecho do vídeo analisado.

Além disso, organizamos a apresentação e discussão dos dados agrupando as estratégias linguísticas de solução de problemas, uma vez que poderemos quantificar, ao final, a recorrência, o emprego e também o impacto do uso de tais estratégias no texto de chegada.

7.1 Estratégia linguística de solução de problemas: expansão

Apresentamos a seguir os trechos que contêm a utilização da expansão como uma estratégia linguística de solução de problemas e a seguir a discussão sobre a consequência dessa utilização. Relembrando, que essa é uma estratégia utilizada para expandir informações recebidas da língua de partida através de elementos da língua de chegada.

Quadro 16 – Quadro síntese dos trechos em que foram utilizadas as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Português para Libras denominada “expansão”

Estratégia utilizada	Trecho da fala em Português	Trecho da interpretação para a Libras traduzido para o Português com destaque do trecho em que a estratégia acontece	<i>QR Code</i> para acesso ao trecho
----------------------	-----------------------------	--	--------------------------------------

Estratégia utilizada	Trecho da fala em Português	Trecho da interpretação para a Libras traduzido para o Português com destaque do trecho em que a estratégia acontece	QR Code para acesso ao trecho
Expansão	(1) “Quando eu falar CT, é a competência tradutória. E nós sabemos que ela pode acontecer... A pessoa pode adquirir esta competência fora do sistema educacional.”	“CT significa competência tradutória. Vocês sabem que o indivíduo pode adquirir a competência tradutória apenas (só) dentro da sala de aula , pode ser fora, em outro lugar é possível em outro lugar.”	

Fonte: Elaboração própria

No quadro 16, conforme destaque na coluna 3, há a tentativa de explicar que a palestrante traz a informação de que a competência tradutória pode ser adquirida tanto pelos estudos como pelo processo empírico. Entretanto, verificamos que o intérprete recorreu a ela após ter produzido no discurso da língua de chegada o elemento “só” em Libras, que significa único, apenas ele, exclusivamente. Dessa forma, na primeira parte do discurso, o intérprete afirma que a aquisição da competência tradutória é realizada por meio de processo formal de ensino-aprendizagem e complementa dizendo que a competência pode ser adquirida fora desse ambiente também, caracterizando uma contradição ao final do discurso.

Além disso, um pouco antes da frase destacada, temos um fenômeno chamado de “início falso”, quando a palestrante começa uma frase, mas cancela a sua continuidade para iniciar uma outra ideia. Por outro lado, vemos que o intérprete não marca na interpretação essa hesitação da palestrante, fazendo uma escolha estratégica para economizar o tempo gasto, optando por uma omissão de baixo risco (PYM, 2008), já que não ocasionou perda de nenhuma informação primária, que é importante para o entendimento do texto recebido.

Nesse sentido, podemos inferir que a estratégia de expansão, nesse caso, foi utilizada com o intuito de deixar a mensagem mais clara. Contudo, identificamos uma “anomalia” na interpretação que é definida por Cokely (1986, p. 351) como “a mensagem na língua de chegada contém expressões desnecessárias que não tiveram motivação na língua de partida ou uma parcela significativa da mensagem foi omitida”. Tal situação pode causar um desvio na interpretação, que pode acontecer pela proximidade com o discurso da língua de partida, ou seja, quanto mais próximos estamos do discurso menos tempo de processamento temos e, dessa forma, as escolhas equivocadas podem acontecer com maior frequência. Nesse sentido, Cokely (1986, p. 346, tradução nossa) defende que:

Para que uma interpretação seja considerada precisa ou apropriada, o significado da mensagem da língua de partida deve ser determinado pelo intérprete e transmitido de tal forma que o significado fica inteligível na língua de chegada. A própria natureza do processo de interpretação torna possível determinar até que ponto as partes do texto interpretado aderem ou desviam-se do significado das suas partes correspondentes na língua de partida. Aqueles casos em que a equivalência não é alcançada podem ser considerados erros, ou seja, desvios do texto original. Mais especificamente, um erro é uma falta de concordância entre as informações em uma mensagem interpretada pelo intérprete e as informações da mensagem da língua de partida que se deve transmitir.

A análise desse trecho sugere que a atenção do profissional deve ser mantida no controle do espaço de tempo entre a língua de partida e a língua de chegada. A necessidade desse controle é para evitar que um fluxo maior de informações chegue e o profissional não tenha tempo de processá-la, como destaca Barbosa (2014, p. 102).

Um dos problemas evidenciados pelos dados (entrevistas retrospectivas) é o risco de se manter um distanciamento maior (*lag time*) em relação à LF, pois a entrada de informação não se mantém a mesma durante o discurso. Isso dificulta ainda mais a escolha do profissional em poder se manter mais distante ou ter que estar mais próximo, pelo receio de perder informações relevantes. Por exemplo, o intérprete pode pensar que em certo momento ele controlou a entrada das informações da LF e ao se deparar com uma informação que ele julga não ser tão clara para o público alvo e opta por torná-la explícita, porém, no momento em que sua atenção está focada nesta explicitação, o fluxo de informações da LF aumenta.

Nesse sentido, o controle de tempo é essencial para a manutenção da coerência do texto de partida e do texto de chegada, possibilitando ao intérprete maior segurança nas escolhas das estratégias linguísticas de solução de problemas, quando for necessária sua utilização. Assim, não é suficiente ao profissional ter o conhecimento dessas estratégias ou a experiência em ambientes de conferência simultânea, é necessário também ter sensibilidade para integrar tais conhecimentos ao momento.

7.2 Estratégia linguística de solução de problemas: omissão

Os trechos parametrizados no quadro 17 contêm a utilização da omissão como uma estratégia linguística de solução de problemas. As omissões são informações da língua de partida que não são identificadas na língua de chegada podem ser prejudiciais para o entendimento das informações (alto risco) ou não prejudiciais para esse entendimento (baixo risco).

Quadro 17 – Quadro síntese dos trechos em que foram utilizadas as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Português para Libras denominada “omissão”

Estratégia utilizada	Trecho da fala em Português com destaque em negrito do trecho em que a estratégia acontece	Trecho da interpretação para a Libras traduzido para o Português com destaque do trecho em que a estratégia acontece	QR Code para acesso ao trecho
Omissão	(1) “a maioria dos modelos que são apresentados na literatura sobre CT também são componenciais. O que me faz gostar do modelo do PACTE , é que esse modelo, essa descrição, foi atingida por meio de pesquisa experimental.”	“ os grupos de pesquisa destinados a área das competências tradutórias (ct) apresentam modelos que são formados por componentes (mapas). Esse grupo da espanha (pacte), apresenta as competências com base em pesquisas experimentais.”	
Omissão	(2) “o outro ponto importante da base pedagógica é a questão da formação por competências, você montar currículos a partir de competências do profissional com base pedagógica, é vamos ver aqui os impactos desta orientação construtivista de aprendizagem.”	“o segundo ponto importante é a base pedagógica ser constituída a partir das competências que devem ser identificadas antes da criação do currículo.”	
Omissão	(3) “ um colega meu em Ouro Preto que eu estava apresentando este trabalho sobre essas mesmas coisas. Ele disse que eu estava querendo um novo tipo de aluno, eu digo estamos sim. Mas, estamos querendo também outro tipo de professor. Vocês vão ver o porquê. A gente quer um professor construtivista e um aluno construtivista nós sabemos que é uma proposta dura e difícil.”	“em uma palestra (1) em minas gerais na cidade de o-u-r-o preto eu falei que o grupo deve ser bom mas precisamos mudá-lo. eles devem agir por conta-própria. nós queremos que o professor acredite no construtivismo e o aluno contribua para isso.”	

Estratégia utilizada	Trecho da fala em Português com destaque em negrito do trecho em que a estratégia acontece	Trecho da interpretação para a Libras traduzido para o Português com destaque do trecho em que a estratégia acontece	QR Code para acesso ao trecho
Omissão	(4) “vamos ver aqui os impactos desta orientação construtivista de aprendizagem no modelo de didática de tradução do PACTE. A coisa mais importante é o aluno como protagonista. Protagonista do próprio processo de aquisição de CT.”	“aqui vamos falar da necessidade de cinco critérios estabelecidos (combinar) que contribuem para o aprendizado das c-t do grupo p-a-c-t-e. exemplificando, primeiramente o aluno deve ter autonomia e que o ensino não seja disponibilizado pelo professor e sim conquistados por ele.”	
Omissão	(5) “Uma sigla muito usada é a sigla FPC, vinda de formação por competência, em português. Vamos ver o impacto disso. Eu tenho uma frase aqui, de uma teórica chamada Kelly, Doroth Kelly, de um livro de 2005, a tradução é minha . Ela diz assim: “Se o nosso objetivo é formar tradutores e intérpretes profissionais, um ponto de partida, ponto de partida lógico, seria uma descrição do que os tradutores profissionais são realmente requisitados a fazer.” Nós estamos falando então da necessidade de levantar o perfil profissional.”	“a palavra f-p-c, o aconselhamento referente a competência, aconselhamento referente a competência. eu busquei um autor, k-e-l-l-y, fala que “se eu quero formar futuros profissionais primeiramente é necessário começar buscando a realidade e registrando o perfil deles.”	

Fonte: Elaboração própria

As omissões de informações na interpretação simultânea é um conceito polêmico na área dos Estudos da Tradução. Entretanto, existem estudos (NAPIER 2001; LUCIANO 2005; KORPAL, 2012)⁵⁶ que comprovam que as omissões de informações da língua de partida podem ser estratégicas e motivadas por inúmeras demandas (BARBOSA 2014). Nesse sentido, entendemos que existe a possibilidade de as omissões serem uma das ferramentas para o trabalho do intérprete. Contudo, Barbosa (2014, p. 106), além de corroborar com essa

⁵⁶ Para maiores informações ver Barbosa (2014)

possibilidade, traz a ressalva de que os profissionais devem aprender a controlar o que se omite.

Deste modo, concluímos que a necessidade da formação destes profissionais sobre esta temática em particular é fundamental, para que tenham ciência de que as omissões são intrínsecas à IS assim como as demandas que surgem em todos os eventos interpretativos e que novas demandas e/ou demandas diferentes surgem a cada momento.

A necessidade desse tipo de formação é para que os ILS estejam preparados para o enfrentamento das demandas, tendo ciência e segurança nas suas decisões, para que elas não se tornem desencadeadoras de outras demandas e/ou problemas, ou seja, utilizando as omissões recorrentes na IS de forma estratégica e com um único objetivo, que é tornar a interpretação mais eficaz.

No trecho (1) verificamos que, para frase “a maioria dos modelos que são apresentados na literatura”, a intérprete acrescentou a informação “os grupos de pesquisas destinados a área das competências tradutórias” com o objetivo de deixar o trecho mais claro em língua de sinais. Entretanto, como o bloco de toda essa informação era extenso, a adição foi seguida de uma omissão sobre o destaque que a palestrante dá ao modelo de competência tradutória proposto pelo grupo de estudos PACTE (Processo de Aquisição da Competência de Tradução e Avaliação). Assim, a ideia da palestrante de referenciar a preferência dela por esse modelo foi perdida. Podemos inferir que o tempo de atraso da intérprete e ainda, o aumento do fluxo de informações, foram os responsáveis por desencadear essa omissão.

Nesse caso em específico, acreditamos que tenha sido uma omissão inconsciente que, de acordo com Napier (2001), “levam a uma perda de informação relevante porque os intérpretes não têm consciência desta omissão e não se lembram de ter ouvido as unidades linguísticas omitidas”. E, ainda, a consideramos uma omissão de baixo risco, porque não prejudicou o entendimento dos tópicos principais do discurso, que em um contexto geral tratava-se da apresentação do modelo de competência tradutória.

No trecho (2), percebemos que o intérprete buscou por um “equivalente” de sentido para a frase “impacto na formação por competência”, repetindo algumas vezes a mesma frase e até soletrando a palavra “impacto”, o que ocasionou uma perda de tempo nessa dificuldade pontual. Dessa forma, vemos nitidamente que a consequência foi a omissão de “um livro de 2005, a tradução é minha.” que está no último trecho analisado. Ou seja, reativamente, essa omissão pode ter ocorrido pela falta de tempo para o processamento de novas informações e o intérprete não se deu conta delas, ocorrendo uma omissão inconsciente (NAPIER, 2001) ou, para que o fluxo da interpretação fosse mantido, o intérprete optou por essa estratégia. Ainda

sobre a omissão da palavra “impacto”, nós podemos evidenciar que foi uma dificuldade do intérprete que não foi resolvida, tanto é que no trecho (4) há reincidência dessa omissão.

7.3 Estratégia de solução de problemas linguísticos: adição

O quadro 18 contém a utilização da adição como uma estratégia de solução de problema linguístico. A adição acontece quando a informação na língua de partida não está clara, dessa forma, o profissional opta por adicionar uma informação (sem desviar da mensagem da língua de partida) com o objetivo de entregar um texto mais claro para os receptores do texto de chegada.

Quadro 18 – Quadro síntese dos trechos em que foram utilizadas as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Português para Libras denominada “adição”

Estratégia utilizada	Trecho da fala em Português	Trecho da interpretação para a Libras traduzido para o Português com destaque do trecho em que a estratégia acontece	QR CODE para acesso ao trecho
Adição	(1) “você montar currículos a partir de competências do profissional, que você tem que descobrir antes de fazer seu desenho curricular base pedagógica não é vamos ver aqui os impactos desta orientação construtivista de aprendizagem, no modelo de didática de tradução do PACTE, a coisa mais importante é, o aluno como protagonista.”	“as competências profissionais devem ser identificadas, mas antes da organização curricular precisam ser identificadas as mais importantes. ”	
Adição	(2) “nós estamos falando então da necessidade de levantar o perfil profissional, o que faz um tradutor e intérprete, o que ele faz, não é.”	“primeiramente, qual é o perfil, fazendo uma busca e destacando questões importantes para serem acrescentadas no currículo do curso.	

Fonte: Elaboração própria

Nos trechos destacados no quadro 18, podemos ver que o intérprete opta por acrescentar informações que não foram produzidas na língua de partida e que se encaixaram perfeitamente nos trechos em que foram utilizadas. Entretanto, ele não faz a ligação com bloco de informação anterior, deixando uma lacuna entre eles. Além disso, o destaque que a palestrante faz no “protagonismo” do aluno, que é fundamental para esse modelo, não foi interpretado.

O trecho acima nos mostra nitidamente que a escolha em deixar uma informação mais clara, adicionando uma informação, nem sempre funciona tão bem, uma vez que o tempo desempenhado para essa “tarefa extra” faz com que atenção seja focada em outra informação e o processamento da informação posterior é prejudicada e, muitas vezes, não é percebido justamente porque a atenção foi desviada para outra tarefa.

8 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS DAS INTERPRETAÇÕES DO CONEI

Conforme já explicitado no capítulo 6, realizamos em 2019 o ConEI, I Congresso sobre Estudos da Interpretação, em parceria com várias instituições de ensino superior. O evento objetivou articular a interação e a discussão, de forma a contribuir para a aproximações entre os Estudos da Interpretação de línguas orais e de línguas de sinais. Assim, teríamos um ambiente que nos proporcionasse a interpretação simultânea em contexto de conferência, bem como o contato com diversos profissionais e suas práticas laborais. Importante ressaltar que o evento forneceu mais de dez horas de filmagem com dados para nossas análises. Dessa forma, optamos por dividi-las em três eventos interpretativos, que serão analisados ao longo deste capítulo.

8.1 Análise e discussões do evento interpretativo 1

Apresentamos a seguir os trechos do primeiro evento interpretativo que contêm as estratégias linguísticas de solução de problemas. Entremeio, teremos as discussões de alguns pontos, respaldados por trechos da entrevista retrospectiva que fizemos com o profissional que atuou nesse evento, que fomentará as nossas discussões sobre a utilização delas. Lembramos que diferentemente da análise piloto, não conseguiremos separar as estratégias linguísticas de solução de problemas por categorias, por: (i) terem sido utilizadas em um curto espaço de tempo; (ii) sendo utilizadas mais de uma em cada trecho de informação; e (iii) sendo necessário o contexto mais amplo para entendermos como foram utilizadas e quais as consequências.

Quadro 19 – Trecho A do evento interpretativo 1 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
1	Omissão de baixo risco	0'10''		[...] já iniciamos um diálogo (1) bastante proficuo embora não institucionalizado entre nossas instituições é [...]	Neste trecho (1) o intérprete não dá a ênfase apresentada pela palestrante.
2	Tradução cultural com cenarização, omissão de baixo risco e equívoco na informação	0'59''		[...] Inicialmente eu sou (1) intérprete de conferência , comecei minha carreira (2) em 1915 (risos) (3) antes até de entrar, de integrar a universidade como intérprete de conferência dentro de uma cabine como vocês sabem né? Também experimentei a (4) interpretação consecutiva na qual eu não me dou nada bem (risos) talvez porque solicite um trabalho de memória que do meu ponto de vista me falta [...]	Neste primeiro trecho em destaque (1) o intérprete optou por sinalizar [CL - PESSOA EM PÉ PALESTRA]. Cenarizando a partir do seu campo de atuação e de suas experiências como e onde o intérprete de Libras se posiciona geralmente nesses contextos, no palco. Entretanto, a palestrante é intérprete de línguas orais e geralmente ficam na cabine, longe dos olhos do público. Aqui, a tradução cultural daria certo se a palestrante não tivesse explicado onde é realizado o trabalho, na cabine e não na frente, no palco. Neste trecho (2) o intérprete mostra uma pequena hesitação quando a palestrante é irônica quanto ao tempo que faz que iniciou a carreira de intérprete. Ele sinaliza o ano que ela disse, mas a ironia foi perdida. E o tempo despendido na hesitação faz com que a informação posterior [antes até de entrar de integrar a universidade] fosse

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					perdida. Neste trecho (4) tivemos um erro na produção porque o intérprete produziu o sinal de interpretação simultânea e não o de interpretação consecutiva.
3	Tradução cultural com cenarização, adição, substituição e adição	1'31''		[...] Trabalhei muitos anos, talvez mais de 30 anos com (1) interpretação de conferência , em situações mais diversas que vocês possam imaginar, das <i>mais prosaicas</i> em pequenos eventos até a presidência da república, passando por todos os (2) apertos e as angústias que vocês imaginam que é mediar, geralmente, a interlocução e o diálogo ou entre (3) instituições ou entre personalidades que tem áreas, tem como foco áreas das mais diversas [...]	Neste trecho (1) o intérprete sinaliza [CL - PESSOA EM PÉ PALESTRA] produzindo a cenarização de posicionar-se no palco. Nesse momento (2) o intérprete acrescenta uma informação na interpretação, ele sinaliza “falhas” que pode ser relacionado ao processo de interpretação que está sendo explicitado pela palestrante ou as dificuldades geradas durante a tarefa. Em (3) o intérprete adiciona o mesmo sentido duas vezes, com duas variações de sinal.

Fonte: Elaboração própria

No quadro 19, podemos notar a presença de uma tradução ou adaptação cultural – (3) em 3:5⁵⁷ –, que é amplamente defendida pelos teóricos dos Estudos da Tradução como uma

⁵⁷ Para melhor entendimento das citações e trechos destacados, iremos localizar nosso leitor no eixo X:Y, em que X equivale ao número identificado na coluna intitulada “Nº” e Y, faz referência às colunas da tabela. Assim, ao tratarmos de um determinado destaque, faremos uso da configuração N° na primeira coluna, seguida de dois pontos e, então, a identificação numérica da coluna, formalizando, por exemplo, 3:5 em que nos referimos ao número 3 da primeira coluna e à coluna “Trecho da fala em Português”. Salientamos que as tabelas apresentadas

forma de aproximar a mensagem dos receptores. Contudo, o trecho também demonstra que essa estratégia foi utilizada e não construiu o efeito esperado, tendo em vista a impossibilidade da referência direta com o que a palestrante estava dizendo. Conforme destacado na fala da palestrante (1) em 3:5, há o comentário por parte dela sobre o início de sua carreira como intérprete de conferência. O profissional faz referência ao posicionamento do intérprete de pé no palco (1), conforme 3:6, trazendo sua experiência de mundo e a realidade conhecida pela comunidade surda.

Ainda referente ao número 3, existe um atraso na entrega da interpretação da sentença “mais prosaicas”. Segundo o intérprete, após análise do vídeo e apontamento por parte do pesquisador do trecho em que ocorre o evento, tal evento acontece para que o profissional possa compreender a terminologia empregada antes da interpretação:

Aqui eu atraso meu delivery, porque ela fala “situações mais prosaicas”. E aí eu tenho que entender o que ela quis dizer com “prosaicas” principalmente porque ela tava falando “Olha, eu atuo em contextos de conferência.” E aí “prosaicas” aqui, no meu entendimento não era prosaicas no sentido amplo do termo, porque tava falando ainda de interpretação de conferência. Então eu opto “Olha, então eu fiz desde conferências bem pequenas, que aí foi uma escolha que eu fiz, porque o “prosaicas” aí foi um problema. Tanto que aí é... Interessante que na hora que ela fala “prosaicas”, eu falo “Ah, eu já interpretei o que?” E aí eu ganho tempo. Então eu, eu, eu uso essa, essa estratégia mesmo pra ganhar tempo pra eu poder me decidir do que fazer com “prosaica”. E aí eu resolvo isso da melhor maneira que eu achei que foi falar “Olha eu já interpretei conferências muito pequenas, até interpretar o presidente da república”. Mas aí nessa hora eu preciso ganhar tempo pra me decidir o que que ela quis dizer com “prosaicas”, não foi automático assim não.

Além disso, ainda encontramos no número 3 uma situação que, a priori, não se encaixa nas estratégias discutidas no capítulo 5. O intérprete faz a adição, (3) em 3:5, da mesma informação utilizando uma variante da língua, com o objetivo de atingir o maior número de receptores da interpretação. Questionado sobre a estratégia, ele nos informa:

Aqui é legal, que mostra o que eu falei na última coleta. Que é, como que o público, que a diversidade do público ali, faz eu fazer algumas escolhas pra tentar ser mais abrangente possível. E isso aparece no termo “instituição”. Quando ela fala instituição, eu uso dois sinais para instituição, então eu construo duas vezes. Eu uso um sinal de instituição que a gente vê sendo mais utilizado no Sul e um outro sinal de instituição que a gente vê sendo mais utilizado em Brasília e em Minas também. É por isso, porque eu tenho uma audiência muito mista e isso reflete nessa hora, me preocupando em trazer os dois sinais que o público conhece.

Podemos evidenciar a corroboração para a discussão que levantamos no capítulo 2 do nosso trabalho, que é o impacto dos receptores sobre as decisões do intérprete de língua de

sinais. Ainda verificamos com isso que temos uma subcategoria dentro da estratégia de adição, a qual chamamos de adição por redundância, que é acionada pelo impacto da diversidade de receptores da interpretação para Libras, fazendo com que o intérprete utilize sinais com o mesmo significado para abranger todos os receptores.

Quadro 20 – Trecho B do evento interpretativo 1 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
4	Substituição e omissão de baixo risco	2'06''		[...] tem áreas tem como foco áreas das mais diversas então (1) pouco esquizofrênica a profissão de intérprete né? Porque se na segunda a gente fala de medicina, na terça feira de filosofia, na quarta feira de (2) física quântica e assim vai. Aliás eu até queria me desculpar pelo currículo um pouco (3) esquizofrênico também das áreas que eu venho cobrindo de forma um pouco fragmentada...	Nesse trecho (1) o intérprete substituiu [pouco esquizofrênica] por [diferente] com intensidade no sinal. No trecho (2) o intérprete comete um equívoco no sinal para “quântica” de física quântica, produzindo o sinal de arquitetura. Neste trecho (3) o intérprete omite novamente o sentido que a palavra [esquizofrênico] quis dar ao contexto.
5	Empréstimo	2'32''		[...] Mas, tudo isso é um introdução simplesmente para dizer que hoje eu vou falar sobre (1) interpretação comunitária e mais uma vez eu peço desculpas porque não corresponde ao título que estava no programa...	Neste momento (1) o intérprete optou pelo empréstimo através da soletração para marcar a interpretação comunitária mais precisamente para a palavra [C-O-M-U-N-I-T-Á-R-I-A] por ter utilizado o mesmo sinal para conferência com a diferença da adição do sinal, “interação”.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
N°	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
6	Empréstimo, empréstimo, explicitação com antecipação e omissão de baixo risco	2'54''		[...] dentro de um projeto de pesquisa que é o nosso que se chama (1) “ MOBILANG ” mobilidades e (2) línguas em contato e que trabalha tanto a questão da dos contatos e misturas de línguas em situações e (3) contextos migratórios . Mas também o papel do intérprete e do (4) tradutor dentro dessa situação global muito marcada pelas mobilidades humanas.	Neste momento (1) o intérprete recorre ao uso do empréstimo linguístico, da sigla do projeto [M-O-B-I-L-A-N-G]. Neste trecho (2) o intérprete adiciona o sinal de contato duas vezes, utilizando uma variação. No trecho (3) ele utiliza uma terminologia específica [imigração] quando a palestrante fala sobre “contextos migratórios” que ainda não é tão utilizada e por isso recorre a estratégia de empréstimo linguístico junto com uma explicitação, pois ele traz uma informação que é implícita quando falamos de imigração que é a “mudança” e com isso acaba antecipando a informação que virá logo após esse trecho. Neste momento (3) o intérprete sinaliza apenas [INTÉRPRETE] e omite o “tradutor”.
7	Empréstimo e omissão	3'31''		[...] Nós criamos um projeto de (1) extensão que chama “migrações e fronteiras no Distrito Federal: a acessibilidade (2) linguística como garantia dos direitos humanos”. É um título	Neste momento (1), o intérprete soletra a palavra [E-X-T-E-N-S-Ã-O] logo após o sinal, quando é falado sobre o projeto de extensão, pois existe uma variação grande para esse termo.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				longo , mas é um projeto que vem sendo desenvolvido em parceria com instituições públicas.	Em (2) existem duas omissões. A primeira foi “linguística”. Contudo, o contexto oferecia essa informação implicitamente para os receptores, tornando uma omissão de baixo risco. A segunda foi referente ao destaque do palestrante sobre ser “um título longo”, falando sobre o nome do projeto. Nesse caso também é caracterizada uma omissão de baixo risco, já que é uma informação secundária.
8	Empréstimo	3'53''		[...] O Ministério da Justiça, em especial o (1) CONARE, que é o comitê nacional de refúgio no Brasil e que é o órgão encarregado...	Em (1), o intérprete recorre ao empréstimo linguístico e faz a soletração equivocada do nome do órgão citado. O correto é [C-O-N-A-R-E], entretanto, foi soletrado [C-O-N-A-L-G].

Fonte: Elaboração própria

No número 4 do quadro 20 observamos uma substituição do termo “esquizofrênico” por “muito diferente”. Nesse ponto, o intérprete teve dúvidas de como produzir em Libras e optou por aguardar mais informações para ter certeza sobre o significado dentro do contexto, conforme ele explica na entrevista retrospectiva.

Aqui de novo, ela vai falar que a profissão de intérprete é esquizofrênica, aí eu preciso atrasar mais uma vez pra eu ver o que ela quis dizer com isso ou como eu ia construir isso em língua de sinais. Aí, eu inverto. Ela fala assim “é um pouco

esquizofrênica a profissão de intérprete”. Aí eu inverte, “ah, eu que sou intérprete a minha profissão de intérprete ela é...” Essa inversão é muito pra ganhar tempo, porque eu ainda não tinha me decidido. Eu faço uma inversão, produzo a construção que eu sei, que eu tenho certeza que é aquilo, mas eu estou planejando uma maneira de trazer essa construção “esquizofrênica”. Aí, eu só resolvo “ah, é muito diferente”.

Ainda nesse trecho, número 4 do quadro 20, identificamos um equívoco no sinal para “quântica” de “física quântica”, produzindo o sinal de Arquitetura, conforme podemos ver em (2) da coluna “Trecho da fala em Português” Ao ser questionado, o intérprete justifica o equívoco e podemos compreender como o intérprete de apoio também pode interferir nas escolhas das estratégias linguísticas de solução de problemas.

É, nessa hora tem um problema aqui, ela fala de “física quântica”. Aí, eu fiz só física e a pessoa que estava em dando o apoio fez esse sinal de “engenharia”, de “engenharia” não gente, de “arquitetura”. Aí eu olho pro apoio, mas eu pego (o sinal). Então, tem um estranhamento na minha cara “porque você está me dando isso?”. Mas, como o apoio me deu eu usei, pela relação de confiança. Ali eu não tinha condições de avaliar se eu tinha perdido aquela informação ou não e como a pessoa que estava me dando o apoio me deu esse sinal, eu fiz, eu trouxe ele no meu discurso. Mas, na minha cara dá pra ver que assim “ué, será que é isso mesmo?”. Eu produzo com dúvida esse sinal e vendo agora não teve isso, foi algum ato falho do meu apoio, foi um equívoco.

No número 6, temos a adição de uma variante do sinal de “contato”, conforme trecho (2) em 6:5. Na entrevista, o intérprete explicita sua ação, enfatizando que o *feedback* da audiência não deve passar despercebido ao profissional.

Esse segundo “contato” foi porque, se eu não estou esquecido, eu uso a construção de línguas de contato que é a construção que eu conheço que é o que a gente geralmente usa pra falar disso. E eu tenho uma reação de alguém na audiência que não conhece o sinal. Aí eu vou e troco para o “contato” mais tradicional, fora do uso linguístico. Aí, pra poder explicar esse sinal. Dá pra ver que é uma ruptura mesmo na minha entrega, eu estou entregando o sinal de “língua em contato” e de repente eu mudo pro outro contato porque eu tive alguma reação da audiência que fez eu deixar mais claro o que eu estava falando ali. E isso, do ponto de vista da tarefa é negativo. Porque acaba sendo algo, acaba sendo mais uma variável pra eu me preocupar. Então, isso dá uma ruptura na minha escolha, eu preciso replanejar, eu tenho que mudar o sinal que eu estou usando. Então, do ponto de vista da tarefa é ruim. Só que pro ponto de vista do produto e do cliente é positivo. Porque aí, nesse momento eu tinha uma ou mais pessoas na minha audiência que não tinham compreendido a mensagem. E aí, por eu ter que planejar de novo, pra trocar o uso elas entendem. Então, eu sinto obviamente o ônus disso na tarefa. Mas, é um mal necessário pra maximizar o produto e a compreensão do produto que estava ali.

Interessante destacarmos que o *feedback*, tanto positivo quanto o negativo, é um dos pontos que mencionamos durante o nosso trabalho⁵⁸. Queremos retomar essa discussão, uma vez que acreditamos e comprovamos, por meio desse relato, que o *feedback* é um termômetro da produção do intérprete de língua de sinais. O automonitoramento que concorre com os

⁵⁸ Conferir capítulo 2 deste trabalho.

outros esforços durante o processo, pode ser recuperado mediante *feedback* dos receptores, contribuindo para maximizarmos a qualidade da mensagem interpretada.

Em 6:5 ainda encontramos a terminologia “imigração” que é inserida na palestra pela primeira vez e, além disso, como conceito, ainda não circula tanto na comunidade surda causando dificuldade para o intérprete (3) em 6:6. Sobre essa estratégia, o intérprete avalia que

aqui, vem a primeira ocorrência do sinal de “imigração”. Eu tenho que entrar com datilologia (soletração da palavra em Língua Portuguesa). Eu acho que entra um pouco até... Eu uso o sinal de “migração” faço datilologia e faço quase que uma pequena explicação de “pessoas que se mudam” pra tentar construir esse conceito.

No número 7, temos um bloco com muitas informações e no início desse momento o intérprete precisou recorrer ao empréstimo linguístico para a palavra “extensão”, conforme (1) em 7:6. Ainda no mesmo momento, houve um aumento de informações que chegaram, fazendo com que alguns dados secundários tivessem que ser omitidos para manter o fluxo. Sobre isso, o intérprete justifica:

Aqui, é interessante porque eu não peguei que era o título do projeto. Eu construí, como se ela estivesse descrevendo o projeto. No final ela diz que é o título, só que eu não tinha construído que isso era um título. Então, (naquele momento) se eu fosse construir que isso era o título, isso daria um problema gigantesco na tarefa. Eu teria que interromper a produção, voltar, concertar e deixar claro que aquele era o título do projeto. Obviamente eu não faria isso, aí então eu continuo como se nada tivesse acontecido. O fato é, o título é importante, mas como eu acho que fica claro na sinalização o conteúdo do projeto eu prefiro não reconstruir. Inclusive ela fala assim, “esse é título muito longo, mas...” e ela continua falando. Então, se eu tento reconstruir o título eu iria me perder, aí eu teria muito mais problemas, muito mais trechos omitidos depois, que obviamente se eu parasse a minha produção pra reconstruir, aquele (próximo) trecho de fala, provavelmente eu iria perder. Porque eu não consigo voltar, reconstruir, replanejar e ainda manter recurso de memória. Então, eu vejo que era um título e falo “opa, aqui era o título”. Mas, segue a vida.

Essa omissão citada pelo intérprete foi uma omissão consciente (NAPIER, 2001), que ocorre quando o intérprete percebe a omissão e opta por manter assim, para não prejudicar o andamento da interpretação e fluxo da mensagem entregue. No número 8 podemos verificar um equívoco na soletração do nome citado pela palestrante (1) em 8:6. Segundo o intérprete, “nessa hora eu faço a sigla com muita dúvida, eu não tinha certeza do que era essa sigla. Dá pra ver na velocidade, está picada a soletração e eu não me lembro se eu tive algum auxílio do apoio. Mas aqui, eu tive problema com essa sigla”.

Destacamos que esse equívoco é algo recorrente na interpretação para a Libras. O intérprete acaba utilizando essa estratégia para palavras que não possuem um sinal referente ou, não sendo esse o caso, quando ele não consegue encontrar um equivalente de sentido para

produzir na Libras. Entretanto, muitas vezes, o profissional não sabe a soletração correta e o equívoco acontece.

Quadro 21 – Trecho C do evento interpretativo 1 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
9	Empréstimo e parafraseamento com cenarização	4'09''		[...] Nós assinamos um acordo recentemente também com a (1) defensoria pública da união e como vocês sabem é um órgão que proporciona uma defesa, uma assistência jurídica pra pessoas que não têm meios para é... adquirir essa assistência por seus próprios meios...	Neste momento (1) o intérprete recorre à soletração das palavras [D-E-F-E-N-S-O-R-I-A P-Ú-B-L-I-C-A D-A U-N-I-Ã-O] e, posteriormente, ele faz a cenarização da pessoa que precisa de assistência jurídica e não tem condições financeiras, interagindo com a Defensoria Pública da União para conseguir esse auxílio.
10	Adição e omissão de baixo risco	4'30''		[...] nós vamos assinar mês que vem um acordo com o ministério público do distrito federal que busca uma assistência linguística pra mulheres que sofrem uma situação de (1) violência doméstica entre refugiadas imigrantes e em especial chinesas e venezuelanas...	Neste trecho (1), o intérprete utiliza mais de um sinal para evidenciar a violência sofrida pelas mulheres refugiadas, chinesas e venezuelanas. Contudo, omitiu a palavra “doméstica”, que não interferiu no entendimento do trecho interpretado.
11	Empréstimos e cenarização	4'47''		[...] entre (1) refugiadas e imigrantes, em especial chinesas e venezuelanas e que precisam ter acesso a informações multilíngues, ou seja, em suas línguas para poder também (2) ter acesso também a direitos de	Em (1) o intérprete utiliza o sinal seguido de empréstimos, fazendo a soletração das palavras [R-E-F-U-G-I-A-D-A-S] e [M-A-R-I-A D-A P-E-N-H-A]. Nos dois casos, o intérprete utilizou esse

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
N°	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				proteção que o Brasil proporciona em especial a Lei (1) Maria da Penha como vocês todos sabem...	recurso em conjunto com o sinal. Quando a palestrante fala sobre (2) “ter acesso também a direitos de proteção que o Brasil proporciona”, o intérprete utiliza mais uma vez a estratégia da cenarização.
12	Antecipação, omissão de baixo risco, parafraseamento, cenarização e equívoco	5’10’’		[...] Desse projeto de extensão, surgiu uma (1) prática da interpretação comunitária, justamente no órgão que é responsável pelo deferimento das solicitações de refúgio que é o (2) CONARE como eu já citei, e que tem como uma última etapa dessa solicitação, (3) uma entrevista para avaliar o (4) percurso do refugiado , solicitante de refúgio. O percurso e as razões da migração...	No primeiro (1) momento o intérprete antecipa a informação sobre a instituição CONARE. Em (2), o intérprete faz a omissão do nome do órgão [CONARE] e faz a retomada do parafraseamento utilizado no primeiro momento (3’53’’), quando interpretou a informação sobre aquele órgão. Nesse caso, foi uma omissão de baixo risco. A cenarização (3) acontece na ação da entrevista entre o agente e o solicitante de refúgio. Essa informação não consta na fala da palestrante, mas o intérprete inclui para deixá-la mais clara. No trecho seguinte (4), ele comete um equívoco que logo depois corrige.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
13	Adição, antecipação e omissão de baixo risco	5'57''		[...] esse imigrante tem uma entrevista oral no CONARE , em que ele vai narrar sua história migratória. É uma entrevista longa, que dura cerca de 2 horas. E, é justamente nessa situação em que nós fornecemos um apoio, um serviço com os nossos intérpretes comunitários voluntários.	Neste trecho ele adiciona a presença do intérprete no momento da entrevista, mesmo não sendo falado pela palestrante, antecipando a informação entregue para os receptores, que será dada ao final da fala. Ainda nesse trecho, ele omite o nome do órgão [CONARE] já que toda a informação que antecede é relacionada a isso. Nesse caso, o nome do órgão era uma informação redundante e a omissão é de baixo risco.
14	Empréstimo linguístico e substituição	6'45''		[...] uma atividade solidária, auxiliar os imigrantes nessa situação de entrevista, auxiliar também os agentes do CONARE chamados (1) oficiais de elegibilidade , eu sei que vai ser impossível traduzir isso, nessa (2) relação de compreensão .	Em (1), o intérprete faz a soletração de [O-F-I-C-I-A-L D-E E-L-E-G-I-B-I-L-I-D-A-D-E] porque a palestrante marcou o nome do cargo do agente que ela vinha citando ao longo da palestra e, quando termina, ela diz que seria um termo difícil para o intérprete. A estratégia utilizada foi a alteração da pessoa do discurso, dizendo [ela falou algo complicado para eu interpretar]. No trecho (2), o intérprete faz a substituição de [relação de compreensão] por [relação estabelecida ali].

Fonte: Elaboração própria

No número 9, vemos um tempo maior sendo depreendido para uma soletração extensa das palavras “Defensoria Pública” (1) em 9:5. Para isso, o intérprete argumenta:

Defensoria Pública é um termo que eu sei que em Brasília a gente usa muito esse sinal, em Minas. Mas, eu preferi trazer a soletração pra deixar claro o que era, pela diversidade do público que estava ali e foi bom porque nesse momento a fala dela me permite, ela me dá tempo suficiente para construir isso. Eu consigo trazer, “Defensoria Pública” inclusive eu faço “da União”. Em um contexto que eu fosse um pouquinho mais limitado de tempo eu não faria, mas o tempo me permitiu eu fazer tudo e eu consigo voltar no ponto que eu estava, eu não perco informação. Mas isso, muito pelo ritmo de fala dela, nesse momento, me permite fazer isso. Nas informações que vem posteriormente fica bem condensado. Principalmente porque nessa hora eu não peguei os “meios” que seria meios financeiros. Eu não peguei essa informação na hora, isso me fugiu. Eu só falo, “pessoas que estão tentando auxílio e não conseguem, contam com o apoio da Defensoria”. Mas isso, eu acho que não entendi, que esses “meios” eram financeiros, não consegui fazer essa inferência de jeito nenhum. Se formos olhar, a datilologia (soletração manual das palavras) exige um foco atencional maior, então eu acho que tenho que prestar muita atenção na datilologia que eu estou fazendo e isso fragiliza, tanto a minha compreensão que eu não consigo entender que “meios” era financeiro, eu acho que aí eu acabo omitindo a parte do jurídico, que aí eu não sei... Talvez por isso, a datilologia me exige uma atenção maior e eu acabei usando um tempo muito longo pra isso e isso fragilizou o outro trecho da mensagem, com certeza. Eu penso que seria isso.

Interessante destacarmos que a primeira impressão do profissional é de que o ritmo de fala da palestrante deixou ele confortável, tanto na hora da interpretação como no momento da entrevista retrospectiva, dando a impressão de que ele poderia direcionar o foco de atenção dele para a estratégia de empréstimo. Olhando com mais acuidade, podemos verificar o desencadeamento de outros problemas (não entendimento do significado de palavras e omissões) pelo tempo que ele depreendeu para a primeira estratégia.

No número 10, temos a adição de variantes de sinais com o mesmo significado, (1) em 10:6, que, segundo o intérprete ocorre visto necessidade deixar mais clara a mensagem: “Eu faço umas três construções para “violência” talvez pelo público, para tentar construir de maneira mais clara para todos. Nesse caso, eu ter que construir mais (utilizando mais sinais para a mesma palavra) o “violência” fragilizou a “doméstica”. Acho que pode ter sido isso”.

A questão da presença de diferentes receptores, diferentes públicos, evidencia-nos que mais uma vez que os intérpretes de língua de sinais, geralmente, não têm um receptor, tem receptores da mensagem e que são determinantes durante o processo e na construção da interpretação. Como a presença de diferentes receptores influencia nas decisões interpretativas, por um lado, é negativo, pois demanda um esforço maior nas escolhas, nas retenções das informações na memória, como será produzido, o monitoramento da recepção da mensagem pelo público e, caso o *feedback* seja negativo, a reformulação de uma nova

mensagem. Por outro lado, para o público é positivo, tendo em vista que o intérprete gastará a sua capacidade de processamento para maximizar a entrega da mensagem.

No trecho número 12, o intérprete antecipa a informação da instituição em que os trabalhos de interpretação comunitária foram iniciados, conforme (1) em 12:6. Contudo, no início da antecipação, ele apresenta como se fossem alguns lugares, entretanto era apenas um. O intérprete, ao analisar sua performance, esclarece sua escolha:

Aqui é interessante porque eu erro, mas eu não sei nem se é pela expectativa é pela construção que eu faço antes. Ela fala assim “começou a surgir então uma prática de interpretação comunitária”. Então, quando ela fala isso, ela está me dando uma informação um pouco mais genérica. E aí, eu decido construir isso pluralizando. Então, eu faço o sinal de inserir ou de colocar os intérpretes no plural. Então eu construo esse arco a frente (no espaço na frente do tronco, local onde a sinalização é realizada) posiciono os intérpretes. Aí, ela fala “na instituição” eu vou e pluralizo as instituições. Só que aí ela fala que é uma instituição, não é plural. Aí eu tenho que concertar, ao invés de eu falar “opa, desculpa, é uma só” eu digo “a gente começou nessa uma, nessa primeira”. Aí pronto, continuo falando só dessa uma. Eu tento dar um jeito na informação, porque a minha escolha anterior de pluralizar foi infeliz.

Como destacamos no decorrer do texto, mais precisamente no capítulo 5, a estratégia de antecipação é arriscada justamente por isso, ela pode dar certo e contribuir para o gerenciamento do tempo e o intérprete conseguir alocar sua capacidade de processamento em outros esforços ou ela pode dar errado e ele ter que corrigir o equívoco durante a tarefa e a sua capacidade de processamento ser direcionada pra isso, desencadeando outros problemas.

Ainda no número 12, existe um pequeno equívoco que o intérprete teve tempo de retomar e corrigir, conforme notamos em (4), 12:6.

Neste trecho eu faço imigrante, não faço refugiado e depois eu concerto para refugiado. Eu não sei dizer se isso partiu de mim ou foi o apoio. Mas aqui tá clara que foi uma correção. Mas é interessante que na fala dela ela mistura esses termos, aí eu me peguei nessa hora fazendo os dois sinais. Porque ela alterna esses termos falando da mesma pessoa e do mesmo contexto. Isso me dá uma dúvida e eu produzo os dois.

No número 14, temos o momento em que o intérprete altera a pessoa do discurso (1) em 14:6. Tal tomada de decisão pode trazer ambiguidade ao discurso/interpretação, uma vez que, para os receptores, ficou parecendo que o profissional abre um parêntese e emite uma fala particular, uma impressão sua sobre esse trecho da palestra.

Quadro 22 – Trecho D do evento interpretativo 1 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
15	Cenarização, empréstimo, omissão e parafraseamento com cenarização	7'06''		[...] Desenvolvemos uma pesquisa (1) sobre o papel desse intérprete comunitário em parceria com a (2) Fernanda Garcia que aqui se encontra e eu (3) queria agradecer demais . Uma pesquisa muito detalhada sobre a relação que se estabelece entre o intérprete (4) o agente do CONARE e o imigrante. [...]	Neste momento (1) o intérprete cenariza a tarefa do intérprete durante a entrevista. Neste outro trecho (2) ele faz o empréstimo para o nome da pesquisadora citada [F-E-R-N-A-N-D-A G-A-R-C-I-A]. No trecho seguinte (3) ele omite o agradecimento feito a pesquisadora. Neste trecho (4), o intérprete usa a cenarização para parafrasear o “agente” ele utiliza o próprio corpo personificando o intérprete e faz marcação de referente espacial para definir o agente, assim, no espaço neutro faz a interação entre ambos.
16	Omissão de baixo risco	8'15''		[...] é uma profissão que (1) tem sido reconhecida informalmente, mas na prática ela é totalmente desvalorizada e ela não faz parte das políticas linguísticas, as poucas políticas linguísticas que ainda têm sido implementadas pelas (2) instituições públicas no intuito de acolher melhor de tratar melhor e dar acesso aos direitos [...]	Neste primeiro trecho (1) a informação é omitida pela negação utilizada pelo intérprete no final da frase. No trecho seguinte (2) o intérprete faz a omissão de instituições públicas.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
17	Empréstimo, expansão e substituição	9'29''		[...] agentes envolvidos nesse processo de (1) integração (2) não gosto muito dessa palavra, (3) mas é importante que a gente use as palavras que as instituições vêm usando e no brasil isso não é o caso [...]	Neste trecho (1) o intérprete soletrar a palavra que a palestrante destaca [I-N-T-E-G-R-A-Ç-Ã-O], logo após (2) ele utiliza a expansão para tentar esclarecer o que essa palavra quer dizer em Libras. Contudo, a palestrante faz referência imediata a apresentação que está projetada e o intérprete faz uma (3) substituição do último trecho por [não gosto desse termo, precisamos refletir sobre ele] omitindo [mas é importante que a gente use as palavras que as instituições vêm usando e no brasil isso não é o caso].
18	Empréstimo e omissões	9'44''		[...] Definição da (1) Daniela Origuela , de (2) 2014 , “qualquer tipo de interpretação, dirigida a um cliente, um prestador de serviço, dentro do contexto hospitalar, forense, judiciário e similares. Serve aqueles que vêm de outros países, imigrantes ou os que (3) buscam asilo político como refugiados, a se comunicarem e acessarem os serviços educacionais, judiciários e médicos [...]	Neste trecho (1) o intérprete faz o empréstimo para o nome da autora [D-A-N-I-E-L-A O-R-I-G-U-E-L-A], (2) omissão do ano 2014. Porém, o intérprete utilizou o apontamento para a apresentação de slides para indicar onde estava a citação utilizada pela palestrante. Contudo, com a leitura da citação e o aumento de informações repentinamente fazem com ele que omitisse novamente informações que estavam sendo lidas, nesse caso, “buscam asilo político”.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
19	Alteração da pessoa do discurso	10'36''		[...] (1) eu estava olhando o programa do evento e nós vamos provavelmente abordar diversos espaços como esses na ótica da participação do intérprete nessa relação [...]	Neste trecho (1) o intérprete usa mais uma vez a alteração da pessoa do discurso, apontando para a palestrante para dizer que “ela percebeu que o programa do evento”.

Fonte: Elaboração própria

No número 18 verificamos nitidamente que o tempo desprendido para o empréstimo do nome da autora [DANIELA ORIGUELA] faz com que o intérprete perca informações posteriores, conforme podemos notar (2) em 18:6 e (3) em 18:5. Na leitura da citação que a palestrante faz, a adição feita pelo intérprete, o excesso de informações que foi produzido em Língua Portuguesa em um curto espaço de tempo faz com que o ele recorra às omissões. Sobre esse momento, o intérprete observa ao ser questionado:

Aqui a gente tem um caso clássico que dá sempre problema que é a leitura de um texto em voz alta. Porque aí você tem uma ruptura muito grande do fluxo de fala, do próprio modo de fala que é muito característico da expressão oral para um texto que é lido em voz alta. Então, você tem uma condensação muito maior de informações, uma densidade de informação muito grande. Aí, nessa hora é difícil seguir (dar continuidade ao fluxo de interpretação). Então, tem algumas coisas, por exemplo, “migrantes que pedem asilo político” o “asilo político” não sai (não é interpretado) porque não consigo. Não sei se não escuto, se não pego, se não dá tempo. Mas, aí quando ela começa a ler o texto eu tenho um problema. Eu tenho um problema para lidar com a quantidade de informação, sendo vinculado em um curtíssimo espaço de tempo, que é uma característica do texto escrito. Aí, tenho que lidar com isso, assim, pinçando o que eu consigo pegar de informações mais relevantes ou o que eu realmente consigo entender dessa leitura dela. Que, inclusive, é uma leitura rápida.

Podemos destacar o uso de duas estratégias linguísticas de solução de problemas, as omissões e as substituições. Ambas fazem com que informações que podem ser as principais daquele texto ou do trecho tornem-se complexas, pois há a imposição via demanda incontrollável pelo palestrante, pelo momento e/ou pelo tempo escasso. Nesses casos, de

leitura de um texto escrito, o ideal é a não ocorrência, entretanto, quando é essencial, deve-se utilizar uma leitura lenta, dando tempo para o processamento completo das informações e para que as melhores escolhas aconteçam para a entrega aos receptores.

Quadro 23 – Trecho E do evento interpretativo 1 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
20	Empréstimo com adição, adição, omissão e explicitação.	11'04''		<p>[...] em outros países o termo (1) intérprete comunitário tem chamado atenção para outros focos. Por exemplo, a gente tem o Legal Interpreting, Court Interpreting, Public Service Interpreting... [...]</p> <p>eu (2) não vou traduzir os termos porque até pediria o esforço de tradução e uma reflexão em torno desses termos que cada um dos termos sugere um enfoque específico (3) dessa relação que se estabelece entre o intérprete e aquele que necessita de interpretação. No Brasil, por que que a gente chama de interpretação comunitária? Provavelmente porque remete a noção de solidariedade e de (4) comunidades minoritárias [...]</p>	<p>Neste primeiro trecho (1) o intérprete utiliza o empréstimo para interpretação comunitária [C-O-M-U-N-I-T-Á-R-I-A] fazendo uma adição de destaque nessa informação. O intérprete havia utilizado o sinal por diversas vezes e depois optou por repetir a empréstimo dando o destaque. Após a leitura do trecho, a palestrante evidencia que seria desnecessário a tradução de todos os termos que fazem menção a interpretação comunitária e nesse momento (2) o intérprete adiciona [termos em inglês, francês e espanhol] para mostrar que são de diferentes partes do mundo. O trecho (3) em destaque é omitido. No trecho (4) temos a explicitação do termo minoritárias.</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
21	Cenarização e Substituição	12'22''		[...] se nós formos analisar as (1) migrações atuais em todos os sentidos eu não falo só imigração forçadas eu falo também de migrações voluntárias (2) fatores múltiplos tem sido considerados pra nós entendermos melhor como as pessoas de deslocam como elas partem de casa mas como elas chegam na outra casa na sua futura casa e todos os desdobramento [...]	Neste trecho (1) o intérprete faz a cenarização do deslocamento das imigrações, se colocando como o personagem que se muda, fazendo uma separação no espaço de sinalização, de um lado a pessoa que vai por vontade própria e do outro o que não é por vontade e sim por fatores externos que o obrigam a mudar. (2) Após isso, ele faz uma substituição, omitindo [fatores múltiplos têm sido considerados pra nós entendermos melhor como as pessoas de deslocam] e se direcionando para o espaço de sinalização onde continham as informações sobre os dois perfis (o que se muda por vontade e o que se muda por fatores externos), ele substituindo por [análise desses dois tipos de perfis] indicando que a análise seria sobre o que está envolvido no deslocamento.
22	Cenarização	12'58''		[...] ou seja, que tipo de integração e acessibilidade linguística é proporcionada quando o (1) imigrante chega no país de acolhida, no nosso caso o Brasil [...]	Neste trecho (1) o intérprete cenariza a chegada em um novo país por meio do próprio corpo, como se fosse ele chegando em um novo país e quais as acessibilidades linguísticas existentes ou não pra ele.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
23	Alteração da pessoa do discurso, empréstimo e omissão de baixo risco	13'27''		[...] (1) a presença explícita dos intérpretes em interações, o seu papel social e a característica de sensibilidade dessa situação que não é uma situação corriqueira é uma situação muitas vezes em que a pessoa interpretada se encontra em uma situação de (2) vulnerabilidade intensa, de insegurança, tanto linguística, como (3) cultural e social [...]	(1) Neste trecho o intérprete faz alteração da pessoa do discurso. Na primeira parte do trecho ele faz o intérprete como sendo uma pessoa “a parte” produzindo [precisamos (colocar a) da presença do intérprete, precisamos que o intérprete esteja presente nesses espaços] e no trecho seguinte ele aponta para si dizendo [como eu, intérprete, me relaciono com as questões sociais desse contexto]. No último trecho tivemos um equívoco na informação produzida, pois, ele aponta para o espaço de sinalização e faz o sinal para intérprete e logo após produz a informação de que “ele” (o intérprete) é vulnerável, usando a (2) estratégia de soletração da palavra [V-U-L-N-E-R-A-V-E-L] junto com o sinal, dizendo então que [a pessoa (intérprete) é vulnerável (soletração), linguisticamente, socialmente, uma situação complexa] e nesse momento existe a (3) omissão de baixo risco de um dos “ítems” listados pela palestrante, neste caso o “cultural”.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
24	Empréstimo e substituição	13'41''		[...] é uma situação muitas vezes em que a pessoa interpretada se encontra em uma situação de (1) vulnerabilidade intensa de insegurança tanto linguística, (2) cultural e social que acarreta numa característica muito peculiar [...]	Neste trecho (1) temos o empréstimo para [V-U-L-N-E-R-A-V-É-L] junto com o sinal, já que é uma terminologia específica e não muito utilizada ainda. Contudo, ele marca no mesmo espaço o intérprete que participa da situação de imigração e o imigrante, deixando a interpretação confusa, nesse trecho. Após esse trecho (2) ele substitui [cultural e social que acarreta numa característica muito peculiar] por [esse é muito complexo], marcando com o apontamento para o espaço de sinalização onde ele tinha produzido toda essa informação. Indicando que “aquilo” era complexo.
25	Empréstimo e substituição	14'34''		[...] as questões (1) éticas e a questão da formação do intérprete comunitário que (2) vai ser colocada aqui de forma bastante particular e é muito importante que a gente aborde a reflexão sobre formação [...]	(1) Neste trecho o intérprete opta por soletrar a palavra ética e posteriormente o sinal, por existir uma variação grande de sinais para esse conceito. Contudo na primeira tentativa ele comete equívocos ao soletrar, tentando a primeira vez e ao perceber o erro, ele emenda a mesma soletração novamente, fazendo [É-T-I-C-I-A-S-É-T-I-C-A-S] e produz o sinal de ética que ele utiliza. (2) Com o tempo gasto nessa decisão e pela palestrante dar continuidade na apresentação, o final do trecho foi substituído por

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					[nós precisamos pensar sobre isso].
26	Adição, empréstimo, substituição e substituição	14'53''		[...] no contexto do (1) refúgio como eu falei para vocês, infelizmente no brasil nós não temos nenhuma formação prevista para o intérprete comunitário voluntário que (2) vai atuar nessas situações extremamente complexas como eu falei . Em outros países, nós temos formações bastantes consistentes, certificados com treinamentos completos. (3) E aqui, nós vemos que a maioria das vezes em situações formais institucionais os intérpretes comunitários voluntários são completamente amadores [...]	No início desse trecho o intérprete adiciona uma comparação entre “imigrantes” de um lado e “refugiados” do outro. Ainda nesse trecho (1) ele utiliza o sinal de refugiado e adicionou a soletração da palavra [R-E-F-Ú-G-I-O] para dar mais clareza à interpretação. Na frase seguinte (2) ele substitui a frase [vai atuar nessas situações extremamente complexas como eu falei] por [esse (apontando para o espaço de sinalização onde produziu todo o discurso sobre a complexidade da interpretação comunitária) como será formado?]. Logo após essa decisão, o intérprete utiliza novamente a (3) estratégia de substituição, trocando [aqui nós vemos que a maioria das vezes em situações formais, institucionais] por [aqui no brasil não tem nada disso].

Fonte: Elaboração própria

No final do número 20, identificamos a estratégia de explicitação, referente ao termo comunidades minoritárias (4) em 20:6. Nesse sentido, o intérprete revela a dificuldade que o termo “minoritária” apresentada devido a sua polissemia.

Esse “comunitária”, não, “minoritária” é bem difícil porque minoritária é polissêmico assim. E, como ela constrói “a gente sabe da ideia de caridade e de comunidades muito minoritárias” eu fiz o “minoritárias” como “pequenas”. Mas, eu senti que não era só em termos de tamanho que ela estava falando de minoritária. Aí, eu senti a necessidade de completar que era comunidades que também sofriam isso (opressão) esse a mais assim. Porque na hora que eu vejo, que eu estou construindo, eu faço “minoritárias” como pequeno e depois eu falo “tá, mas está faltando aqui falar que eles são de alguma maneira (oprimidos), sofrem alguma coisa”. Que eu achei que estava bem implícito na fala dela que só o “pequeno” não deu conta passar isso em língua de sinais.

Cabe ressaltar que para a decisão de utilizar essa estratégia, explicitação, o intérprete precisa processar não só as informações verbais, mas também entender de onde parte a fala da palestrante, de qual contexto ela traz essas informações, o que ela quer dizer com isso. E, ainda, avaliar a escolha para os receptores. Se um sinal vai gerar o mesmo entendimento, ou a informação que perpassa por essa tem que ser explicitada naquele momento.

Em 25, temos a utilização da estratégia de empréstimo para a palavra [É-T-I-C-A] junto com o sinal, (1) em 25:6. Contudo, em um primeiro momento, identificamos equívoco na soletração e uma continuidade na soletração para corrigir.

Esse “éticas”, ficou uma dúvida pra mim na hora e até agora está (com dúvida). Se ela falou, “éticas”, “étnicas”. Por isso, eu refaço a minha datilografia, eu faço “éticas” e refaço pra “étnicas” e depois ela fala “éti...” (sugerindo que ficou confuso na fala da palestrante) e eu volto para “éticas”. Mas, eu não tinha certeza do que ela disse ali. Dá pra ver que eu... foi um problema de recepção, eu não entendi se ela quis dizer “éticas” ou “étnicas” e as duas coisas faziam muito sentido. E aí, me dá essa dúvida. É engraçado, porque eu começo a datilografia fazendo “éticas” aí eu volto e faço “étnicas” e ela volta e fala de novo e eu uso “ética” e o sinal. Mas aqui eu tive um problema, não sabia dizer exatamente o que ela tinha dito.

Relativo ao número 26, percebemos que o intérprete adiciona uma informação, fazendo um paralelo, construindo a informação sobre a imigração de um lado (espaço direito de sinalização na frente do corpo) e sobre o refugiado do outro lado (espaço esquerdo de sinalização na frente do corpo), conforme apontado em (1) 26:6. Contudo, durante a entrevista retrospectiva ele revela um equívoco: “Aqui eu erro, ela fala “no contexto do refúgio” eu falo “no imigrante”, aí eu falo (corrigindo) no refúgio, eu concerto. Mas, nitidamente eu erro.”

Quadro 24 – Trecho F do evento interpretativo 1 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 1:

<https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be>

Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
27	Empréstimo/ substituição, cenarização antecipação e substituição	16'09''		<p>[...] O (1) ACNUR que é o Alto Comissariado das Nações Unidas para o Refúgio da ONU tem módulos de estudos individuais online e proporcionou e desenvolveu algumas cartilhas multilíngues que podem ser acessadas no site do ACNUR. (2) Mas isso vai depender de uma atuação individual de cada intérprete. Então, o que é lamentável, e eu acho que é uma coisa a qual a gente deveria trabalhar juntos, nós instituições envolvidas com essa questão da interpretação comunitária e da interpretação em geral. É que não existe absolutamente nenhuma, (3) não existe nenhuma política linguística institucional desenvolvida no Brasil no estado brasileiro. Não se fala de (4) políticas linguísticas para acessibilidade dos imigrantes e recém-chegados. E ainda menos da interpretação e da necessidade desse profissional nos mais diversos órgãos do estado brasileiro [...]</p>	<p>Quando o intérprete começa a utilizar a o (1) estratégia de empréstimo para a sigla [A-C-N-U-R], a palestrante aumenta a velocidade das informações e ele aproveita para servir como uma estratégia de substituição, omitindo [Alto Comissariado das Nações Unidas para o Refúgio] e substituindo por [A-C-N-U-R faz parte da ONU]. (2) O próximo trecho ele cenariza quando ao invés de sinalizar [vai depender de uma atuação individual de cada intérprete] ele produz [mas eu profissional, tenho autonomia para buscar esse material]. No trecho (3) a estratégia utilizada é a antecipação, quando ele faz referência ao trecho [desenvolveu algumas cartilhas multilíngues - destacado sem numeração]. Entretanto, a palestrante começa a falar sobre a não existência das políticas linguísticas, dessa maneira, o intérprete fez uma antecipação equivocada. (4) A última estratégia que foi utilizada foi a substituição, onde ele omitiu [políticas linguísticas para acessibilidade dos imigrantes e recém-chegados. E ainda menos da interpretação e da necessidade desse profissional nos mais</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
N°	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					diversos órgãos do estado brasileiro] e substituiu por [não se fala de políticas linguísticas e também sobre interpretação nos mais diversos órgãos do estado brasileiro e a sua formação].
28	Cenarização, Substituição com empréstimo e cenarização	17'33''		[...] pra tentar orientar não o intérprete, mas o (1) agente público que vai entrevistar o solicitante de refúgio e o solicitante de auxílio de forma geral. Esse manual que chama (2) “Metodologias e técnicas para entrevistar solicitante de refúgio” se fala do intérprete de uma forma indireta e passageira. E o que se fala do intérprete? Se fala (3) que ele precisa ser neutro e objetivo , durante o processo da entrevista. E que (3) os intérpretes devem entender que tudo que o entrevistador e o solicitante digam deve ser traduzido, não é suficiente resumir ou embelezar o que é dito fornecendo informações que faltam. (3) O intérprete não deve melhorar as palavras do solicitante para torná-lo mais consistente, confiável e educado, o intérprete deve ser fiel aos enunciados produzidos	Neste trecho o intérprete utiliza a (1) cenarização em dois momentos, o primeiro é quando ele se refere a si como o agente público que receberá as orientações da cartilha e o segundo é quando ele produz a interação do agente público e o solicitante de refúgio durante a entrevista. (2) O intérprete optou por uma substituição com empréstimo, quando não sinalizou o nome do manual e fez apontamento para a projeção, o nome em português. Nos trechos a seguir, todas as menções que faz referência sobre o intérprete (descrito no manual) (3) o profissional recorre mais uma vez a estratégia de cenarização, utilizando o próprio corpo para a personificação/representação dele enquanto intérprete como sendo o que é referido pela palestrante.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				pelo solicitante [...]	
29	Cenarização, adição e substituição	19'48''		[...] o tradutor ou (1) intérprete é um interpretante leitor e que ele não pode e não deve nunca ser nem (2) neutro nem objetivo, até porque ele não conseguiria, né? Não se trata de uma máquina de traduzir. (3) Então, vocês podem ver aqui, alguns exemplos e trechos que revelam o quão desconhecido é o papel desse tradutor e desse intérprete no meio institucional [...]	Neste trecho (1) o intérprete usa o próprio corpo para representar a figura do intérprete mencionado pela palestrante. No trecho seguinte (2) ele enfatizando a impossibilidade de neutralidade por parte do intérprete e (3) substitui a informação seguinte [então, vocês podem ver aqui, alguns exemplos e trechos que revelam o quão desconhecido é o papel desse tradutor e desse intérprete no meio institucional] pelo apontamento na projeção e sinalização de [CONHECE NADA PESSOA INTÉRPRETE, NADA].
30	Substituição	20'55''		[...] Vocês estão vendo que são orientações muito precisas para uma interação humana extremamente sensível, delicada e que regras e (1) receitas de bolo podem até ser implementadas. Mas que desconsideram realmente a situação humana em si [...]	Nesse trecho (1) o intérprete optou por substituir [receitas de bolo podem até ser implementadas. Mas que desconsideram realmente a situação humana em si] por [para esse contexto isso não se aplica].

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
31	Empréstimo, cenarização, substituição e omissão	24'10''		[...] outras pesquisas prévias, uma das pesquisas foi desenvolvida na (1) Suécia com juízes e advogados e foram questionados sobre quais características teriam os bons intérpretes. A resposta foi aquela que não é visto nem notado, cuja presença e agência (2) são invisíveis . E é exatamente uma percepção compartilhada pelos (3) agentes públicos do Brasil. (4) Eu vou acelerar para poder concluir . A questão da invisibilidade [...]	Neste trecho (1) o intérprete utilizou o sinal junto com a soletração do nome do país citado pela palestrante [S-U-É-C-I-A]. No trecho seguinte (2) o intérprete recorre a cenarização, apontando para ele como o intérprete invisível, como mencionado pela palestrante. No próximo trecho (3) o intérprete faz a substituição de [é exatamente uma percepção compartilhada pelos agentes públicos do Brasil] por [depois eu vou mostrar o paralelo com o que temos aqui no Brasil]. No último trecho (4) ele faz a omissão da informação “Eu vou acelerar para poder concluir”. Sendo que nesse caso é nítido que a omissão foi por falta de tempo.
32	Omissão de baixo risco	25'20''		[...] A questão da lealdade, é importante também pra quem está trabalhando o intérprete? (1) No caso das migrações , é pro refugiado, pro imigrante para o agente público, a quem ele vai dever lealdade? (1) E finalmente para concluir e pra não ultrapassar muito o meu tempo . É importante que a gente reconheça o poder do	Neste trecho (1), existem omissões de baixo risco. O intérprete deixa passar informações secundárias, como no segundo trecho em destaque, que a palestrante menciona que vai encerrar a fala para não ultrapassar o tempo dela.

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				intérprete [...]	
33	Substituição	26'06''		[...] os desafios das instituições de fornecer esse serviço frente a uma crescente demanda que é o direito do solicitante que o estado não respeita um direito constitucional de acessibilidade linguística. (2) Políticas linguísticas comprometidas com a necessidade de integração pacífica de comunidades oriundas de fora. A falta de institucionalização, profissionalização e reconhecimento da profissão que reafirma os pré-conceitos e o juízo comum, como nós já vimos [...].	Neste trecho (1) o intérprete faz a substituição do trecho [é o direito do solicitante que o estado não respeita um direito constitucional de acessibilidade linguística] por [atualmente as instituições não contratam intérpretes]. No trecho seguinte (2) o intérprete substitui [Políticas linguísticas comprometidas com a necessidade de integração pacífica de comunidades oriundas de fora] por [como o Brasil cria as políticas linguísticas para os imigrantes que chegam no Brasil]. No trecho (3) o intérprete omite por causa da velocidade da leitura da palestrante.
34	Cenarização e substituição	26'47''		[...] nas resistências múltiplas que se projetam (1) na presença e na atuação do intérprete. Considerando essa atuação como uma atuação e uma presença como intrusiva e muitas (2) vezes não desejada. Então, é meio essa postura negativada que o intérprete comunitário voluntário, repito, que trabalha por	Nesses trechos (1) (2) o intérprete gera a cenarização a partir da sinalização da ação do intérprete durante o evento e o incômodo dos participantes com a presença dele. No trecho (3) o intérprete substitui [tem que abrir o espaço e convencer as instituições e os agentes e os outros envolvidos nessa interação,

EVENTO INTERPRETATIVO 1:					
https://www.youtube.com/watch?v=yKRattPVmsY&feature=youtu.be					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				solidariedade, (3) tem que abrir o espaço e convencer as instituições e os agentes e os outros envolvidos nessa interação, que ele é essencial , mas que ele tem que ser respeitado. [...]	que ele é essencial, mas que ele tem que ser respeitado] por [eu (intérprete) preciso tentar de diferentes formas, abrir espaço e ter visibilidade para entenderem que a minha presença como intérprete é importante].

Fonte: Elaboração própria

Em 27, notamos a extensão e o uso de diferentes estratégias em um curto espaço de tempo, como podemos ver em 27:6. Entretanto, gostaríamos de chamar a atenção para a estratégia de antecipação, bem como o comentário do profissional sobre esse momento.

Aí, eu erro. Ela fica assim... ela enrola pra falar, ela atrasa muito. Ela fala assim “não existe nada, não existe nenhum” e ela estava falando antes de cartilha. Então, eu achei que ela iria falar “não existe nenhuma cartilha em língua portuguesa”, “nenhuma cartilha no Brasil”. Mas, ela fala, “não tem nenhuma política”. Aí, eu tenho que trocar, eu realmente... Minha expectativa, eu acabo adiantando errado aqui.

Como mencionamos no decorrer da tese, a antecipação é uma estratégia perigosa (BARTŁOMIEJCZYK, 2008), justamente por ter grande probabilidade de o intérprete fazer uma inferência errada e, por consequência, entregar uma mensagem equivocada, como identificada aqui.

Já no número 29, temos a utilização da cenarização para mostrar a ação do profissional durante a tarefa de interpretação, conforme apontamos (1) em 29:6. Nesse trecho também o intérprete adiciona a informações sobre a impossibilidade da neutralidade e acaba tendo que substituir o trecho [então, vocês podem ver aqui, alguns exemplos e trechos que revelam o quão desconhecido é o papel desse tradutor e desse intérprete no meio institucional] pelo apontamento para a projeção dizendo que [“aquilo” não conhecem o papel do intérprete]. O intérprete comenta sobre suas escolhas:

Aqui eu demoro a entender que esse intérprete... porque ela fala assim “a tradução é uma interpretação”. Primeiro eu faço interpretação, no sentido de intérprete. Aí, depois que “cai a ficha” (existe o entendimento) que ela estava falando de outro tipo de interpretação. No meio eu mudo (refazendo a entrega) e acho que isso não compromete. Mas, no início eu não entendi de cara que ela quis dizer que tradução é uma interpretação, nesse outro sentido. Foi durante a produção que eu entendi e deu pra encaixar isso. Não apareceu como uma ruptura, mas, no início eu não entendi. Eu acho que foi pelo prime, estava falando mais “intérprete, intérprete, intérprete...”. E isso, meio que guia a minha escolha, me induziu a ir para esse “intérprete” eu acho. Porque até o momento interpretação só ocorreu no sentido do intérprete, durante 20 minutos de discurso. Então eu acho que isso me induz a essa escolha.

Nos trechos finais a palestrante faz a transição da fala espontânea para a leitura da apresentação, fazendo com que o intérprete aumente o seu espaço de tempo em relação a fala dela e causando nitidamente problemas para a entrega da interpretação. Obrigando-o a recorrer a estratégias de substituição.

Aqui ela começa a “correr” (aumento da velocidade da fala) porque o tempo dela acabou. Então, ela desata a falar e eu tenho que tentar acompanhar. Ela aumenta a velocidade e eu tenho que dar conta (conseguir interpretar). Talvez, como ela está no finalzinho e está sem tempo, ela está correndo. Então, eu estou naturalmente atrasado. Eu estou naturalmente atrasado durante todo esse finalzinho. Então, quando ela fala assim, “deixa eu correr aqui pra finalizar, porque o meu tempo acabou”, eu ainda estou produzindo algo. É talvez eu tenha julgado, “não, eu já estou fazendo coisas demais, eu já estou atrasado”, essa não é uma informação que eu vou conseguir parar e trabalhar ela agora. Essa é uma possibilidade. Só que esse é o final da fala dela e eu também já estou cansado, pode ser que eu nem tenha ouvido isso. Quando ela estava falando, ela fala tudo em sequência, então as informações se misturavam. E aí, quando eu olhava para o PowerPoint eu sabia o tópico que ele estava. Principalmente, porque nesse finalzinho ela começa a ler o PowerPoint, então, ela está lendo os *slides* ali. Então, quando eu olho para o *slide*, eu meio que rapidamente olho e “a tá, é disso que ela está falando”. Então, é realmente um recurso que me ajuda muito nesse final, porque, ela aumenta a velocidade de fala dela, ela aumenta o fluxo, fica mais denso, ela está correndo por causa do tempo e ela começa a ler os *slides* e quando ela lê, muda a dinâmica do discurso que eu estou interpretando. E aí, eu acho que olhar para o *slide* me ajuda. É interessante que eu falo “em terceiro” eu paro, olho (para o *slide*) e falo “tá bom, é isso” e produzo. Eu consigo fazer sentido com o que ela está falando.

Podemos verificar que esse último trecho e, pelo relato do intérprete, a alteração da fala espontânea para a leitura da apresentação desencadeia uma série de problemas para o intérprete e, por consequência, o produto entregue para o público. As escolhas do intérprete passam a ser norteadas pela palestrante e a forma de entrega na língua de partida. (1), (2) e (3) em 33:6, e (3) em 34:6, vemos nitidamente que as decisões do intérprete são reativas, ou seja, a última opção ele é recorrer as estratégias de substituição e omissões, para conseguir entregar o mínimo possível. Contudo, vale destacar que não são apenas os receptores da interpretação que estão perdendo informações, mas o público de uma forma geral, pela velocidade e sobreposições de informações em um curto espaço de tempo.

8.2 Análise e discussões do evento interpretativo 2

Nesta seção, apresentamos os trechos do segundo evento interpretativo que contêm estratégias linguísticas de solução de problemas. Entremeio, teremos as discussões de alguns pontos, respaldados por trechos da entrevista retrospectiva que realizamos com o profissional que atuou nesse evento, o que fomentará as nossas discussões sobre sua utilização. Lembramos que, diferentemente da análise piloto, a apresentação dos dados não estarão separadas por categorias, uma vez que: (i) foram utilizadas diferentes estratégias em um curto espaço de tempo; (ii) sendo utilizadas mais de uma em alguns trechos de informação e (iii) sendo necessário o contexto mais amplo para entendermos como foram utilizadas e quais as consequências.

Quadro 25 – Trecho A do evento interpretativo 2 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
1	Omissão de baixo risco	0'10"		[...] Eu acompanho essa equipe há uma década e, eu vi essa semente nascendo lá atrás, a gente sabe o caminho árduo, né, na pesquisa (1) na universidade . Então, pra mim é realmente marcante esse evento	Neste trecho a intérprete faz (1) omissão de baixo risco do termo universidade. Pois, como estávamos em um evento acadêmico e as pesquisas na maioria das vezes são realizadas na universidade, então, quando falamos de pesquisas, a “universidade” está implícita.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
2	Empréstimo linguístico e omissões	0'25''		[...] Só queria fazer uma pequena correção, no momento eu não estou trabalhando na (1) Estácio , eu trabalho na (1) Glendon no programa de mestrado em interpretação na universidade de (2) York que fica no (1) Canadá , (2) o primeiro ano funciona todo on-line, eu leciono nesse primeiro ano . E, sou diretora junto com a (2) Marcelle minha sócia da (1) interpret 2B	Neste trecho (1) a intérprete utiliza o empréstimo linguístico por meio da datilologia para [E-S-T-Á-C-I-O], [G-L-E-N-D-O-N], [C-A-N-A-D-Á] e [I-N-T-E-R-P-R-E-T-2-B] que nesse último caso identificamos um equívoco na soletração [I-N-T-E-R-P-R-E-T-E-R-2-B]. No trecho (2) identificamos omissões que foram decorrentes do tempo gasto com o empréstimo linguístico e a quantidade de informações nesse espaço de tempo.
3	Omissão e antecipação	1'28''		[...] o roteiro aqui do que a gente vai falar, falar um pouco sobre as demandas no Brasil, os amparos legais, um contraponto aqui com o (1) Cristiano , né! Eu acho que a gente no Brasil, estamos percorrendo um pouco do caminho que os (2) Estados Unidos fez lá na década de 80, é muito parecido. Eu acho que a gente pode olhar para o percurso que (3) o Cris pontuou	No primeiro trecho (1) a intérprete fez omissão do nome mencionado pela palestrante. No segundo trecho (2) a antecipação ocorreu no momento que a palestrante falou sobre a situação do Brasil. Nesse instante a intérprete antecipa a ideia sobre a comparação que seria feita entre Brasil e EUA, que é citada logo depois pela palestrante. No último trecho (3) a intérprete fez omissão do nome mencionado pela palestrante, uma omissão de baixo risco por se tratar do nome de alguém que estava presente no contexto.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
4	Equívoco na informação e omissão	2'14"		[...] (1) Em primeiro lugar eu queria falar das demandas , eu comecei a pesquisar sobre interpretação comunitária porque eu trabalhei como intérprete em contextos de saúde nos (2) Estados Unidos por alguns anos, nos anos 2000	Neste trecho a intérprete comete um (1) equívoco, pois a palestrante menciona “em primeiro lugar” e a intérprete ainda está produzindo a sentença anterior que recebeu da língua fonte e automaticamente tenta encaixar essa informação, que evidentemente não dá certo porque logo após ela faz a retomada do “em primeiro lugar quero falar sobre as demandas” que é a informação recebida da língua fonte. No trecho seguinte (2), a intérprete omite o lugar onde a palestrante vivenciou a experiência de interpretação na área da saúde.
5	Antecipação, omissão e adição.	2'44"		[...] (1) a resposta, como um país monolíngue que somos, era sempre: Mas pra quê vai precisar de intérprete? Quem precisa de intérprete? (2) A gente pode usar gestos. Sempre uma resposta muito surpreendente, muito pouco profissional. Então, eu fui pesquisar, quem precisava? Tentando responder essas questões. Primeiramente, antes dos imigrantes e (3) turistas	No primeiro trecho (1) a intérprete faz uma antecipação equivocada, pois quando a palestrante vai mencionar quais eram as respostas obtidas, a intérprete sinaliza que não obteve nenhuma resposta, sinalizando [RESPOSTA ZERO]. Entretanto, não era isto que a palestrante diz que as pessoas respondiam [Mas pra quê vai precisar de intérprete? Quem precisa de intérprete?]. No segundo trecho (2) a omissão ocorreu quando a palestrante mencionou o uso de gestos. No trecho (3) ocorreu a utilização de 2 sinais para o mesmo conceito de “turista”.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
6	Omissão e adição	3'36''		[...] As comunidades indígenas 896.000 com (1) 274 idiomas , nos estados lá em cima, (2) do Norte , frequentemente precisam de pessoas para interpretar em cenários médicos para essas pessoas que são brasileiras	No primeiro trecho (1) o intérprete omitiu o número de idiomas. Sendo que anteriormente a isso, teve a informação de quantidade de indígenas e ele teve que recorrer a apresentação da palestrante para confirmar o número. No segundo trecho (2) a intérprete acrescentou o sinal “Amazonas”, informação que não foi apresentada pela palestrante, entretanto, a intérprete optou por utilizar para confirmar a informação que estava sendo dita, sobre o norte do país.
7	Omissão	4'14''		[...] temos aí (1) 11 milhões, 11 mil reconhecidos e mais algumas solicitações, então, bastante gente, bastante demanda	Neste trecho (1) a palestrante menciona um número de refugiados [11.000.000] e em seguida menciona outro número bem menor [11.000] de refugiados reconhecidos, como se fosse uma correção. Nesse momento o intérprete perde a segunda informação e mantém apenas o primeiro número, não fazendo nenhuma correção.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
8	Empréstimo linguístico, omissão e explicitação	4'33"		[...] outro dado interessante que está no trabalho da (1) Jaqueline Nordin , é que entre 1999 e 2014, 76% dos réus processados na (2) Justiça Federal de Guarulhos por envolvimento com o (3) tráfico internacional de drogas eram estrangeiros dos mais diversos idiomas. Então, outra demanda que a gente	No trecho (1) a palestrante mencionou o nome da pesquisadora, a intérprete utilizou empréstimo linguístico do português, e fez a soletração apenas do sobrenome [N-O-R-D-I-N]. No trecho (2) a conferencista aponta a “Justiça Federal de Guarulhos” e pelo fato de a intérprete ter gasto muito tempo fazendo a datilologia do ano “1999 e 2014” que antecede essa informação, acabou ocorrendo omissão da última informação. Ainda neste trecho, houve utilização de explicitação quando a palestrante falou sobre o envolvimento nos crimes, a intérprete trouxe algumas informações para dar mais clareza do que seria esse envolvimento. Em seguida ela fez empréstimo linguístico para o termo (3) [T-R-Á-F-I-C-O], houve utilização de explicitação quando a palestrante falou sobre o envolvimento nos crimes, neste período o intérprete trouxe algumas informações para dar mais clareza do que seria envolvimento.

Fonte: Elaboração própria

Desse evento interpretativo, podemos destacar a importância da preparação do intérprete, da familiaridade com o conteúdo e com a palestrante, do conhecimento do percurso acadêmico que a palestrante teve. Essas informações são ideais para que o profissional tenha o máximo de segurança durante a tarefa, conforme relata da intérprete:

Confesso que me senti mais a vontade em realizar a interpretação desse tema porque é um tema que dialoga com as pesquisas que eu realizo, então eu conheço, de certa

forma eu tenho pouco mais de familiaridade do que com outros temas. Além disso, tenho muito contato com os materiais que a Milene produziu, tanto a dissertação quanto outros artigos é isso foi fundamental para que me desse um pouco mais de segurança para realizar a interpretação dela. No caso dela como pesquisadora e também como intérprete é alguém que se preocupa com a sua fala e com o modo como essa sua fala vai ser interpretado. Então, questão como ritmo, velocidade, voz... foram bem contingenciados assim foi mais tranquilo, então realmente eu fiquei muito feliz com a interpretação realizada. Obviamente que toda interpretação sempre tem seus desafios e tem coisas que não atingiram o ápice como poderiam ser atingidas! Então a partir do momento que eu vou visualizar o vídeo, certamente eu vou identificar momentos em que não ficou tão claro assim ou que poderia ser aplicado uma outra estratégia que pudesse tornar mais claro a informação que estava sendo enunciada.

Em (1), 2:6, temos a utilização de empréstimos linguísticos para nomes de lugares e instituições. Essa estratégia demanda um pouco mais de tempo para a utilização e isso pode gerar perdas ou problemas nos trechos subsequentes. Conforme (2) em 2:6, acontecem omissões, que, de acordo com a intérprete, foram motivadas pelo fato dela não se recordar de imediato do sinal referente ao termo “Canadá”. Tal situação a desconcentra do fluxo de informações:

Aqui no minuto, aliás, nem chegou a dar 1'00'' minuto deu 0'43'' segundos. Tem um esquecimento da minha parte em relação ao Canadá, sinal do Canadá, eu até olhei mais firme para o apoio né?! Olhei, o meu olhar ele estava bifurcado porque eu olhava um pouco para a palestrante e olhava pro apoio. Então, eu tentei olhar para o apoio pra pedir o sinal de Canadá, que é um sinal básico, mas que eu, particularmente, nunca consigo lembrar, e aí eu soletrei Canadá. Poderia ter economizado aí na interpretação. [...] Porque eu não tinha profunda certeza na soletração da GLENDOW. Se tinha algum outro nome, uma outra coisa, então eu concentrei em soletrar, tentar soletrar corretamente e aí eu acabei esquecendo do Canadá. Mas o Canadá sempre é um problema pra mim, eu nunca lembro.

Outra omissão acontece, (1), (3) em 3:6, com relação ao nome de uma pessoa e um lugar que seriam soletrados por meio do empréstimo linguístico, ou seja, letra por letra de cada nome. Como comentamos anteriormente, essa estratégia demanda mais tempo e mais atenção para ser executada. Podemos dizer, a grosso modo, que é uma estratégia pouco eficiente pois os receptor(es) recebe(m) uma informação que ainda está na língua de partida e nem sempre faz sentido ou que ele(s) precisa buscar um significado por conta própria. Sobre isso, vejamos o que a intérprete tem a dizer.

No 1 min e 48'', ela se refere ao Cristiano! Ela diz que como o Cristiano falou que nos EUA e tal ..., eu omiti essa soletração do Cristiano, não foi consciente, eu omiti mais porque já estava muito carregado essa parte inicial de soletração, teve soletração da universidade, soletrei o país, soletrei a empresa e ia soletrar mais o Cristiano! Então eu busquei recorrer a informação principal, que era um contraste entre o Brasil e os EUA conforme o outro colega já tinha apresentado antes. Então foi por isso que não ficou explicitado a soletração do Cristiano. E aí no 1 min e 57 eu não sei se isso faz parte de estratégia ou não, mas eu tentei localizar no espaço

essa posição entre Brasil e EUA, para que a todo momento eu pudesse recorrer com apontamentos, para que eu não precisasse ficar mais soletrando, então eu coloquei EUA no lado direito, Brasil no lado esquerdo e fui mostrando essa simultaneidade ou concomitância do que ela estava tentando explicar.

Em outro momento, a intérprete verifica que não conseguiu interpretar uma informação que estava implícita na entonação da voz da palestrante e que não tinha produzido em Libras, (2) em 5:6. Além disso, podemos observar, mais uma vez, a utilização da estratégia que identificamos aqui em nosso trabalho e nomeamos de adição por redundância, que ocorre quando o intérprete utiliza dois ou mais sinais com o intuito de entregar a informação para receptores de diferentes localidades do país e até mesmo não gerar dúvidas, conforme apontamos em (3), 5:6. Interessante destacarmos que a utilização dessa estratégia não parte dela e sim de um *feedback* entregue pelo público, o que gera o gatilho para que ela recorra à estratégia. Segundo a intérprete:

Eu acho que no, a partir do 2'50'' até o 3'01'' que eu acho que não ficou muito claro que ela conversa com ela mesmo, fazendo essa reflexão, porque no português é perceptível porque ela muda a entonação da voz, mas na libras não ficou claro que quando ela volta dos EUA ela vai procurando quem é que não fala português no Brasil. Eu acho que ficou um pouco confuso na utilização do espaço, essa informação. No 3'08'' eu tento fazer uma explicitação em libras que tenta de algum modo recuperar essa informação que antes ela estava tentando fazer, que ela estava falando em português do tipo: "eu fiquei me perguntando: quem é que não fala português? Eu preciso saber, eu preciso fazer alguma coisa para resolver essa demanda" algo mais ou menos nesse sentido, e aí eu utilizo esse sinal arregaçar as mangas, como algo de tipo "é preciso fazer alguma coisa", e esse arregaçar as mangas, ali eu a responsável no sentido de correr atrás, de procurar saber um pouco mais sobre essas demandas e realidades aqui no Brasil! Passou um pouquinho, mas eu acho que no 3min 16 teve uma explicitação também de sinais eu conhecia o sinal de turista e de turismo, eu conhecia um sinal, e me jogaram da plateia, não foi o meu apoio, foram outras pessoas, que me jogaram outros sinais, como o congresso trabalhava com tinham públicos de diferentes Estados do Brasil eu fiz os dois, como um modo de tentar aproximar essas comunidades da variação linguística.

Em (1), 7:6 temos nitidamente uma omissão consciente receptiva (NAPIER, 2001), que ocorre por falha na recepção da informação da língua de partida. Neste momento, a palestrante hesitou em falar o número, sobrepôs os numerais e acabou causando um mal entendimento por parte de todos, até mesmo o público da conferência. Vejamos o que a intérprete diz:

No 3'44'' em diante ela começa a falar das estatísticas e isso foi um problema, números já é um problema por si só, complicou mais ainda, porque eu soletrei quando, o número ele era extenso, aí eu fiquei concentrada em soletrar o número né se fosse 7 mil ou 1 milhão, não lembro exatamente, mas e aí eu perdi, de que em é essa população? É de imigrantes, é de refugiados, é de indígenas né?! Então eu concentrei no número é perdi a população e aí eu acho que o apoio não funcionou muito, poderia ter explicitado as populações pelo menos para colocar no espaço né?! Eu tentava aqui no 4min 16, eu tentava recorrer bastante ao slide para que as pessoas

pudessem ter atenção nesses números de algum modo, voltá-los para o slide, não sei se funcionou muito bem.

Em 8:6 houve a utilização de explicitação quando a palestrante falou sobre o envolvimento nos crimes e a intérprete trouxe algumas informações para dar mais clareza do que seria esse envolvimento, conforme apontamos em (2). Em seguida, ela fez empréstimo linguístico para o termo [T-R-Á-F-I-C-O]. Vejamos o que ela nos diz sobre esse trecho:

Tive um problema no 4'53'' porque não sabia o sinal de “Tráfico Internacional” e isso foi uma coisa que não ficou muito claro. Vou voltar um minutinho. É realmente! eu confirmei aqui, eu tive que soletrar “Tráfico Internacional” e até fiz “PESSOAS QUE USAM E ROUBAM DROGA INTERNACIONALMENTE”, mas sabia que isso não tinha ficado claro! E também tive que soletrar RÉU porque é uma terminologia específica, eu não sabia o sinal de RÉU em Libras, eu não podia fazer o sinal de “ACUSADO”, porque acusado é uma outra condição do sujeito dentro da área jurídica. O que funcionou foi o período do tempo, porque eu fiz “1999 a 2014” e aí eu mostrei período que foi o tempo da pesquisa. O “TRÁFICO INTERNACIONAL”, eu tentei, essa explicitação ela auxilia a contextualizar, mas ela não traduz o significado de “TRÁFICO INTERNACIONAL”. Então realmente houve uma perda ali. Ainda que eu tenha soletrado, eu poderia nem utilizar essa explicitação, mas era muito bem pontuado, e eu sabia que quando ela falasse de “Nordin”, ela ia falar de tráfico internacional, porque “Nordin” fala de tráfico internacional, então eu já estava digamos assim, ciente que isso poderia vim. Agora como fazer, realmente eu não consegui, não consegui pensar nisso.

Importante ressaltar que o intérprete de línguas de sinais, assim como o intérprete de línguas orais, deve possuir um arcabouço de sinais extenso, entretanto, muitas vezes o profissional depara-se com verbetes os quais não tem familiaridade, o que pode interferir no fluxo das informações do texto de partida para o texto de chegada. Assim, caso o profissional não consiga auxílio externo, como do intérprete de apoio, podem-se ocorrer omissões reativas, ou inferências que, ao invés de clarear a informação, dificultá-la.

No quadro 25 apresentamos outras situações ainda desse evento interpretativo 2, em que podemos notar a recorrência de omissões, muitas vezes pelo fato de ocorrer, em um momento anterior, um empréstimo linguístico. Devemos lembrar que o empréstimo linguístico requer tempo para sua execução e que o intérprete deve ter consciência de seu *lag time*, para sua correta empregabilidade. Porém, compreendemos quem em um ambiente de estresse, como em interpretação simultânea em contexto de conferência, as tomadas de decisão dos profissionais que estão atuando podem ser prejudicadas, pois há muitas variantes que interferem no processo.

Quadro 26 – Trecho B do evento interpretativo 2 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
9	Omissão, redução e empréstimo linguístico	5'06"		<p>[...] Vamos falar um pouquinho sobre os amparos legais. O Cris estava falando que a legislação no Estados Unidos é bastante robusta. Aqui, nós temos algumas, no caso dos surdos usuários de Libras nós temos a Lei 10.436 de (1) 2012 e o Decreto 5.626 de (1) 2005. Aos quais garante também o serviço de interpretação em (2) contextos da saúde. Para as comunidades indígenas, nós temos uma (3) portaria que criou o selo “Hospital amigo do <i>índio</i>” que proveem acompanhantes/ intérpretes/amigo que vai aos hospitais “/parente”. Enfim, é o que temos de amparo legal em alguns estados do norte do país. Uma ação mais local, aconteceu em São Paulo agora em 2016, uma lei municipal (4) para refugiados e imigrantes. É o artigo 12 (4) da lei 16.478 que destaca aspectos de atendimento em saúde, considerando integralidade, para valorizar as especificidades culturais, em atendimento, considerando os aspectos linguístico e cultural do usuário</p>	<p>Nos trechos (1) em destaque, houve omissões de algumas informações. No trecho seguinte, (2), a intérprete precisou reduzir as informações. No trecho (3), a intérprete fez empréstimo linguístico do Português e soletrou a palavra [P-O-R-T-A-R-I-A]. No trecho (4), ocorrem omissões das informações em destaque.</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgOvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
10	Empréstimo linguístico e omissão	6'45"		[...] As diretrizes e princípios do (1) SUS, né! O SUS diz, (2) tem universalidade da saúde para qualquer um que esteja em território nacional, equidade, todos iguais, mas com necessidades diferentes	No trecho (1), a intérprete utiliza a estratégia empréstimo linguístico e faz a soletração de [S-U-S], e em seguida recebe do intérprete apoio o sinal que é usado para SUS. Nesse ínterim, ocorre uma omissão, pois a datilologia e as tentativas de realizar o sinal tomaram um pouco de tempo. A omissão ocorre no seguinte trecho (2): “ tem universalidade da saúde para qualquer um ”, consideramos como omissão de baixo risco, pois as informações subsequentes transmitem a ideia de universalidade.
11	Substituição com equívoco e expansão	7'16"		[...] Além disso, no contexto legal, eu também queria falar do (1) Código de Processo Penal Brasileiro , lá de 1941. Quando o interrogado não falar (2) a língua nacional , o interrogatório será feito por meio do intérprete. E aí, ele fala, quando a testemunha não conhecer a língua nacional, será nomeado um intérprete para traduzir as perguntas e respostas. (3) <i>Tratando-se de mudo, surdo ou surdo-mudo</i> , procedera-se na conformidade do artigo 192.	Em (1), a intérprete teve a intenção de fazer substituição de “Código de Processo Penal Brasileiro” pela sigla “CPC”, pois certamente economizaria tempo. Entretanto, a soletração aconteceu de forma equivocada, pois a profissional deveria ter feito CPP, mas fez CPC que, na verdade, é a sigla utilizada para Código de Processo Civil. No segundo trecho (2), a intérprete utiliza a expansão, dizendo que “o interrogado, não fala o Português ou a língua do país”.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
12	Cenarização, omissão, substituição, explicitação e adição	9'02"		<p>[...] Então, quem interpreta? Normalmente, é (1) um membro de uma determinada comunidade linguística que já está há mais tempo no Brasil, (2) no caso o imigrante que se disponibiliza como voluntário ou até como freelancer, às vezes bem cobrado. (2) Família e daí, inclusive, crianças, isso aconteceu muito nos (3) Estados Unidos nos anos 80, inclusive, deu vários processos, (4) por causa do risco. (5) As crianças são chamadas para fazer interpretação para os pais porque elas estão escolarizadas</p>	<p>No destaque (1), a intérprete fez uso da cenarização, para representar as pessoas que participam de determinada comunidade linguística. No trecho seguinte (2), ela faz a omissão do “imigrante”. Em (3), observou-se que a intérprete cometeu um equívoco, pois, a conferencista aponta “família e daí, inclusive, crianças”, todavia, no momento da interpretação houve repetição do sinal de [FAMÍLIA] e, no primeiro momento, [CRIANÇA] foi omitido. Ainda em (3) ocorreu omissão de “Estados Unidos nos anos 80”, sendo que apenas “anos 80” que foi substituído por [ANTIGAMENTE]. Neste trecho (4) temos a omissão do motivo do número excessivo de processos. O trecho final (5) apresenta cenarização, explicitação e adição, pois o intérprete utilizou classificadores para representar as crianças acompanhando os pais aos locais, adição do sinal [JULGAMENTO] e explicitação de que elas acompanhavam os pais também, em outros locais.</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
13	Empréstimo linguístico, cenarização e antecipação equivocada	9'42"		[...] Depois voluntário de órgãos de apoio ao imigrante, tem acontecido bastante em São Paulo com o centro de refugiados do (1) Caritas lá de São Paulo, funcionários desses órgãos que falam outras línguas. Então (2) se você vai a um hospital e não tem intérprete, ah, mas eu conheço uma enfermeira que fala francês, chama ela. (3) Haitiano que não fala bem francês , fala (4) crioulo francês	No trecho (1) a intérprete soletrou [C-A-R-I-T-A-S], assim, fez empréstimo linguístico do Português. No trecho (2), quando a palestrante diz “quando você vai no hospital”, a intérprete produz a informação de que “quando a pessoa não fala a língua ela vai ao hospital acompanhada do intérprete”, fazendo uma antecipação equivocada. No trecho (3), soletrou [H-A-I-T-I-A-N-O], fazendo empréstimo linguístico do Português. No trecho seguinte (4) utilizou empréstimo linguístico do Português para [C-R-I-O-U-L-O] e fez uso do recurso de cenarização para representar o haitiano que não fala bem francês.
14	Empréstimo linguístico, omissão, equívoco, cenarização e explicitação	10'34"		[...] Mas a maioria desses (1) intérpretes que vão são de outras áreas que tem que atuar nesses contextos específicos, e aí você pode perguntar, mas intérprete não é intérprete, será que uma pessoa que atua em uma conferência consegue segurar um (2) interrogatório , dá conta não só do (3) aparato linguístico, mas das expressões que pode ser ou (4) dentro de um hospital e vice-versa, a pessoa que trabalha dentro de um hospital consegue entrar	No primeiro trecho destacado (1), a intérprete utilizou a estratégia de cenarização, pois utilizou classificador de uma pessoa acompanhando a outra. No trecho (2) houve utilização de empréstimo linguístico para [I-N-T-E-R-R-O-G-A-T-Ó-R-I-O-] e usou adição de [J-U-S-T-I-Ç-A P-E-R-G-U-N-T-A-S], PSIQUIRIA. Como esse trecho tomou muito tempo da intérprete, no trecho seguinte (3), ocorreu uma omissão. Essa omissão poder ser considerada de

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				<p>dentro de uma cabine e fazer uma conferência? (5) Então, temos especificidades e por isso precisamos de treinamentos específicos. E aí, eu tenho aqui o depoimento de uma profissional, uma psiquiatra, do Instituto de (6) Psiquiatria de São Paulo, que trabalhou com a gente. E, ela trabalhava com todos esses perfis que eu mencionei, né, família, criança, o (7) profissional que fala outra língua. E aí ela falou um pouco de como é que ela sentia, ela falava: “Agentes comunitários da saúde imigrantes são colocados nesse lugar”, então, às vezes são imigrantes que estão residindo no Brasil, estão trabalhando como (8) agente comunitário de saúde. E, são chamados para trabalhar de intérprete também. Então, eles ficam sobrecarregados, porque eles estão trabalhando ali na função deles, mas toda hora são chamados para interpretar porque não tem ninguém pra fazer, (9) então tem que chamar. Parentes, ela falando, criança, inversão de hierarquia na família. Então, as crianças estão tomando frente para passar (10) diagnóstico para os pais, e tem relatos na literatura das crianças não passando o diagnóstico para o pai...</p>	<p>baixo risco. No trecho (4) a intérprete utilizou o recurso de cenarização para o intérprete do hospital e o intérprete da cabine.</p> <p>No trecho (5) a palestrante menciona a importância dos treinamentos específicos, mas a intérprete omite essa informação. No trecho (6) temos a utilização da redução. A intérprete omite o local onde é o instituto. No trecho seguinte (7), antes de produzir a informação “o profissional que fala outra língua”, a intérprete enumerou os outros perfis mencionados pela palestrante, mas, quando chegou na frase em destaque, ela entregou o sinal de “Língua” omitindo o restante da informação. No trecho (8), em que a palestrante aborda a questão dos agentes comunitários, a intérprete adota a estratégia de cenarização, pois aponta para o próprio corpo para representar o agente comunitário que foi tratado pela palestrante. Nesse trecho também ocorreu uso do empréstimo linguístico para [AGENTE COMUNITÁRIO], além disso, houve o uso da explicitação para dar mais clareza a respeito do agente comunitário [IR ÀS CASAS]. No próximo trecho (9), a palestrante</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					ênfatiza que os agentes comunitários são chamados para interpretar por não haver outra opção, então a intérprete utiliza o recurso de cenarização fazendo a representação de alguém sendo chamado. No último trecho (10) houve uso de empréstimo linguístico para [D-I-A-G-N-Ó-S-T-I-C-O].

Fonte: Elaboração própria

Em 9, temos uma recorrência quanta as omissões de números e de informação mais específica. Sendo que nesse último caso, ela opta por reduzir a informação que recebeu, utilizando uma informação não tão específica, conforme destacamos em (1) e (2) em 9:6. Tal situação ocorreu, provavelmente, porque posteriormente a palestrante retoma uma “lista” que está fazendo e a intérprete teve que se aproximar do discurso da língua de partida para esperar a continuidade da listagem. Além disso, temos uma informação interessante sobre a interação da intérprete com os receptores surdos. Segundo ela,

Eu senti no 5'45'' em diante, eu senti uma certa incomodação da plateia com a escolha do meu sinal de “INDÍGENA”. Mas eu continuei mantendo. Eu mantive o sinal porque eu não lembrava de outros sinais, porque alguns, é, algumas pessoas da plateia optaram, queriam esse sinal. Mas eu tinha aprendido com pesquisadores surdos indígenas que o sinal era esse aqui ou esse aqui (ela mostra como executar os sinais), aí eu continuei mantendo. Mas, queira ou não afeta né?! Porque visualmente quando você olha umas caras torcidas, uma expressão que não é muito é... como é que eu posso dizer?! Que não é muito clara, não é muito nítida, não é um Feedback positivo isso afeta. Mas por outro lado o intérprete precisa fazer escolhas e eu estava segura na tradução desse sinal por justamente, porque ele tinha vindo de pesquisadores surdos indígenas, que são legitimados para apresentar o sinal, eu não estava inventando um sinal, só estava atendendo a uma comunidade legítima que pesquisou, que trabalhou, que enfim né?! E não necessariamente essas pessoas que queriam esse sinal aqui elas tinham talvez noção da questão conceitual, então esse sinal aqui remete a tribo, tribo é uma palavra que no próprio português ela já é complicada para usar, a gente se fala mais de etnias linguísticas, etnias indígenas, comunidades indígenas né?! Aonde que tem um pouco disso também.

Conforme dados da entrevista retrospectiva, vemos dados que corroboram com o Esforço de Interação Imediata com o Público Surdo (POINTURIER-POURNIN, 2014).

E sem falar que você está interpretando um conteúdo de interpretação comunitária com um público né?! Mas que as vezes o intérprete encontra-se numa posição vulnerável porque visualmente ele está exposto, e os modos de compreender, os modos de produzir conhecimento não são homogêneos né?! E o intérprete precisa fazer escolhas perante isso. Tanto que até essas pessoas que queriam, eram 3 pessoas que queriam o uso desse sinal antigo, os próprios surdos que concordaram e que não concordaram depois começaram a conversar sobre esse sinal. E uma pessoa da plateia explicou para essas outras pessoas que o novo sinal era aquele. Então, resolveu o conflito visual. E você tá vendo isso acontecer e você tá seguindo aquilo que a palestrante tá fazendo, mas onde olho não deixa de registrar esses outros sinais, essas outras pistas. Eu acho que antigamente essa situação ela era mais complicada ainda porque muitos intérpretes teriam a tendência de parar e explicar, que “não é um novo sinal, pesquisadora tal falou”. Mas eu obviamente não optei por isso né?! Optei em continuar e que as comunidades se resolvam nos seus acordos culturais, nos seus conflitos né?! Eu não podia parar a interpretação! Nesses casos eu acho muito interessante um papel de um assessor, digamos assim, de interpretação, não necessariamente, ele não é intérprete, ele é só alguém que está ali pra explicitar, entende? Ele não tem esse compromisso de tá interpretando, não sei nem se a gente tá maduro o suficiente pra isso, mas nos contextos políticos, nos contextos jurídicos, em alguns países, o distanciamento cultural é tão grande que a pessoa ela deseja uma explicitação, e ela não pode perguntar essa explicitação para o intérprete, não é esse o profissional que tem essa responsabilidade, e ela também não quer perguntar ao juiz, então ela pode perguntar para uma terceira pessoa que seja legitimamente é... digamos assim, legitimamente endossada pelo sistema, pela comunidade para poder prestar todas as dúvidas, culturais, linguísticas, que seja. Eu acho isso muito pertinente, mas obviamente que a gente tá falando de uma justiça ou de contextos culturais muito sofisticados né?! Bem diferentes das tendências atuais, então eu não sei até em que medida isso pode acontecer, o que é certo é que seus olhos, ele tá perante um duplo esforço, primeiro porque o feedback, as pistas que vem da plateia e do próprio apoio, obviamente, elas também dizem coisas, o próprio “Gile” fala sobre “esforço de ver e ouvir” né?! Então até que ponto isso também é diminui o teu desempenho, como que você realiza suas escolhas, enfim, seria muito interessante que a gente tivesse eletrodos no cérebro na situação real que pudessem detectar quais áreas cerebrais foram ativadas quando você emitiu um determinado olhar e que impacto isso te na interpretação ou não?

Ainda no número 9, temos o desencadeamento de várias informações sobre amparos legais e isso sobrecarregou o processo, como podemos ver, no final do trecho, em que ocorrem algumas omissões, (4) em 9:6. A intérprete tem consciência disso em estrategicamente, quando o bloco de informações termina, ela retoma o número da Lei de São Paulo que ela havia perdido anteriormente.

No minuto 5 ponto alguma coisa, 5’40 em diante, quando ela entra nesse slide sobre amparos legais, isso sem dúvida gerou um impacto difícil porque muitos números também, muitas leis e eram leis que estavam falando de três populações, então a lei de Libras e o decreto ok! Estava muito familiarizado, mas das comunidades indígenas, as leis municipais, no caso São Paulo para imigrantes e refugiados, são leis que não necessariamente estavam tão claras assim a população, então é... as vezes esses esforços que são empregados pelo intérprete no momento da interpretação, é... eles poderiam ser melhor equacionados se tivéssemos também

apoios visuais né?? Então por exemplo, claro que eu não posso exigir que o palestrante organize a sua apresentação de modo mais visual, mas valeria a pena ter o mapa localizando as três populações e as leis que estavam para cada uma, talvez isso ajudasse um pouco mais.

Em 10:6 (1), a intérprete utiliza a estratégia empréstimo linguístico e faz a soletração de [S-U-S], e, em seguida, achávamos que ela recebia o sinal que é usado para SUS do intérprete de apoio. Porém, a intérprete nos evidencia mais indícios da influência que os receptores têm durante o processo e, com base em um *feedback* dado por eles, ela recebe essa informação e não só recebe como também pausa o processo para reformular o trecho que ela estava interpretando, conforme ela mesma explica: “No trecho 6’58” foi a parada que eu fiz para tentar fazer o sinal de SUS, que também veio da plateia”. Em consequência, ocorre uma omissão, pois a datilologia e as tentativas de realizar o sinal tomaram mais tempo.

Em (3), 11:5, a intérprete evidencia mais uma vez o processamento de informação vindas dos receptores sobre as suas tomadas de decisões: “No minuto 8’26” quando a palestrante fala justamente esses detalhes dos artigos, isso gerou uma plateia uma incomodação também, principalmente por causa dos termos “surdo”, “surdo mudo” e enfim, eu mantive essas escolhas para mostrar justamente o que ela estava falando”.

Em 14:6, apontamos em (6) a utilização da redução, desencadeada a partir do tempo gasto com a utilização dos empréstimos para os nomes citados pela palestrante. Nesse momento, ela omite a informação mais específica que é o nome de “São Paulo” e foca no nome do instituto que foi recebido da língua de partida.

Interessante destacarmos que a utilização da redução é diferente da substituição. Nessa, acontece a manutenção da informação principal e alguns elementos são retirados, não causando a sensação da lacuna nas informações entregues. Enquanto naquela, a lacuna existe porque informações que completavam o texto não são entregues.

Quadro 27 – Trecho C do evento interpretativo 2 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
15	Adição, explicitação, omissão e cenarização	12'06"		<p>[...] Parentes, crianças, (1) a inversão de hierarquia na família. Então, as crianças estão tomando a frente para passar o diagnóstico para os pais. Tem relatos na literatura de crianças que não passam o diagnóstico para os pais, porque não quer deixar o (2) pai triste, a mãe triste. (3) Então, omite o que o médico falou. Assim, há muitos e muitos relatos. - “Escolares, onde omitem as broncas dos professores” (fala do Cristiano). (4) Exatamente, escolares onde eles omitem as broncas que os professores dão, o que está acontecendo na escola. Acontece de tudo. Também pessoas de boa vontade, os voluntários. Essa profissional fala do perigo, porque o profissional se envolve de mais, e sofre junto. Porque nesse contexto, diferente de uma cabine, a linha que separa um intérprete de um profissional, ou melhor, o profissional intérprete de uma pessoa é muito fina. A pessoa não vê, quando não há uma educação ela não olha o intérprete como um profissional (5) Ela vê como um advogado, como alguém que vai ficar do lado dela. Então, por isso a importância do treinamento para que você consiga lidar</p>	<p>No trecho (1) a intérprete adiciona a informação sobre as crianças assumindo o papel de intérprete e acaba omitindo a informação em destaque. No momento (2), a intérprete acaba explicitando a informação, dizendo que a criança não interpreta para os pais porque “tem medo e não quer ver os pais tristes, angustiados, preocupados”. No trecho (3), ocorre a omissão da informação em destaque. Em (4) a informação em destaque foi omitida. No trecho (5) a intérprete utilizou o corpo para representar a maneira como a pessoa enxerga o intérprete. Já em (6), sobre as pressões, ocorreu cenarização e também no trecho final (7), sobre a nova consulta, a intérprete sinalizou de modo que o espaço em frente ao seu corpo ficou “definido” como o local da consulta em que os pacientes seriam direcionados.</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				com (6) essas pressões que podem, inclusive, acarretar questões éticas muito sérias. Então, ela fala questão do perigo dessas pessoas sofrerem junto e também delas não estarem sempre (7) disponíveis para voltar para uma segunda consulta, enfim, né!	
16	Empréstimo linguístico, omissão, explicitação e omissão	14'00"		[...] E, também, pouco domínio do idioma como eu falei, eu falo francês, mas eu não falo crioulo francês, então vamos dar um jeito, eu falo (1) portunhol e tem alguém que fala espanhol aqui vou dar um jeito. (2) A gente sabe que com saúde e lei, a gente não pode dar um jeito, né! (3) E, depois, o indivíduo sem treinamento em interpretação oferece serviço particular para acompanhar pessoas a consultas	No trecho (1) ocorreu empréstimo linguístico para [PORTUNHOL] e a explicitação do que seria isso. O trecho (2) destacado foi omitido. Todavia, notou-se que a omissão ocorreu devido ao tempo gasto para explicitar o termo portunhol. Por fim, o trecho (3) teve uso da cenarização, pois o intérprete utilizou classificador de pessoa acompanhando a outra para ir a um local, porém, não foi informado que seria para consultas.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
17	Omissão, empréstimo linguístico e cenarização	15'19"		<p>[...] Como que é a logística administrativa nesses contextos, sejam eles (1) médicos, educacionais ou (2) forenses. Obviamente, conhecimento linguístico e cultural que representam os envolvidos no diálogo e desenvolvimento de (3) técnicas e habilidades necessárias para os contextos de atuação. As nossas (4) técnicas, as diferentes técnicas de interpretação: consecutiva, simultânea, (5) à prima vista [...]</p>	<p>No trecho (1) o termo “médicos” foi omitido. Em (2) o termo [F-O-R-E-N-S-E] foi apresentado por meio de empréstimo linguístico após o sinal. Em seguida, no trecho (3), o intérprete utilizou a cenarização para interpretar o trecho sobre as habilidades e técnicas necessárias ao intérprete. No trecho (4), a estratégia escolhida foi o empréstimo linguístico para soletrar [T-É-C-N-I-C-A]. No último trecho (5), a palestrante menciona a interpretação “à prima vista”, mas ocorre uma omissão.</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
18	Substituição, omissão, acréscimo e empréstimo linguístico	16'08"		[...] No Brasil a gente tem poucos (1) cursos de formação em interpretação comunitária. (2) A interpret 2B ofereceu no ano passado um curso de interpretação médica de 44 horas, (3) tivemos acho que 10 formandos . Um de (4) interpretação forense que foi um sucesso, muito bom o curso. A (5) Alumi ni ofereceu interpretação médica com dois módulos de 20 horas. (6) E daí, só para fazer um contraponto em relação ao Cris, que ele falou que vem muito imigrante, aqui no Brasil o que a gente sentiu no curso é que os alunos que procuram são intérpretes de outras áreas ou tradutores que estão querendo [...]	No trecho (1) a palestrante abordou a pouca quantidade de cursos de formação em interpretação comunitária, mas a intérprete optou por apontar para a apresentação no slide onde está escrito “cursos de formação existentes”, fazendo a substituição por esse apontamento e a sinalização de “há pouco”. No trecho seguinte, (2), a palestrante mencionou a empresa “Interpret 2B” (já mencionada no início da palestra), a intérprete optou por substituir o nome por “a minha empresa” [EMPRESA EU DIRETORA]. No trecho (3), ocorreu a omissão do número de formandos. E em (4), depois de abordar o curso de interpretação médica, a palestrante mencionou o curso de interpretação forense, entretanto, não apontou a carga horária, mas a intérprete acrescentou o número de 44 horas, dessa forma houve um acréscimo. No trecho (5) a intérprete fez empréstimo do linguístico do

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					Português para [A-L-U-M-N-I], na primeira tentativa cometeu equívoco, já na segunda, a datilologia ficou correta. No trecho (6) a palestrante falou sobre o contraponto com a fala de outro palestrante, ocorreu omissão por causa da datilologia do termo mencionado anteriormente.
19	Empréstimo linguístico, substituição, omissão	17'15"		[...] Que (1) regiões são essas? Nos (2) Estados Unidos quando você vai fazer uma consulta, uma das perguntas é: Que língua você fala em casa? (3) Nós não temos esse número, (4) nós não sabemos quantas pessoas, de quais hospitais, (5) de quais regiões do país precisam de mediação linguística. A percepção do risco, quando você faz isso você vai perceber o (6) risco	No trecho (1) a intérprete fez empréstimo linguístico para soletrar a palavra [R-E-G-I-Ã-O]. Em seguida, o trecho (2) é omitido. Mais adiante, no trecho (3), para interpretar a sentença “ Nós não temos esse número ”, a intérprete utilizou o recurso da substituição, sinalizando da seguinte forma: [NÓS BRASIL NÃO SABER, NÃO SABER]. Os trechos (4) e (5) foram omitidos. No trecho (6) foi utilizado o recurso de empréstimo linguístico para

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					soletrar [R-I-S-C-O].
20	Empréstimo linguístico e adição	18'17''		[...] É importante que a interpretação comunitária comece a ser discutida pelas associações do Brasil, (1) Abrates e as outras associações, a gente precisa legitimar isso nas nossas associações profissionais. A interpretação (2) remota que para o Brasil pode ser muito interessante o custo benefício, no caso brasileiro, porque nós não temos, as leis inclusive não apontam os meios financeiros para arcar com intérpretes	No trecho (1) a intérprete soletrou o termo [A-B-R-A-T-E-S], fazendo empréstimo linguístico do Português. No trecho (2) foi utilizado empréstimo linguístico para [R-E-M-O-T-A]. No trecho (3), como está falando sobre a interpretação remota, a intérprete optou por adicionar a informação da extensão geográfica do Brasil.

Fonte: Elaboração própria

Em 15:6 apontamos que a intérprete recorre a algumas estratégias que demandam mais tempo na utilização, a adição, a explicitação e isso desencadeia algumas omissões de informações, que são secundárias, conforme apontamos em (4) e (5) de 16:5. A questão aqui é o gerenciamento das estratégias linguística de solução de problemas e o fluxo de informação que ela estava recebendo. Sobre isso, ela aponta:

Aqui no 12'44'' um pouquinho antes, talvez, eu já tenha perdido um pouco desse diálogo que ela faz, eu não ouço muito o que o Cristiano fala, que ele se não me engano, fala do microfone, eu só ouvi tipo assim DEVERES ESCOLARES alguma coisa com ESCOLARES, e aí acho que ficou um pouquinho truncado, assim, no contexto que estava sendo posto era algo do tipo: intérpretes... crianças que são intérpretes que não interpretam os seus problemas escolares, mas eu não tive certeza se era isso, então ocorreu uma omissão aqui, sim, né?! E foi uma omissão consciente por problema de ruído na interpretação, por não ouvir claramente a informação. A recepção foi falha! Eu acho também no 13'00'' faltou explicitar esse envolvimento né?! Que eu fiz o sinal ENVOLVE, mas poderia explicitar mais, poderia

ENVOLVE, EMOCIONAL, MISTURA, JUNTO, falta clareza papel como intérprete, e eu não fiz isso, eu segui uma estrutura mais bem do português, do que ela estava falando, e eu acho que essa falta de explicitação comprometeu a compreensão. A escolha, vocabulário também, no 13'19'' não foi adequada, quando ela diz que a pessoa não vê o intérprete como profissional, eu poderia ter feito outra escolha do tipo “a pessoa confunde papel do profissional”, “a pessoa consciência separa é intérprete, é amigo não tem”, e eu não fiz isso, só fiz simplesmente “não vê!” Mas, não ficou claro, não atingiu o público.

Nesse evento interpretativo, a intérprete entrevistada levanta uma questão interessante sobre o tempo que durou a interpretação dela. Vejamos:

Justamente para não ficar só com interpretação simultânea e também não ficar tão perto do palestrante, eu procurei não ficar tão perto, mas eu sei que eu fiquei porque a gente já estava com 10'12'' min mais ou menos, nesses 12'00'' eu já estava muito cansada, justamente pela complexidade do início da fala dela que carregou na soletração, carregou nos números, nos milhões e não sei quanto os dados estatísticos, carregou nas populações, mas quatro populações que ela trouxe os dados, que eram os imigrantes, os refugiados, os indígenas e os surdos, então assim, eu já tinha demandado um esforço bastante alto, quando deu 10'00'' de interpretação eu já estava com vontade ou fazer interpretação consecutiva, que era pra parar para poder processar um pouco mais a interpretação, mas eu não tinha consultado minha dupla, eu não sabia que orientação tomar e aí eu tive que continuar né?! Procurando ficar um pouco mais afastada, só que esse esforço eu não estava conseguindo reter, na memória um pacote maior de informações que desse conta daquilo que estava sendo posto, de igual forma havia erros nos dois lados né?! Que seguir fazendo sem ter muita clareza também não estava surtindo efeito.

Ela enfatiza que em alguns momentos, em particular (soletração para os nomes de pessoas e lugares; números da população; dados estatísticos; e, características das populações), sobrecarregaram mais o processamento das informações, exigindo mais dela e, por consequência, o esgotamento físico. Por mais que o tempo da palestra tenha sido curto, aproximadamente 22'00'', ela destaca esses pontos como blocos de informações mais densas.

Em 16:6 e 17:6, há a questão de empréstimos linguísticos, conforme (1) e (1), (4), respectivamente, em que a intérprete, durante a entrevista retrospectiva, comenta que, para ela, a estratégia de empréstimo linguístico sobrecarrega as informações e, como estratégia de entregar informações em blocos mais claros, ela utiliza o “apontamento” para retomar uma informação que já foi produzida no espaço de sinalização. Esse recurso pode ser uma estratégia para recuperação do tempo gasto em outra. Vejamos o que ela nos diz:

Desde nos 14'00'' ali quando ela começa a falar dos EUA e da formação eu voltei a usar os dois espaços como uma forma de potencializar a interpretação, carregar menos na soletração, usar mais o espaço, e acho que deu um pouquinho mais certo assim. Eu fiz o sinal, eu retomei. Eu não lembrava se as pessoas lembravam ainda desse (do espaço onde a entrega da informação aconteceu).

Nesse evento interpretativo, temos a utilização da estratégia de empréstimo linguístico para “ALUMINI”, (5) em 18:6. Contudo, interessante destacar que quando o intérprete recorre a esta estratégia, o foco de atenção dele é voltado para isso de tal forma que as outras etapas do processo acabam falhando, implicando em omissões posteriores. Corroborando aqui para a hipótese da “Corda Bamba” de Gile (1995). Vejamos:

16’38”, paro porque não lembro como soletra “Alumini”, tento olhar para o slide, tá minúsculo, tento ver o apoio, não veio, aí prossigo. Eu tento retomar, eu perco, mas eu tento retomar! Só que é um conteúdo que eu não conheço muito, se ela retomasse os conteúdos da “I To Be” eu lembraria com mais tranquilidade porque eu conheço os cursos da “I To Be”, agora da “Alumini”, não! Mas, eu perco! De qualquer forma eu tento fazer uma generalização para dizer que são cursos oferecidos por essa instituição.

O fluxo de informações do texto de partida é algo bastante complexo, uma vez que nem sempre é possível que o intérprete reaja a ele proativamente, utilizando estratégias de solução linguística de problemas que possam contribuir para a entrega do texto de chegada aos receptores de forma clara.

Quadro 28 – Trecho D do evento interpretativo 2 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
21	Cenarização e omissão	19’08”		[...] (1) Os desafios metodológicos dos cursos de formação para intérpretes que queiram atuar em contextos da saúde ou nos outros contextos porque a metodologia vai ser diferente, a metodologia usada para formar um intérprete comunitário não é a mesma para formar um intérprete de conferência, embora a gente possa aprender muito um com o outro. (2) O cuidado com o treinamento quase no nível profissional, 40	(1) O intérprete utilizou o próprio corpo para cenarizar, representando em si mesma o que a palestrante estava dizendo sobre formação de intérpretes, dos desafios dessa formação. No trecho (2), a informação em destaque foi omitida.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				horas para o Brasil [...]	
22	Parafraseamento, empréstimo linguístico, omissão e cenarização	19'42''		[...] Falta de (1) credenciamento , a gente precisa, claro, (2) passar por tudo aquilo antes, mas a gente precisa depois de um órgão para credenciar. É o que o Cris estava falando , de uma certificação nacional, (3) vamos precisar, também, de uma avaliação de qualidade pelos usuários (4) como que a gente vai saber se a pessoa que está usando o intérprete está satisfeita, se ela sofreu algum dano ou o médico que atendeu. Discriminação (5) dentro da comunidade profissional, ainda tem aí um espaço a ser diminuído, né! (6) Entre os intérpretes de conferência e os intérpretes comunitários, e os intérpretes de língua de sinais, e os (7) intérpretes orais [...]	Neste trecho (1), a intérprete utilizou empréstimo linguístico para [C-R-E-D-E-N-C-I-A-M-E-N-T-O] após ter feito o parafraseamento do termo. O trecho (2) foi omitido. No trecho (3) ocorreu omissão. No trecho (4) tivemos a utilização da cênarização. No trecho (5) ocorreu omissão. No trecho (6), a intérprete utilizou o recurso da cênarização, estabelecendo por meio de sua expressão corporal e sinalização, em vários pontos as classes de intérpretes mencionadas pela palestrante, apenas, ocorreu omissão da última categoria, a dos intérpretes de línguas orais (7).

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
23	Omissão, empréstimo linguístico e expansão	20'42''		[...] Porque (1) nos hospitais quem está precisando de apoio linguístico não são as pessoas que falam inglês. São pessoas que falam (2) crioulo , são pessoas que falam (3) mandarim (4) [...]	Neste trecho (1), nos Hospitais , ocorreu uma omissão a palestrante fala do lugar onde as pessoas precisam de interpretação, mas a intérprete não sinaliza, certamente porque o contexto de fala já estava tratando do assunto e a informação havia sido repetida em outros momentos. Nos trechos (2) e (3) houve a utilização de empréstimo linguístico do Português para os termos: (2) [C-R-I-O-U-L-O] e (3) [M-A-N-D-A-R-I-M]. No final do trecho, ela expande a quantidade de línguas que são solicitadas por meio do sinal de “várias línguas”.

EVENTO INTERPRETATIVO 2:					
https://www.youtube.com/watch?v=EY5NAsDqeW8&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=18					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
24	Parafaseamento e empréstimo linguístico	21'35''		[...] E, enfim, né Cris?! Chegaremos lá, ao (1) credenciamento , quem sabe daqui a alguns anos teremos um credenciamento nacional para intérpretes de diferentes contextos [...]	Neste trecho (1), a intérprete utilizou empréstimo linguístico do Português para soletrar a palavra [C-R-E-D-E-N-C-I-A-M-E-N-T-O] após ter feito o parafaseamento do termo.

Fonte: Elaboração própria

Em (1) de 22:6, a intérprete optou pelo empréstimo linguístico para [CREDENCIAMENTO] e isso demandou muito tempo, gerando um distanciamento muito grande em relação à língua de partida e um trecho das informações que vieram após a soletração da palavra foi omitido.

Para concluir, a intérprete retoma a discussão da densidade de informação e o quanto isso impacta na parte física dela, enquanto profissional e, por consequência, na informação que é entregue para os receptores.

As vezes a gente acha que 20'00'' é o ideal para trocar (de intérprete), mas nem sempre é tão ideal assim né?! o bacana seríamos observar a complexidade do discurso, ou nem sempre só a complexidade do discurso, porque como eu falei no início e volto a frisar, é um tema que eu já conhecia, mas os dados estatísticos, as diferentes populações né?! As características dessas populações, num material que faz 20 min ficar bastante pesado, digamos assim, talvez fosse ideal pensar um pouco mais em outras formas de interpretação ou de escolhas de modos de interpretação. Eu acho que se eu tivesse pelo menos tido a oportunidade de acessar os slides do palestrante antes poderia ter facilitado mais!

A observação sobre o tempo de troca de intérprete é interessante, uma vez que em 20 minutos pode-se ter fluxos de informações elevados, bem como a complexidade dos dados referenciados, o que ocasiona o desgaste do profissional. Conforme a entrevistada relata, nem sempre 20 minutos é o tempo ideal de troca de intérprete, devendo esse momento, em contextos de conferência, ser analisado e sentido, de forma a evitar que o profissional se sobrecarregue com o processamento das informações.

8.3 Análise e discussões do evento interpretativo 3

Apresentamos a seguir os trechos do terceiro evento interpretativo que contêm estratégias linguísticas de solução de problemas. Entremeio, teremos as discussões de alguns pontos, respaldados por trechos da entrevista retrospectiva que fizemos com o profissional que atuou nesse evento, que fomentará as nossas discussões sobre a utilização delas. Lembramos que diferentemente da análise piloto, a apresentação dos dados não estarão separadas por categorias, uma vez que: (i) foram utilizadas diferentes estratégias em um curto espaço de tempo; (ii) sendo utilizadas mais de uma em alguns trechos de informação e (iii) sendo necessário o contexto mais amplo para entendermos como foram utilizadas e quais as consequências.

Quadro 29 – Trecho A do evento interpretativo 3 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqgNVdysYWQZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
1	Substituição, cenarização e equívoco	0'51''		[...] Eu confesso que eu fiquei muito nervosa com essa apresentação do Marcos, para mim é sempre um (1) desafio falar em público , mas é um prazer muito grande conversar com vocês de um tema que eu	No trecho (1), o intérprete utilizou a estratégia de cenarização indicando a ação de posicionamento da palestrante no palco e utilizou o próprio corpo para transmitir a ideia/sentimento de estar

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				costumo dizer que é (3) <i>a minha alma</i> . É um campo de pesquisa que eu gosto muito, demorou muito anos para conseguir fazer algum tipo de implementação mais prática, e, é isso! (2) Estou emocionada!	em público. No trecho seguinte, (2), a palestrante comentou estar emocionada e o intérprete comete um equívoco transmitindo a ideia de que “eu não sou nada”.
2	Empréstimo linguístico, cenarização, empréstimo linguístico, substituição e omissão	1’36”		[...] Então, a (1) autoria eu fiz questão de colocar, não é eu (2) Silvana Aguiar que vos fala, mas é uma equipe junto comigo, a equipe TILSJUR UFSC. Temos (3) Hanna Beer, Luciele, Dodora que é uma pesquisadora surda com o tema sobre delegacias, o intérprete de Libras nas delegacias. O tema da Luciele é gêneros textuais, a Hanna não é minha orientanda, mas (4) é membro do TILSJUR . Temos, também, (5) o Guilherme , orientando de mestrado, a pesquisa dele é sobre (6) intérprete surdo dentro da esfera jurídica. Temos a (7) Michele , a (8) Brenda , a (9) Michele é mestre e secretária do Departamento de Língua Brasileira de Sinais. Temos a (10) Brenda que é aluna do Letras:Libras licenciatura. E junto com todo esse corpo de participantes, temos, também, a professora (11)	Neste trecho (1), o intérprete utilizou o empréstimo linguístico por meio da datilologia para [A-U-T-O-R-I-A]. No trecho (2), o intérprete utilizou a estratégia de cenarização quando a palestrante fala que está representando a equipe de profissionais do projeto. No trecho (3), a palestrante mencionou os nomes dos componentes da equipe, o intérprete fez uma mescla entre a estratégia de empréstimo linguístico e substituição. Em (4), ocorreu omissão. E no trecho (5), para Guilherme , ele utilizou empréstimo linguístico por meio da soletração [G-U-I-L-H-E-R-M-E]. Já no trecho (6), a palestrante menciona o membro do grupo faz pesquisa sobre intérpretes surdos no judiciário, mas o intérprete transmite que ela pesquisa sobre surdos na esfera

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				Marianne Stumpf que, depois eu vou apresentar mais detalhadamente qual é a função de cada um.	jurídica, portanto, ocorreu uma omissão. No trecho (7) houve a utilização de empréstimo linguístico por meio da datilologia [M-I-C-H-E-L-E]. No trecho (8) e (10), houve a utilização de empréstimo linguístico por meio da datilologia, entretanto, a soletração ficou incorreta [R-E-N-D-A]. Contudo, uns segundos depois a palestrante retoma o nome e o intérprete faz a soletração correta do nome [B-R-E-N-D-A]. No trecho (9) houve a utilização de empréstimo linguístico por meio da datilologia [M-I-C-H-E-L-E]. No trecho (11) o intérprete utilizou a estratégia de substituição e fez de forma direta o sinal para “Marianne Stumpf”.
3	Empréstimo, substituição, cenarização, empréstimo linguístico e adição	3’53”		[...] Que se chama (1) TILSJUR . Talvez alguns de vocês já conheçam. Esse programa de extensão é muito singelo e ele se nomeia (2) Tradutores e Intérpretes de línguas de sinais na esfera jurídica, ele é um programa baseado no afeto , na pesquisa, já que (3) (4) está na moda falar de afeto , mas não basta falar, a gente tem que exercer.	No trecho (1) ele utilizou o empréstimo linguístico junto com o sinal do projeto. Em (2), a palestrante falou o nome do programa de extensão, e o intérprete utilizou a estratégia da substituição, apontando para a projeção com a apresentação de slides. Nesse mesmo trecho ocorreu o uso da cenarização, pois ele utilizou o próprio corpo para dizer que o programa

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					era de tradução no judiciário [SINAL-MEU INTÉRPRETE JUSTIÇA], referindo-se a ele enquanto intérprete atuando no contexto jurídico. No trecho (3), o intérprete fez empréstimo linguístico e soletrou [A-F-E-T-O], em seguida, fez uma adição (4) [LEMBRAR ONTEM A-F-E-T-O SENTIR CARINHO], traduzindo a frase anterior “ está na moda falar de afeto ”. A adição feita por ele demonstra que aquela temática já havia sido tratada e que o público da interpretação já teve acesso a ela.
4	Empréstimo linguístico, omissão	4'46”		[...] Eu comecei interpretando em 1999 nas delegacias da cidade de (1) Santa Maria no Rio Grande do Sul , (2) a maioria conhece um pouco dessa história, mas eram interpretações muito informais só que se tem uma coisa que se repete, segundo o pessoal que trabalha muito com identificação de personalidade, (3) comportamento , essas coisas, que mapeia comportamentos ou por outras vertentes	Em (1) foi utilizado empréstimo linguístico por meio da soletração para [S-A-N-T-A M-A-R-I-A]. No mesmo trecho, (2), a palestrante comentou que a “maioria do público conhece a história” e que “eram interpretações informais”, que foi omitido. No instante (3), foi utilizado empréstimo linguístico fazendo a soletração de [C-O-M-P-O-R-T-A-M-E-N-T-O] e o sinal.

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
N°	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				astrológicas...	
5	Substituição, cenarização, explicitação, erro, adição, substituição e omissão	6'31"		[...] (1) Na época nem existia a Lei Maria da Penha e tanta outras coisas que perpassam. Então, a atuação profissional ela começa daí, mas eu só consegui colocar isso em prática depois que eu terminei o doutorado. Porque até então, ao longo da vida, eu nunca pensei em fazer direito no primeiro momento, porque eu queria trabalhar isso do ponto de vista da tradução. E a gente, sempre tem um foco muito grande em outros (2) contextos de atuação de intérpretes . Mas não é novo, o caminho da pesquisa pode ser novo, mas a atuação não. (3) Muitos intérpretes aqui já devem ter sido convocados para trabalhar em delegacia, trabalhar em tribunal, só que ninguém parou para escrever, aí tipo, eu acho que a gente precisa fazer um movimento também não só do contexto jurídico, mas de outros contextos que são emergentes e que (4) nem sempre se tornam tão evidentes assim . Então, em (5) 2016 eu comecei a montar esse diálogo junto com a professora (6)	No trecho (1) o intérprete iniciou com a soletração para o nome da lei, mas optou por substituir pelo sinal. Em (2) o intérprete fez explicitação da informação, quando a palestrante disse que “vê o foco de outros contextos de atuação do intérprete”, ele explicitou dizendo que “vê o foco em intérpretes no contexto educacional, da saúde, etc.”. No trecho (3) o intérprete fez uso da cenarização para dizer sobre a convocação dos intérpretes, então, ele utilizou o próprio corpo como se ele estivesse sendo chamado para alguma coisa. Em (4), o intérprete fez uma explicitação para transmitir o sentido do que a palestrante disse sobre “nem sempre se tornam tão evidentes assim”: [POR ISSO PRECISA PARECE JÁ LUGAR JUDICIÁRIO PEGAR EXPERIÊNCIA COMPARTILHAR DISCUTIR]. No trecho (5) mencionou o ano 2016, em que fez a datilologia, soletração do ano, e se equivocou, corrigindo em

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
N°	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				<p>Marianne e com o André, para tentar sistematizar um pouco dessas atuações porque acho que tava mais que na hora, né! E, aí a gente começou a pensar nos contextos de atuação dos intérpretes porque obviamente a área jurídica não é um único contexto, existem vários: (7) fórum, área policial, delegacia, audiências, (8) conciliação, mediação, a (9) interpretação dentro curso de direito e educacional dentro do curso de direito, então você tem uma série de elementos para falar sobre isso. (10) E a gente se deparava e depara ainda com a falta de certificação e a avaliação da qualidade do serviço, a gente não pergunta para as pessoas surdas ou para os operadores do direito, se estão contentes com o trabalho oferecido, nem sempre às vezes (11) o próprio intérprete faz essa autoavaliação, o que é super importante, nem sempre a gente tem um intérprete mais velho...</p>	<p>seguida. No trecho (6), o intérprete não utilizou empréstimo linguístico do Português para soletrar os nomes e fez a substituição pelos sinais de ambos. No trecho (7) ocorreu omissão de “fórum”, enquanto em (8) ocorreu omissão de “conciliação”. No trecho (9) o intérprete fez uma adição por redundância, utilizando 2 sinais para o dar o significado de “direito”. Ocorreu uma omissão de sentido em (10), pois a ideia transmitida pelo intérprete foi falta de certificação, ele não mencionou o tempo, se no passado ou se no presente. No trecho (11) houve a cenarização, porque o intérprete utilizou o próprio corpo para representar o intérprete mencionado pela palestrante.</p>

Fonte: Elaboração própria

Destacamos um equívoco por problema de recepção da língua de partida, conforme apontamos em (2) de 1:6, em que a palestrante comenta “Estou emocionada” ao expressar seu

gosto pelo tema de sua pesquisa. Entretanto, o intérprete comete um equívoco ao interpretar dizendo “SINAL-MEU SIMPLES NADA”, transmitindo a ideia de “eu não sou nada”.

Ainda em 1, conseguimos perceber a importância do intérprete conhecer o trabalho de quem fala, conhecer quem fala e de onde se fala para processar não somente o discurso, as informações e a forma com que elas são produzidas, mas o que está implícito nesse discurso, que são informações relevantes para os receptores, como o momento em que a palestrante cita que o projeto é “a minha alma”, (3) em 1:5. Sobre isso, o intérprete observa que:

Bem, eu comecei tentando interpretar uma metáfora aqui que ela fez (risos). Ela disse que o tema é a alma dela. Nesse caso especificamente, por estar também, por ser dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação da Língua de Sinais, é também conhecer o trabalho da palestrante, então realmente a gente sabe que ultimamente ela tem se debruçado muito para trabalhar com a interpretação de língua de sinais como um viés mais de direito linguístico,, direitos humanos, direito linguístico, em especificamente da área jurídica, e a gente sabe realmente o quanto isso é importante para ela, eu acho que se eu não conhecesse o trabalho da palestrante, não tivesse lido sobre o que realmente ela pesquisa e ter visto nas redes sociais né?! Nosso meio de como que ela tem investido tempo para trabalhar com interpretação no contexto jurídico, eu talvez não teria feito essa metáfora. Eu talvez teria omitido ou só dizer: “é um tema que eu gosto”, “é um tema importante”. Mas ela diz que o tema é alma dela enquanto pesquisadora, então eu meio que literal, eu fiz o literal, eu peguei o tema e manuseei o sinal, fiz a manipulação do sinal para poder fazer concordância sintática, então o sinal “tema” eu manuseei ele de cabeça para baixo porque ele não é feito dessa forma para poder ser consonante com o próximo sinal que é Alma, então a gente linguística, que a gente faz não só na metáfora, mas a manipulação do sinal pra poder fazer concordância sintática e aí foi o que eu fiz para poder manter a metáfora.

No destaque (3) de 2:6, o intérprete mescla as estratégias de empréstimo linguístico e substituição, por exemplo: Hanna Beer, ele não fez a soletração (empréstimo linguístico) do nome, optou por fazer substituição pelo sinal que representa aquela pessoa. Para Luciele, ele fez empréstimo linguístico soletrando o nome dela [L-U-C-I-E-L-E] e não fez o sinal, enquanto para Dodora fez empréstimo linguístico por meio da datilologia [D-O-D-O-R-A] e em seguida o sinal.

Sobre a aplicabilidade do empréstimo linguístico nesse contexto, o de conferência, podemos questionar: Qual seria o melhor uso? Geralmente em palestras, seminários, conferências, e contextos desse gênero, o usual e o que mais se destaca é o sobrenome das pessoas, por serem citadas dessa forma em suas pesquisas. Então, nesse contexto, o primeiro nome é uma informação importante? Neste trabalho categorizamos essa informação, nesse contexto, como uma informação de baixo risco (PYM, 2008).

Ainda sobre o item 2, vemos a interferência e a interação imediata com os surdos (POINTURIER-POURNIN, 2014) para a construção e entrega do texto de chegada. Vejamos o que o intérprete fala sobre isso.

Acho que esse momento inicial, assim que ela já expõe, duas coisas: ela diz que ela não é Silvana, mas ela é TILSJUR, ela não fala em nome dela enquanto pesquisadora, mas ela fala enquanto grupo de pesquisa. E eu fiz grupo, eu fiz, eu acho que pouca gente opta por isso, nos ouvintes, acho que o surdo faz muito isso, usar o sinal, não para designar o sinal, mas para designar o sentido de “ou seja, isso quer dizer, isso representa”, sei lá, fulano que trabalha, que planeja, que leva trabalho para casa, sinal é professor. Esse sujeito é professor, então a gente usa o sinal com essa referência, então foi o que eu fiz, “sinal Silvana não, grupo e o palestrante”, então eu fiz isso, acho que nesse momento foi minha direção do olhar que estava um pouco mais pro no foco de fala, né?! A oratória diz que sempre que a gente emite alguma coisa a gente tem que ter foco de fala. Via de regra é quando você domina a fala, quando você tem um público em plateia, a conferência exige isso, você tem 3 pontos de fala né: 1 ponto central que são as informações mais seguras ou é... a nata da sua fala e você tem falas um pouco mais secundárias que você gira de um lado pro outro, é... para a gente, eu tento fazer isso principalmente quanto a palestrante está sentada e eu estou em pé, que parece literalmente que eu estou com a fala ali para a língua de sinais, só que a gente não dá para usar tanto isso, porque a gente tem que ter o apoio, então nessa hora no vídeo percebe que eu estou usando muito na diagonal, porque tinha surdos específicos um pouco nesse meu campo de visão. Só que ela começou a citar nome de pessoas do grupo, e eu desconheço o nome das pessoas, quer dizer, os nomes da para fazer porque usa a datilologia, mas eu desconheço os sinais das pessoas, e nesse momento o apoio estava lá, começou a fazer. E eu me recordo bem que para além do apoio que estava me dando, quem me deu esse apoio, foi engraçado, *não eram os intérpretes de apoio, eram surdos na platéia que involuntariamente viam os sinais e faziam, viam a datilologia e faziam os sinais, por conhecerem, por saberem, inclusive surdos que não é minha referência, porque eram surdos que eu não conhecia, uma coisa é você olhar para surdos que você conhece da platéia, tipo: eu sei que eu conheço, eu sei que ele deve saber o sinal, não é caso, então quando eu direciono o olhar para o intérprete de apoio, atrás do intérprete de apoio tinha um grupo de surdos, e essa, uma surda, não sei se ela faz parte do grupo, não sei, ela começou a fazer os sinais das pessoas, e ela fazia sem olhar tipo para mim, tipo: olha o sinal é esse. Você percebe, você faz uma leitura, mas ela fazia e eu fui catando isso, os sinais, dos nomes próprios que eles foram fazendo.* (grifo nosso)

Da fala do intérprete, vemos nitidamente a interferência do *feedback* dos receptores durante a interpretação. Além disso, a interação imediata com os receptores surdos (POINTURIER-POURNIN, 2014) é uma ação que exige mais esforço do intérprete de língua de sinais que, além de processar a informação que está recebendo, tem que avaliar o grau de confiabilidade dela para saber se é válida ou não. Nesse momento, ele corre o risco de produzir uma informação equivocada que, se estiver equivocada, precisa ser reformulada, alterando todo o trecho, causando outros problemas na entrega, como omissões de informações posteriores.

Em (3) de 3:6, o intérprete fez empréstimo linguístico e soletrou [A-F-E-T-O], em seguida faz uma adição (4) [LEMBRAR ONTEM A-F-E-T-O SENTIR CARINHO],

traduzindo a frase anterior “está na moda falar de afeto”. A adição feita por ele demonstra que aquela temática já havia sido tratada e que o público da interpretação já teve acesso a ela, fato que o faz retomar a mensagem para deixar esse trecho mais claro. Vejamos o que ele diz sobre isso.

Aí eu fiz uma retomada de fala, eu não sei se isso pode ser considerado um processo anafórico, porque eu não me referi a algo que foi dito no discurso, porque para ser anafórico é isso, mas eu acho que é “anafórico”, porque eu me retomei a um discurso que foi feito de um dia anterior, ela fala, ela diz assim: não basta falar sobre o afeto, a gente tem que praticar, lembra? Né! Esse “né” dela quer dizer que é algo que você já sabe, porque o dia anterior foi falado sobre o afeto, e aí eu sinalizo assim, e eu uso datilologia porque o dia anterior foi feito datilologia, a gente falou Afeto, Afeto (mostrando sinais), mas a gente fez A F E T O, para a pessoa observar, voltar, marcar! Embora a gente faça explicitações ou fraseologias na língua, a gente faz a datilologia, e aí eu fiz, deixa eu voltar alguns segundinhos, e aí eu dei uma pausa, essa pausa ela é bem percebida quando o meu pé esquerdo se levanta no discurso, tipo: opa! Peraí que ela tá falando de algo... aí eu coloquei “afeto, lembra?” Aí eu fiz: “lembra, ontem, sobre afeto? Tema Afeto da Interpretação.”. E, aí foi engraçado porque eu dei continuidade com muita segurança porque eu me recordo perfeitamente é... do feedback que os surdos fizeram, eles balançaram a cabeça “É Afeto” e tal que era uma surda, inclusive uma surda oralizada, que as vezes ela falava e a gente conseguia é... ouvir o que ela falava. Tá?! Eu acho que isso fez toda uma diferença, porque depois eu percebi que tinha uma surda que é formada em direito, eu descobri depois porque ela apresentou um trabalho sobre isso, e ela era uma das que mais prestava atenção na palestra e dava feedback, dava feedback positivo ou negativo, então assim eu acabei que mesmo ela não sendo o meu foco de fala, porque eu estava mais na diagonal, como eu disse anteriormente, mas de vez em quando, quando os assuntos eram meio complexos, eu me reportava, inevitavelmente, olhando pra ela, e ainda bem que ela estava atrás de um apoio, assim ao lado do apoio, não sei se você consegue, não sei se você sabe, mas assim, as cadeiras estão posicionadas, mas tem na primeira fileira, tem, não vou saber escarificar, sei lá, tem cinco cadeiras, e na segunda fileira são sete, aquele espaço em branco que arquitetonicamente é para botar cadeirante, ela estava vazia, ou seja, a intérprete de apoio estava no final da primeira fila, e quem estava sentado na segunda fila eu conseguia ver como se estivesse sentado na primeira. Então foi isso.

Com a análise desse trecho em específico, vemos que a adição de uma informação que estava implícita no discurso fez com que a mensagem chegasse mais clara para os receptores e isso foi possível pelo acesso que o intérprete teve em relação às informações que não faziam parte especificamente daquela palestra, mas que contribuíram para as melhores escolhas e decisões por parte dele.

Em 4, o intérprete utiliza a estratégia de empréstimo para o nome da cidade de “Santa Maria”, no Rio Grande do Sul (1) de 4:6. Contudo, o tempo dedicado a essa utilização prejudica o processamento e a entrega das informações que vieram após, quando a palestrante comenta que a “maioria do público conhece a história e que eram interpretações informais”, omitindo essas informações, conforme destacamos em (2) de 4:5 e 4:6.

Em outro momento do evento interpretativo, temos uma situação interessante, com a ocorrência de uma omissão de sentido (10) de 5:6, pois a ideia a ser transmitida pelo intérprete é falta de certificação, porém, ele omite o tempo verbal, não demarcando se é no passado ou no presente. Ainda nesse trecho, interessante destacarmos especificamente desse evento interpretativo a interferência dos receptores na decisão do intérprete que está atuando. No momento que o profissional recorre à estratégia de empréstimo linguístico para uma terminologia especializada “Lei Maria da Penha” em conjunto com o sinal que é entregue pela intérprete de apoio, ele tem que gerenciar também o *feedback* dos receptores, além da tomada de decisão em optar por um dos sinais. Vejamos o que o intérprete nos diz sobre isso.

Eu nitidamente perguntei aqui o sinal para o apoio. E eu lembro que isso gerou um problema depois porque os surdos usavam outro sinal para “Maria da Penha” e o meu apoio me deu um outro sinal, que e eu preferi usar, porque eu lembro que nesse dia em algum momento eu fui até, eu fui bem isso aqui (mostrando sinal de resistente quanto ao uso do sinal que os surdos que estavam no público do evento me deram), com os surdos, quando os surdos me mostravam um sinal e fazia: “não, o sinal é esse!” E eu continuei utilizando o sinal que o apoio me deu. E por que essa minha postura? Diferente das outras vezes que eu peguei o apoio dos surdos. Eu acho que tem a ver com a confiança na equipe. O meu apoio nesse momento. Diferente de antes que eu peguei, eu meio que como se tivesse pego o apoio dos surdos né?! É... agora não, agora os surdos me fizeram o sinal para “Maria da Penha” (ele mostrou o sinal) E o meu apoio fez esse sinal aqui de “Maria da Penha” e aí nesse ponto quando eu tenho, quando eu estou em dúvida, além do meu filtro, ou, a não ser que tipo eu: “ah! Eu lembro de um sinal que eu já vi uma vez, que eu acho que é parecido com o que fulano tá me dando”, beleza. Mas nesse caso, eu acho que como equipe, porque eu não estou interpretando sozinho, só para ressaltar, eu estou analisando a minha interpretação, mas ela é fruto de um trabalho em equipe. O meu apoio nesse momento que era a Luciana Marques, ela é da área jurídica, só para contextualizar, ela é formada em direito, e o mestrado dela nos Estudos da Tradução ela trabalha com terminologia jurídica, então nesse ponto, além dela ser o meu apoio ela é alguém mais do que ideal para ser meu apoio numa palestra de interpretação em contexto jurídico.

Sobre a questão da Interação Imediata com os Surdos (POINTURIER-POURNIN, (2014) e relacionando com a fala do intérprete (dados do nosso trabalho), identificamos 3 tipos de interferência dos receptores durante o processo: (1) feedback negativo: acontece quando o intérprete entrega uma informação que não fez sentido para os receptores pressionando-o a reformular a informação para entrega-la novamente; (2) apoio dos receptores: aqui quem recebe a mensagem oferece em troca informações sobre a mensagem, tanto no sentido de consentimento, que ela está fazendo sentido para os receptores, quanto no sentido de alteração, ex.: o sinal utilizado é diferente ao que o público utiliza, - pressionando o profissional a interagir (aceitando ou negando o apoio); e (3) intervenção: é quando acontece tanto quando o feedback como quando o apoio é entregue para o intérprete e existe a

resistência em não aceitar por parte dele, gerando o desconforto e o incomodo no intérprete e nos receptores.

Quadro 30 – Trecho B do evento interpretativo 3 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sinus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
6	Empréstimo substituição, erro e omissão	9'10"		[...] E, aí eu acho um ponto bem importante, tocando na ferida, é a questão do (1) ego que a gente sempre tem que se colocar em uma posição de aprendiz, a gente está sempre aprendendo. Se a gente partir do pressuposto de que 15 anos já estão prontos? Não! Você está recém debutando, não dá! Então, assim, você só vai aprender dançar, talvez, quando você ficar mais velho mais experiente. Quando você se coloca nessa posição, (2) todo feedback ele é importante mesmo aquele do camarada que fala linguagem dos sinais que às vezes a gente revira os olhos, eu pelo menos reviro os olhos quando ele fala surdo-mudo, (3) depois pode vir a indicação de um livro , pode vir outras questões, então se colocar nessa posição eu acho que é muito importante para a gente pode observar e também para (4) a gente se tornar sensível à demanda do outro [...]	Neste trecho (1) foi utilizado empréstimo linguístico fazendo a soletração de [E-G-O]. No trecho (2) ocorreu uma substituição, pois a interpretação foi: [PROFISSIONAL QUALQUER ÁREA]. No trecho (3) ocorreu uma omissão “depois pode vir a indicação de um livro”. No trecho (4) foi utilizada a estratégia de cenarização.

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
7	Cenarização e omissão	11'06"		[...] Quantos foram os (1) surdos que tiveram problemas nas suas causas, nos seus processos, (2) por conta de problemas de interpretação ou do sistema judiciário.	Neste trecho (1) o intérprete faz movimento com o tronco do corpo e traz o sinal de prejuízo para perto de si fazendo a representação do surdo que tem prejuízo no processo. Dessa forma, ele utilizou a estratégia de cenarização. Em seguida ocorre uma omissão da frase em destaque (2).
8	Cenarização, substituição e adição	11'30"		[...] Então, tudo isso foi motivo pra gente pensar também sobre o mercado de trabalho, sobre as demandas do contexto jurídico que atendia os principais envolvidos as pesquisas, e também (1) pensar nas projeções futuras. Eu ainda tô em 2016, quando eu tive a oportunidade de ser incentivada por uma professora colega minha, (2) (3) Rachel Sutton Spence , o sinal da professora Rachel é esse aqui.	Neste trecho (1) o intérprete faz a cenarização da interação da palestrante com o levantamento das demandas e para qual direção elas apontavam. No trecho (2) o intérprete utiliza a substituição, fazendo o sinal da professora Rachel Sutton Spence e não fazendo a soletração do nome. (3) Além disso ele faz adição do sinal UFSC que não foi mencionado pela palestrante.
9	Cenarização, substituição e empréstimo	12'15"		[...] Então, foi uma (1) experiência muito legal e quando eu retornei para o Brasil , já retornei com essa ideia de criar o projeto, sentei junto com a (2) Marianne, com o André , conversando com eles, eles toparam essa ideia na época	Neste momento (1) o intérprete faz uso do espaço de sinalização, movimento e direcionamento de tronco cenarizando a situação de aquisição de experiência e o retorno ao Brasil, mencionados pela

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				e a gente criou o (3) TILSJUR [...]	palestrante. Neste outro momento (2) o intérprete substitui a soletração dos nomes pelo sinal que representa eles. Neste momento (3) o intérprete utiliza do sinal do projeto junto com a soletração [T-I-L-S-J-U-R].
10	Omissão, cenarização, adição e substituição	12'35"		[...] Nessas três vertentes aqui, em termos teóricos que são: os estudos da interpretação, a interpretação forense e a interpretação comunitária, (1) porque cada um desses campos oferece contribuições pra poder pensar do ponto de vista acadêmico , já que a área de interpretação do campo jurídico, (2) (3) ela tem uma série de desafios , porque até a terminologia, ela pode ser encarada de diferentes modos em diferentes campos, alguns definem como (4) intérprete forense , outros definem como intérprete no âmbito judicial, outros definem, enfim de “n” formas.	Neste momento (1) acontece a omissão do trecho. No trecho (2) o intérprete faz uso do recurso de cenarização e representa em si mesmo os desafios mencionados pela palestrante. Além disso, é feita (3) uma substituição de [A INTERPRETAÇÃO DO CAMPO JURÍDICO ELA TEM UMA SÉRIE DE DESAFIOS] por [INTERPRETAÇÃO NA ÁREA JURÍDICA É DESAFIADOR TEM O QUE? PROBLEMAS VÁRIOS]. No trecho (4) o intérprete faz o uso da substituição da soletração de “forense”.

Fonte: Elaboração própria

Em 9:4, o intérprete recorre à projeção da apresentação da palestrante e procura produzir as informações na mesma estrutura que está na projeção. Entretanto, essa construção demanda tempo e o trecho posterior acaba sendo omitido.

Em relação a estratégia de empréstimo linguístico o intérprete tem algumas ponderações interessantes e que corroboram com que o defendemos ao longo do trabalho. Vejamos:

Eu fiz algo no início, fiz algo quando ela cita nome que eu fiz, fiz agora. A fala dela, não confusa, a fala espontânea então a gente vai e vem no discurso né! Ela diz: a Michele, a Bruna, a Michele é do mestrado, e aí na Língua de Sinais já marcou (as pessoas) aí como volta? E por ser nomes eu estou listando (nos dedos da mão) eu acho que não fica bom, não tem como fazer o processo anafórico, apontar (para o espaço) e dizer: essa aqui que eu marquei que é a Michele, não, porque eu estou listando né! Então eu tive que fazer de novo a datilologia, e aí eu percebendo isso quando ela começa a falar da Bruna, dos outros nomes seguidos eu faço marcação (reformulação) de gênero coisa que eu não fiz anteriormente, o Guilherme... e aí como começou a aumentar os nomes aí eu faço “a mulher, essa mulher a Brenda ela é da UFSC”, “a Michele que é outra mulher é do grupo do mestrado” aí eu fiz as marcações de gênero para não gerar tanta confusão, que eu acho que deveria ser feito desde o início, porque eu sempre falo, mas na hora a gente às vezes não faz né?! É, datilologia... toda datilologia ela precisa ser feita precedida de um elemento explícito, eu não posso fazer datilologia de fulano, eu preciso fazer “nome (sinal para nome) e fulano”, a escola (nome para escola) e a datilologia do nome, a pessoa (sinal para pessoa) e o nome, então eu acho que a datilologia não pode vim sem esse elemento, eu sempre tenho que fazer elementos de ligação datilológico.

Nesse trecho, percebemos o nível de consciência de estratégia do intérprete que durante o monitoramento da sua interpretação optou pela estratégia linguística de reformulação para solucionar o problema de possível confusão ou geração de dúvida, por parte dos receptores, quando a informação fosse entregue.

A nossa próxima discussão aqui, faz referência direta ao uso da cengarização. Entretanto, como apresentado anteriormente não categorizamos essa estratégia como uma estratégia linguística de solução de problemas, mas, que seria um recurso da Libras. Vejamos o que o intérprete diz a esse respeito.

Eu tenho tentado fazer, eu tenho tentado me cobrar nas minhas interpretações essa interpretação um pouco mais entre aspas performática, um pouco mais... o que eu quero dizer com isso? É... é porque pra mim em muitos pontos, não na língua de sinais, mas a forma que o surdo se expressa, e a minha intenção como intérprete é me expressar como se o surdo estivesse se expressando para que o meu público compreenda. A língua de sinais não sei consegue me entender, ela não fala que vai fazer, ela faz. Um exemplo é que diz assim: a professora Marianne que ela é do grupo, não, tem um grupo que a professora Marianne ela está integrada, então esse uso de por que linguisticamente na prática quer dizer o que? Uso de mais classificadores, uso de mais demonstrações verbais, não só “EU FIZ O ALMOÇO”, não, não de usar só os léxicos, mas de representar essas intenções lexicais, “eu fiz pronto!” “O almoço está feito!” Entende? Não, dizer que vai fazer, embora nosso grupo seja da conferência, via de regra um grupo de um conhecimento maior, de ter

uma expertise linguística um pouco maior, mas mesmo assim eu tenho tentado não fazer isso, isso é melhor para quem recebe, mas é pior para mim, porque eu saio mais cansado, da interpretação, saio bem mais cansado.

Mais uma vez, podemos perceber o nível estratégico do intérprete, além de monitorar o que está produzindo a opção dele por determinada estratégica, nesse caso a estratégia de cenarização (POINTURIER-POURNIN, 2014), mesmo que, como ele comenta, isso exige uma carga cognitiva de processamento maior o objetivo dele é entregar aos receptores uma informação mais próxima da utilizada na Libras e pelos usuários surdos.

No final do trecho 10, quando a palestrante fala sobre o intérprete forense temos a utilização da substituição da soletração, uma vez que é o termo específico da área jurídica o intérprete utiliza o apontamento para a apresentação para facilitar e gerenciar o tempo que tinha. Vejamos o que ele nos diz:

Eu fiz o sinal de “forense”, o “intérprete forense ou intérprete forense” (ele mostra como é a realização do sinal) e eu me direcionei ao slide, porque no slide está dizendo os tipos de intérpretes eu coloquei “esse (ele aponta como se estivesse apontando para o slide) intérprete forense” e depois eu fiz a datilografia. Então, o slide foi um facilitador no quesito tempo para que eu pudesse fazer o uso do sinal, que eu que é um sinal terminológico, é um sinal termo em que provavelmente a grande maioria conhecia a palavra, mas não conhecia o sinal.

Quadro 31 – Trecho C do evento interpretativo 3 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqNVdvsYWQZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
11	Antecipação com explicitação e cenarização	13'50"		[...] A gente tem um compromisso social, acadêmico de pesquisa e de ensino com a (1) população que paga as nossas pesquisas , os nossos estudos. (2) Então, começar com a preocupação daqueles que estão na base , ainda que seja muito pouco o que a gente esteja fazendo, é um modo de dizer, aqui é a extensão	No destaque (1), o intérprete fez a antecipação do trecho “população que paga” e explicitou o “salário” que era uma informação que não foi produzida na língua de partida, mas que estava implícito. No trecho (2) acontece a cenarização da ação de se preocupar em oferecer o projeto de extensão para a população.

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
12	Omissão, cenarização e explicitação	14'44"		[...] (1) É daqui da extensão, das rodas de conversa que a gente faz que está (2) alimentando a pesquisa, das demandas (3) que os intérpretes estão trazendo pra gente poder fazer uma pesquisa que de algum modo dialogue mais claramente com aquilo que tá lá dentro do campo propriamente dito...	Em (1), o intérprete omitiu a informação de que a demanda vem das rodas de conversa. Nesse mesmo trecho, em (2), cenarizou a interação da palestrante com os intérpretes e os relatos que fizeram como uma fonte de dados para novas propostas. Ao final do trecho, (3), ele explicitou informações que não eram produzidas na língua fonte, mas que podiam ser inferidas.
13	Substituição, adição, omissão e empréstimo linguístico	15'27"		[...] O (1) Justsigns é um projeto que tem (2) várias universidades que respaldam ele, né! Inglaterra, (3) Holanda , Alemanha, (4) Irlanda , (5) enfim, os outros eu não lembro . Mas, depois vocês podem jogar na internet e vocês vão observar, porque todas as aulas deles estão disponíveis na internet, (5) desde que cite, obviamente, a devida autoria né pessoal . (6) Debra Russel, Carla Mathers e Jemina Napier, a Napier o sinal dela é assim, Debra Russel assim e a Mathers eu não sei o sinal dela...	Em (1), a palestrante mencionou o projeto “Justisigns” e o intérprete optou por fazer o apontamento para a apresentação de slides, evitando a soletração do nome e, dessa forma, utilizou a estratégia de substituição. No trecho (2), ele adicionou a informação de que o projeto estava presente em vários lugares e grupos e depois começou a nomear os países. Em (3), o intérprete omitiu “HOLANDA”. No trecho (4), fez empréstimo linguístico para o nome do país “Irlanda” e, posteriormente, o sinal do país. No trecho (5), o intérprete omitiu “enfim, os outros eu não lembro”. E,

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
					posteriormente, em (6) “Debra Russel, Carla Mathers e Jemina Napier”, uma vez que o intérprete não soletrou os nomes das autoras, fazendo uso da estratégia de substituição, apontando para a apresentação de slides e dizendo “estas três mulheres” e os sinais delas.
14	Substituição com expansão, substituição e omissão	16’20”		[...] Junto com outros materiais que a gente sofre um pouquinho porque estão todos em (1) língua estrangeira , raramente a gente tem pesquisa aqui no Brasil, mas que oferecem recomendações, orientações, dicas, estudos sobre esse material, eu não gosto de fazer propaganda, mas para quem quiser, esses livros estão todos postados, a capa, (2) porque cada um deles custa R\$500,00, R\$600,00 com o aumento do dólar , eles estão postados no TILSJUR no facebook só vocês procurarem TILSJUR UFSC que é possível pelo menos pegar a (3) referência bibliográfica e se não conseguir exatamente o livro pega pelo autor e vai mapeando o que o autor produziu. Por exemplo, (4) a Sandra Hale, ela é da Austrália, (5)	Neste trecho (1) o intérprete omitiu a informação de que a demanda vem das rodas de conversa. Nesse mesmo trecho, (2), ele cenzou a interação da palestrante com os intérpretes e os relatos que fazem como uma fonte de dados para novas propostas. Sendo que, ao final do trecho (3), ele explicitou informações que não são produzidas na língua fonte, mas que podem ser inferidas. Em (4), (5) e (6) o profissional optou por fazer substituições dos nomes pelos sinais correspondentes de cada pessoa.

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				tem várias coisas que envolve o campo de interpretação forense. (6) A Carla Mathers, por exemplo, eu e a Hanna, a gente tá fazendo a resenha porque uma das propostas do TILSJUR é também trabalhar com tradução e acessibilizar esse material aqui para o Brasil. (7) Então, é mais ou menos um pouco disso, mas eu sei que eu tenho 12 minutos, então, tenho que acelerar.	
15	Omissão, substituição, empréstimo linguístico e cenarização	17'40''		[...] Pesquisas nacionais a gente tem alguns na área de línguas orais, (1) mencionei alguns aqui . Gosto de mencionar a questão das línguas de sinais. Por exemplo, (2) tem um artigo que publiquei aqui na revista Belas Infiéis , (3) Priscila Cavalcante , o sinal dela é assim, a Priscila é surda desenvolveu um glossário na área de Direito Constitucional tem mais de 90 sinais lá. (4) Santos e Sutton-Spence, um artigo meu e da Rachel que foi da visita técnica à Inglaterra . (5) Luciana Marques Vale que está sentada aqui que é da UnB que no ano passado defendeu a dissertação sobre terminologia do PJE - Processo Judicial Eletrônico.	Em (1) existiu a omissão do trecho em destaque e do trecho seguinte (2). Já em (3), o intérprete utilizou empréstimo linguístico do Português para soletrar [P-R-I-S-C-I-L-A C-A-V-A-L-C-A-N-T-E] após o sinal da autora. No trecho (4) o intérprete utilizou a substituição porque optou em fazer direto o sinal das autoras, ao invés de fazer a soletração do nome. Além disso, ele utilizou a cenarização para descrever a visita técnica. Nesse trecho também ocorreu a omissão da publicação (artigo) mencionada pela palestrante. Em (5), ele trocou o nome da autora pelo sinal e ainda apontou para o local onde ela estava na plateia, também,

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	<i>QR-Code</i>	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				(6) Santos e Porltronieri (2019) que falam da tradução como garantia do direito linguístico de grupos vulneráveis no acesso à justiça...	ocorreu omissão de “é da UnB”. No último trecho, (6), o intérprete substituiu a informação apontando para a apresentação de slides onde estava o nome dos autores.

Fonte: Elaboração própria

Nos quadros apresentados até o momento vemos a frequência da utilização da estratégia de substituição, que é a troca de uma informação maior por uma informação mais direta, acarretando a omissão. Caracterizando a ocorrência em conjunto dessas duas estratégias. Sobre essa questão, temos um apontamento muito pertinente por parte do intérprete e que ele usa como exemplo um dos trechos dessa mesma interpretação.

Quando ela falou Santa Maria, que eu já sabia que eu não sabia o sinal, eu já eu me situei, eu tenho isso como estratégia, quando eu tenho um hipônimo, e eu não sei, eu opto por usar um hiperônimo nesse ponto. Então quando ela usa um município, que é hipo, que é uma referência menor, como geograficamente eu sei que Santa Maria fica em Rio Grande do Sul, eu opto pelo hiper, “lá Rio Grande do Sul, eu comecei interpretar”, então eu me desloco para uma informação mais específica e coloco uma informação não tão específica quanto foi a fala dela, mas que para mim acaba, acaba, eu acho melhor do que simplesmente só usar Lá Santa Maria?! Que eu não sei onde é que fica, se fica no Norte, no Nordeste, se Santa Maria é uma escola, se Santa Maria é uma universidade, se Santa Maria é... mas como Santa Maria refere-se a um espaço limitado de terras, como município, Estado, região, aí eu fiz “lá Rio Grande do Sul”. Mas, embora eu tenha feito isso, o apoio me deu o sinal, por ter me dado o sinal eu fiz a datilografia e mostrei o sinal Santa Maria, mas talvez isso se repita em alguns momentos, bem isso, quando se tem um hipônimo, usa o hiperônimo para fazer referência, e o contrário também acontece, quando se fala no hipônimo, perdão, o hiperônimo, e a gente não sabe, a gente faz vários hipo, seguido do diversos, do vários, porque via de regra, a língua de sinais, a característica da língua de sinais não é hiperônima, ela costuma se expressar de forma mais hipônima, eu acho, eu acho não, por ser de modalidade visual e ser mais objetiva e concreta a língua que se usa mais de hipônimos.

Em (6) de 13:5, para a frase “Debra Russel, Carla Mathers e Jemina Napier”, o intérprete não soletra o nome das autoras, utilizando, assim, a estratégia de substituição

apontando para a apresentação de slides e dizendo “essas três mulheres” e o sinal delas. Aqui, retomamos a discussão de qual é a melhor estratégia para esse “problema”.

Em 15:5, destaque (2), “Por exemplo, **tem um artigo que publiquei aqui na revista *Belas Infiéis***, Priscila Cavalcante”, temos a omissão da parte em destaque e podemos ver nitidamente que o atraso do intérprete em relação ao texto de partida é o gatilho, pois quando a palestrante chega ao nome “Priscila Cavalcante”, oferece o sinal referente à pessoa. Como o profissional está atrasado, opta por receber e utilizar o sinal em detrimento do restante da informação.

Quadro 32 – Trecho D do evento interpretativo 3 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWQZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
16	Empréstimo linguístico e equívoco	19'33”		(1) Prestes (2019) que é um surdo também sobre terminologia na UFSC. (2) Já expliquei a emergência do TILSJUR, ele tem três eixos: Tradução e interpretação de Libras - Português na esfera jurídica, (3) que é coordenado por mim [...]	No trecho (1) o intérprete fez a soletração do nome Prestes, e comete um equívoco com o ano fazendo “2016”. Em (2) houve a omissão do trecho em destaque, assim como em (3) ocorreu omissão de “que é coordenado por mim”.
17	Substituição, cenarização e empréstimo linguístico	20'08”		[...] Depois que ele se mudou, eu e a Marianne, a gente está (1) tentando de algum modo readequar esse eixo. (2) Interlocução Internacional já coloquei. Essa é uma foto de toda equipe só tá faltando (3) duas pessoas, a Brenda e a Michele. Ah eu tinha me esquecido da (4) Aline, sinal dela é esse aqui.	No primeiro trecho (1) o intérprete substituiu a informação em destaque por “está parado”. Nesse caso, a substituição gerou um desvio na informação substituída. No trecho (2) ele omitiu a informação em destaque. E em (3) fez a cenarização para representar as duas pessoas que faltavam na foto, sendo utilizado o empréstimo linguístico para soletrar os nomes. No trecho (4), o

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				Então, aqui tem (4) Guilherme sobre intérprete surdo na esfera jurídica, a (5) Dodora sobre o intérprete na delegacia , a (5) Luciele vocês conheceram, a (5) Hanna vocês também conheceram, a (8) Aline ela é só colaboradora, mas é uma colaboradora muito esforçada dentro do projeto, (5) Marianne e (5) eu.	intérprete substitui a soletração pelo sinal da Aline e do Guilherme. Nos trechos seguintes (5) houveram substituições da soletração do nome pelo sinal das pessoas e omissões de algumas informações complementares sobre os participantes apresentados.
18	Equívoco, substituição e omissão	21'09"		[...] (1) Já falei das disciplinas né que são alimentadas por todas as atividades que o TILSJUR faz. A extensão, o que a gente tem feito em termos de extensão: rodas de conversa, nós já produzimos ao longo desse tempo muitas rodas de conversa, a última que a gente teve foi a semana passada sobre mulheres surdas e violência doméstica quem coordenou foi a (2) Dodora. Conseguimos que (3) a psicóloga policial viesse pra poder falar dos casos , (4) eu não vou ter tempo, obviamente, pra detalhar os casos , mas assim, tem muito dado	No primeiro trecho, (1), a direção da sinalização ficou errada porque o projeto colabora com as disciplinas e a sinalização mostrou o contrário. No trecho (2), o nome soletrado foi substituído pelo sinal da “Dodora”. Enquanto em (3) foi utilizada a estratégia de cenarização. E no (4) existiram algumas omissões das informações em destaque. No trecho (5) foi utilizado empréstimo linguístico para soletrar [A-U-D-I-Ê-N-C-I-A] em conjunto com o sinal.

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				que emerge dessas rodas de conversa. Só pra vocês terem uma noção uma das principais reivindicações é que o agressor normalmente é o intérprete, então, isso é um dado muito sério. É o marido que chega na delegacia, em alguns casos, pelo menos na região sul né gente, região sul que eu falo, mais específica Florianópolis (4) que foram as pessoas que participaram dessa roda de conversa em específico. (5) Audiência que teve que ser cancelada porque o intérprete não apareceu...	
19	Empréstimo linguístico, omissão	22'50"		[...] Várias palestras, né, em diálogo, por exemplo, com a (1) OAB de Florianópolis, (2) OAB em Tubarão [...]	No trecho (1) foi empregada a estratégia de empréstimo linguístico para soletrar [O-A-B]. E em (2) ocorreu omissão do trecho em destaque.
20	Substituição, cenarização e empréstimo linguístico	23'05"		[...] Sugiro que todos vocês divulguem o trabalho da defensoria pública do distrito federal, e aí eu quero agradecer o (1) Marcos , porque foi por meio do Marcos e do (2) Cas em parceria com a (3) APADA , que (4) eu	O profissional optou pela substituição em (1), não realizando a soletração do nome, além de fazer apontamento para o local onde ele estava no auditório e o sinal. Nos trechos (2) e (3) houve substituição dos nomes das instituições, sendo utilizado o sinal delas. Em (4),

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				pude conhecer um pouco mais do trabalho que foi desenvolvido aqui na defensoria pública do Distrito Federal que tem uma série de ações, tem inclusive outros programas aqui, de (5) cidadania bilíngue [...]	o intérprete “encenou” a palestrante sendo convidada a conhecer o trabalho da defensoria. No trecho (5), o intérprete utilizou empréstimo linguístico para [C-I-D-A-D-A-N-I-A].
21	Substituição	24'02”		[...] (1) A maioria dos perfis linguísticos, sociolinguísticos, econômico são muito diferentes [...]	No trecho (1) houve a substituição no momento que a palestrante elenca diversos fatores que diferenciam os perfis dos surdos. Nesse momento, o intérprete opta por sinalizar “A MAIORIA DOS SURDOS PERFIL OUTRO”.
22	Cenarização e empréstimo linguístico	24'37”		[...] (1) O depoimento dele, passa pela sua mão ou passa pela sua boca , então isso é muito sério. Conhecer diferentes perfis de (2) comunidade surda não é uma coisa de discurso, isso realmente impacta...	Neste trecho (1) o profissional cenarizou a situação em que um determinado intérprete fez a mediação da comunicação entre um surdo e um não surdo no contexto judiciário. Em (2) ele utilizou empréstimo linguístico para COMUNIDADE.
23	Omissão e cenarização	25'45”		[...] (1) Agora aquele sujeito que tá lá na delegacia, (2) aquela mulher surda que apanhou do seu companheiro, mandou um vídeo para você às 3h da manhã, com o rosto todo retorcido,	No trecho (1), o intérprete omite todo o trecho em destaque. Em (2), ele cenariza a situação utilizando a incorporação dos personagens para descrever o acontecimento descrito pela palestrante.

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em Português	Comentários do Pesquisador
				você não ter sensibilidade para atuar dentro desse espaço, é complicado [...]	
24	Empréstimo linguístico	26'24"		[...] Eu tô falando de (1) cuidado pra respeitar quem é aquele que está do outro lado [...]	Em (1) o intérprete opta pelo empréstimo linguístico do Português para fazer a datilologia da palavra CUIDAR após ter feito o sinal.

Fonte: Elaboração própria

Em (3), (4) e (5) de 17:6, percebemos pelo vídeo, que pode ser acessado pelo código QR-Code em 17:4, que a palestrante acelera a produção de informações quando apresenta uma lista de participantes do seu projeto. Assim, houve substituições da soletração do nome pelo sinal das pessoas e omissões de algumas informações complementares sobre as atividades delas.

Nesse evento em específico, (8) em 17:5, tivemos uma situação interessante: um problema em relação ao humor, que com a entrevista retrospectiva podemos ver nitidamente que a reação do público do evento também interfere nas escolhas do profissional. Vejamos:

Ela fala que “15 anos de experiência podem não ser nada, a gente está aprendendo a todo tempo. 15 anos você pensa que é um grande profissional? Na verdade, você só está debutando.” Eu naturalmente iria parafrasear isso ou omitir, omitir o humor daquilo. Mas, quando ela falou e você consegue escutar no vídeo, nitidamente a plateia riu, e riu alto. Então, isso gera um desconforto para os surdos, no sentido de ele perceber que a palestrante riu, deixa eu ver se eu ri (ele volta a filmagem para conferir). Sim, eu dei um discreto sorriso no final e eu falo assim “que a todo momento a gente está aprendendo, pronto, já? Não, a gente está aprendendo”. E aí quando todo mundo riu, ali eu percebi que era uma informação que eu não poderia deixar de externar. Eu acho que é uma informação secundária, eu acho que se eu omitisse isso de maneira consciente, de maneira nenhuma iria comprometer a interpretação. Mas, por conta da reação do público, e aí, eu falo público, não o público da minha interpretação, os surdos. Eu falo o público que recebe a palestra. Então, todos riram, todos que ouviram a palestrante riram, até o intérprete, eu, dei

um riso no finalzinho. Então, eu quis não roubar esse humor para os surdos, até porque, deu tempo. E aí, eu coloquei “com a idade de 15 anos, comparado aos anos de experiência, significa o que? Aniversário, festa, valsa. Agora sim eu vou começar a ser um profissional de fato.” E isso, eu me recordo muito bem que na minha frente estavam surdas, elas compreenderam muito bem e riram, justamente esse “a partir dos 15 que a mulher está pronta para se mostrar na sociedade, deixa de ser menina e passa a ser mulher”. Então, eu optei em investir tempo para fazer essa metáfora, por conta que o público ouvinte riu e os surdos perceberam “ué, eles estão rindo, porque eu não?”. Então, eu não quis fazer isso.

Outro fator interessante destacado pelo intérprete, foi sobre as substituições que ocorrem durante a interpretação e até mesmo a correção de informações para entregar algo que tenha uma relação mais direta com os receptores dela. Sobre isso, ele destaca:

Muitas vezes, nós da área dos Estudos da Tradução e Interpretação, às vezes, quando vamos interpretar uma coisa que não é uma área da educação da língua de sinais, as pessoas falam “linguagem de sinais”. Vamos pensar em uma conferência, sei lá, eu interpretei a conferência da assistência social, e o povo falou, “linguagem de sinais” e eu fiz “vai ter interpretação de Libras”. Eu fiz essa correção, essa substituição de um termo errado por um termo certo, porque ali não iria comprometer. Mas, o objetivo da fala da palestrante era dizer “linguagem de sinais”, era dizer o errado porque ela estava dando o exemplo. E aí, nisso, eu parei um pouquinho. [...] E aí, eu fiz “linguagem de sinais” ou “a pessoa fala surdo mudo”. Então, falando sobre isso, muitas vezes nós intérpretes por sermos da área de Educação de Surdos, dos Estudos Surdos, a gente percebe falas equivocadas e a gente não põe (não entrega a informação) a gente corrige por conta própria e eu não sei até que ponto isso é positivo. As vezes em uma informação simples, como eu mesmo já fiz, mas aqui tinha o objetivo real e eu acho que a gente precisa se atentar com o objetivo da fala do palestrante e as vezes, mesmo que sejam falas erradas, o surdo tem que saber que falaram “surdo mudo” que as pessoas se comunicaram dessa forma, porque até essas correções que geram a melhor consciência das pessoas que estão falando o discurso.

Quadro 33 – Trecho E do evento interpretativo 3 para discussão

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdvsYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em português	Comentários do Pesquisador
25	Substituição, explicitação com adição, empréstimo linguístico e cenarização	26'52”		[...] (1) Traduções, porque a gente acha que o acesso à informação é um direito linguístico, não é só o intérprete na delegacia, no fórum, no tribunal que precisa acontecer, (2) as traduções no âmbito	Em (1), o intérprete recorreu à substituição de [traduções, porque a gente acha que o acesso à informação é um direito linguístico, não é só o intérprete na delegacia, no fórum, no tribunal que

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em português	Comentários do Pesquisador
				<p>jurídico, elas também precisam ser disseminadas e aí, isso é muito importante porque você, também, tem que trabalhar com uma desconstrução de alguns conceitos que, por exemplo, às vezes se tornam normais para uma determinada comunidade. Um exemplo, essa é uma situação verídica: Um juiz X em uma (3) cidade X pergunta para a pessoa surda: “Você estuprou ela?”. Era uma criança de 8 anos de idade. E, a pessoa surda tinha mais ou menos, acho que uns 45 anos, (4) usuário de Libras. “Você estuprou ela?” Aí a pessoa surda X responde: “Não, eu não estupro ela”, aí o juiz diz: “Mas, foi feito o exame de corpo de delito, foi detectado que você estuprou ela”. Aí a pessoa surda diz: “Não, eu não estupro ela, eu fiz uma coisa que sempre fizeram comigo”, aí sinaliza. Eu não vou sinalizar para poupar os olhos de vocês, ele descreve nitidamente como que ele faz. Aí o juiz diz: “mas, isso é estupro”. Ele disse: “Não, isso não é estupro, eu sempre minha família acostumada tem, fulano x, y, z faz isso comigo três vezes por semana, no início doía, agora</p>	<p>precisa acontecer] por [tradução, lembram? tradução como acesso e não acontece só em momentos presenciais]. Em (2), o intérprete aplicou a explicitação, adição e empréstimo linguístico, no trecho “as traduções no âmbito jurídico, elas também precisam ser disseminadas e aí, isso é muito importante porque você”. Para tornar mais claro o que foi dito pela palestrante, ele explicitou e ainda fez adições de termos que não foram expressos, como o termo “MANUAL”, para o qual fez uso de empréstimo linguístico. No trecho (3) ocorreu a omissão quando a palestrante estava contando sobre a situação de interpretação. Nesse trecho, o intérprete omitiu “cidade X”. No trecho (4), há omissão do termo “usuário de libras”. A cenarização aconteceu quando a palestrante descreveu a situação de interpretação vivenciada em um tribunal e nos exemplos de violência mencionados. Nesses trechos o intérprete fez a mudança de pessoa do</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em português	Comentários do Pesquisador
				acostumado”.	discurso, incorporando os personagens do discurso e representando-os em seu corpo por meio da cênarização.
26	Omissão e empréstimo linguístico	29’01”		E aí, existe um outro ponto que a gente não investiga que é o quanto as mulheres surdas, as crianças surdas, os idosos surdos e (1) os jovens surdos estão em posição de (2) vulnerabilidade [...]	Neste trecho (1) acontece a omissão de “jovens surdos” e em (2) o empréstimo linguístico para soletrar a palavra [V-U-L-N-E-R-Á-V-E-L].
27	Omissão	29’38”		[...] Eu tô falando aqui de (1) idades menores, né! Talvez em grandes cidades já tenha outra estrutura[...]	Em (1), o intérprete omite toda a informação em destaque.
28	Omissão, substituição e cênarização	30’02”		[...] (1) Eu peço mais 4 minutos, pode ser? Só pra terminar. A gente dá assessoria para intérpretes porque às vezes a pessoa diz assim: Eu fui convocada para interpretar, posso faltar (2) ou não? Eu interpretei 10 audiências, eu não recebi. (3) Como é que eu faço para receber? (4) Eu não conheço tal sinal, onde que eu encontro? Vocês têm glossário? Aconteceu uma situação lá no tribunal de justiça do Amazonas, (5)	Nos trechos (1) e (2) ocorreram omissões. Em (3) o intérprete opta por substituir a informação em destaque por “já interpretei 10 audiências e não recebi nada”. No trecho (4), o intérprete substitui o trecho em destaque por “Não tem sinal, vocês têm glossário? Para eu interpretar na área jurídica.” Nesse trecho ainda, o intérprete utiliza a cênarização

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnus&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em português	Comentários do Pesquisador
				<p>deu todo um boom assim sobre a contratação, aliás, contratação não né, mas o credenciamento de intérpretes voluntários, e aí eu postei no Instagram (6) do TILSJUR e todo mundo disse assim: (7) “Silvana como você pode postar isso, é trabalho voluntário”.</p>	<p>representando a suposta pessoa que faz o questionamento. Em (5) ocorreu omissão, assim como em (6), da sigla do projeto “TILSJUR”. No trecho (7) foi utilizada a estratégia de cênarização para a informação “Silvana como você pode postar isso, é trabalho voluntário”.</p>
29	Empréstimo linguístico	31'07”		<p>[...] Então eu trabalho com a notícia verdadeira e eu também trabalho com (1) fake news, porque alguém tem que se movimentar. Então, o que aconteceu? (2) Mariana Hora a quem eu agradeço muito fez um vídeo, ela e (3) Mirella, agradeço muito também, fizeram um vídeo bombástico botaram no youtube e imediatamente a Febrapils foi acionada, (4) Fernando, Sônia entraram em contato com a gente num diálogo de colaboração, foi emitido uma (5) nota em pouquíssimo tempo [...]</p>	<p>Em (1) houve utilização do empréstimo linguístico para [F-A-K-E], enquanto em (2) houve substituição de Mariana Hora pelo sinal e apontamento para a plateia. No trecho (3) houve substituição de Mirella pelo sinal e apontamento para o público. Assim como em (4) houve substituição de Fernando e Sônia substituição pelo sinal de cada um. Em (5), o intérprete optou pela estratégia empréstimo linguístico e fez a datilologia da palavra [N-O-T-A].</p>

EVENTO INTERPRETATIVO 3:					
https://www.youtube.com/watch?v=50xgt-sjnu&list=PLY7twgQvBvXbWZ5gqpNVdysYWOZxKXJU8&index=14					
Nº	Estratégia utilizada	Tempo no vídeo	QR-Code	Trecho da fala em português	Comentários do Pesquisador
30	Empréstimo linguístico e cenarização	32'34"		[...] Mas aí eu falei, vou entrar com uma carta de contestação, aí minha irmã falou assim: “Mas não existe (1) carta de contestação ”. Aí eu escrevi carta de contestação [...]	Em (1), o intérprete utilizou empréstimo linguístico para soletrar [C-A-R-T-A D-E C-O-N-T-E-S-T-A-Ç-Ã-O]. Além disso, houve cenarização para estabelecer o diálogo entre as personagens citados pela palestrante.
31	Substituição e omissão	33'06"		[...] (1) Mapeamentos, já falei um pouco, pesquisas, perfil, vou ter que pular, tá terminando já, né! A gente tá tentando começar agora a parte dos convênios com defensoria, com (2) organismos quem sabe internacionais para poder fazer um trabalho maior, a gente tem dado (3) formação para os operadores do direito , e quando eu digo a gente eu tô falando toda a equipe né, não tô falando só de mim.	Em (1) ocorreu a substituição de todo o trecho em destaque pelo apontamento para a apresentação de slides. Já em (2), foi utilizada a estratégia de substituição de “organismos” por [O-N-G]. No trecho (3) ocorreu omissão da informação em destaque.
32	Omissão	34'49"		[...] Essa proposta está sistematizada no tratamento do material, (1) na avaliação , seleção de equipe, extração terminológica, gravação, edição, revisão, (2) avaliação da qualidade , regravação e por aí vai [...]	Nos trechos (1) e (2) ocorreram omissões nas informações em destaque.

Fonte: Elaboração própria

Em (1) 31:5, a palestrante faz a leitura acelerada de uma lista de atividades relacionadas ao grupo de pesquisa ao qual cita durante a palestra. Nesse momento, o intérprete tenta acompanhar tanto pela leitura da palestrante quanto pelo que lhe é entregue na apresentação de slides. Porém, acaba omitindo algumas informações, visto que há um fluxo de informações alto e acelerado.

Nesse evento interpretativo, temos a recorrência do termo “direito” com diferentes significados, exigindo que o intérprete processe os blocos de informação para entender qual dos significados se encaixam naquele momento. Quanto a isso, ele relata:

“Operadores do direito”, né? Os operadores do direito, ou seja, aquelas pessoas que estão atuando de maneira direta. Ai, eu coloquei, funcionários profissionais da área e apesar de ser “direito” eu faço “jurídico” junto com “direito”. Porque a palavra direito aqui vai ser muito recorrente e as vezes ela se remete a conceitos diferentes. Na Língua Portuguesa fica muito claro, mas tem horas que o “direito” tem relação com o “curso de graduação em direito”, as vezes é o “direito” enquanto documento, as vezes o direito de ser garantido, “profissionais do direito”, são profissionais da área jurídica. Então, a palavra direito ela embora em muitos momentos a gente pensa que sejam sinônimos, eu consigo pensar na Língua Portuguesa em muitos casos como polissêmico, conceitualmente, terminologicamente falando, eu encaro como polissêmico.

Outro ponto interessante levantado durante essa entrevista retrospectiva foi sobre a estratégia de explicitação ou de parafraseamento de algumas informações que podem estar claras em Língua Portuguesa e são produzidas por meio das metáforas, mas que podem não fazer sentido algum para a Comunidade Surda, ou não “funcionar” como é o esperado. Vejamos o que ele nos diz:

Ela fala que “não precisa criar a roda” e eu falo “já temos pesquisa sobre interpretação jurídica e essas pesquisas me auxiliam a desenvolver novas pesquisas”. Então, eu não fiz a metáfora do “inventar a roda” eu tranquilamente fiz uma interpretação não “do dito”, mas “do querer dizer” e eu acho que isso é um ponto importantíssimo para nós no ato da interpretação de conferência ou qualquer processo de interpretação, eu sempre me falo com a base nas leituras que a gente tem, que a gente não interpreta o dito a gente interpreta o querer dizer. O dito foi “inventar a roda”, mas, o que ela quis dizer com o “inventar a roda”? Como eu fiz anteriormente “nós somos debutantes”, o que ela quis dizer? Que 15 anos é pouco, agora que está iniciando. Mas porque ali eu optei por interpretar a metáfora, explicar a metáfora? Porque houve uma reação do público, uma reação de humor e o surdo precisava se sentir parte disso, para que não se causa esse estranhamento cultural entre as línguas e como produto da interpretação, eu fiz. E aqui eu optei por não fazer, porque ela estava rápida, trocou o slide, veio uma outra demanda, eu tinha que olhar para o slide, eu tinha que ver a fala dela. Então, eu optei, não em omitir, mas eu optei em não investir tempo em explicitando a metáfora. Não interpretei o dito, mas sim o que ela quis dizer com isso.

Ainda sobre esse evento interpretativo, temos uma observação muito interessante do profissional, que corrobora com o que citamos neste trabalho sobre a estratégia linguística de empréstimo linguístico. No nosso ponto de vista, a estratégia de empréstimo linguístico, ou datilologia, é uma estratégia que demanda tempo e um foco de atenção maior, pois o intérprete deve soletrar letra-por-letra de uma palavra específica, que pode ser nome, um conceito, um termo em língua estrangeira etc. Geralmente, como pudemos ver na apresentação dos nossos dados, durante a realização dela acontecem os equívocos, tirando assim o objetivo da utilização dela, que é deixar um nome da língua de partida o mais claro possível, principalmente para a tomada de nota dos receptores. Assim, realçamos o que o intérprete comenta em sua entrevista retrospectiva:

Eu fiz um negócio interessante, eu me corrigi. Eu acho que quando se põe a datilologia, inicia-se um texto com datilologia, tem que terminar. Por exemplo, o site “tilsjur.ufsc.br” não colocando o sinal da UFSC ali no meio. Eu acho que tem que dar essa informação, principalmente para que algum surdo tome nota ou algo parecido. Então, eu fiz “tilsjur.” (ele começa a realizar o sinal da UFSC e se corrige e continua a soletração completa do site) “tilsjur.ufsc.br”. Eu acho que é isso que deve ser feito, eu não posso colocar, vamos pensar “meio ambiente” (ele realiza o sinal de “meio” e soletra ambiente). *Ou você usa toda a datilologia ou usa os sinais, eu sempre penso que é assim que deve ser feito. Principalmente para uma tomada de nota do público, nessa interpretação que apesar de ser conferência ela é instrutiva, também.* E pra mim, que atuei por muito tempo como intérprete dentro da sala de aula na graduação, *é importante a gente sempre fazer o uso da datilologia para que os surdos tomem nota.* (grifos nossos)

Sua colocação sobre a datilologia revela conscientização sobre os receptores para os quais entrega o texto de chegada, bem como as peculiaridades de cada ambiente em que a interpretação é requerida. Além de uma estratégia de solução linguística de problemas, a datilologia pode ser empregada para facilitar a tomada de nota por parte deles, receptores, entretanto, é necessário que o intérprete analise seu *lag time*, bem como o fluxo de informações, uma vez que ele pode se perder no processamento delas, ocasionando omissões ou equívocos.

Na tabela 5, a partir da análise dos dados, fizemos uma síntese dos gatilhos que acionam as estratégias linguísticas de solução de problemas.

Tabela 2 – Estratégias linguísticas de solução de problemas e os gatilhos

Estratégias linguísticas de solução de problemas	Gatilhos para o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas
--	--

Estratégias linguísticas de solução de problemas	Gatilhos para o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas
Empréstimo linguístico e sinal	1 – Ambiguidade do sinal 2 – Nomes de autores da área
Empréstimo linguístico	1 – Nomes próprios 2 – Nomes de autores
Substituição	1 – Espaço de tempo excessivo (<i>lag time</i>) em relação à língua de partida; 2 – Fala não espontânea (ex.: leitura); 3 – Aumento repentino do fluxo de fala; 4 – Representação na língua de chegada não encontrada (ex.: hipônimos sendo substituídos por hiperônimos)
Redução	1 – Pressão de novas informações que estão chegando da língua de partida;
Adição	1 – Variedade dos receptores (uso de mais de um sinal com o mesmo significado) ⁵⁹
Omissão	1 – Dúvida na informação na língua de partida ou de como produzir na língua de chegada (atraso na entrega); 2 – Fala não espontânea (leitura), priorizando conceitos relevantes e o entendimento dos trechos lidos;
Reformulação	1 – Feedback negativo dos receptores; 2 – Percepção do equívoco durante o processo (do próprio intérprete, intérprete de apoio ou receptores);
Parafraseamento	1 – Informação recebida da língua de partida que não contém representação na língua de chegada. 2 – Informação recebida da língua de partida que pode não gerar

⁵⁹ Essa estratégia linguística de solução de problemas foi identificada nesse trabalho e denominamos como adição por redundância: ela ocorre quando existe uma variedade grande de receptores e que são de diferentes localidades geográficas. Assim, para não causar dúvidas ou estranhamento o profissional utiliza a adição de mais de um sinal com o mesmo significado para não gerar dúvidas ou estranhamento;

Estratégias linguísticas de solução de problemas	Gatilhos para o uso das estratégias linguísticas de solução de problemas
	sentido para os receptores.
Explicitação	1 – Informação recebida da língua de partida que contém informações que não são produzidas por meio de palavras e/ou frases. Mas, através do sentido, da intenção de quem produz. Gerando assim, a necessidade de deixar essa informação clara para a língua de chegada.

Fonte: Elaboração própria

Observada a discussão, podemos sugerir que os intérpretes de Libras utilizam a teoria dos *skopos* como fundamento para a tarefa, uma vez que buscam levar a informação da língua de partida para a língua de chegada de forma clara, buscando cumprir com os *skopos* (antes da atividade) e *sub-skopos* (durante a atividade⁶⁰). Essa observação é respaldada pelos nossos dados e pelo fato de utilizarem as estratégias linguísticas de solução de problemas, de forma geral, para deixar a informação o mais tangível possível para os receptores. Além de serem constantemente influenciados pelo *feedback* recebido pelos receptores que pressiona o profissional, direcionando as suas tomadas de decisões para deixar aquela informação a mais clara possível, dentro dos limites da sua capacidade de processamento disponível.

⁶⁰ Apresentamos essa discussão no capítulo 3 desta pesquisa.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal demonstrar o uso e analisar as implicações do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea (IS) da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), durante a interpretação no contexto de conferência. Para tanto, dividimos o trabalho em dois momentos: (i) identificar as estratégias linguísticas de solução de problemas no contexto de conferência por meio da análise de vídeos e (ii) organizar um evento para a produção de dados em contexto real, de forma a fornecer dados para identificar as estratégias linguísticas de solução de problemas (ELSP). A partir desse evento, fizemos entrevistas retrospectivas com os intérpretes, buscando detectar a motivação do uso das estratégias e a avaliação dos profissionais sobre o resultado.

Como resultado parcial, podemos evidenciar que as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação de Libras e de Português nem sempre são as melhores escolhas para um resultado melhor no tocante ao produto final. Entretanto, como intérprete, formador de intérpretes e pesquisador, observamos que, no momento da tarefa, tenta-se manter o fluxo da interpretação, porém nem sempre funciona como previsto, uma vez que, devem-se gerenciar as informações, para que cheguem aos receptores completas e transmitam a informação. Nesse sentido, é importante ressaltar que, na interpretação simultânea, não há apenas um receptor da mensagem, mas vários, que são fundamentais para o processo e a construção da interpretação.

Quando adicionamos à IS o contexto de conferência e o par linguístico Português – Libras, devemos compreender que a presença de diferentes receptores influencia as decisões interpretativas dos profissionais. Se tal influência é negativa por um lado, pois demanda um maior esforço nas escolhas, na retenção das informações na memória e o monitoramento da recepção da mensagem pelo público e, conseqüentemente, o feedback e reformulação da mensagem, se necessário, por outro, é positiva na perspectiva do público, visto que o intérprete empregará sua capacidade de processamento para maximizar a entrega da mensagem.

Acrescentamos que o controle do espaço de tempo (*lag time*) é importante para que exista o processamento das informações e as melhores escolhas, até mesmo para que as estratégias, sejam realizadas. Dessa forma, demonstramos que o desenvolvimento de uma competência do uso das ELSP é necessário para que seja usado de forma consciente, ou seja,

de maneira proativa, não reativa. Lembramos que as estratégias que são utilizadas de forma reativa podem gerar efeitos negativos no texto de chegada como, quando o profissional aplica a estratégia de adição de informação, entretanto, o tempo não permite que ele processe as novas informações que chegam da língua de partida, omitindo-as para manter o fluxo da interpretação e, por consequência, os seus receptores podem ser prejudicados.

Ainda nesse primeiro momento, identificamos nitidamente que a defrontação do intérprete com o problema ou com a dificuldade interpretativa nem sempre causa um resultado favorável, recorrendo às omissões como estratégia mais acionada. Acreditamos que isso aconteça justamente porque o profissional quer manter o fluxo da interpretação, não o fluxo da informação, conforme já apontado em Barbosa (2014, p. 106).

A consciência dos sujeitos de pesquisa sobre as omissões é alta durante o processo interpretativo, corroborando com o estudo de Napier (2002), porém, identificamos ainda que nem sempre elas foram utilizadas como uma estratégia para tornar a interpretação mais eficaz, mas, são o resultado do enfrentamento do intérprete com as demandas que surgiram no decorrer do processo e, por eles não estarem preparados para este confronto, intérprete *versus* demanda, a consequência foi a omissão.

Nesse sentido, compreendemos que a constituição da consciência estratégica é um dos pilares para o desenvolvimento da competência da interpretação simultânea, uma vez que o fluxo e dinâmica das demandas que surgem durante o evento interpretativo são incontáveis, e o gerenciamento do confronto da demanda é de responsabilidade do próprio profissional intérprete.

Podemos inferir, além disso, que essas estratégias ainda são utilizadas de modo superficial, reativamente aos problemas que os profissionais enfrentam, e eles ainda não sabem manipular e tirar todo o proveito dessa ferramenta, tornando-a, de fato, uma estratégia proativa para o desenvolvimento do trabalho. Dessa forma, acreditamos que estudos aprofundados de cada uma das ELSP sejam realizados com o objetivo de aproveitar ao máximo a potencialidade de cada uma delas. Por conseguinte, nosso trabalho veio contribuir para mapear os estudos sobre as estratégias linguísticas de solução de problemas, preparando o campo para outros estudos e discussões através de outras perspectivas.

Em suma, a primeira etapa desta pesquisa reforça que a necessidade da constituição da consciência estratégica por parte dos profissionais é extremamente importante, bem como o contato com os problemas e as dificuldades interpretativas desde o início dos estudos, para que tenham um “leque” de estratégias, sabendo utilizar, estando consciente e possuindo segurança para manter uma interpretação eficaz.

Acrescentamos que, no capítulo 2, proporcionamos uma apresentação e uma discussão de um modelo de processo para interpretação simultânea de línguas de sinais, em que destacamos a reformulação durante o processo, principalmente quando o feedback dos receptores é negativo – dúvidas sobre o produto entregue, dúvidas ou questionamentos sobre o vocabulário utilizado, “apoio” vindo dos receptores para terminologia especializada, etc.. Nossa hipótese foi comprovada na análise dos dados apresentados neste trabalho, principalmente se considerarmos a entrevista retrospectiva. Além disso, compreendemos que nossa abordagem corrobora com o esforço da Interação Imediata com os Surdos de Pointurier-Pournin (2014).

Salientamos, no capítulo 5, a apresentação das estratégias linguísticas de solução de problemas, quando propomos uma tabela síntese das mais recorrentes e aplicáveis estratégias à interpretação de língua de sinais. Tal procedimento fornece, didaticamente, um panorama das estratégias e como elas podem contribuir para trabalho do profissional.

Dessa forma, foi fundamental para nosso trabalho o uso da teoria funcionalista, ao passo que procedemos a um estudo qualitativo do tipo exploratório. Essa escolha nos permitiu a preocupação com as condições de ação intercomunicativas e com as necessidades e expectativas dos receptores, possibilitando-nos manusear as informações, de forma a estabelecer um processo de interpretação, bem como definir as etapas de nossa pesquisa, com definição de corpus, geração e coleta de dados e análise desses, conforme capítulos 7 e 8.

No tocante às análises, selecionamos trechos dos dois eventos interpretativos alvo de nossa pesquisa. Do evento piloto, foi possível separar os dados por estratégias linguísticas de solução de problemas, quantificando, ao final, a recorrência, o emprego e o impacto do uso de tais estratégias. Observamos que o controle de tempo torna-se essencial para a manutenção da coerência do texto de partida para o texto de chegada, demonstrando que o profissional deve não apenas conhecer as estratégias, mas saber em que momento e qual delas devem utilizar, visto que elas são um dos pilares da interpretação simultânea.

Ao adentrarmos ao capítulo 8, pudemos analisar, questionar, discutir e propor uma tabela com os gatilhos e as estratégias linguísticas de solução de problemas disponíveis para resolver os empasses e dificuldades enfrentados pelos Intérpretes de Libras na tarefa em Contexto de Conferência.

Ressalvamos que essas estratégias linguísticas de solução de problemas são aplicáveis a todos os contextos de interpretação de Libras, nas duas direções, tanto de Português para a

Libras, como de Libras para o Português. A diferença se dará quanto ao número de ocorrências, que pode ser diferente entre os profissionais e entre as direções da interpretação.

Também identificamos uma subcategoria na estratégia de adição, à qual chamamos de adição por redundância, que é acionada pelo impacto da diversidade de receptores da interpretação para Libras. Além disso, apontamos, na totalidade das análises, que as substituições ocorrem com mais frequência, geralmente, do meio para o final do tempo total da interpretação, sugerindo que o gatilho para essa estratégia seja a fadiga do profissional no decorrer da atividade. Acrescente-se que pudemos verificar uma grande ocorrência da estratégia do empréstimo linguístico, por meio da soletração manual ou datilologia. Essa estratégia é acionada, principalmente, para nomes e terminologia especializada, porém, constatamos também que existe uma variedade muito grande sobre como utilizar essa estratégia e quais os gatilhos e situações em que são utilizadas.

Tais conclusões são essenciais para que possamos (re)pensar as estratégias de solução de problemas, seus usos, suas possibilidades e sua potencialidade, contribuindo para a maximização da entrega de informações aos receptores. Compreendemos, ainda, que a maior contribuição de nosso trabalho esteja no quesito de questionarmos as práticas, tanto dos intérpretes de línguas de sinais quanto a formação sobre as estratégias linguísticas de solução de problemas, e capacitação na área dos Estudos da Interpretação. Estudar e entender as estratégias linguísticas de solução de problemas é querer aprender mais sobre um dos pilares da interpretação simultânea. A aquisição da competência de uso das estratégias, vai além de entender, é saber manusear e gerenciar ferramentas para que a tarefa seja realizada.

Além das conclusões alcançadas, compreendemos que as limitações que se apresentaram no decorrer de nossa pesquisa também são importantes para nossos resultados. Consideramos a percepção do usuário para triangular os dados como uma grande limitação, dada sua subjetividade, bem como o próprio receio do profissional em se autoavaliar nas entrevistas retrospectivas. Igualmente, o tempo para a análise dos vídeos das interpretações pelos profissionais tornou-se uma limitação, ponderando a quantidade de material ao qual tivemos acesso. Tais processos foram importantes para os resultados obtidos, para nossas análises não apenas como pesquisador, mas como profissional e formador, levando-nos a questionamentos sobre as melhores estratégias para obter uma autoanálise de práticas e escolhas de estratégias linguísticas, treinando nosso olhar não para apontar as falhas, mas os sucessos, na contemplação da entrega da mensagem, em qualquer par linguístico, ao receptor.

Ao passo que respondemos muitas de nossos questionamentos, outros surgiram, intrigando-nos e nos forçando a expressá-las. Nesse sentido, nosso trabalho traz alguns apontamentos sobre como ensinar as estratégias linguísticas de solução de problemas para os intérpretes, assim como os fatores que influenciam a falta de confiança dos receptores para com os intérpretes. Outras questões iniciam-se, talvez, com nossa pesquisa, tais como: (i) existem padrões na utilização das estratégias linguísticas de solução de problema?; (ii) quais fatores são responsáveis pelo aumento significativo da utilização da substituição?; (iii) qual padrão no uso da estratégia de empréstimo funciona melhor para os receptores?; (iv) qual a percepção dos receptores quanto ao uso das estratégias linguísticas de solução de problemas?.

Esperamos contribuir para alguns direcionamentos e discussões, uma vez que buscamos sistematizar as diferentes ELSP, apresentando estudos que tratam sobre elas, de forma a proporcionar não apenas um aporte teórico, mas também um quadro das pesquisas desenvolvidas sobre a interpretação de conferência. Além disso, cremos que contribuímos para o fortalecimento da área de Estudos da Interpretação, bem como salientamos a necessidade de trabalho em conjunto com a área de Estudos da Tradução.

REFERÊNCIAS

- AUBERT, F. H. Modalidades de Tradução: Teoria e Resultados. *In: CITRAT/FFLCH-USP*, v. 5, n. 1, São Paulo, 1998. p. 99-127.
- BARBOSA, D. M. **Omissões na Interpretação Simultânea de Conferência: Língua Portuguesa – Língua Brasileira de Sinais**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.
- BARIK, H. C. Simultaneous interpretation: Qualitative and linguistic data. *In: Language and speech*, v. 18, n. 3, 1975. p. 272-297.
- BARTŁOMIEJCZYK, M. Anticipation: A controversial interpreting strategy. *In: Translation and Meaning*. Part, v. 8, 2008. p. 117-126.
- COKELY, D. The effects of lag time on interpreter errors. *In: Sign Language Studies*, v. 53, n. 1, 1986. p. 341-375.
- DEAN, R. K.; POLLARD, R. Q. Application Demand-Control Theory to Sign Language Interpreting: Implications for Stress and Interpreter Training. University of Rochester School of Medicine. *In: Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 2001. Disponível em: <http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/1/1.full.pdf+html>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.
- GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Revised Edition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- GILE, D. Basic Theoretical Components in Interpreter and Translator Training. *In: DOLLERUP, C.; LODDEGAARD, A. (ed.). Teaching Translation and Interpreting: Training, Talent and Experience*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.
- GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GILE, D.; POINTURIER POURNIN, S.; ALMEIDA DE OLIVEIRA, A.; MAFRA, A.; BLEYER FERREIRA DOS SANTOS, G. As táticas do intérprete de língua de sinais diante do vazio lexical: um estudo de caso. *In: Belas Infieis*, 8(1), 279-299. 2019.
- GILE, D. The Effort Models in Interpretation. *In: Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam/Philadelphia: John Bensamins, 1995. p. 159-190.
- GILE, D. Testing the Effort Model's tightrope hypothesis in simultaneous interpreting – A contribution. HERMES. *In: Journal of Linguistics*, n. 23, 1999. p. 153-172. Disponível em: http://download1.hermes.asb.dk/archive/FreeH/H23_09.pdf. Acesso em: 15 nov. 2017.

GILE, D. Conference Interpreting. *In*: BROWN, K. **Encyclopedia of language and linguistics**, 2006.

GILE, D. Conference interpreting research information network [Editorial]. *In*: **CIRIN Bulletin**, nº 50, 2015.

GILE, D. “Le modele IDRC ‘Interprétation-Décisions- Ressources-Contraintes’ de la Traduction: une optique didactique”. *In*: LAPLACE, COLETTE; LEDERER, MARIANNE; GILE, DANIEL (ed). **La traduction et ses métiers: aspects théoriques et pratiques**. Cahiers Champollion n. 12. Caen: Lettres Modernes Minard. 2009. p.73-86. Disponível em: <http://docplayer.fr/8714263-Le-modele-idrc-interpretation- decisions-ressources-contraintes-de-la-traduction-une-optique-didactique.html>. Acesso em: 01 jan. 2018.

GILE, D. Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea - uma contribuição. Tradução: WEININGER, Markus J; SANTOS, Giovana B. F.; BARBOSA, Diego Maurício. *In*: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: 2015.v. 35, n. 2. p. 590-647.

GISH, S. I understood all the words – but I missed the point: A goal-to-detail/detail-to-goal strategy for the text analysis. *In*: **New Dimensions in Interpreter Education: Curriculum and Instruction**, 1986. p. 125.

GONÇALVES, J.L.V.R. Pesquisas empírico-experimentais em tradução: os protocolos verbais. *In*: **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras–UFMG, 2001. p. 13-39.

GRBIĆ, Nadja. Constructing interpreting quality. *In*: **Interpreting**, v. 10, n. 2, 2008. p. 232-257.

HALE, S; OZOLINS, U.; STERN, L. (ed). **The Critical Link 5: Quality in interpreting – a shared responsibility**. Amsterdam/Philadelphia: John Bensamins, 2009.

JONES, Roderick. **Conference interpreting explained**. Routledge, 2014.

KADE, O. Zufall und Gesetzmäßigkeit in der Übersetzung. Fremdsprachen 1. Leipzig: Enyklopädie, 1968. p. 51-64. Tradução: PEREIRA, Caio de Costa. *In*: CARDOZO, Maurício; HEDERMANN, Werner; WEINIGER, Markus J. (ed.). **A escola Tradutológica de Leipzig**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2009.

KORPAL, P. Omission in simultaneous interpreting as a deliberate act. *In*: **Translation Research Projects 4**, 2012. p. 103.

KOPCZYNSKI, Andrzej. Bridging the Gap: Empirical Research in Simultaneous Interpretation, Quality in Conference Interpreting: Some Pragmatic Problems. *In*: **John Benjamins**, Amsterdam. 1994. p. 87–100.

KURZ, Ingrid. Conference Interpreting: Quality in the Ears of the User. *In*: **Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal**, v. 46, n. 2, 2001. p. 394-409.

- LAWRENCE, S. Interpreter discourse: English to ASL expansion. *In: WINSTON, Elizabeth A.(ed.) Mapping our Course: A Collaborative Venture, Proceedings of the Tenth National Convention, Conference of Interpreter Trainers, October 26–29, 1994. North Carolina: Conference of Interpreter Trainers. p. 205-214.*
- LAWRENCE, S. Expansion and Compression. *In: VIEWS. Alexandria, EUA: RID – Registry of Interpreters for the Deaf, 2007.*
- LEESON, L. Making the Effort in Simultaneous Interpreting. *In: Topics in Signed Language Interpreting, Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 51-68.*
- LEMOS, A. M. **As estratégias de interpretação de unidades fraseológicas do Português para a Libras em discursos de políticos.** 2012. 177f. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- LEVÝ, Jiří; ALTHOFF, Gustavo; VIDAL, Cristiane. Translation as a Decision Process / A Tradução como um Processo de Tomada de Decisão. *In: Scientia Traductionis, Florianópolis, n. 11, jul. 2012. p. 72-96. ISSN 1980-4237. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2012n11p72/22525>. Acesso em: 01 mar. 2019. doi: <https://doi.org/10.5007/1980-4237.2012n11p72>.*
- LUCIANO, A. H. T. **A interpretação simultânea sob a ótica da linguística aplicada.** 2005. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.
- NAPIER, J. **Linguistic Coping Strategies of Sign Language Interpreters.** Ph.D. diss., Macquarie University, 2001.
- NAPIER, J. **Sign language interpreting Linguistic coping strategies.** Coleford, UK: Douglas McLean. 2002.
- NAPIER, J. Interpreting omissions: A new perspective. *In: Interpreting, v. 6, n. 2, 2004. p. 117-142.*
- NEUBERT, A. ([1965] 1981): “Regeln des Übersetzens”. *Fremdsprachen 2, 83-89. Traduzido por Fernando Martínez. In: MEDINA, M. / CABALLERO, L. MARTÍNEZ, F. (comp.). Aspectos fundamentales de teoría de la traducción. La Habana: Pueblo y Educación. p. 56-64.*
- NICOLOSO, Silvana. **Uma investigação sobre marcas de gênero na interpretação de Língua de Sinais Brasileira.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2010.
- NICOLOSO, Silvana. **Modalidades de tradução na interpretação simultânea da língua portuguesa para a língua de sinais brasileira: investigando questões de gênero (gender).** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2015.

NORD, C. **Textanalyse und Übersetzen**. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse. Heidelberg, 1988. ([1988] 2016).

NORD, C. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

NORD, C. Loyalty and fidelity in specialized translation. *In: Confluências: Revista de Tradução Científica e Técnica*, v. 4, p. 29-41, 2006.

NORD, C. Functionalist approaches. *In: Handbook of translation studies*, v. 1, 2010. p. 120-128.

NORD, C. Translating as a purposeful activity: Functionalist approaches explained. *In: Translation Theories Explored*. Series Editor: Theo Hermans. Routledge, 2018.

OZOLINS, Uldis; HALE, Sandra. Quality in interpreting: A shared responsibility. *In: S. Hale*, 2009. p. 1-10.

PAGANO, A. S. Prefácio. *In: Metodologias de pesquisa em tradução*, v. 1, p. 7 – 11, 2001.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. *In: Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 21, nov. 2008. p. 135-156. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135>. Acesso em: 11 dez. 2018. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2008v1n21p135>.

PÖCHHACKER, Franz. Simultaneous interpreting: A functionalist perspective. *In: HERMES-Journal of Language and Communication in Business*, v. 8, n. 14, 1995. p. 31-53.

PÖCHHACKER, Franz. Quality assessment in conference and community interpreting. *In: Meta*, n. 46, v. 2, 2001. p. 410-425.

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing interpreting studies**. London: Routledge, 2004.

POINTURIER-POURNIN, Sophie. **L'interprétation en Langue des Signes Française**: contraintes, tactiques, efforts. Linguistique. Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle, Thèse de doctorat en traductologie, 2014. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01077924/document>. Acesso em 10 set 2017.

PYM, A. On omission in simultaneous interpreting. Risk analysis of a hidden effort. Working version of a text published. *In: HANSEN, G.; ANDREW, C.; HEIDRUN, G. (Eds.). Efforts and Models in Interpreting and Translation Research*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008. p. 83-105. Disponível em: http://usuaris.tinet.cat/apym/online/translation/2008_omission.pdf. Acesso em: 17 nov. 2018.

REISS, K. Type, Kind and Individuality of Text: Decision Making in Translation. *In: Poetics Today*. Tradução Susan Kitron, 2:4 (1981):121–31. Republicado em VENUTI, L. The Translation Studies Reader. Routledge. 2012.

REISS, K. “Der” Text und der Übersetzer’. *In: ARNTZ, Reiner (ed). Textlinguistik und Fachsprache*. Hildesheim: Olms, 1988. p. 67–75.

REISS, K; VERMEER, H. J. **Towards a General Theory of Translational Action**. Tradução de Christiane Nord. London; New York: Routledge, [1984]2013.

REISS, K; VERMEER, H. J. **Towards a general theory of translational action: Skopos theory explained**. Routledge, 2014.

RICCARDI, Alessandra. On the evolution of interpreting strategies in simultaneous interpreting. *In: Meta: Journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 2, 2005. p. 753-767.

ROBERTS, R. P. Student Competencies in Interpreting: Defining, Teaching and Evaluating. *In: Student Competencies: Defining, Teaching and Evaluating: Proceedings of the 9th National Convention of the Conference of Interpreter Trainers, USA: CIT*. 1992. p. 1-18.

RODRIGUES, C. H. **A interpretação para a língua de sinais brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais**. 2013. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

ROUSH, Daniel R. **Event Structure Metaphors through the Body: Translation from English to American Sign Language**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 2018.

SANTOS, S. A. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. 2013. 313 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SANTOS, G. B. F.; BARBOSA, D. M. Considerações sobre o processo de desverbalização e da cenarização na tradução e interpretação de uma língua oral para uma língua de sinais. *In: Revista Sinalizar*, v. 2, n. 2, 2017. p. 218-234.

SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. **Dictionary of translation studies**. New York: Routledge, 2014.

TYMOCZKO, M. Trajectories of research in translation studies. *In: Meta: Journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 4, p. 1082-1097, 2005.

VERMEER, H. J. Skopos and commission in translational action. *In: CHESTERMAN, Andrew (ed). Readings in Translation*, Helsinki: Oy Finn Lectura Ab, 1989. p. 173–187. Republicado em VENUTI, L. The Translation Studies Reader. Routledge. 2012.

ZWISCHENBERGER, Cornelia. Quality criteria in simultaneous interpreting: An international vs. a national view. *In: The Interpreters' Newsletter*. 15:127-142. 2010.

SITES VISITADOS

PAGURA, Reynaldo. et al. Seminário 7.1 “Os Estudos da Interpretação e suas múltiplas possibilidades”. *In*: **XIII Encontro Nacional de Tradutores e VII Encontro Internacional de Tradutores (ENTRAD)**. João Pessoa. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/entrad2019/simposio-7-1-os-estudos-da-interpretacao-e-suas-multiplas-possibilidades/>. Acesso em: 3 de fev. de 2019.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Principal: Diego Mauricio Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina.

Título da Pesquisa: “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”

Introdução

Prezado(a) Intérprete, sou doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução e, estou aqui para lhe convidar a participar da minha pesquisa com título “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”, ou seja, estou lhe convidando a contribuir com sua experiência de intérprete, informando entre outras coisas, sobre as estratégias usadas por você quando você depare-se com um problema ou dificuldade durante o processo de interpretação e como você resolveu esse problema ou dificuldade.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Para que você possa decidir sobre sua participação ou não, lhe informo que o objetivo principal dessa pesquisa é identificar e entender as ocorrências das estratégias linguísticas de solução de problemas, suas causas e suas implicações, ouvindo de você o que ocorreu e assim poder contribuir para a formação dos profissionais que realizam interpretação da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais (LIBRAS) .

Qual será a sua participação nesta pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, vamos marcar um horário que for bom para você e, juntos veremos as filmagens da sua interpretação realizada no 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação e/ou no 2º Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos Comunitários: Saúde, Educação e Justiça. Analisaremos as filmagens juntos, fazendo pausas para identificação do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas, refletindo no porquê elas ocorreram e o que implicaram, ou seja, porque você decidiu usar aquela estratégia no momento da interpretação e o que você avalia da consequência da sua decisão. Esse trabalho em conjunto (você e eu) será realizado após a sua interpretação para que tenhamos acesso as informações das suas tomadas de decisões durante a tarefa e entrevista retrospectiva terá duração de no máximo 2 horas. Caso você tenha algum gasto relacionado com sua participação nessa pesquisa, será ressarcido.

Até quando o conteúdo da análise poderá ser utilizado?

Se você não tiver nenhum inconveniente, este conteúdo será utilizado para a pesquisa proposta e para publicações dos resultados, como artigos, exposição em congressos, etc.

() Sim, estou de acordo

() Não estou de acordo

Como serão tratadas suas informações pessoais?

A pesquisa tem com base a língua brasileira de sinais que é uma língua visual e que utiliza expressões faciais e corporais, por isso necessita ser filmadas para que a análise aconteça. Contudo, precisamos da sua autorização para usar a sua imagem vinculando as discussões que serão apresentadas sobre o tema proposto. Desse modo, destacamos que os trechos que serão analisados e discutidos serão disponibilizados através de um link no trabalho em *QR CODE* (códigos de barra bidimensionais) vinculando ao vídeo disponibilizado na plataforma *youtube.com*, para assim ficar mais claro a exposição dos nossos dados.

Quais riscos ou inconveniências você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Essa pesquisa não apresenta nenhum procedimento que pode provocar danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual ou social, como ser humano, porém você poderá se sentir exposto pela análise do seu trabalho. Destacamos ainda, que as questões apresentadas aqui são com o intuito de contribuir para formação dos profissionais da área.

Quais são os danos ou prejuízos que você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Você poderá sentir cansaço físico e/ou mental ao responder as questões da entrevista. Além disso, há a possibilidade de que, ao se expor a análise do seu trabalho enquanto intérprete, sinta alguma forma de constrangimento, sofrimento ou aborrecimento durante o processo. Caso ocorra qualquer situação assim, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador e o procedimento será interrompido. Ainda, você poderá se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa e sem qualquer tipo de prejuízo. Buscaremos tomar todas as precauções para que se sinta o mais confortável possível. Entretanto, caso sinta que sofreu algum tipo de dano, preconceito ou prejuízo, recordamos que tem o direito de buscar indenização e/ou apresentar uma denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa, citado neste termo de consentimento.

Qual benefício esta pesquisa trará?

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como interprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Qual custo para participar desta pesquisa?

Não existe nenhum custo para participar desta pesquisa e você não receberá nenhum valor monetário, nem brinde, nem presente pela sua participação.

Você pode interromper sua participação na pesquisa?

Sim, a qualquer momento a interrupção pode ser feita, não havendo nenhuma penalidade ou consequência ruim se fizer isso. Você tem toda liberdade para permanecer ou se retirar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com quem você pode conversar?

Estaremos à disposição a qualquer momento para responder quaisquer dúvidas que possam surgir sobre este assunto. Você pode entrar em contato diretamente com os pesquisadores principais deste estudo através dos contatos:

Diego Mauricio Barbosa

E-mail: diego.barbosa@ufg.br

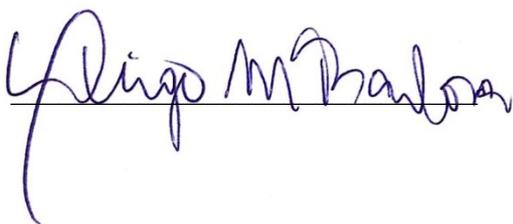
Telefone: (62) 99843 - 4386

Markus J. Weininger

E-mail: mjweininger@gmail.com

Além disso, para garantir que essa pesquisa cumpre todos os requisitos éticos necessários, antes de te convidar, esta foi analisada por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, que existe nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e, seu principal objetivo é defender os interesses do participante de pesquisa em sua integridade e dignidade. Caso você tenha qualquer dúvida, reclamação ou denúncia a ser feita com relação a esta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, no Prédio Reitoria II, no bairro Trindade, Florianópolis/SC, de segunda a sexta das 7h às 19h.

Você somente deverá participar dessa pesquisa, após ler este termo de consentimento e ter clareza de todas as implicações de sua participação. Se aceitar participar, você e eu assinaremos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma via com você e outra comigo.



_____ Pesquisado

Florianópolis, 30 de agosto de 2019.

Apêndice B – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Sonia Marta de Oliveira



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Principal: Diego Mauricio Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina.

Título da Pesquisa: “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”

Introdução

Prezado(a) intérprete, sou doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina e, estou aqui para lhe convidar a participar da minha pesquisa com título “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Para que você possa decidir sobre sua participação ou não, lhe informo que o objetivo principal dessa pesquisa é identificar e entender as ocorrências das estratégias linguísticas de solução de problemas, suas causas e suas implicações, podendo contribuir para a formação dos profissionais que realizam interpretação de língua portuguesa e língua brasileira de sinais (LIBRAS).

Qual será a sua participação nesta pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, ela se restringirá na autorização para análise da sua interpretação de português para Libras ocorrida no 5º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, mais especificamente na palestra da Professora Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos. Analisaremos as filmagens, para identificação do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas, que serão discutidas em nosso trabalho.

Até quando o conteúdo da análise poderá ser utilizado?

Se você não tiver nenhum inconveniente, este conteúdo será utilizado para a pesquisa proposta e para publicações dos resultados, como artigos, exposição em congressos, etc.

() Sim, estou de acordo

() Não estou de acordo

Como serão tratadas suas informações pessoais?

A nossa pesquisa que tem como base a língua brasileira de sinais que é uma língua visual e utiliza expressões faciais e corporais, necessita das filmagens para serem analisadas. Contudo, precisamos da sua autorização para usar a sua imagem vinculando as discussões que serão apresentadas sobre o tema proposto. Nesse sentido, utilizaremos as filmagens feitas pelo próprio evento e que são disponibilizadas no repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174517>).

Desse modo, destacamos que os trechos que serão analisados serão relacionados ao vídeo do congresso através de um link disponibilizado no trabalho por *QR CODE* que são códigos de barra bidimensionais, para assim ficar mais claro a exposição dos nossos dados.

Quais riscos ou inconveniências você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Essa pesquisa não apresenta nenhum procedimento que pode provocar danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual ou social, como ser humano, porém você poderá se sentir exposto pela análise do seu trabalho. Destacamos ainda, que as questões apresentadas aqui são com o intuito de contribuir para formação dos profissionais da área.

Qual benefício esta pesquisa trará?

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como interprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Qual custo para participar desta pesquisa?

Não existe nenhum custo para participar desta pesquisa e você não receberá nenhum valor monetário, nem brinde, nem presente pela sua participação.

Você pode interromper sua participação na pesquisa?

Sim, a qualquer momento a interrupção pode ser feita, não havendo nenhuma penalidade ou consequência ruim se fizer isso. Você tem toda liberdade para permanecer ou se retirar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com quem você pode conversar?

Estaremos à disposição a qualquer momento para responder quaisquer dúvidas que possam surgir sobre este assunto. Você pode entrar em contato diretamente com os pesquisadores principais deste estudo através dos contatos:

Diego Mauricio Barbosa

E-mail: diego.barbosa@ufg.br

Telefone: (62) 99843 - 4386

Markus J. Weininger

E-mail: mjweininger@gmail.com

Destacamos ainda que essa pesquisa busca cumprir todos os requisitos éticos necessários e mesmo que os vídeos sejam disponibilizados e de livre acesso na internet queremos que tenha ciência e esteja de acordo com a sua participação.

Você somente deverá participar dessa pesquisa, após ler este termo de consentimento e ter clareza de todas as implicações de sua participação. Se aceitar participar, você e eu assinaremos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma via com você e outra comigo.


Pesquisador Principal


Participante de Pesquisa

Florianópolis, 13 de Setembro de 2018.

Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Jonathan Sousa de Oliveira



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Principal: Diego Mauricio Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina.

Título da Pesquisa: “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”

Introdução

Prezado(a) intérprete, sou doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina e, estou aqui para lhe convidar a participar da minha pesquisa com título “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Para que você possa decidir sobre sua participação ou não, lhe informo que o objetivo principal dessa pesquisa é identificar e entender as ocorrências das estratégias linguísticas de solução de problemas, suas causas e suas implicações, podendo contribuir para a formação dos profissionais que realizam interpretação de língua portuguesa e língua brasileira de sinais (LIBRAS).

Qual será a sua participação nesta pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, ela se restringirá na autorização para análise da sua interpretação de português para Libras ocorrida no 5º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, mais especificamente na palestra da Professora Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos. Analisaremos as filmagens, para identificação do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas, que serão discutidas em nosso trabalho.

Até quando o conteúdo da análise poderá ser utilizado?

Se você não tiver nenhum inconveniente, este conteúdo será utilizado para a pesquisa proposta e para publicações dos resultados, como artigos, exposição em congressos, etc.

(x) Sim, estou de acordo

() Não estou de acordo

Como serão tratadas suas informações pessoais?

A nossa pesquisa que tem como base a língua brasileira de sinais que é uma língua visual e utiliza expressões faciais e corporais, necessita das filmagens para serem analisadas. Contudo, precisamos da sua autorização para usar a sua imagem vinculando as discussões que serão apresentadas sobre o tema proposto. Nesse sentido, utilizaremos as filmagens feitas pelo próprio evento e que são disponibilizadas no repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174517>).

Desse modo, destacamos que os trechos que serão analisados serão relacionados ao vídeo do congresso através de um link disponibilizado no trabalho por *QR CODE* que são códigos de barra bidimensionais, para assim ficar mais claro a exposição dos nossos dados.

Quais riscos ou inconveniências você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Essa pesquisa não apresenta nenhum procedimento que pode provocar danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual ou social, como ser humano, porém você poderá se sentir exposto pela análise do seu trabalho. Destacamos ainda, que as questões apresentadas aqui são com o intuito de contribuir para formação dos profissionais da área.

Qual benefício esta pesquisa trará?

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como interprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Qual custo para participar desta pesquisa?

Não existe nenhum custo para participar desta pesquisa e você não receberá nenhum valor monetário, nem brinde, nem presente pela sua participação.

Você pode interromper sua participação na pesquisa?

Sim, a qualquer momento a interrupção pode ser feita, não havendo nenhuma penalidade ou consequência ruim se fizer isso. Você tem toda liberdade para permanecer ou se retirar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com quem você pode conversar?

Estaremos à disposição a qualquer momento para responder quaisquer dúvidas que possam surgir sobre este assunto. Você pode entrar em contato diretamente com os pesquisadores principais deste estudo através dos contatos:

Diego Mauricio Barbosa

E-mail: diego.barbosa@ufg.br

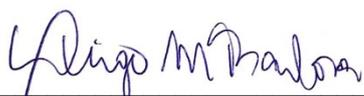
Telefone: (62) 99843 - 4386

Markus J. Weininger

E-mail: mjweininger@gmail.com

Destacamos ainda que essa pesquisa busca cumprir todos os requisitos éticos necessários e mesmo que os vídeos sejam disponibilizados e de livre acesso na internet queremos que tenha ciência e esteja de acordo com a sua participação.

Você somente deverá participar dessa pesquisa, após ler este termo de consentimento e ter clareza de todas as implicações de sua participação. Se aceitar participar, você e eu assinaremos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma via com você e outra comigo.



Pesquisador Principal



Participante de Pesquisa

Florianópolis, 13 de Setembro de 2018.

Apêndice D – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Abymael Pereira



1-4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Principal: Diego Mauricio Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina.

Título da Pesquisa: “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”

Introdução

Prezado(a) Intérprete, sou doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução e, estou aqui para lhe convidar a participar da minha pesquisa com título “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”, ou seja, estou lhe convidando a contribuir com sua experiência de intérprete, informando entre outras coisas, sobre as estratégias usadas por você quando você depare-se com um problema ou dificuldade durante o processo de interpretação e como você resolveu esse problema ou dificuldade.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Para que você possa decidir sobre sua participação ou não, lhe informo que o objetivo principal dessa pesquisa é identificar e entender as ocorrências das estratégias linguísticas de solução de problemas, suas causas e suas implicações, ouvindo de você o que ocorreu e assim poder contribuir para a formação dos profissionais que realizam interpretação da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais (LIBRAS) .

Qual será a sua participação nesta pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, vamos marcar um horário que for bom para você e, juntos veremos as filmagens da sua interpretação realizada no 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação e/ou no 2º Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos



2-4

Comunitários: Saúde, Educação e Justiça. Analisaremos as filmagens juntos, fazendo pausas para identificação do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas, refletindo no porquê elas ocorreram e o que implicaram, ou seja, porque você decidiu usar aquela estratégia no momento da interpretação e o que você avalia da consequência da sua decisão. Esse trabalho em conjunto (você e eu) será realizado após a sua interpretação para que tenhamos acesso as informações das suas tomadas de decisões durante a tarefa e entrevista retrospectiva terá duração de no máximo 2 horas. Caso você tenha algum gasto relacionado com sua participação nessa pesquisa, será ressarcido.

Até quando o conteúdo da análise poderá ser utilizado?

Se você não tiver nenhum inconveniente, este conteúdo será utilizado para a pesquisa proposta e para publicações dos resultados, como artigos, exposição em congressos, etc.

(x) Sim, estou de acordo

() Não estou de acordo

Como serão tratadas suas informações pessoais?

A pesquisa tem com base a língua brasileira de sinais que é uma língua visual e que utiliza expressões faciais e corporais, por isso necessita ser filmadas para que a análise aconteça. Contudo, precisamos da sua autorização para usar a sua imagem vinculando as discussões que serão apresentadas sobre o tema proposto. Desse modo, destacamos que os trechos que serão analisados e discutidos serão disponibilizados através de um link no trabalho em *QR CODE* (códigos de barra bidimensionais) vinculando ao vídeo disponibilizado na plataforma *youtube.com*, para assim ficar mais claro a exposição dos nossos dados.

Quais riscos ou inconveniências você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Essa pesquisa não apresenta nenhum procedimento que pode provocar danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual ou social, como ser humano, porém você poderá se sentir exposto pela análise do seu trabalho. Destacamos ainda, que as questões apresentadas aqui são com o intuito de contribuir para formação dos profissionais da área.

Quais são os danos ou prejuízos que você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Você poderá sentir cansaço físico e/ou mental ao responder as questões da entrevista. Além disso, há a possibilidade de que, ao se expor a análise do seu trabalho enquanto intérprete, sinta alguma forma de constrangimento, sofrimento ou aborrecimento durante o processo. Caso ocorra qualquer



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

3-4

situação assim, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador e o procedimento será interrompido. Ainda, você poderá se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa e sem qualquer tipo de prejuízo. Buscaremos tomar todas as precauções para que se sinta o mais confortável possível. Entretanto, caso sinta que sofreu algum tipo de dano, preconceito ou prejuízo, recordamos que tem o direito de buscar indenização e/ou apresentar uma denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa, citado neste termo de consentimento.

Qual benefício esta pesquisa trará?

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como intérprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Qual custo para participar desta pesquisa?

Não existe nenhum custo para participar desta pesquisa e você não receberá nenhum valor monetário, nem brinde, nem presente pela sua participação.

Você pode interromper sua participação na pesquisa?

Sim, a qualquer momento a interrupção pode ser feita, não havendo nenhuma penalidade ou consequência ruim se fizer isso. Você tem toda liberdade para permanecer ou se retirar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com quem você pode conversar?

Estaremos à disposição a qualquer momento para responder quaisquer dúvidas que possam surgir sobre este assunto. Você pode entrar em contato diretamente com os pesquisadores principais deste estudo através dos contatos:

Diego Mauricio Barbosa

E-mail: diego.barbosa@ufg.br

Telefone: (62) 99843 - 4386



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

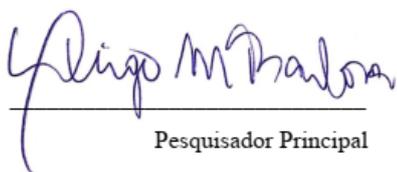
4-4

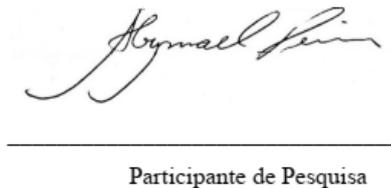
Markus J. Weinger

E-mail: mjweinger@gmail.com

Além disso, para garantir que essa pesquisa cumpre todos os requisitos éticos necessários, antes de te convidar, esta foi analisada por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, que existe nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e, seu principal objetivo é defender os interesses do participante de pesquisa em sua integridade e dignidade. Caso você tenha qualquer dúvida, reclamação ou denúncia a ser feita com relação a esta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP SH da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, no Prédio Reitoria II, no bairro Trindade, Florianópolis/SC, de segunda a sexta das 7h às 19h.

Você somente deverá participar dessa pesquisa, após ler este termo de consentimento e ter clareza de todas as implicações de sua participação. Se aceitar participar, você e eu assinaremos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma via com você e outra comigo.


Pesquisador Principal


Participante de Pesquisa

Florianópolis, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão – CCE / Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET

Apêndice E – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Guilherme Lourenço



1-4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Principal: Diego Mauricio Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina.

Título da Pesquisa: “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”

Introdução

Prezado(a) Intérprete, sou doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução e, estou aqui para lhe convidar a participar da minha pesquisa com título “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”, ou seja, estou lhe convidando a contribuir com sua experiência de intérprete, informando entre outras coisas, sobre as estratégias usadas por você quando você depara-se com um problema ou dificuldade durante o processo de interpretação e como você resolveu esse problema ou dificuldade.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Para que você possa decidir sobre sua participação ou não, lhe informo que o objetivo principal dessa pesquisa é identificar e entender as ocorrências das estratégias linguísticas de solução de problemas, suas causas e suas implicações, ouvindo de você o que ocorreu e assim poder contribuir para a formação dos profissionais que realizam interpretação da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais (LIBRAS) .

Qual será a sua participação nesta pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, vamos marcar um horário que for bom para você e, juntos veremos as filmagens da sua interpretação realizada no 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação e/ou no 2º Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos



Centro de Comunicação e Expressão – CCE / Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET

2-4

Comunitários: Saúde, Educação e Justiça. Analisaremos as filmagens juntos, fazendo pausas para identificação do uso das estratégias linguísticas de solução de problemas, refletindo no porquê elas ocorreram e o que implicaram, ou seja, porque você decidiu usar aquela estratégia no momento da interpretação e o que você avalia da consequência da sua decisão. Esse trabalho em conjunto (você e eu) será realizado após a sua interpretação para que tenhamos acesso as informações das suas tomadas de decisões durante a tarefa e entrevista retrospectiva terá duração de no máximo 2 horas. Caso você tenha algum gasto relacionado com sua participação nessa pesquisa, será ressarcido.

Até quando o conteúdo da análise poderá ser utilizado?

Se você não tiver nenhum inconveniente, este conteúdo será utilizado para a pesquisa proposta e para publicações dos resultados, como artigos, exposição em congressos, etc.

(X) Sim, estou de acordo () Não estou de acordo

Como serão tratadas suas informações pessoais?

A pesquisa tem com base a língua brasileira de sinais que é uma língua visual e que utiliza expressões faciais e corporais, por isso necessita ser filmadas para que a análise aconteça. Contudo, precisamos da sua autorização para usar a sua imagem vinculando as discussões que serão apresentadas sobre o tema proposto. Desse modo, destacamos que os trechos que serão analisados e discutidos serão disponibilizados através de um link no trabalho em *QR CODE* (códigos de barra bidimensionais) vinculando ao vídeo disponibilizado na plataforma *youtube.com*, para assim ficar mais claro a exposição dos nossos dados.

Quais riscos ou inconveniências você poderá ter ao participar desta pesquisa?

Essa pesquisa não apresenta nenhum procedimento que pode provocar danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual ou social, como ser humano, porém você poderá se sentir exposto pela análise do seu trabalho. Destacamos ainda, que as questões apresentadas aqui são com o intuito de contribuir para formação dos profissionais da área.

Quais são os danos ou prejuízos que você poderá ter ao participar desta pesquisa?



3-4

Você poderá sentir cansaço físico e/ou mental ao responder as questões da entrevista. Além disso, há a possibilidade de que, ao se expor a análise do seu trabalho enquanto intérprete, sinta alguma forma de constrangimento, sofrimento ou aborrecimento durante o processo. Caso ocorra qualquer situação assim, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador e o procedimento será interrompido. Ainda, você poderá se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa e sem qualquer tipo de prejuízo. Buscaremos tomar todas as precauções para que se sinta o mais confortável possível. Entretanto, caso sinta que sofreu algum tipo de dano, preconceito ou prejuízo, recordamos que tem o direito de buscar indenização e/ou apresentar uma denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa, citado neste termo de consentimento.

Qual benefício esta pesquisa trará?

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como interprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Qual custo para participar desta pesquisa?

Não existe nenhum custo para participar desta pesquisa e você não receberá nenhum valor monetário, nem brinde, nem presente pela sua participação.

Você pode interromper sua participação na pesquisa?

Sim, a qualquer momento a interrupção pode ser feita, não havendo nenhuma penalidade ou consequência ruim se fizer isso. Você tem toda liberdade para permanecer ou se retirar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com quem você pode conversar?

Estaremos à disposição a qualquer momento para responder quaisquer dúvidas que possam surgir sobre este assunto. Você pode entrar em contato diretamente com os pesquisadores principais deste estudo através dos contatos:

Diego Mauricio Barbosa



Centro de Comunicação e Expressão – CCE / Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET

4-4

E-mail: diego.barbosa@ufg.br

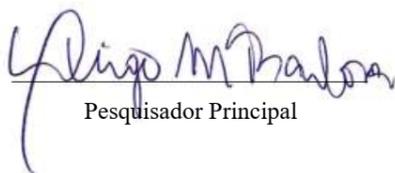
Telefone: (62) 99843 - 4386

Markus J. Weininger

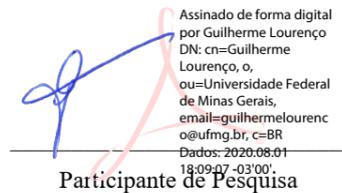
E-mail: mjweininger@gmail.com

Além disso, para garantir que essa pesquisa cumpre todos os requisitos éticos necessários, antes de te convidar, esta foi analisada por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, que existe nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e, seu principal objetivo é defender os interesses do participante de pesquisa em sua integridade e dignidade. Caso você tenha qualquer dúvida, reclamação ou denúncia a ser feita com relação a esta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, no Prédio Reitoria II, no bairro Trindade, Florianópolis/SC, de segunda a sexta das 7h às 19h.

Você somente deverá participar dessa pesquisa, após ler este termo de consentimento e ter clareza de todas as implicações de sua participação. Se aceitar participar, você e eu assinaremos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma via com você e outra comigo.



Pesquisador Principal



Assinado de forma digital
por Guilherme Lourenço
DN: cn=Guilherme
Lourenço, o,
ou=Universidade Federal
de Minas Gerais,
email=guilhermelourenc
o@ufmg.br, c=BR
Dados: 2020.08.01
18:09:07 -03'00'
Participante de Pesquisa

Florianópolis, 30 de agosto de 2019.



Apêndice F – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) – Participante Silvana Aguiar dos Santos



1-4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Pesquisador Principal: Diego Mauricio Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina.

Título da Pesquisa: “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”

Introdução

Prezado(a) Intérprete, sou doutorando no Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução e, estou aqui para lhe convidar a participar da minha pesquisa com título “Implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea: língua portuguesa – língua brasileira de sinais em contexto de conferência”, ou seja, estou lhe convidando a contribuir com sua experiência de intérprete, informando entre outras coisas, sobre as estratégias usadas por você quando você depare-se com um problema ou dificuldade durante o processo de interpretação e como você resolveu esse problema ou dificuldade.

Qual o objetivo desta pesquisa?

Para que você possa decidir sobre sua participação ou não, lhe informo que o objetivo principal dessa pesquisa é identificar e entender as ocorrências das estratégias linguísticas de solução de problemas, suas causas e suas implicações, ouvindo de você o que ocorreu e assim poder contribuir para a formação dos profissionais que realizam interpretação da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais (LIBRAS) .

Qual será a sua participação nesta pesquisa?

Se você concordar em participar da pesquisa, vamos marcar um horario que for bom para você e, juntos veremos as filmagens da sua interpretação realizada no 1º Congresso sobre Estudos da Interpretação e/ou no 2º Colóquio sobre Interpretação de Línguas de Sinais em Contextos



Centro de Comunicação e Expressão – CCE / Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET

Comunitários: Sa
identificação do t
ocorreram e o qu
interpretação e o
e eu) será realiza
tomadas de decis
Caso você tenha a

Até quando o con
Se você não tiver
para publicações
(x) Sim, estou c

Como serão trat
A pesquisa tem
expressões faciais
precisamos da su
apresentadas sobr
discutidos serão c
bidimensionais) v
mais claro a expo

Quais riscos ou i
Essa pesquisa nã
psíquica, moral, i
análise do seu tra
contribuir para fo

Quais são os dan

Centro de Comuni

3-4

Você poderá sentir cansaço físico e/ou mental ao responder as questões da entrevista. Além disso, há a possibilidade de que, ao se expor a análise do seu trabalho enquanto intérprete, sinta alguma forma de constrangimento, sofrimento ou aborrecimento durante o processo. Caso ocorra qualquer situação assim, pedimos que informe imediatamente ao pesquisador e o procedimento será interrompido. Ainda, você poderá se recusar a participar da pesquisa, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa e sem qualquer tipo de prejuízo. Buscaremos tomar todas as precauções para que se sinta o mais confortável possível. Entretanto, caso sinta que sofreu algum tipo de dano, preconceito ou prejuízo, recordamos que tem o direito de buscar indenização e/ou apresentar uma denúncia ao Comitê de Ética em Pesquisa, citado neste termo de consentimento.

Qual benefício esta pesquisa trará?

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como interprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Qual custo para participar desta pesquisa?

Não existe nenhum custo para participar desta pesquisa e você não receberá nenhum valor monetário, nem brinde, nem presente pela sua participação.

Você pode interromper sua participação na pesquisa?

Sim, a qualquer momento a interrupção pode ser feita, não havendo nenhuma penalidade ou consequência ruim se fizer isso. Você tem toda liberdade para permanecer ou se retirar da pesquisa.

Em caso de dúvidas, com quem você pode conversar?

Estaremos à disposição a qualquer momento para responder quaisquer dúvidas que possam surgir sobre este assunto. Você pode entrar em contato diretamente com os pesquisadores principais deste estudo através dos contatos:

Diego Mauricio Barbosa



4-4

E-mail: diego.barbosa@ufg.br

Telefone: (62) 99843 - 4386

Markus J. Weininger

E-mail: mjweininger@gmail.com

Além disso, para garantir que essa pesquisa cumpre todos os requisitos éticos necessários, antes de te convidar, esta foi analisada por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, que existe nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil e, seu principal objetivo é defender os interesses do participante de pesquisa em sua integridade e dignidade. Caso você tenha qualquer dúvida, reclamação ou denúncia a ser feita com relação a esta pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPSH da Universidade Federal de Santa Catarina, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, no Prédio Reitoria II, no bairro Trindade, Florianópolis/SC, de segunda a sexta das 7h às 19h.

Você somente deverá participar dessa pesquisa, após ler este termo de consentimento e ter clareza de todas as implicações de sua participação. Se aceitar participar, você e eu assinaremos este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma via com você e outra comigo.


Pesquisador Principal

 Documento assinado digitalmente
Silvana Aguiar dos Santos
Data: 01/08/2020 21:43:16-0300
CPF: 952.616.480-68

Participante de Pesquisa

Florianópolis, 30 de agosto de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

Centro de Comunicação e Expressão – CCE / Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução – PGET

ANEXOS

Anexo A – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IMPLICAÇÕES DO USO DE ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA: LÍNGUA PORTUGUESA PARA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM CONTEXTO DE CONFERÊNCIA

Pesquisador: Markus J. Weininger

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 17119719.9.0000.0121

Instituição Proponente: Centro de comunicação e expressão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.553.965

Apresentação do Projeto:

O projeto intitulado, “IMPLICAÇÕES DO USO DE ESTRATÉGIAS LINGÜÍSTICAS DE SOLUÇÃO DE PROBLEMAS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA: LÍNGUA PORTUGUESA PARA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS EM CONTEXTO DE CONFERÊNCIA”, propõe os seguintes passos para sua execução: (1) filmagem das interpretações de português para a Libras em contexto de conferência, (2) obtenção das filmagens com a equipe responsável, (3) pré-análise das interpretações feito pelo pesquisador para identificação das estratégias linguísticas de solução de problemas e (4) análise em conjunto (intérprete e pesquisador) das interpretações para serem identificados o problema/dificuldade, qual a solução encontrada e qual a avaliação do resultado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral desse trabalho é analisar quais as implicações do uso de estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea de português para Libras.

Objetivo Secundário:

Sendo que os objetivos específicos são: (1) mapear os estudos sobre estratégias linguísticas de solução de problemas; (2) entender as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea; (3) verificar a aplicabilidade das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea de Libras-português; (4) relacionar a perspectiva

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401

Bairro: Trindade

CEP: 88.040-400

UF: SC

Município: FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3721-6094

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.553.965

funcionalista as estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea Libras-português; e (5) analisar a utilização das estratégias linguísticas de solução de problemas na interpretação simultânea de português para Libras;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Essa pesquisa não apresenta nenhum procedimento que pode provocar danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual ou social, como ser humano, porém o profissional poderá se sentir exposto pela análise que faremos do seu trabalho. Dessa forma, deixamos o profissional a vontade para participar ou não da pesquisa. Porém, destacamos, que as questões apresentadas aqui são com o intuito de contribuir para formação dos profissionais da área.

Benefícios:

Você como um profissional intérprete de língua brasileira de sinais sabe que as pesquisas nacionais sobre esta área ainda são escassas e existe a necessidade de olharmos para objetos que interferem na prática do profissional, principalmente durante o processo de interpretação. Por isso, você como interprete poderá obter benefício, pois esta trará as estratégias linguísticas de solução de problemas que são/podem ser utilizadas durante a interpretação simultânea e, respaldando a nossa atuação como intérprete, relativo às estratégias citadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta clareza, fundamentação bibliográfica, objetividade e uma vez obtido os dados conclusivos possibilitará ações que trarão benefícios aos participantes da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Documentos de acordo com as solicitações do CEPESH.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foi apresentada nova Declaração da Instituição com a Resolução 510/2016 indicada para este perfil da pesquisa e feita a inclusão do item "danos" no TCLE, não havendo inadequações ou impedimentos a realização da pesquisa.

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 3.553.965

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1340792.pdf	15/08/2019 12:26:21		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	UNB_Alterado.pdf	15/08/2019 12:25:26	DIEGO MAURICIO BARBOSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Doutorado_Alterado.doc	15/08/2019 12:18:47	DIEGO MAURICIO BARBOSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Doutorado_Detalhado_Diego_Barbosa.pdf	01/07/2019 16:58:28	DIEGO MAURICIO BARBOSA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	01/07/2019 16:47:52	DIEGO MAURICIO BARBOSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FLORIANOPOLIS, 04 de Setembro de 2019

Assinado por:
Nelson Canzian da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-400
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br